



a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK



ARQUEIRO



a maldição do tigre



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

COLLEEN HOUCK

a maldição do tigre



Título original: *Tiger's Curse*
Copyright © 2011 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do poema “O tigre”, de William Blake, por Augusto de Campos (In: *Viva vaia: Poesia 1949-1979*. Ateliê Editorial, 2001 © Augusto de Campos). Reproduzido mediante prévia autorização da editora e do tradutor.

Tradução do Soneto XVIII, “Se te comparo a um dia de verão”, de Shakespeare, por Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização do espólio da tradutora.

tradução: Raquel Zampil
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Cristhiane Ruiz e Luis Américo Costa
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Katrina Damkoehler, Sterling Publishing, NY
imagem de capa: Cliff Nielsen
adaptação de capa: Miriam Lerner
arquivo epub: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H831m

Houck, Colleen

A maldição do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck [tradução Raquel Zampil]. São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: *Tiger's curse*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-058-7 (recurso eletrônico)

1. Tigre - Ficção. 2. Bênção e maldição - Ficção. 3. Ficção americana.
4. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

12-1754

CDD: 813

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para as Lindas na minha vida.
Uma me deu a motivação para escrever
e a outra me deu o tempo.
A ambas chamo irmã.*

O tigre

William Blake

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

Em que céu se foi forjar
o fogo do teu olhar?
Em que asas veio a chama?
Que mão colheu esta flama?

Que força fez retorcer
em nervos todo o teu ser?
E o som do teu coração
de aço, que cor, que ação?

Teu cérebro, quem o malha?
Que martelo? Que fornalha
o moldou? Que mão, que garra
seu terror mortal amarra?

Quando as lanças das estrelas
cortaram os céus, ao vê-las,
quem as fez sorriu talvez?
Quem fez a ovelha te fez?

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

PRÓLOGO



A maldição

O prisioneiro estava com as mãos amarradas diante do corpo, cansado, subjugado e imundo, mas com uma postura altiva digna de sua herança indiana real. Seu captor, Lokesh, olhava-o com desdém, sentado em um trono dourado, luxuosamente esculpido. Pilares brancos e altos erguiam-se como sentinelas em torno do salão. Nem sequer um murmúrio de brisa da selva passava pelas cortinas transparentes. Tudo o que o prisioneiro podia ouvir era o tilintar rítmico dos anéis ornados com pedras preciosas de Lokesh batendo na lateral do trono dourado. Lokesh olhava-o de cima, os olhos estreitados, insolentes e triunfantes.

O homem preso era o príncipe de um reino indiano chamado Mujulaain. Oficialmente, seu título atual era Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain, mas ele ainda preferia pensar em si mesmo apenas como o filho de seu pai.

O fato de Lokesh, o rajá de um pequeno reino vizinho chamado Bhreenam, ter sequestrado o príncipe não era tão surpreendente quanto saber quem se encontrava sentado ao lado de Lokesh: Yesubai, a filha do rajá e noiva do prisioneiro, e o irmão mais jovem do príncipe, Kishan. O cativo estudou os três, mas somente Lokesh sustentou seu olhar determinado. Sob a camisa, o amuleto de pedra do príncipe repousava frio sobre sua pele, enquanto a ira percorria-lhe o corpo.

O prisioneiro falou primeiro, lutando para manter longe de sua voz o sentimento de traição:

– Por que meu futuro pai me trata com tamanha *falta de hospitalidade*?

Indiferente, Lokesh fixou um sorriso deliberado em seu rosto.

– Meu caro príncipe, você tem algo que eu desejo.

– *Nada* que você pudesse querer justifica isto. Nossos reinos não estão prestes a se unir? Tudo o que tenho está à sua disposição. Você só precisava pedir. Por que fez isso?

Lokesh esfregou o maxilar, os olhos brilhando.

– Planos mudam. Parece que seu irmão gostaria de tomar minha filha como noiva. Ele me prometeu certas recompensas se eu o ajudar a alcançar esse objetivo.

O príncipe voltou sua atenção para Yesubai, que, com o rosto ruborizado, exibia uma pose submissa e recatada, com a cabeça baixa. Esperava-se que seu casamento arranjado com a moça desse início a uma era de paz entre os dois reinos. Ele estivera ausente pelos últimos quatro meses, supervisionando operações militares numa região distante, e deixara ao irmão a incumbência de cuidar do reino.

Então Kishan estava cuidando de outras coisas além do reino.

O prisioneiro avançou, destemido, encarou Lokesh e o desafiou:

– Você enganou a todos nós. É como uma cobra enrodilhada, escondida em um cesto esperando o momento de dar o bote.

Ele alargou o olhar para incluir o irmão e a noiva.

– Vocês não percebem? Suas ações libertaram a víbora e nós fomos picados. Seu veneno agora corre pelo nosso sangue, destruindo tudo.

Lokesh riu, desdenhoso, e falou:

– Se você concordar em entregar sua parte do Amuleto de Damon, talvez eu o deixe viver.

– Viver? Pensei que estivéssemos negociando minha noiva.

– Receio que seus direitos de noivo tenham sido usurpados. Talvez eu não tenha sido claro. Seu irmão terá Yesubai.

O prisioneiro cerrou o maxilar e disse apenas:

– Os exércitos do meu pai o destruirão se você me matar.

Lokesh riu.

– Ele não destruirá a nova família de Kishan. Nós vamos apaziguar seu querido pai e informá-lo de que você foi vítima de um infeliz acidente.

O homem afagou a barba curta e então esclareceu:

– Entenda que, mesmo que lhe permita viver, eu governarei *ambos* os reinos. – Lokesh sorriu. – Se me desafiar, serei obrigado a pegar sua parte do amuleto à força.

Kishan se inclinou na direção de Lokesh e protestou com firmeza:

– Pensei que tivéssemos um acordo. Eu só lhe trouxe meu irmão porque você jurou que *não* o mataria! Apenas pegaria o amuleto.

Lokesh estendeu a mão rápido como uma cobra e agarrou o pulso de Kishan.

– A essa altura você já deveria ter aprendido que eu *pego* o que eu quiser. Se preferir a visão de onde seu irmão se encontra, ficarei feliz em satisfazê-lo.

Kishan se remexeu na cadeira, mas manteve-se calado.

Lokesh prosseguiu:

– Não quer? Muito bem, estou alterando nosso acordo anterior. Seu irmão *será* morto se não ceder aos meus desejos e *você* nunca se casará com minha filha, a menos que entregue sua parte do amuleto a mim também. Esse nosso acordo particular pode ser facilmente revogado e eu posso casar Yesubai com outro homem... um homem da *minha* escolha. Talvez um sultão velho lhe esfriasse o sangue. Se você quiser permanecer perto de Yesubai, terá que aprender a se submeter.

Lokesh comprimiu o pulso de Kishan até que ele estalou ruidosamente. Kishan não reagiu.

Flexionando os dedos e girando lentamente o pulso, Kishan se recostou, ergueu a mão para tocar o pedaço do amuleto, oculto sob sua camisa, e fez contato visual com o irmão. Uma mensagem silenciosa foi trocada entre eles.

Os irmãos lidariam um com o outro mais tarde, mas as atitudes de Lokesh significavam guerra e as necessidades do reino eram prioridade para ambos.

A obsessão subiu pelo pescoço de Lokesh, latejou em sua têmpora e se assentou atrás de seus olhos negros e peçonhentos. Aqueles mesmos olhos dissecaram o rosto do prisioneiro, sondando, avaliando-o em busca de fraqueza. Encolerizado, Lokesh pôs-se de pé num salto.

– Que assim seja!

Ele puxou de sua túnica uma reluzente faca de cabo adornado com pedras preciosas e rudemente arrancou a manga do casaco *jodhpuri* do prisioneiro, antes branco, mas agora imundo. As cordas se enroscaram em seus pulsos e ele grunhiu de dor quando Lokesh correu-lhe a faca pelo braço. O corte foi fundo o bastante para que o sangue aflorasse, vertesse e pingasse no chão de ladrilhos.

Lokesh arrancou um talismã de madeira de seu pescoço e o colocou debaixo do braço do prisioneiro. O sangue gotejou da faca para o amuleto e o símbolo ali gravado fulgurou com um vermelho abrasador antes de pulsar com uma luz branca estranha.

A luz disparou na direção do príncipe com dedos tateantes que perfuraram seu peito e atravessaram-lhe todo o corpo, dilacerando-o. Embora fosse forte, ele não estava preparado para a dor. O prisioneiro gritou quando seu corpo de repente se inflamou com uma erupção que lhe queimava a pele. Ele desabou no chão.

Estendeu as mãos para se proteger, mas só conseguiu arranhar debilmente os ladrilhos brancos e frios do piso. O príncipe viu, indefeso, quando tanto Yesubai quanto seu irmão atacaram Lokesh, que empurrou ambos com violência. Yesubai caiu no chão, batendo a cabeça com força no tablado sobre o qual se achava o trono. O príncipe tinha consciência de que

o irmão estava ali perto, tomado pela tristeza à medida que a vida se esvaía do corpo mole de Yesubai. Em seguida, não teve mais consciência de nada que não fosse a dor.



Kelsey

Eu me encontrava à beira de um precipício. Quer dizer, eu estava apenas na fila de uma agência de empregos temporários no Oregon, mas a sensação era a de me aproximar de um despenhadeiro. A infância, a escola e a ilusão de que a vida era boa e fácil tinham ficado para trás. À frente, o futuro se delineava: a faculdade, uma variedade de empregos de verão para custear os estudos e a alta probabilidade de uma vida solitária.

A fila avançava. Parecia que eu já estava esperando ali há horas, tentando garantir uma vaga para trabalhar durante o verão. Quando finalmente chegou a minha vez, aproximei-me da mesa de uma funcionária cansada e entediada, que falava ao telefone. A mulher fez um gesto para que eu me sentasse. Depois que ela desligou, entreguei-lhe alguns formulários e ela mecanicamente deu início à entrevista:

- Nome, por favor.
 - Kelsey. Kelsey Hayes.
 - Idade?
 - Dezesete, quase 18. Meu aniversário está chegando.
- Ela carimbou os formulários.
- Já completou o ensino médio?

– Já. A formatura foi há duas semanas. Pretendo estudar na Chemeketa no próximo semestre.

– Nome dos pais?

– Madison e Joshua Hayes, mas meus tutores são Sarah e Michael Neilson.

– Tutores?

Lá vamos nós outra vez, pensei. Por algum motivo, explicar a minha vida nunca ficava mais fácil.

– Sim. Meus pais estão... mortos. Morreram em um acidente de carro quando eu estava no primeiro ano do ensino médio.

Ela se inclinou sobre alguns papéis e escreveu por um longo tempo. Fiz uma careta, me perguntando o que ela poderia estar escrevendo.

– Srta. Hayes, gosta de animais?

– Claro. É... eu sei como alimentá-los... – *Existe alguém mais sem jeito do que eu? Ótima maneira de não conseguir um emprego*. Pigarreei. – Quero dizer, claro, eu adoro animais.

A mulher não pareceu nem um pouco interessada na minha resposta e me entregou o anúncio de um emprego.

**PRECISA-SE DE
TRABALHADOR TEMPORÁRIO PARA APENAS DUAS SEMANAS
ATRIBUIÇÕES: VENDA DE INGRESSOS,
ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS E
LIMPEZA DEPOIS DAS APRESENTAÇÕES.**

Observação: Como o tigre e os cães precisam
de cuidados 24 horas por dia, fornecemos
alojamento e refeições.

O emprego era no Circo Maurizio, um pequeno circo montado no parque de exposições. Eu me lembrei de que ganhara um cupom de desconto para ele no mercado e até havia pensado em me oferecer para levar

os filhos dos meus pais adotivos, Rebecca, de 6 anos, e Samuel, de 4, para que Sarah e Mike tivessem algum tempo a sós. Mas acabei perdendo o cupom e esquecendo o assunto.

– E então: quer o emprego ou não? – perguntou a mulher, impaciente.

– Um tigre, é? Parece interessante! Tem elefantes também? Porque recolher cocô de elefante seria um pouco demais.

Ri baixinho de minha piada, mas a mulher não fez mais do que esboçar um sorriso sem graça. Como eu não tinha outras opções, disse a ela que aceitava. Ela me deu um cartão com um endereço e me instruiu a comparecer lá às seis da manhã.

– Eles precisam de mim às seis da manhã?

A funcionária simplesmente me olhou e gritou “Próximo!” para a fila atrás de mim.

No que eu fui me meter?, pensei enquanto entrava no carro emprestado de Sarah e seguia para casa. Suspirei. Podia ser pior. Eu poderia ter que fritar hambúrgueres. Circos são divertidos. Só espero que não haja elefantes.

Eu gostava de morar com Sarah e Mike. Eles me davam muito mais liberdade do que os pais da maioria dos outros adolescentes e acho que existia um respeito saudável entre nós – pelo menos tanto quanto os adultos podem respeitar uma garota de 17 anos. Eu ajudava a cuidar das crianças e não me metia em confusão. Não era o mesmo que viver com meus pais, mas ainda éramos uma espécie de família.

Estacionei o carro com cuidado na garagem, entrei em casa e encontrei Sarah atacando uma tigela com uma colher de pau. Deixei a bolsa em uma cadeira e fui pegar um copo de água.

– Preparando biscoitos *vegan* outra vez? Qual é a ocasião especial? – perguntei.

Sarah enfiava a colher de pau na massa espessa sem parar, como se a colher fosse um furador de gelo.

– É a vez de Sammy levar o lanche para os amiguinhos.

Reprimi uma risada tossindo.

Ela me encarou, estreitando os olhos.

– Kelsey Hayes, só porque sua mãe fazia o melhor *cookie* do mundo não significa que eu não possa fazer um lanche decente.

– Não é da sua habilidade que eu duvido, é dos seus ingredientes – expliquei, pegando um jarro de água. – Leite de soja, linhaça, proteína em pó e agave. Fico surpresa de você não colocar papel reciclado nessas coisas. Cadê o chocolate?

– Às vezes eu uso alfarroba.

– Alfarroba não é chocolate. Tem gosto de giz marrom. Se é para fazer biscoitos, você devia tentar...

– Já sei. Já sei. Biscoito de abóbora com gotas de chocolate ou biscoito de chocolate com manteiga de amendoim. Essas coisas fazem muito mal, Kelsey – disse ela com um suspiro.

– Mas são *tão* gostosas.

Observei Sarah lambear um dedo e continuei:

– Por falar nisso, consegui um emprego. Vou cuidar da limpeza e dar comida aos animais em um circo. Fica no parque de exposições.

– Que bom! Parece que vai ser uma ótima experiência – animou-se Sarah. – Que tipo de animais vai alimentar?

– Cães, principalmente. E acho que tem um tigre. Mas não vou precisar fazer nada perigoso. Tenho certeza de que eles contratam profissionais para isso. O problema é que o turno começa supercedo, por isso dormirei lá pelas próximas duas semanas.

– Hum – Sarah fez uma pausa. – Bem, se precisar de nós, é só ligar. Você se importa de tirar a couve-de-bruxelas *a la* “papel reciclado” do forno?

Pousei a travessa fedorenta no centro da mesa enquanto ela colocava seu tabuleiro de biscoitos no forno e chamava as crianças para o jantar. Mike entrou, largou a pasta e beijou a mulher no rosto.

– Que cheiro é esse? – perguntou ele, desconfiado.

– Couve-de-bruxelas – respondi.

– E fiz biscoitos para os amiguinhos de Sammy – anunciou Sarah, orgulhosa. – Vou separar o melhor para você.

Mike me dirigiu um olhar de cumplicidade que Sarah não deixou passar. Ela o acertou na coxa com o pano de prato.

– Se você e Kelsey ficarem se comportando desse jeito, vão arrumar a cozinha.

– Ah, querida. Não fique zangada.

Ele tornou a beijar Sarah e a abraçou, fazendo o possível para se livrar da tarefa.

Achei que essa fosse minha deixa para sair. Enquanto eu escapava sorrateiramente da cozinha, ouvi Sarah dar uma risadinha.

Eu queria que um dia um cara tentasse se livrar da louça comigo da mesma forma, pensei e sorri.

Aparentemente, Mike negociou bem, pois ficou com a tarefa de pôr as crianças na cama em vez de arrumar a cozinha. A louça sobrou para mim. Eu não me importei, mas, assim que acabei, decidi que era hora de ir para a cama também. Seis da manhã era cedo demais.

Em silêncio, subi as escadas para o meu quarto. Era um espaço pequeno e aconchegante, com uma cama de solteiro, uma cômoda com espelho, uma mesa para o meu computador e para os deveres de casa, um armário, minhas roupas, meus livros, uma cesta de fitas de cabelo coloridas e a colcha de retalhos da minha avó.

Minha avó fez aquela colcha quando eu era pequena. Apesar de ser muito nova, eu me lembro de vê-la costurando os retalhos, sempre usando o dedal de metal. Tracei uma borboleta na colcha velha, puída nos cantos, recordando como eu havia roubado o dedal de sua caixa de costura uma noite só para senti-la perto de mim. Embora eu já fosse adolescente, ainda dormia com aquela colcha todas as noites.

Coloquei o pijama, desfiz a trança do cabelo e o escovei, pensando em como mamãe costumava fazer isso para mim enquanto conversávamos.

Enfie-me debaixo das cobertas quentes, acertei o alarme para, *argh*, 4h30 e me perguntei o que eu poderia fazer com um tigre tão cedo assim e como eu sobreviveria ao circo confuso que já era a minha vida. Meu estômago roncou.

Olhei na mesinha de cabeceira as duas fotografias que mantinha ali. Uma era de nós três: mamãe, papai e eu, no ano-novo. Eu tinha acabado de fazer 12 anos. Meus cabelos castanhos compridos haviam sido enrolados, mas na foto aparecem lambidos porque eu dera um ataque para não usar o laquê. Eu sorria, apesar do reluzente aparelho nos dentes. Agora me sentia grata pelos dentes brancos e alinhados, mas naquela época eu odiava aquele aparelho com todas as minhas forças.

Toquei o vidro, pousando o polegar na imagem do meu rosto pálido. Eu sempre sonhara em ser esbelta, bronzeada, loura e de olhos azuis, mas tinha os mesmos olhos castanhos do meu pai e a tendência a engordar da minha mãe.

A outra era uma foto espontânea dos meus pais no dia do seu casamento. Via-se um lindo chafariz ao fundo, e eles eram jovens, felizes e sorriam um para o outro. Eu queria aquilo para mim um dia. Queria alguém que olhasse para mim daquela maneira.

Depois de virar de bruços e afofar o travesseiro debaixo da bochecha, adormeci pensando nos *cookies* da minha mãe.

Naquela noite, sonhei que estava sendo perseguida na selva e, quando me virei para olhar meu perseguidor, levei um susto ao ver um grande tigre. No sonho, eu ri e então me virei e corri mais depressa. O som de patas delicadas e macias me seguia, no mesmo ritmo do meu coração.



O circo

O despertador me arrancou de um sono profundo às 4h30 da manhã. O clima ficaria ameno. Os dias no Oregon raramente eram quentes demais. Algum governante deve ter aprovado uma lei muito tempo atrás determinando que o estado teria sempre temperaturas moderadas.

Estava amanhecendo. O sol ainda não havia vencido as montanhas, mas o céu já estava clareando, dando às nuvens no horizonte, a leste, um tom cor-de-rosa de algodão-doce. Devia ter chuviscado durante a noite, porque eu podia sentir um cheiro agradável de grama molhada.

Pulei da cama, liguei o chuveiro, esperei até o banheiro ficar quente e cheio de vapor, e então entrei no box e deixei a água quente bater em minhas costas para acordar os músculos sonolentos.

O que se veste para trabalhar num circo? Sem saber o que seria adequado, pus uma camiseta de mangas curtas e calça jeans. Depois calcei meus tênis, sequei os cabelos com a toalha e fiz rapidamente uma trança que amarrei com uma fita azul. Em seguida apliquei um pouco de brilho labial e *voilà*: meu traje de circo estava completo.

Hora de fazer a mala. Imaginei que não ia precisar levar muita coisa, somente umas poucas peças que me deixassem confortável, até porque ficaria lá apenas duas semanas e sempre poderia dar um pulo em casa.

Vasculhei o armário e escolhi três conjuntos de roupas. Abri as gavetas da cômoda, peguei algumas meias e enfiiei tudo em minha infalível mochila da escola. Então juntei produtos de higiene, alguns livros, meu diário, algumas canetas e lápis, minha carteira e as fotos da minha família. Enrolei a colcha de retalhos, apertei-a por cima de tudo e forcei o zíper até fechar.

Desci a escada com a mochila no ombro. Sarah e Mike já estavam acordados, tomando o café da manhã. Eles acordavam absurdamente cedo todos os dias para *correr*.

– Oi, bom dia, pessoal – murmurei.

– Oi, bom dia para você também – disse Mike. – Está pronta para começar no emprego novo?

– Estou. Vou vender ingressos e fazer companhia a um tigre por duas semanas. Não é ótimo?

Ele deu uma risadinha.

– É, parece bem legal. Mais interessante do que a administração pública, pelo menos. Quer uma carona? Vou passar pelo parque de exposições a caminho da cidade.

Eu sorri para ele.

– Claro. Obrigada, Mike – respondi.

Com a promessa de ligar para Sarah regularmente, peguei uma barrinha de cereais, me forcei a engolir meio copo de leite de soja e me dirigi para a porta com Mike.

Chegando ao parque de exposições, vi uma grande placa azul na rua anunciando os próximos eventos. Numa faixa larga e chamativa, lia-se:

O PARQUE DE EXPOSIÇÕES DO CONDADO DE POLK

DÁ AS BOAS-VINDAS AO

CIRCO MAURIZIO

APRESENTANDO OS ACROBATAS MAURIZIO

E O FAMOSO DHIREN!

Vamos nessa. Suspirei e comecei a percorrer o caminho de cascalho na direção da construção principal. O complexo central parecia um grande avião ou um bunker militar. A pintura estava rachada e descascando em alguns pontos, e as janelas precisavam ser lavadas. Uma grande bandeira americana tremulava ao vento, enquanto a corrente à qual estava presa tilintava suavemente contra o mastro de metal.

O parque de exposições era formado por um estranho grupo de edifícios antigos, um pequeno estacionamento e um caminho de terra que serpenteava entre todos os pontos e cercava o perímetro. Dois caminhões-plataforma compridos estavam estacionados ao lado de várias tendas de lona branca. Cartazes do circo pendiam por toda parte – havia pelo menos um cartaz grande em cada edifício. Alguns retratavam acrobatas. Outros tinham fotos de malabaristas.

Não vi nenhum elefante e deixei escapar um suspiro de alívio. *Se houvesse elefantes por aqui, eu provavelmente já teria sentido o cheiro deles.*

Um cartaz rasgado esvoaçava na brisa. Peguei-o pela borda e o alisei sobre o poste. Era a foto de um tigre branco. *Muito prazer!», pensei. Espero que seja só um... e que não goste de devorar adolescentes.*

Abri a porta do edifício principal e entrei. A área central havia sido transformada em um circo de um só picadeiro. Fileiras de cadeiras vermelhas estavam empilhadas junto às paredes.

Havia algumas pessoas conversando em um dos cantos. Um homem alto, que parecia o encarregado, estava um pouco afastado do grupo, escrevendo em uma prancheta e inspecionando caixas. Segui direto para ele e me apresentei.

– Oi, meu nome é Kelsey. Sua funcionária temporária.

Ele me olhou de cima a baixo enquanto mascava alguma coisa, que então cuspiu no chão.

– Dê a volta por trás, saindo por aquelas portas ali, e dobre à esquerda. Você vai ver um trailer preto e prateado estacionado.

– Obrigada!

A cusparada de fumo me enojou, mas consegui sorrir para ele mesmo assim. Segui para o trailer e bati à porta.

– Só um minuto – gritou uma voz masculina.

A porta se abriu inesperadamente rápido e eu dei um pulo para trás. Um homem de túnica avultou-se à minha frente, rindo de minha reação. Ele era muito alto, fazendo meu 1,70 metro parecer a estatura de um anão, e tinha uma barriga proeminente. Cabelos negros e encaracolados cobriam seu couro cabeludo, mas a linha do cabelo começava um pouquinho além de onde deveria estar. Sorrindo para mim, ele ergueu a mão para pôr a peruca no lugar. Um bigode fino e preto, com as extremidades enroladas em duas pontas finas, projetava-se acima dos lábios. Também tinha uma barbicha quadrada no queixo.

– Não se intimide com a minha aparência – disse ele.

Baixei os olhos e fiquei vermelha.

– Não estou intimidada. É que parece que eu o peguei de surpresa. Desculpe se o acordei.

Ele riu.

– Eu gosto de surpresas. Elas me mantêm jovem e bonito.

Dei uma risadinha, mas a interrompi rapidamente ao lembrar que era provável que aquele fosse meu novo chefe. Pés de galinha cercavam seus olhos azuis cintilantes. A pele era bronzeada, o que destacava o sorriso de dentes brancos e grandes. Ele parecia o tipo de homem que estava sempre rindo de uma piada que só ele sabia qual era.

Com uma ribombante voz teatral, com forte sotaque italiano, ele perguntou:

– E quem seria você, jovem?

Sorri, nervosa.

– Oi. Meu nome é Kelsey. Fui contratada para trabalhar aqui por algumas semanas.

Ele se inclinou para me cumprimentar. A mão dele envolveu completamente a minha e ele a sacudiu para cima e para baixo, com

entusiasmo suficiente para fazer meus dentes chacoalharem.

– Ah, *stupendo!* Que oportuno! Bem-vinda ao Circo Maurizio! Estamos um pouco... como se diz, com pouca mão de obra, e precisamos de alguma *assistenza* enquanto permaneceremos em sua *magnifica città*. É esplêndido tê-la aqui! Vamos começar *all'istante*.

Ele olhou para uma garota loura bonita, de uns 14 anos, que estava passando.

– Cathleen, leve esta *giovane donna* para Matt e diga-lhe que está *incaricato* de treiná-la hoje. – Voltou-se novamente para mim. – Prazer em conhecê-la, Kelsey. Espero que te *piaccia*, ah, que você goste de trabalhar aqui em nossa *piccola tenda di circo!*

– Obrigada. Foi um prazer conhecê-lo também – repliquei.

Ele piscou para mim, então deu meia-volta, entrou em seu trailer e fechou a porta.

Cathleen sorriu e me levou, dando a volta no edifício, até os alojamentos do circo.

– Bem-vinda ao grande... é, bem, pequeno circo! Venha comigo. Poderá dormir na minha tenda, se quiser. Tem algumas camas extras lá. Minha mãe, minha tia e eu dividimos o espaço. Viajamos com o circo. Minha mãe e minha tia são acrobatas. Nossa tenda é legal, se puder ignorar todos aqueles trajes de espetáculo.

Ela me levou até sua tenda. Guardei a mochila debaixo da cama vaga e olhei à minha volta. Ela tinha razão sobre os trajes. Rendas, lantejoulas, penas e peças de lycra cobriam todas as superfícies da tenda espaçosa. Havia também uma mesa espelhada e iluminada com maquiagem, escovas de cabelo, grampos e bobes espalhados sobre cada centímetro quadrado da superfície.

Em seguida, encontramos Matt, que parecia ter 14 ou 15 anos. Tinha cabelos castanhos e curtos, olhos também castanhos e um sorriso despreocupado. Estava tentando montar sozinho uma barraca de venda de ingressos – sem sucesso.

– Oi, Matt – disse Cathleen, enquanto segurávamos a base da barraca para ajudá-lo.

Ela enrubesceu. Que gracinha.

– Esta é a Kelsey – continuou Cathleen. – Vai ficar aqui duas semanas. É você quem vai explicar tudo a ela.

– Sem problemas – disse ele. – Até já, Cath.

– Até.

Ela sorriu e se foi.

– Então, Kelsey, acho que vai ser minha assistente hoje. Você vai adorar – disse ele, brincando comigo. – Eu cuido das barracas de ingressos e de souvenirs, e também sou o lixeiro e o estoquista. Basicamente, faço tudo que precisa ser feito por aqui. Meu pai é o domador dos animais.

– Que emprego legal o dele – repliquei. – Bem, pelo menos parece melhor do que lixeiro.

Matt riu.

– Vamos ao trabalho! – disse ele.

Passamos as horas seguintes arrastando caixas, reabastecendo as barracas e preparando tudo para o público.

Ai, estou fora de forma, pensei enquanto meus bíceps protestavam.

Papai costumava dizer que o trabalho duro mantém você centrado sempre que mamãe inventava um projeto novo e árduo, como plantar um jardim. Ele era infinitamente paciente e, quando eu me queixava do trabalho extra, ele se limitava a sorrir e dizer: “Kells, quando você ama alguém, aprende a dar e receber. Um dia isso vai acontecer com você.”

Por algum motivo, eu duvidava de que essa fosse uma daquelas situações.

Quando estava tudo pronto, Matt me mandou até Cathleen para que eu me trocasse e vestisse uma roupa do circo – que vinha a ser dourada e brilhante, algo de que eu normalmente não teria nem me aproximado.

É melhor que este emprego valha o sacrifício, murmurei baixinho, enfiando a cabeça pela gola cintilante.

Vestida em meu novo traje, fui até a barraca de ingressos e vi que Matt havia instalado a tabuleta de preços. Ele me aguardava com instruções, uma caixa com chave e os ingressos. Também havia me trazido uma sacola com o almoço.

– É hora do espetáculo. Coma isto depressa. Os ônibus de um acampamento infantil estão a caminho.

Antes que eu pudesse terminar de comer, as crianças do acampamento avançaram sobre mim em uma estridente confusão. Meu sorriso de atendimento ao cliente provavelmente parecia mais uma careta assustada. Não havia para onde eu correr. Elas me cercavam por todos os lados, cada uma gritando por atenção.

Os adultos se aproximaram e eu perguntei, esperançosa:

– Vocês vão pagar por todos os ingressos de uma vez?

– Ah, não – respondeu um dos professores. – Decidimos deixar cada criança comprar o próprio ingresso.

– Ótimo – murmurei com um sorriso amarelo.

Cathleen logo se juntou a mim e trabalhamos até ouvirmos a música do início do espetáculo. Fiquei ali sentada por mais uns 20 minutos, mas ninguém apareceu, então tranquei a caixa do dinheiro e encontrei Matt dentro da tenda assistindo ao espetáculo.

O homem que eu conhecera mais cedo naquela manhã era o apresentador.

– Qual é o nome dele? – perguntei a Matt em um sussurro.

– Agostino Maurizio – respondeu ele. – É o dono do circo e os acrobatas são todos da família dele.

O Sr. Maurizio chamou os palhaços, os acrobatas e os malabaristas, e comecei a me divertir com o espetáculo. Logo depois, porém, Matt me cutucou e me indicou a barraca de souvenirs. O intervalo ia começar em breve: hora de vender balões de gás.

Juntos, enchemos dezenas de balões multicoloridos usando um tanque de hélio. As crianças estavam frenéticas! Corriam por todas as barracas e contavam suas moedas, querendo gastar cada centavo.

Matt recebia o dinheiro enquanto eu enchia os balões. Eu nunca tinha feito aquilo antes e estourei alguns, o que assustou as crianças, mas tentei transformar os estouros ruidosos em uma brincadeira, gritando “Oopa!” todas as vezes que isso acontecia. Logo, logo todas elas estavam gritando “Oopa!” junto comigo.

A música recomeçou e as crianças correram de volta aos seus lugares, agarradas a suas diversas aquisições. Vários meninos haviam comprado espadas que brilhavam no escuro e agora as agitavam no ar, ameaçando uns aos outros alegremente.

Quando nos sentamos, o pai de Matt entrou no picadeiro para fazer seu número com os cães. Então foi novamente a vez dos palhaços, que fizeram várias brincadeiras com membros da plateia. Um deles jogou um balde de confete sobre as crianças.

Maravilha! Provavelmente vou ter que varrer tudo isso.

Em seguida, o Sr. Maurizio reapareceu. Uma dramática música de safári começou a tocar e as luzes do circo se apagaram. Apenas um holofote iluminava o apresentador no centro do picadeiro.

– E agora... o ponto alto do nosso *spettacolo*! Ele foi tirado das selvas da Índia e trazido aqui para os Estados Unidos. É um caçador feroz que espreita sua presa na floresta, atento, esperando o momento certo, e então... salta para o ataque!

Enquanto ele falava, homens trouxeram uma jaula grande e redonda. Tinha o formato de uma tigela gigante emborcada, com um túnel de arame acoplado a um dos lados. Eles a deixaram no centro do picadeiro e prenderam cadeados em anéis de metal engastados em blocos de cimento.

O Sr. Maurizio prosseguiu. Ele rugia no microfone e as crianças todas pulavam em suas cadeiras. Dei risada dos movimentos teatrais do Sr. Maurizio. Ele era um bom contador de histórias.

– Este tigre é um dos predadores mais perigosos do mundo inteiro! – afirmou ele. – Observem com atenção nosso domador arriscar sua vida para lhes trazer... Dhiren!

Ele jogou a cabeça para a direita e então deixou o palco correndo enquanto o foco do holofote deslizava para as abas da lona na extremidade da construção. Dois homens haviam arrastado até ali um antigo vagão de animais.

O vagão tinha um teto branco, curvo e de bordas douradas, grandes rodas pretas pintadas de branco nas extremidades e raios ornamentais esculpidos que haviam sido pintados de dourado. Barras de metal pretas subiam de ambos os lados do vagão formando um arco no alto.

Uma rampa saindo da porta foi presa ao túnel de arame no momento em que o pai de Matt entrou na jaula. Ali dentro, ele arrumou três banquetas. Vestia um traje dourado impressionante e brandia um chicote curto.

– Soltem o tigre! – ordenou.

As portas do vagão se abriram e um homem cutucou o animal pelo lado de fora. Prendi a respiração quando um enorme tigre branco surgiu, desceu a rampa e entrou no túnel. Um instante depois, ele estava na jaula grande, com o pai de Matt. O chicote estalou e o tigre saltou para uma banqueta. Outra chicotada e o tigre se ergueu nas patas traseiras, arranhando o ar com suas garras. A multidão irrompeu em aplausos.

O tigre saltou de banqueta em banqueta enquanto o pai de Matt seguia afastando as banquetas cada vez mais. No último salto, prendi a respiração. Eu não tinha certeza se o tigre conseguiria alcançar a banqueta seguinte, mas o pai de Matt o encorajava. Retesando-se, o animal se abaixou, avaliou cuidadosamente a distância e então saltou, transpondo o espaço.

Seu corpo inteiro se manteve no ar durante vários segundos, com as pernas estiradas à frente e atrás. Era um animal magnífico. Alcançou a banqueta com as patas dianteiras e pousou as patas traseiras graciosamente. Virando-se no pequeno banco, ele girou o corpo imenso com facilidade e se sentou de frente para o domador.

Aplaudi por muito tempo, totalmente impressionada com a grande fera.

O tigre rugiu a um comando, ergueu-se nas patas traseiras e agitou as patas dianteiras no ar. O pai de Matt gritou mais um comando. O tigre desceu da banquetta com um salto e correu em círculo pela jaula. O domador fez o mesmo, mantendo os olhos fixos no animal. Ele segurava o chicote logo atrás da cauda do tigre, estimulando-o a continuar correndo. O pai de Matt fez um sinal e um rapaz passou uma grande argola pelas grades da jaula. O tigre saltou por ela, então virou-se rapidamente e repetiu o salto várias vezes.

O último número do domador foi pôr a cabeça dentro da boca do tigre. Uma onda de silêncio envolveu a multidão e Matt retesou-se. O tigre abriu a boca enorme. Vi os dentes afiados e me inclinei para a frente, preocupada. O pai de Matt aproximou lentamente sua cabeça do tigre. O animal piscou algumas vezes, mas manteve-se firme, e suas poderosas mandíbulas escancararam-se ainda mais.

O pai de Matt baixou a cabeça, enfiando-a na boca do tigre. Após alguns segundos, ele tirou a cabeça devagar. Quando estava livre e já havia se afastado do tigre, o público aplaudiu, enquanto ele se curvava várias vezes, agradecendo. Outros ajudantes apareceram para ajudar a levar a jaula.

Meus olhos foram atraídos para o tigre, que agora estava sentado em uma das banquetas. Vi que ele movia a língua, franzindo a cara, como se farejasse algo curioso. Quase parecia que ele estava engasgado, como um gato que engole uma bola de pelos. Então ele se sacudiu e ficou ali calmamente sentado.

O pai de Matt ergueu as mãos e ganhou mais aplausos. O chicote tornou a estalar e o tigre saltou da banquetta, voltou correndo pelo túnel, subiu a rampa e entrou em seu vagão. O pai de Matt saiu correndo do picadeiro e desapareceu atrás da cortina de lona.

– O Grande Dhiren! – gritou o Sr. Maurizio dramaticamente. – *Mille grazie!* MUITÍSSIMO obrigado por virem ao Circo Maurizio!

Quando a jaula do tigre passou diante de mim, tive uma vontade súbita de acariciar-lhe a cabeça e confortá-lo. Eu não sabia se tigres podiam demonstrar emoções, mas por algum motivo eu tinha a impressão de que podia sentir seu estado de espírito. Parecia melancólico.

Exatamente nesse momento, uma brisa suave me envolveu com o perfume de jasmim e de sândalo, sobrepujando o forte aroma de pipoca com manteiga e algodão-doce. Meu coração disparou enquanto um arrepio percorria meus braços. Mas, tão rápido quanto veio, o cheiro delicioso desapareceu e senti um inexplicável vazio na boca do estômago.

As luzes se acenderam e as crianças começaram a sair em debandada da arena. Meu cérebro ainda estava ligeiramente confuso. Devagar, levantei-me e me virei para fitar a cortina atrás da qual o tigre havia desaparecido. Um leve vestígio de sândalo e uma sensação inquietante persistiam.

Ah! Devo ter algum transtorno mental.

O espetáculo havia acabado e eu estava completamente louca.



O tigre

As crianças deixaram o circo fazendo um tumulto estridente. Um ônibus deu a partida no estacionamento. Enquanto ele despertava ruidosamente, sibilando e soltando fumaça pelo cano de descarga, Matt se levantou e espreguiçou-se.

– Pronta para o trabalho de verdade?

Gemi, sentindo os músculos dos braços já doloridos.

– Claro. Vamos lá.

Ele começou a limpar a sujeira das cadeiras, que eu ia empurrando contra a parede. Depois me entregou uma vassoura.

– Agora temos que varrer a área toda, guardar tudo nas caixas e então arrumá-las novamente. Você começa enquanto vou entregar o dinheiro ao Sr. Maurizio.

– Sem problemas.

Comecei a percorrer o lugar lentamente, empurrando a vassoura à minha frente. Minha mente voltou aos números circenses que eu vira. Gostara mais dos cães, mas havia algo de irresistível no tigre. Meus pensamentos continuavam voltando ao grande felino.

Como será ele de perto? E por que cheira a sândalo? Eu nada sabia sobre tigres, exceto o que vira tarde da noite nos canais de documentários e lera em exemplares antigos da *National Geographic*. Eu nunca havia me interessado por tigres, mas, por outro lado, também nunca trabalhara em um circo.

Eu já tinha quase terminado de varrer quando Matt voltou. Ele se abaixou para me ajudar a recolher o gigantesco monte de lixo antes de passarmos uma boa hora arrumando caixas e arrastando-as de volta ao depósito.

Com esse trabalho pronto, Matt me disse que eu podia ter uma ou duas horas de folga até a hora de me juntar à trupe para o jantar. Eu estava ansiosa para ter algum tempo para mim, assim corri de volta à tenda.

Troquei de roupa, encontrei um lugar apenas ligeiramente desconfortável na cama e peguei meu diário. Enquanto mordiscava a caneta, eu refletia sobre as pessoas interessantes que havia conhecido ali. Estava claro que o pessoal do circo se considerava uma família. Várias vezes vi as pessoas oferecendo ajuda, mesmo que não fosse tarefa sua. Também escrevi um pouco sobre o tigre. O felino realmente chamou minha atenção. *Talvez eu devesse trabalhar com animais e estudá-los na faculdade*, pensei. Então me lembrei de minha extrema aversão a biologia e soube que eu nunca me daria bem naquela área.

Estava quase na hora do jantar. O cheiro delicioso vindo do prédio maior fez minha boca se encher de água.

Nada parecido com os biscoitos vegans de Sarah, pensei. *Na verdade, lembra a comida da minha avó.*

Lá dentro, Matt arrumava as cadeiras em torno de oito mesas dobráveis compridas. Uma das mesas estava posta com comida italiana. O aspecto era fantástico. Ofereci ajuda, mas Matt me dispensou.

– Você trabalhou duro hoje, Kelsey. Relaxe. Eu faço isso – disse ele.

Cathleen acenou, me chamando.

– Venha se sentar comigo. Só podemos começar a comer depois que o Sr. Maurizio fizer os anúncios da noite.

E, no momento em que nos sentamos, o Sr. Maurizio entrou dramaticamente no recinto.

– *Favolosa* performance, de todos vocês! E um trabalho *eccellente* de nossa mais nova vendedora, hein? Esta noite é uma celebração! Enchem os pratos, *mia famiglia!*

Dei uma risadinha. *Hum. Ele representa o papel o tempo todo, não só durante o espetáculo.*

Virei-me para Cathleen.

– Acho que isso quer dizer que fizemos um bom trabalho, não é?

– É, sim. Vamos comer! – respondeu ela.

Entrei na fila com Cathleen, peguei meu prato de papel e o enchi com salada verde italiana, uma boa colherada de massa em formato de conchas recheadas com espinafre e queijo cobertas com molho de tomate, frango à parmegiana e, sem ter lugar suficiente no prato, enfiei um pão quente na boca, peguei uma garrafa de água e me sentei. Não pude deixar de notar a grande *cheesecake* de chocolate para a sobremesa, mas não consegui nem terminar a comida que tinha no prato.

Depois do jantar, fui até um canto mais silencioso do prédio e liguei para dar notícias a Sarah e Mike. Quando desliguei, aproximei-me de Matt, que guardava as sobras na geladeira.

– Não vi seu pai no jantar. Ele não come?

– Levei um prato para ele. Estava ocupado com o tigre.

– Há quanto tempo seu pai trabalha com aquele tigre? – perguntei, curiosa. – Segundo a descrição do emprego, devo ajudá-lo com isso.

Matt empurrou para o lado uma garrafa meio vazia de suco de laranja, enfiou uma caixa de comida para viagem ao lado dela e fechou a geladeira.

– Há uns cinco anos, mais ou menos. O Sr. Maurizio comprou o tigre de outro circo, que o havia comprado de outro circo antes. Ninguém conhece a história completa dele. Papai diz que o tigre faz só os truques

básicos e se recusa a aprender qualquer coisa nova, mas o lado bom é que ele nunca deu nenhum problema. É uma fera tranquila, quase dócil, tanto quanto os tigres podem ser.

– Então, o que eu tenho que fazer? Vou mesmo dar comida a ele?

– Não se preocupe. Não é assim tão difícil, desde que você evite as presas – zombou Matt. – Estou brincando. Você só vai levar a comida do tigre de um prédio ao outro. Converse com meu pai amanhã. Ele dará todas as informações de que precisa.

– Obrigada, Matt!

Ainda restava uma hora de luz do dia lá fora, mas eu teria que levantar cedo outra vez. Depois de tomar um banho, escovar os dentes, vestir meu pijama de flanela quentinho e calçar os chinelos, corri para minha tenda e me aconcheguei sob a colcha da minha avó. Ler um capítulo do livro que eu trouxera me deixou sonolenta e logo mergulhei em um sono profundo.

Na manhã seguinte, após o café, corri até o canil e encontrei o pai de Matt brincando com os cães. Parecia uma versão adulta de Matt, com os mesmos cabelos e olhos castanhos. Ele se voltou para mim quando me aproximei e disse:

– Olá. Você é a Kelsey, certo? Será minha assistente hoje.

– Sim, senhor.

Ele apertou minha mão com simpatia e sorriu.

– Pode me chamar de Andrew ou Sr. Davis, se preferir algo mais formal. A primeira coisa que precisamos fazer é levar estas criaturinhas cheias de energia para dar uma volta.

– Parece bastante fácil.

Ele riu.

– Veremos.

O Sr. Davis me deu guias para prender nas coleiras de cinco cães. Os animais eram de uma interessante variedade de raças. Tinha um beagle, um mestiço de galgo, um buldogue, um dinamarquês e um poodlezinho preto.

Eles saltitavam o tempo todo, enroscando as guias uns nos outros – e em mim. O Sr. Davis se abaixou para me ajudar e então partimos.

O dia estava lindo. Os cães pareciam muito felizes, saltando de um lado para outro e me puxando em todas as direções, exceto naquela que eu queria seguir.

Enquanto eu desvencilhava um deles de uma árvore, indaguei ao Sr. Davis:

- Posso fazer algumas perguntas sobre o seu tigre?

- Claro.

- Matt disse que vocês não sabem muito sobre a história dele. Como Dhiren veio parar no circo?

O pai de Matt esfregou o queixo coberto pela barba espetada e disse:

- O Sr. Maurizio comprou Dhiren de outro circo pequeno, querendo dar uma renovada no espetáculo. Pensou que, como eu trabalhava bem com outros animais, faria o mesmo com o tigre. Fomos muito ingênuos. Em geral é preciso muito treinamento para trabalhar com grandes felinos. O Sr. Maurizio insistiu que eu tentasse e, felizmente, nosso tigre é bastante tranquilo.

- Que sorte, hein?

- Muita sorte. Eu era extremamente despreparado para assumir um animal daquele tamanho, por isso viajei com o outro circo por um tempo. O domador deles me ensinou a lidar com o tigre e eu aprendi a cuidar do animal. Acho que não teria sido capaz de lidar com qualquer outro dos felinos que eles estavam vendendo.

- Imagino.

- Até tentaram fazer com que eu me interessasse por um dos tigres siberianos, mais agressivo, mas logo percebi que ele não era para nós. Então negocie o tigre branco. Seu temperamento era mais estável e ele demonstrava gostar de trabalhar comigo. Para ser sincero, nosso tigre parece entediado a maior parte do tempo.

Ponderei essa informação enquanto percorríamos a trilha em silêncio. Desembarçando os cães de outra árvore, perguntei:

– Os tigres brancos vêm da Índia? Pensei que viessem da Sibéria.

O Sr. Davis sorriu.

– Muita gente acha que eles vêm da Rússia porque a pelagem branca se mistura com a neve, mas os tigres siberianos são maiores e alaranjados. O nosso é uma variante branca do tigre-de-bengala.

Ele me olhou, pensativo, por um momento e então perguntou:

– Quer me ajudar com o tigre hoje? Não precisa ter medo. As jaulas têm trincos de segurança e eu a supervisionarei o tempo todo.

Sorri, lembrando do doce aroma de jasmim no fim da apresentação do tigre. Um dos cães correu em volta das minhas pernas, me enroscando com a guia e quebrando o devaneio por um momento.

– Gostaria muito. Obrigada! – agradei.

Depois de terminar a caminhada, pusemos os cães de volta no canil e demos comida a eles.

O Sr. Davis encheu o bebedouro dos cães com água de uma mangueira verde. Então olhou por sobre o ombro e disse:

– Sabe, os tigres podem ser completamente extintos em 10 anos. A Índia já aprovou diversas leis proibindo que sejam mortos. Os caçadores e os aldeões são os principais envolvidos. Os tigres em geral evitam os homens, mas são responsáveis por muitas mortes na Índia todos os anos e as pessoas às vezes querem fazer justiça com as próprias mãos.

Nesse momento o Sr. Davis acenou para que eu o seguisse. Demos a volta no prédio, chegando a um amplo galpão pintado de branco com remates azuis. Ele abriu as portas largas para que entrássemos.

O sol forte invadia e aquecia o lugar, iluminando as partículas de poeira que subiam à medida que o Sr. Davis e eu passávamos. Fiquei surpresa com a quantidade de luz que havia na construção de dois andares, apesar de ali só haver duas janelas altas. Vigas grossas erguiam-se bem acima de nossas cabeças e cruzavam o teto em arco, e junto às paredes

alinhavam-se baias vazias onde se viam fardos de feno empilhados até o teto. Eu o segui enquanto ele se aproximava do lindo vagão para animais que fizera parte da apresentação do dia anterior.

Ele apanhou uma garrafa grande de vitaminas em forma líquida e disse:

– Kelsey, quero que conheça Dhiren. Venha aqui. Vou lhe mostrar uma coisa.

Nós nos aproximamos da jaula. O tigre, que estivera cochilando, ergueu a cabeça e me olhou, curioso, com seus brilhantes olhos azuis.

Aqueles olhos eram hipnóticos. Eles se fixaram em mim, quase como se o tigre estivesse examinando a minha alma.

Uma onda de solidão tomou conta de mim, mas me esforcei para trancá-la novamente no cantinho onde guardo emoções desse tipo. Engoli em seco e desviei o olhar.

O Sr. Davis puxou uma alavanca na lateral da jaula. Um painel desceu, deslizando e isolando o lado da jaula onde Dhiren estava. O Sr. Davis abriu a porta da jaula, encheu o recipiente de água do tigre, acrescentou cerca de um quarto de xícara de vitaminas e então fechou e trancou a porta. Em seguida, acionou novamente a alavanca para erguer o painel no interior da jaula outra vez.

– Tenho um pouco de trabalho burocrático para fazer. Quero que você busque o café da manhã do tigre – instruiu o Sr. Davis. – Volte ao edifício principal com este carrinho e procure uma geladeira grande atrás das caixas. Tire um pacote de carne e coloque-a no carrinho. Transfira outro pacote de carne do freezer para a geladeira, para descongelar. Quando voltar, ponha a comida de Dhiren na jaula exatamente como fiz com as vitaminas. Mas não se esqueça de fechar o painel de segurança primeiro. Consegue fazer isso?

Agarrei a alça do carrinho.

– Sem problemas – falei por sobre o ombro enquanto saía.

Encontrei a carne rapidamente e poucos minutos depois estava de volta.

Espero que essa porta de segurança resista ou eu serei o café da manhã, pensei ao puxar a alavanca, servir a carne crua em uma tigela grande e deslizá-la com cuidado para dentro da jaula. Eu mantinha um olho cauteloso no tigre, mas ele simplesmente ficou ali parado me olhando.

– Sr. Davis, esse tigre é macho ou fêmea?

Ouviru-se um barulho na jaula, um ronco profundo vindo do peito do felino.

Virei-me para olhar o tigre.

– Por que você está rugindo para *mim*?

O pai de Matt riu.

– Ah, você o ofendeu. Ele é muito sensível, sabia? Respondendo à sua pergunta, *ele* é macho.

– Humm.

Depois que o tigre comeu, o Sr. Davis sugeriu que eu observasse o animal praticar seu número. Fechamos as portas do galpão e deslizamos as traves de madeira para trancá-las e impedir que o tigre escapasse. Então subi a escada de mão até o mezanino para assistir de cima. Se alguma coisa desse errado, o Sr. Davis me instruíra a sair pela janela e chamar o Sr. Maurizio.

O pai de Matt se aproximou da jaula, abriu a porta e chamou Dhiren. O tigre olhou para ele e então pôs a cabeça de volta sobre as patas, sonolento. O Sr. Davis tornou a chamá-lo.

– Venha!

A boca do tigre se abriu em um bocejo e suas mandíbulas se escancararam. Estremeci ao ver os dentes imensos. Ele se levantou e esticou as patas dianteiras e em seguida as traseiras, uma de cada vez. Ri ao comparar mentalmente esse grande predador com um gatinho dorminhoco. O tigre deu meia-volta e desceu pela rampa, saindo da jaula.

Depois de ajeitar uma banquetta, o Sr. Davis estalou o chicote, instruindo Dhiren a saltar. Então pegou a argola e fez o tigre pular por ela durante vários minutos. O animal saltava de um lado para outro, passando com facilidade pelas várias atividades. Seus movimentos não demonstravam

o menor esforço. Eu podia ver seus músculos vigorosos movendo-se sob o pelo listrado preto e branco enquanto praticava o seu número.

O Sr. Davis parecia um bom domador, mas por uma ou duas vezes percebi que o tigre podia ter levado a melhor sobre ele. Num dado momento, o rosto do Sr. Davis ficou muito perto das garras estendidas do tigre e teria sido muito fácil para o animal atingi-lo, mas, em vez disso, ele tirou a pata do caminho. Em outra ocasião, eu podia jurar que o Sr. Davis havia pisado em sua cauda, no entanto, o tigre apenas grunhiu suavemente e deslizou a cauda para o lado. Aquilo era muito estranho e eu me vi ainda mais fascinada pelo belo animal, imaginando como seria tocá-lo.

O galpão estava abafado e o Sr. Davis transpirava visivelmente. Ele incitou o tigre a voltar para a banquetta e então dispôs mais três banquettas perto da primeira e o fez saltar de uma para outra. Ao terminar, levou o felino de volta para a jaula, deu-lhe um petisco especial e fez sinal para que eu descesse.

– Kelsey, é melhor você ir para o edifício principal e ajudar Matt a se preparar para o espetáculo. Hoje teremos um grupo da terceira idade vindo de um centro comunitário.

Desci a escada.

– Tudo bem se eu trazer meu diário até aqui para escrever de vez em quando? Quero desenhar o tigre.

– Tudo bem – disse ele. – Só não chegue muito perto.

Saí correndo do galpão, acenei para ele e gritei:

– Obrigada por me deixar assistir ao ensaio. Foi muito emocionante!

Cheguei correndo para ajudar Matt no momento em que o primeiro ônibus parava no estacionamento. Foi exatamente o oposto do dia anterior. Primeiro, a mulher responsável pelo grupo comprou todos os ingressos de uma vez só, o que tornou meu trabalho muito mais fácil, e então todos os espectadores se dirigiram devagar para dentro, acomodaram-se em seus lugares e logo caíram no sono.

Como eles podem dormir em meio a todo esse barulho? No intervalo, não havia muito a fazer. Metade dos espectadores ainda estava dormindo, e a outra metade aguardava na fila do banheiro. Na verdade, ninguém comprou nada.

Depois do espetáculo, Matt e eu limpamos tudo num piscar de olhos, o que me deu algumas horas de folga. Corri de volta para a cama, peguei meu diário, uma caneta, um lápis e minha colcha e me dirigi ao galpão. Abri a pesada porta e acendi as luzes.

Fui andando até a jaula do tigre e o encontrei descansando com a cabeça apoiada nas patas. Dois fardos de feno formavam uma boa cadeira com espaldar. Abri a colcha sobre o colo e peguei o diário. Depois de escrever alguns parágrafos, comecei a desenhar.

Tivera aulas de arte no ensino médio e meus desenhos com modelo eram bastante razoáveis. Peguei o lápis e olhei para o tigre. Ele me encarava – mas não como se quisesse me devorar. Era mais como... como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

– Oi. Está olhando o quê? – perguntei, sorrindo.

Voltei ao desenho. Os olhos redondos do tigre eram bem separados e de um azul intenso. Ele tinha cílios longos e negros, e um focinho rosado. Seu pelo era de um branco leitoso, com riscas negras propagando-se a partir da testa e da face até a cauda. As orelhas curtas e peludas estavam inclinadas na minha direção e sua cabeça descansava preguiçosamente nas patas. Enquanto me observava, sua cauda se agitava de um lado para outro.

Fiquei muito tempo tentando acertar o padrão das listras, pois o Sr. Davis me contara que não havia dois tigres com o mesmo padrão. Disse que as listras eram tão distintivas quanto as impressões digitais humanas.

Continuei a falar com ele enquanto desenhava.

– Como é mesmo o seu nome? Ah, Dhiren. Bem, vou chamá-lo apenas de Ren. Espero que não se importe. Então, tudo bem com você? Gostou do café da manhã? Sabe, para uma coisa que poderia me comer, você tem um rosto muito bonito.

Depois de um silencioso intervalo no qual os únicos sons que se ouviam eram o do lápis arranhando o papel e o da respiração profunda e ritmada do grande animal, perguntei:

– Você gosta de ser um tigre de circo? Não deve ser muito emocionante ficar preso nessa jaula o tempo todo.

Fiquei em silêncio por algum tempo e mordi o lábio enquanto escurecia as listras de seu rosto.

– Gosta de poesia? Vou trazer meu livro de poemas e ler para você um dia. Acho que tem um sobre gatos que você vai adorar.

Ergui os olhos do desenho e fiquei surpresa ao ver que o tigre havia se mexido. Ele estava sentado, a cabeça abaixada na minha direção, e me olhava fixamente. Comecei a me sentir um pouco nervosa. *Um grande felino fitando você de forma intensa não pode ser um bom sinal.*

Nesse exato momento, o pai de Matt entrou no galpão. O tigre deixou-se cair de lado, mas manteve o rosto voltado para mim, observando-me com aqueles olhos azuis intensos.

– Oi, menina. Como vai?

– Tudo certo. Ah, tenho uma pergunta. Ele não se sente só? Vocês já tentaram encontrar uma namorada para ele?

Ele riu.

– Não para este aí. Ele gosta de ficar sozinho. No outro circo me contaram que tentaram cruzá-lo com uma fêmea branca do zoológico que estava no cio, mas ele não quis nada com ela. Até parou de comer e acabaram tirando-o de lá. Acho que ele prefere o celibato.

– Bem, é melhor eu sair para ajudar o Matt nos preparativos do jantar.

Fechei o diário e apanhei minhas coisas. Enquanto eu me dirigia ao edifício principal, meus pensamentos se voltaram para o tigre. *Pobrezinho. Completamente só, sem uma tigresa ou filhotinhos. Impedido de caçar, preso aqui no cativeiro.* Fiquei triste por ele.

Depois do jantar, ajudei o pai de Matt a levar os cães para outro passeio e em seguida me preparei para dormir. Pus as mãos sob a cabeça e fiquei

olhando para o teto da tenda, pensando um pouco mais no tigre. Depois de me revirar de um lado para outro por uns 20 minutos, decidi ir até o galpão de novo. Mantive todas as luzes apagadas, exceto a que ficava perto da jaula, e segui para meu fardo de feno com a colcha.

Eu me sentia sentimental e por isso levava comigo um exemplar de *Romeu e Julieta*.

– Oi, Ren. Quer que eu leia um pouco para você? Bem, não existem tigres na história de Romeu e Julieta, mas, quando Romeu subir em uma sacada, você pode se imaginar subindo em uma árvore, está bem? Espere um segundo. Vou criar a atmosfera adequada.

Era noite de lua cheia, então apaguei a luz, já que o luar entrando pelas duas janelas altas iluminava o suficiente do galpão para que eu pudesse ler.

A cauda do tigre batia na base de madeira do vagão. Virei-me de lado, improvisei um travesseiro com o feno e comecei a ler em voz alta. Eu só conseguia distinguir-lhe o perfil e ver seus olhos brilhando na luz espectral. Comecei a me sentir cansada e suspirei.

– Ah, não se fazem mais homens como Romeu. Talvez um homem assim nunca tenha existido. Exceto pela minha presente companhia, é claro. Tenho certeza de que você é um tigre muito romântico. Shakespeare sabia mesmo escrever sobre homens sonhadores, não é?

Fechei os olhos para descansar um pouco e só acordei na manhã seguinte.

Daquele dia em diante, eu passava todo o meu tempo livre no galpão com Ren. Ele parecia gostar da minha presença e sempre empinava as orelhas quando eu começava a ler para ele. Importunei o pai de Matt com perguntas e mais perguntas sobre tigres até sentir que ele já estava me evitando. Mas sabia que o Sr. Davis gostava do meu trabalho.

Todo dia eu me levantava cedo para cuidar do tigre e dos cães, e todas as tardes eu me sentava perto da jaula de Ren para escrever em meu diário. À noite, levava minha colcha e um livro. Às vezes escolhia um poema e o lia em voz alta. Outras vezes, eu apenas conversava com ele.

Cerca de uma semana depois de eu começar a trabalhar no circo, Matt e eu estávamos assistindo ao espetáculo, como de costume, mas, quando chegou a hora do número de Ren, ele pareceu diferente. Depois de percorrer o túnel e entrar na jaula, correu em círculos e andou de um lado para outro diversas vezes. Ficava olhando para a plateia, como se estivesse procurando alguma coisa.

Por fim, imobilizou-se como uma estátua e olhou diretamente para mim. Seus olhos de tigre encontraram os meus e eu não consegui desviar o olhar. Ouvi o chicote estalar várias vezes, mas o tigre mantinha o olhar fixo em mim. Matt me cutucou e o contato visual se desfez.

– Que coisa mais estranha – disse Matt.

– Qual é o problema? – perguntei. – O que está acontecendo? Por que ele está olhando para nós?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Isso nunca aconteceu.

Ren finalmente parou de nos olhar e deu início à sua rotina. Depois de terminado o espetáculo e de eu acabar a limpeza, fui visitar Ren, que andava de um lado para outro na jaula. Quando me viu, ele se sentou, acomodou-se e pousou a cabeça sobre as patas. Fui até a jaula.

– Oi, Ren. O que está havendo com você hoje? Estou preocupada. Espero que não esteja ficando doente nem nada.

Ele ficou descansando em silêncio, mas manteve os olhos em mim, seguindo meus movimentos. Aproximei-me lentamente da jaula. Eu me sentia atraída pelo animal e não conseguia controlar uma compulsão muito forte e perigosa. Era um impulso quase tangível. Talvez porque eu sentisse que éramos ambos solitários ou talvez porque ele fosse uma criatura tão linda. Não sei o motivo, mas eu queria – eu *precisava* – tocá-lo.

Tinha noção do risco, mas não sentia medo. De alguma forma, eu sabia que ele não me machucaria, então ignorei os sinais de alerta que piscavam em minha mente. Meu coração começou a bater muito rápido. Dei mais um passo em direção à jaula e fiquei ali parada por um instante, trêmula. Ren

estava totalmente imóvel. Continuava a me olhar, calmo, com seus olhos azuis.

Estendi lentamente a mão na direção da jaula, esticando os dedos até sua pata. Toquei seu pelo branco e macio com a ponta dos dedos. Ele soltou um profundo suspiro, mas não se mexeu. Ganhando coragem, pus toda a mão sobre sua pata, acariciei-a e percorri uma das listras com o dedo. Sem o menor aviso, sua cabeça se moveu na direção da minha mão. Antes que eu pudesse tirá-la da jaula, ele a lambeu. Senti cócegas.

Retirei a mão rapidamente.

– Ren! Você me assustou! Pensei que fosse arrancar meus dedos!

Hesitante, estendi a mão, aproximando-a da jaula novamente, e sua língua rosada atravessou as grades para lambê-la. Deixei-o lamber algumas vezes e então fui até a pia e lavei a saliva de tigre.

Voltando ao meu cantinho favorito, no fardo de feno, eu disse:

– Obrigada por não me comer.

Ele bufou levemente em resposta.

– O que você gostaria de ler hoje? Que tal aquele poema de gato que lhe prometi?

Eu me sentei, abri o livro de poemas e encontrei a página.

– Muito bem, aqui vai.

EU SOU O GATO

Leila Usher

No Egito, me veneravam.

Eu sou o Gato.

Porque não me dobro à vontade do homem,

Chamam-me mistério.

Quando pego e brinco com um rato,

Chamam-me cruel,

*No entanto, eles capturam animais
Em parques e zoológicos, para que possam admirá-los.
Acreditam que todos os animais foram feitos para o seu prazer,
Para serem seus escravos.
E, enquanto eu mato apenas quando preciso,
Eles matam por prazer, poder e ouro,
E se consideram superiores!
Por que eu deveria amá-los?
Eu, o Gato, cujos ancestrais
Orgulhosamente percorreram a selva,
Nenhum deles domado pelo homem.
Ah, por acaso eles sabem
Que a mesma mão imortal
Que lhes soprou a vida também soprou a minha?
Mas somente eu sou livre
Eu sou O GATO.*

Fechei o livro e olhei, pensativa, para o tigre. Eu o imaginei altivo e nobre, correndo pela selva em uma caçada. De repente tive muita, muita pena dele. *Essa vida de se apresentar em um circo não é digna, mesmo que você tenha um bom domador. Um tigre não é um cachorro ou um gato, que podem ser animais de estimação. Ele deveria estar em liberdade, na natureza.*

Levantei-me e caminhei até o tigre. Titubeante, estendi a mão para a jaula a fim de acariciar sua pata outra vez. Imediatamente, sua língua veio lambendo a minha mão. A princípio eu ri, depois fiquei séria. Devagar, levei a mão até sua face e alisei o pelo macio. Então, ganhando coragem, cocei atrás de sua orelha. Uma vibração profunda ressoou em sua garganta e eu me dei conta de que ele estava ronronando. Sorri e cocei um pouco mais sua orelha.

– Gosta disso, não é?

Tirei a mão da jaula, sempre lentamente, e fiquei observando-o por um minuto, refletindo sobre o que havia acontecido. Ele tinha uma expressão de melancolia quase humana. *Se os tigres têm alma, e acredito que tenham, imagino que a dele seja triste e solitária.*

Olhei dentro daqueles grandes olhos azuis e sussurrei:

– Queria que você fosse livre.



O estranho

Dois dias depois, encontrei um homem alto e de aparência distinta, vestido num terno preto elegante, perto da jaula de Ren. Seu cabelo branco e grosso era curto, e a barba e o bigode eram bem aparados. Seus olhos eram castanho-escuros, quase negros, e ele tinha um nariz comprido e aquilino e a pele azeitonada. O homem estava sozinho, falava em tom suave e definitivamente destoava daquele galpão.

– Oi! Posso ajudá-lo? – perguntei.

O homem se virou e sorriu para mim.

– Olá! Você deve ser a Srta. Kelsey. Meu nome é Anik Kadam. É um prazer conhecê-la.

Ele juntou as mãos diante do corpo e se curvou.

E eu que pensei que o cavalheirismo tivesse morrido.

– Sim, eu sou a Kelsey. Posso fazer algo pelo senhor?

– Talvez *haja* algo que você possa fazer por mim. – Ele sorriu com simpatia e explicou: – Gostaria de falar com o dono do circo sobre este magnífico animal.

– Ah, claro. O Sr. Maurizio está nos fundos do prédio principal, no trailer preto. Quer que eu o leve até lá?

– Não precisa se incomodar, minha querida. Mas muito obrigado pela oferta. Irei até lá agora mesmo.

Virando-se, o Sr. Kadam deixou o galpão, fechando a porta ao sair.

Depois de dar uma olhada em Ren para ter certeza de que ele estava bem, eu falei:

– Que coisa estranha. O que será que ele queria? Talvez tenha um interesse especial em tigres.

Hesitei por um momento e então enfiei a mão pelas grades da jaula. Perplexa com minha própria coragem, fiz um carinho rápido na pata de Ren e comecei a preparar seu café da manhã.

– Não é todo dia que uma pessoa vê um tigre tão bonito quanto você – brinquei. – Ele provavelmente só quer parabenizá-lo pelo espetáculo.

Ren grunhiu em resposta.

Resolvi comer alguma coisa e segui para o prédio principal. Lá, deparei com um frenesi incomum. As pessoas se reuniam e fofocavam em grupos pequenos e dispersos. Peguei um *muffin* de chocolate e uma garrafinha de leite frio e interpelei Matt.

– O que está acontecendo? – perguntei depois de dar uma grande mordida no *muffin*.

– Não sei. Meu pai, o Sr. Maurizio e outro homem estão numa reunião séria, e recebemos ordens de suspender nossas atividades diárias. Fomos instruídos a esperar aqui. Ninguém faz ideia do que está acontecendo.

– Humm.

Sentei-me, comendo e ouvindo as loucas teorias e especulações da trupe.

Não tivemos que esperar muito. Alguns minutos depois, o Sr. Maurizio, o Sr. Davis e o Sr. Kadam, o estranho que eu conhecera mais cedo, entraram no prédio.

– *Sedetevi*, meus amigos. Sentem-se. Sentem-se! – disse o Sr. Maurizio com um sorriso radiante. – Este cavalheiro, o Sr. Kadam, fez de mim o mais

feliz dos homens. Ele acabou de fazer uma oferta pelo nosso amado tigre Dhiren.

Houve um arquejo audível no salão enquanto várias pessoas se remexiam em suas cadeiras e murmuravam baixinho entre si.

O Sr. Maurizio prosseguiu:

– Bem, bem... *silenzio*. Shh, *amici miei*. Deixem-me terminar! Ele quer levar nosso tigre de volta para a Índia, para o Parque Nacional Ranthambore, a grande reserva de tigres. O *denaro* do Sr. Kadam vai nos manter por dois anos! O Sr. Davis está *d'accordo* comigo e acredita que o tigre certamente será mais feliz naquele lugar.

Olhei para o Sr. Davis, que assentiu, solene.

– Combinamos que faremos os espetáculos desta semana e então o tigre irá com o Sr. Kadam *con l'aereo*, de avião, para a Índia, ao passo que nós seguiremos para a próxima cidade. Dhiren ficará conosco esta última semana até o grandioso *finale* no sábado! – concluiu o apresentador do circo, com um tapinha nas costas do Sr. Kadam.

Os dois então se viraram e deixaram o prédio.

Imediatamente, as pessoas começaram a circular e conversar. Eu as observava irem de um grupo a outro, como um bando de galinhas na hora da comida, andando e ciscando migalhas de informações e boatos. Falavam num tom animado e davam tapinhas nas costas uns dos outros, murmurando cumprimentos animados pelo fato de os próximos dois anos na estrada já estarem garantidos.

Todos estavam felizes, menos eu. Fiquei lá sentada, segurando o resto do meu *muffin*. Ainda estava boquiaberta e me sentia grudada na cadeira. Depois de me recompor, chamei Matt.

– Como isso afeta o seu pai?

Ele deu de ombros.

– Papai ainda tem os cães e sempre teve interesse em trabalhar com cavalos miniaturas. Agora que o circo tem mais dinheiro, talvez ele consiga

fazer com que o Sr. Maurizio compre uns dois para que ele possa começar a adestrá-los.

Ele se afastou enquanto eu pensava na pergunta: *como isso me afeta?* Eu me sentia... angustiada. Sabia que, de qualquer modo, o trabalho no circo terminaria logo, mas afastara isso da mente. Eu sentiria muita saudade de Ren. Não me dera conta disso até aquele momento. Ainda assim, estava feliz por ele. Suspirei e me recriminei por me envolver tanto emocionalmente.

Apesar de estar feliz pelo meu tigre, também estava triste, sabendo que sentiria falta de visitá-lo e de conversar com ele. Pelo resto do dia me mantive ocupada para não pensar no assunto. Matt e eu trabalhamos a tarde toda e só tive tempo de ver Ren novamente depois do jantar.

Fui direto para minha tenda, peguei a colcha, o diário e um livro, e corri para o galpão. No meu cantinho favorito, sentei-me com as pernas esticadas.

– Oi, Ren. Que boa notícia para você, hein? Vai voltar para a Índia! Espero de verdade que você seja feliz lá. Talvez encontre uma linda namorada tigresa.

Ouvi uma espécie de resmungo vinda da jaula e pensei por um instante.

– Espero que ainda saiba caçar e tudo mais. Bem, acho que o pessoal da reserva vai ficar de olho para que você não deixe de se alimentar.

Ouvi um ruído no galpão e me virei. O Sr. Kadam acabara de entrar. Sentei-me um pouco mais ereta e me senti constrangida por ser flagrada conversando com um tigre.

– Lamento interrompê-la – disse o Sr. Kadam. Seus olhos correram do tigre para mim, ele me estudou com cuidado e então afirmou: – Você parece ter... carinho por este tigre. Estou certo?

Respondi, sem reservas:

– Está. Gosto da companhia dele. Então o senhor percorre circos resgatando tigres? Deve ser um emprego interessante.

Sorrindo, ele explicou:

– Ah, esse não é o meu trabalho principal. Minha verdadeira ocupação é administrar um grande patrimônio. O tigre é um item que desperta o interesse do meu empregador e foi ele quem fez a oferta ao Sr. Maurizio.

Ele encontrou um banquinho e se sentou, equilibrando o corpo alto no banco baixo com uma naturalidade que eu não teria esperado de um homem daquela idade.

– O senhor é da Índia?

– Sou, sim – respondeu ele. – Nasci e fui criado lá. Os principais bens do patrimônio que eu administro também estão lá.

Peguei um canudo e o enrolei em torno do dedo.

– Por que esse proprietário está tão interessado em Ren?

Seus olhos cintilaram quando lançou um olhar rápido ao tigre e depois perguntou:

– Você conhece a história do grande príncipe Dhiren?

Sacudi a cabeça.

– Não.

– O nome do seu tigre, *Dhiren*, na minha língua significa “forte”. – Ele inclinou a cabeça e me olhou, pensativo. – Um príncipe muito famoso tinha o mesmo nome e sua história é bastante interessante.

Sorri.

– O senhor está fugindo da minha pergunta. Mas eu adoro uma boa história. O senhor se lembra dela?

Seus olhos se fixaram em um ponto a distância e ele sorriu.

– Acho que sim.

Sua voz mudou. Perdendo a cadência enérgica, as palavras do Sr. Kadam assumiram um tom suave e musical:

– Há muito tempo havia na Índia um poderoso rei que tinha dois filhos, um dos quais se chamava Dhiren. Os dois irmãos tiveram a melhor educação e o melhor treinamento militar. A mãe deles lhes ensinou a amar a terra e as pessoas que nela viviam. Com frequência ela levava os meninos

para brincar com crianças carentes porque queria que eles soubessem do que o seu povo precisava. Com esse contato também aprenderam a ter humildade e a serem gratos pelos privilégios que possuíam. Seu pai, o rei, ensinou-lhes a governar o reino. Dhiren cresceu e se tornou um bravo e destemido líder militar, assim como um administrador sensato.

Eu mal piscava, de tão interessada naquele relato. Ele continuou:

– O irmão também era muito corajoso, forte e inteligente. Ele amava Dhiren, mas às vezes sentia no coração uma pontada de ciúme, pois, apesar de bem-sucedido em todo o seu treinamento, ele sabia que Dhiren estava destinado a ser o próximo rei. Era natural que se sentisse assim. Dhiren tinha uma notável aptidão para impressionar facilmente as pessoas com sua perspicácia, sua inteligência e sua personalidade. Uma rara combinação de charme e modéstia fazia dele um político eminente. Uma pessoa de contradições, era um grande guerreiro assim como um renomado poeta. Todo o povo amava a família real e tinha a expectativa de muitos anos felizes e de paz sob o reinado de Dhiren.

Fascinada pela história, perguntei:

– O que aconteceu com os irmãos? Eles lutaram entre si pelo trono?

Remexendo-se ligeiramente no banquinho, ele prosseguiu:

– O rei Rajaram, pai de Dhiren, arranjou o casamento entre Dhiren e a filha do governante de um reino vizinho. Os dois reinos tinham vivido em paz por muitos séculos, mas nos últimos anos pequenos conflitos vinham irrompendo nas fronteiras com frequência cada vez maior. Dhiren ficou satisfeito com a aliança não só porque a garota, cujo nome era Yesubai, era muito bonita, mas também porque era sábio o bastante para saber que a união traria paz à sua terra. Eles estavam formalmente noivos quando Dhiren se ausentou para inspecionar tropas em outra parte do reino. Durante sua ausência, seu irmão começou a passar muito tempo na companhia de Yesubai e logo os dois se apaixonaram.

O tigre resfolegou ruidosamente e bateu a cauda no piso de madeira do vagão algumas vezes.

Olhei-o, preocupada, mas ele parecia bem.

– Shh, Ren – eu o repreendi. – Deixe que ele termine de contar a história.

O tigre pousou a cabeça nas patas e ficou nos observando.

O Sr. Kadam retomou a narrativa:

– Ele traiu Dhiren para ter a mulher que amava. Fez um pacto com um homem poderoso e perverso que capturou Dhiren quando ele voltava para casa. Como prisioneiro político, Dhiren foi amarrado a um camelo e arrastado pela cidade do inimigo, onde as pessoas atiravam nele pedras, paus, lixo e cocô de camelo. Ele foi torturado, teve os olhos arrancados, o cabelo raspado e, por fim, seu corpo foi esquartejado e os pedaços foram atirados num rio.

Arquejei.

– Que horror!

Impressionada com a história, eu estava explodindo de tantas perguntas, mas me contive, esperando que ele terminasse. O Sr. Kadam fixou o olhar em meu rosto e prosseguiu, sério:

– Quando seu povo soube o que tinha acontecido, uma grande tristeza se espalhou pelo reino. Alguns dizem que o povo de Dhiren foi até o rio e resgatou pedaços do seu corpo para lhe dar um funeral adequado. Outros dizem que seu corpo nunca foi encontrado.

– Nossa!

– Ao saberem da morte do filho adorado, o rei e a mulher, arrasados pelo sofrimento, entraram em profundo desespero. Não demorou muito para que ambos partissem desta vida. O irmão de Dhiren fugiu, arruinado pela vergonha. Yesubai se matou. O Império Mujulaain foi lançado nas sombras escuras da desordem e do abandono. Com a voz de autoridade da família real silenciada, os militares tomaram o poder. Por fim, o homem perverso que havia matado Dhiren usurpou o trono, mas somente depois de 50 anos de uma guerra terrível.

Quando ele terminou a história, fez-se um profundo silêncio. A cauda de Ren bateu na jaula, o que me arrancou de meus devaneios.

– Uau! – exclamei. – E ele a *amava*?
– De quem você está falando?
– Dhiren amava Yesubai?
– Eu... não sei. Muitos casamentos eram arranjados naquele tempo e o amor muitas vezes não entrava em questão.

– Uma sequência de acontecimentos muito triste – comentei. – Uma grande história, embora um tanto sangrenta. Uma tragédia indiana. Me lembra Shakespeare. Ele teria escrito uma excelente peça baseada nessa história. Então, o Ren recebeu esse nome em homenagem ao príncipe indiano?

O Sr. Kadam ergueu a sobrancelha e sorriu.

– Parece que sim.

Olhei para o tigre e sorri.

– Está vendo, Ren, você é um herói! É um dos mocinhos! – Ren levantou as orelhas e piscou, me observando. – Obrigada por partilhar essa história comigo. Com certeza vou escrever sobre ela no meu diário. Mas nada disso explica o interesse do seu empregador pelos tigres.

Ele pigarreou enquanto me lançava um olhar oblíquo, ganhando tempo. Para alguém tão eloquente, ele se atrapalhou com as palavras seguintes.

– Meu empregador tem uma ligação especial com este tigre branco – disse ele. – Sabe, ele acha que é o culpado pelo aprisionamento do tigre... Não, essa é uma palavra muito dura... pela captura do tigre. Meu empregador se deixou atrair para uma situação que levou à apreensão e à venda do animal. Ele vem seguindo o paradeiro do tigre pelos últimos anos e agora finalmente pode consertar as coisas.

– Muito interessante. Ren foi capturado por culpa *dele*? É muita generosidade ele continuar preocupado dessa forma com o bem-estar de um animal. Por favor, agradeça a esse homem pelo que está fazendo por Ren.

Ele curvou a cabeça em minha direção e então, hesitante, fixou um olhar sombrio em mim e propôs:

– Srta. Kelsey, espero que eu não esteja me antecipando muito, mas preciso de alguém para acompanhar o tigre em sua viagem para a Índia. Não poderei atender a suas necessidades diárias nem seguir com ele por todo o trajeto. Já perguntei ao Sr. Davis se ele poderia acompanhar Dhiren, mas ele precisa ficar aqui com o circo. – Ele se inclinou para a frente no banco, gesticulando com as mãos. – Gostaria de oferecer a *você* essa tarefa. Estaria interessada?

Fiquei olhando para suas mãos por um momento, pensando que um homem como ele deveria ter dedos longos, macios e unhas feitas, mas seus dedos eram grossos, com calos, como os de alguém acostumado ao trabalho duro.

– O tigre já está acostumado à senhorita e posso lhe pagar um bom valor. O Sr. Davis sugeriu seu nome para a tarefa e mencionou que seu emprego temporário aqui está quase chegando ao fim. Se aceitar o trabalho, posso lhe assegurar que meu empregador ficará muito grato por ter alguém capaz de cuidar do tigre melhor do que eu. A viagem inteira deve levar cerca de uma semana, mas fui instruído a pagar por todo o seu verão. Entendo que isso a afastaria de sua casa e retardaria sua procura por outro trabalho, por essa razão será devidamente recompensada.

– O que eu teria que fazer? Vou precisar de um passaporte e de outros documentos? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça na minha direção.

– Posso cuidar de todos os preparativos para a viagem. Nós três pegaríamos um voo até Mumbai, que você talvez ainda conheça como Bombaim. Lá, precisarei ficar na cidade, para tratar de negócios, e você continuaria a acompanhar o tigre no trajeto por terra até a reserva. Vou contratar motoristas e carregadores para ajudá-la na jornada. Sua responsabilidade principal será cuidar de Ren, alimentando-o e dando conforto a ele.

– E depois...?

– A jornada por terra leva de 10 a 12 horas. Ao chegarem à reserva, você ainda fica por lá alguns dias para se assegurar de que ele está se

adaptando bem ao seu novo ambiente e à relativa liberdade. De lá você pega um ônibus até o aeroporto de Jaipur, voa até Mumbai e embarca de volta para casa, tornando sua viagem de volta um pouquinho mais curta.

– Então levaria cerca de uma semana ao todo? – perguntei.

– Você pode escolher voltar para casa imediatamente ou, se preferir, pode tirar alguns dias de férias na Índia e fazer um pouco de turismo antes de voltar. Eu cuidaria de todas as despesas da viagem, assim como de quaisquer outras necessidades suas nesse período.

Pisquei e falei, gaguejando:

– É uma oferta muito generosa. Meu trabalho aqui no circo está mesmo chegando ao fim e eu teria que começar a procurar um novo emprego.

Mordi o lábio e comecei a andar de um lado para outro, murmurando, hesitante, tanto para ele quanto para mim mesma.

– A Índia é muito longe. Nunca saí do país. A ideia é ao mesmo tempo empolgante e assustadora. Posso pensar e decidir depois? Quando o senhor precisa da resposta?

– Quanto mais cedo você confirmar, mais cedo poderei tomar as providências necessárias.

– Está certo. Vou ligar para meus pais adotivos e conversar com o Sr. Davis, para ver o que eles pensam disso, e então lhe darei a resposta.

O Sr. Kadam assentiu e mencionou que o Sr. Maurizio sabia como encontrá-lo quando eu estivesse pronta para informar minha decisão. Também disse que estaria no circo o restante do dia, finalizando a papelada.

Com a cabeça a mil, peguei minhas coisas e voltei para o edifício principal. *Índia? Nunca estive no exterior. E se eu não conseguir me comunicar com ninguém? E se acontecer algo ruim com Ren enquanto ele estiver sob a minha responsabilidade?*

Apesar de todas as dúvidas, uma parte de mim estava considerando seriamente a oferta do Sr. Kadam. Era muito tentador passar um pouco mais de tempo com Ren e, além disso, eu sempre quis conhecer outro país. Poderia desfrutar de miniférias de verão e ainda ser paga por isso. E o Sr.

Kadam não me parecia um daqueles homens assustadores, com más intenções. Na verdade, ele parecia ser de total confiança, quase como um avô.

Encontrei o Sr. Davis ensinando um novo truque aos cães. Ele confirmou que o Sr. Kadam lhe oferecera o mesmo trabalho e que ele ficara tentado a aceitar.

– Acho que seria uma ótima experiência. Você é excelente com animais, especialmente com Ren. Se tem algo a ver com a carreira que pretende seguir, então deveria considerar a oferta. O trabalho causaria boa impressão no currículo.

Agradei a ele e decidi ligar para Sarah e Mike, que quiseram conhecer o Sr. Kadam, verificar suas credenciais e descobrir que tipos de medida de segurança ele planejava tomar. Eles sugeriram improvisar uma festa de aniversário para mim no circo de modo que pudessem comemorar comigo e ao mesmo tempo conhecer o Sr. Kadam.

Depois de pensar por um tempo nos prós e contras, senti o entusiasmo com a viagem desfazer meu nervosismo. *Eu adoraria ir à Índia e ver Ren se adaptar à reserva de tigres. Seria uma oportunidade única.*

Voltei à jaula do tigre e encontrei o Sr. Kadam lá. Ele estava sozinho e parecia estar falando baixinho novamente com o tigre.

Acho que ele gosta de falar com tigres tanto quanto eu.

Ainda na porta, fiz uma pausa.

– Sr. Kadam? Meus pais adotivos gostariam de conhecê-lo e querem que eu o convide para comemorar meu aniversário esta noite. Eles vão trazer bolo e sorvete depois do espetáculo. O senhor pode vir?

O rosto dele se iluminou com um sorriso radiante, maravilhado.

– Que maravilha! Vou adorar ir à sua festa!

– Não fique muito animado. Provavelmente vão trazer sorvete de soja e bolo sem glúten e sem açúcar.

Depois de falar com ele, liguei para minha família para combinar tudo.

Sarah, Mike e as crianças chegaram cedo para assistir ao espetáculo e ficaram totalmente impressionados com o desempenho de Ren. Eles adoraram conhecer a trupe toda. O Sr. Kadam foi educado e gentil e disse a eles que seria impossível realizar sua tarefa sem a minha ajuda.

– Fiquem tranquilos porque estaremos sempre em contato e Kelsey poderá ligar para vocês a qualquer hora – disse ele.

Mais tarde o Sr. Davis deu a sua contribuição:

– Kelsey é mais do que capaz de cumprir a tarefa. É basicamente a mesma coisa que ela vem fazendo no circo nas últimas duas semanas. Além do mais, será uma ótima experiência. Eu mesmo gostaria de ir.

Passamos uma ótima noite e foi divertido ter uma festa no circo. Sarah até trouxe *cupcakes* normais e minha marca favorita de sorvete. Podia não ser um aniversário de 18 anos típico, mas eu me sentia feliz de estar com minha família adotiva, meus novos amigos e meu pote de sorvete de chocolate.

Após a festa, Sarah e Mike me puxaram de lado e me lembraram de manter contato frequente durante a estadia na Índia. Eles podiam ver em meu rosto que eu estava determinada a ir e imediatamente sentiram confiança no Sr. Kadam. Eu os abracei, entusiasmada, e fui contar as boas-novas a ele.

O Sr. Kadam abriu um sorriso feliz e disse:

– Bem, Srta. Kelsey, vou precisar de mais ou menos uma semana para providenciar o transporte. Também vou pegar uma cópia da sua certidão de nascimento e providenciar documentos de viagem tanto para o tigre quanto para você. Meu plano é partir amanhã de manhã e voltar assim que tiver os documentos necessários.

Mais tarde, quando se preparava para ir embora, o Sr. Kadam aproximou-se para apertar minha mão e a segurou por um minuto, dizendo:

– Muito obrigado por sua ajuda. Você me tranquilizou e deu esperança a um velho desiludido e pessimista.

Passada a agitação do dia, fui visitar Ren.

– Aqui. Roubei um *cupcake*. Provavelmente não faz parte da sua dieta de tigre, mas você também merece comemorar, não é?

Ele pegou delicadamente o *cupcake* da minha mão estendida, engoliu-o de uma só vez e então começou a lamber o glacê dos meus dedos. Eu ri e fui lavar a mão.

– Do que será que o Sr. Kadam estava falando? Tranquilizá-lo? Ele é um pouco dramático, você não acha?

Bocejei e cocei atrás de sua orelha, sorrindo quando ele apoiou a cabeça na palma de minha mão.

– Bom, estou com sono. Vou para a cama. Vamos fazer uma viagem divertida juntos, hein?

Reprimindo outro bocejo, verifiquei se ele tinha água suficiente, então apaguei as luzes, fechei a porta e fui me deitar.

Na manhã seguinte, acordei cedo para ir ver o tigre. Entrei no galpão e me dirigi à jaula, mas encontrei a porta aberta. Ele não estava lá!

– Ren? Onde você está?

Ouvi um ruído atrás de mim, me virei e deparei com ele deitado em uma pilha de feno *fora* da jaula.

– Ren! Como você conseguiu sair? O Sr. Davis vai me matar! Tenho certeza de que tranquei a porta da jaula ontem à noite!

O tigre se levantou e se sacudiu, tirando a maior parte do feno de seu pelo, e caminhou preguiçosamente até mim. Foi só então que me dei conta de que estava sozinha em um galpão com um tigre solto. Fiquei em pânico, mas era tarde demais para voltar e sair do galpão. O Sr. Davis me ensinara a nunca desviar os olhos de grandes felinos, assim ergui o queixo, pus as mãos nos quadris e ordenei que ele voltasse para a jaula. O estranho foi que ele pareceu compreender o que eu queria dele. Ren passou por mim, esfregando a lateral do corpo em minha perna, e... obedeceu! Seguiu lentamente para a rampa, agitando a cauda de um lado para outro enquanto me olhava, subiu e passou pela porta em dois grandes saltos.

Corri para fechar a porta e, com ela finalmente trancada, deixei escapar um grande suspiro. Depois de providenciar sua água e sua comida do dia, saí à procura do Sr. Davis para contar o que acontecera.

O Sr. Davis recebeu bem a notícia, considerando que um tigre ficara solto. Ficou surpreso por eu ter me preocupado mais com a segurança de Ren do que com a minha. Ele me assegurou de que eu agira certo e ficou impressionado com a calma com que eu tinha enfrentado a situação. Eu lhe disse que tomaria mais cuidado e que me certificaria de que a jaula ficasse sempre adequadamente trancada. Mas eu tinha certeza de que não a deixara destrancada.

A semana seguinte passou voando. O Sr. Kadam só reapareceu na noite da última apresentação de Ren. Ele se aproximou e perguntou se podia falar comigo depois do jantar.

– Claro. Posso me sentar com o senhor para a sobremesa – repliquei.

A atmosfera era de festa. Quando vi o Sr. Kadam entrar no prédio, peguei papel, lápis e dois potinhos de sorvete e me sentei de frente para ele.

Ele começou espalhando vários formulários e documentos para que eu assinasse.

– Vamos levar o tigre de caminhão daqui até o aeroporto de Portland. De lá, embarcaremos num avião de carga, que nos levará até Nova York, cruzará o oceano Atlântico e continuará até Mumbai. Quando chegarmos lá, deixarei Ren em suas mãos competentes por alguns dias enquanto resolvo negócios na cidade.

– Tudo bem.

– Um caminhão estará nos aguardando no aeroporto de Mumbai. Você e eu supervisionaremos os homens que transportarão Ren do avião até o caminhão. Um motorista levará vocês dois até a reserva. Providências também foram tomadas para que você fique lá por alguns dias. Então, você poderá se preparar para a volta quando achar melhor. Eu fornecerei todo o dinheiro necessário para a viagem, mais do que o suficiente para qualquer emergência.

Fui anotando freneticamente, tentando registrar todas as suas instruções.

– O Sr. Davis vai ajudar a preparar Ren e também vai colocá-lo no caminhão amanhã de manhã. Sugiro que você prepare uma mala com todos os pertences pessoais que queira levar. Vou dormir aqui esta noite, portanto você pode usar meu carro alugado e ir até sua casa pegar suas coisas, desde que esteja de volta amanhã bem cedo. Alguma pergunta?

– Bem, tenho mais ou menos um bilhão delas, mas a maior parte pode esperar até amanhã. Acho que é melhor eu ir para casa fazer a mala.

Ele sorriu afetuosamente e pôs as chaves do carro na minha mão.

– Obrigado mais uma vez, Srta. Kelsey. Estou ansioso por nossa viagem. Até amanhã.

Sorri de volta e me despedi. Voltei à tenda para pegar minhas coisas e falei brevemente com Matt, Cathleen, o Sr. Davis e o Sr. Maurizio. Eu havia passado pouco tempo no circo, mas me afeiçoara a todos.

Depois de lhes desejar boa sorte e me despedir, passei na jaula de Ren para dizer boa-noite. Ele já estava dormindo, então o deixei e segui para o estacionamento.

Só havia um carro estacionado – um lindo conversível prata. Olhei para o chaveiro e li “Bentley GTC Conversível”.

Minha nossa! Só pode ser brincadeira. Este carro deve valer uma fortuna! O Sr. Kadam confia mesmo em mim.

Aproximei-me do carro timidamente e apertei na chave o botão de destravar as portas. Os faróis piscaram para mim. Abri a porta, me sentei na poltrona de couro macio e corri a mão sobre a costura elegante e bem-acabada. O painel parecia ultramoderno. Era o carro mais luxuoso que eu já vira.

Liguei o motor e dei um pulo quando ele rugiu, ganhando vida. Mesmo eu, que não tinha o menor conhecimento sobre veículos, podia ver que aquele carro era rápido. Suspirei de prazer quando percebi que ele também

incluía assentos massageadores aquecidos. Cheguei em casa em poucos minutos, decepcionada por morar tão perto do circo.

Mike insistiu que um Bentley devia ser estacionado na garagem. Colocou, ansioso, seu velho sedã na rua, estacionando-o perto das latas de lixo. O pobre carro foi despachado como um gato velho enquanto o gatinho novo ganhava uma almofada macia na cama.

Mike acabou passando várias horas na garagem naquela noite, paparicando e acariciando o conversível. Eu, por outro lado, passei a noite tentando descobrir o que levar para a Índia. Pus umas peças de roupa na máquina de lavar, arrumei uma bolsa grande e passei algum tempo com minha família adotiva. As duas crianças, Rebecca e Sammy, queriam saber tudo sobre as minhas duas semanas no circo. Também falamos sobre as coisas incríveis que eu iria ver e fazer na Índia.

Eram boas pessoas, uma boa família, e se preocupavam comigo. Dizer adeus foi difícil, embora fosse apenas temporário. Legalmente, eu era adulta, mas ainda me sentia nervosa diante da perspectiva de ir sozinha para tão longe. Abracei e beijei as crianças. Mike apertou minha mão todo formal e me deu um meio abraço por um longo minuto. Então me virei para Sarah, que me puxou para um abraço apertado. Ficamos as duas com lágrimas nos olhos, mas ela me assegurou de que estariam a apenas um telefonema de distância.

Naquela noite, mergulhei rapidamente em um sono profundo e sonhei com um belo príncipe indiano que tinha um tigre de estimação.



O avião

Na manhã seguinte, acordei cheia de energia, sentindo-me otimista e empolgada com a viagem. Depois de um banho e de um rápido café da manhã, peguei minha bolsa, abracei Sarah novamente, pois ela era a única acordada, e corri para a garagem.

Entrei no estacionamento do circo e parei ao lado de um caminhão de tamanho médio. O veículo tinha um grosso para-brisa, rodas muito grandes e portas minúsculas. Atrás da cabine havia uma carroceria aberta, na qual se via uma estrutura quadrada de aço com um cortinado de lona cinza.

A rampa estava abaixada na traseira: o Sr. Davis colocava Ren na jaula. Ren usava uma coleira grossa no pescoço, firmemente presa a uma longa corrente que tanto o Sr. Davis quanto Matt seguravam com força. O tigre parecia muito calmo, apesar do caos que se desenrolava à sua volta. Ele me olhava, esperando paciente enquanto os homens preparavam o caminhão. Por fim, tudo ficou pronto e, a um comando do Sr. Davis, Ren saltou para a caixa de metal.

O Sr. Kadam pegou minha bolsa e passou a alça pelo ombro.

– Srta. Kelsey, prefere ir no caminhão com o motorista ou me acompanhar no conversível? – perguntou ele.

Olhei para o caminhão de rodas enormes e rapidamente tomei minha decisão.

– Prefiro acompanhar o senhor. Eu jamais trocaria um conversível por um caminhão desses.

Ele riu, concordando, antes de guardar minha bolsa no porta-malas do Bentley. Sabendo que era hora de ir, acenei para o Sr. Davis e para Matt, entrei novamente no conversível e afivelei o cinto de segurança. Antes que eu me desse conta, seguíamos pela rodovia interestadual atrás do caminhão.

Era difícil conversar por causa do vento, então eu simplesmente reclinei a cabeça para trás, apoiando-a no couro macio, e fiquei admirando a paisagem. Na verdade, seguíamos devagar – a 90 quilômetros por hora, cerca de 15 quilômetros abaixo do limite de velocidade daquela estrada. Passantes curiosos desaceleravam para olhar nosso pequeno comboio. O trânsito foi se tornando mais pesado perto de Wilsonville, onde alcançamos os carros que haviam nos ultrapassado mais cedo.

O aeroporto ficava uns 30 quilômetros adiante, numa pequena estrada que saía da interestadual como a alça de uma xícara. O caminhão à nossa frente entrou na rua do aeroporto e então parou em uma rua lateral, atrás de uns hangares enormes. Vários aviões de carga estavam enfileirados ali, sendo carregados. O Sr. Kadam abriu caminho entre as pessoas e os equipamentos até alcançar um avião particular, em cuja lateral se lia Linhas Aéreas Tigre Voador, exibindo a imagem de um tigre correndo.

Virei-me para o Sr. Kadam, apontei com a cabeça para o avião e disse:

– Tigre Voador, hein?

Ele sorriu.

– É uma longa história, Srta. Kelsey, que vou lhe contar no avião.

Tirando minha bolsa do porta-malas, ele entregou as chaves a um homem ali perto que imediatamente entrou no carro e o levou dali.

Nós dois ficamos observando enquanto vários trabalhadores corpulentos erguiam a caixa do tigre com uma empilhadeira motorizada e habilmente o transferiam para a jaula ampla e apropriada do avião.

Satisfeitos ao ver o tigre confortavelmente em segurança, subimos pela escada retrátil da aeronave e entramos.

Fiquei impressionada com a opulência do interior. O avião era decorado em preto, branco e prateado, o que o fazia parecer muito moderno. As poltronas de couro preto pareciam bastante aconchegantes, bem diferentes dos assentos de aviões comerciais, e reclinavam completamente!

Uma comissária de bordo muito bonita, com cabelos pretos e longos, nos apontou os lugares e se apresentou:

– Meu nome é Nilima. Por favor, sente-se, Srta. Kelsey – disse ela, com um sotaque parecido com o do Sr. Kadam.

– Você também é indiana?

Nilima assentiu e sorriu para mim enquanto afofava um travesseiro atrás da minha cabeça. Em seguida, ela me trouxe um cobertor e várias revistas. O Sr. Kadam ocupou a espaçosa poltrona diante da minha. Ele afivelou logo o cinto de segurança, dispensando o travesseiro e o cobertor.

Eu viajara de avião umas poucas vezes antes, de férias com minha família. Durante o voo propriamente dito, em geral eu ficava bastante tranquila, mas decolagens e aterrissagens me deixavam tensa e ansiosa. O som das turbinas era o que mais me incomodava – o rugido ameaçador quando ganhavam vida – e a sensação de ser empurrada contra a cadeira enquanto o avião se descolava do chão sempre me deixava enjoada. As aterrissagens não eram mais divertidas, mas em geral eu estava tão ansiosa para saltar do avião que esse momento passava rapidinho.

O luxo do avião e do belo conversível me fizeram refletir sobre o empregador do Sr. Kadam. Deve ser alguém *muito* rico e poderoso na Índia. Tentei pensar em quem poderia ser, mas não consegui formular nenhum palpite.

Talvez seja um daqueles atores de Bollywood. Quanto dinheiro será que eles ganham? Não, não pode ser isso. O Sr. Kadam trabalha para ele há muito tempo, então o homem deve ser velho.

O avião ganhara velocidade e decolara enquanto eu ponderava sobre o misterioso empregador do Sr. Kadam. E eu nem percebera! Olhei pela janela e observei o rio Colúmbia ir ficando cada vez menor até atravessarmos a camada de nuvens e eu não conseguir mais ver terra firme.

Cerca de uma hora e meia depois, já tendo lido uma revista inteira e terminado o *sudoku* e as palavras cruzadas das últimas páginas, deixei de lado a revista e olhei para o Sr. Kadam. Eu não queria incomodá-lo, mas tinha toneladas de perguntas.

Pigarreei. Ele respondeu sorrindo para mim acima da revista de atualidades. Naturalmente, a primeira coisa que me saiu pela boca foi a pergunta que menos me interessava.

– Então, Sr. Kadam, me fale sobre as Linhas Aéreas Tigre Voador.

Ele fechou a revista antes de pousá-la na mesa.

– Humm... por onde começar? Meu empregador era o proprietário e eu o administrador de uma empresa de carga aérea chamada Linhas Aéreas de Fretamento e Carga Tigre Voador, ou, encurtando, Linhas Aéreas Tigre Voador. Era a maior empresa de *charter* transatlântico nas décadas de 1940 e 1950. Voávamos para quase todos os continentes do mundo.

– De onde veio o nome Tigre Voador?

Ele mudou ligeiramente de posição na cadeira.

– Além de possuir certa afeição por tigres, meu empregador achava interessante o fato de que alguns dos primeiros pilotos haviam conduzido aviões “tigres” durante a Segunda Guerra Mundial. Talvez você se lembre de que eram pintados como tubarões-tigres a fim de parecerem ferozes na batalha. Mas, no fim da década de 1980, meu empregador resolveu vender a empresa. E manteve só um avião, este, para uso pessoal.

– Qual é o nome do seu empregador? Eu vou conhecê-lo?

Seus olhos brilharam.

– Com toda a certeza. Ele se apresentará quando você pousar na Índia. E vai gostar de conversar com você. – Ele desviou o olhar para os fundos do

avião por um momento. Sorrindo com uma expressão encorajadora, ele olhou para mim e acrescentou: – Mais perguntas?

– Então o senhor é uma espécie de vice-presidente para ele?

O cavalheiro indiano achou graça.

– Digamos que ele é um homem muito rico que confia totalmente em mim para cuidar de seus assuntos profissionais.

– Ah, então o senhor é o Sr. Smithers e ele é o Sr. Burns.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não entendi.

Corei e agitei a mão no ar.

– Deixe para lá. São personagens dos *Simpsons*. Provavelmente o senhor nunca viu a série.

– Infelizmente não, Srta. Kelsey.

O Sr. Kadam parecia ligeiramente desconfortável ou nervoso quando falava sobre seu patrão, mas gostava de falar de aviões, então eu o incentivei a continuar. Mudando de posição na cadeira, tirei os sapatos, cruzei as pernas e perguntei:

– Que tipo de carga vocês transportavam?

Ele relaxou visivelmente.

– Ao longo dos anos, a empresa transportou uma coleção e tanto de cargas interessantes. Por exemplo, ganhamos o contrato para carregar a famosa baleia assassina do Aquatic World, assim como a tocha da Estátua da Liberdade. Na maior parte do tempo, porém, a carga era bastante comum. Levamos coisas como enlatados, produtos têxteis e embalagens. Uma variedade e tanto, de fato.

– Como é que se coloca uma baleia em um avião?

– Uma nadadeira de cada vez, Srta. Kelsey. Uma nadadeira de cada vez.

O rosto do Sr. Kadam continuou sério. Eu ri com vontade. Enxugando uma lágrima no canto do olho, indaguei:

– Então o senhor administrava a empresa?

– Sim. Passei muito tempo desenvolvendo as Linhas Aéreas Tigre Voador. Gosto muito de aviação. – Ele fez um gesto, indicando a aeronave. – Estamos voando aqui no chamado MD-11, um McDonnell Douglas. Trata-se de um modelo de grande autonomia, o que é necessário quando se cruza o oceano. O interior é espaçoso e confortável, como deve ter notado. Ele tem duas turbinas sob as asas e uma terceira atrás, na base do estabilizador vertical.

– Humm, parece... poderoso.

Ele se inclinou um pouco para a frente e falou, entusiasmado:

– Embora este avião seja de um modelo mais antigo, ainda proporciona uma viagem muito rápida.

Ele havia se empolgado muito durante sua exposição técnica. A única coisa que gravei de todas aquelas explicações é que aquele era um avião muito bom e que aparentemente tinha três turbinas.

Ele deve ter percebido que eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando, pois olhou para o meu rosto perplexo e deu uma risadinha.

– Talvez devêssemos falar sobre outro assunto. Quer conhecer alguns mitos da minha terra sobre os tigres?

Assenti com empolgação, incentivando-o a continuar. Joguei minhas pernas para o lado, sobre a poltrona. Então puxei o cobertor até o queixo e me recostei no travesseiro.

A entonação do Sr. Kadam mudou quando ele entrou no modo de contador de histórias. Seu sotaque indiano ficou mais pronunciado; as palavras, mais melódicas. Eu gostava de ouvir a cadência de sua voz.

– O tigre é considerado o grande protetor da selva. Vários mitos indianos atribuem grandes poderes ao animal. Ele combate bravamente imensos dragões, mas também ajuda camponeses. Uma de suas tarefas é deslocar nuvens de chuva com a cauda, pondo fim à seca que aflige aldeões humildes.

– Gosto muito de mitologia. As pessoas na Índia ainda acreditam nesses mitos sobre tigres?

– Sim, principalmente nas zonas rurais. Mas em todas as partes do país você vai encontrar quem acredite, mesmo entre aqueles que se consideram parte do mundo moderno. Você sabia que alguns afirmam que o ronronar de um tigre acaba com os pesadelos?

– O Sr. Davis disse que os tigres não ronronam. Ele contou que grandes felinos que rosnam e rugem não podem ronronar, mas eu juro que às vezes Ren ronrona.

– Ah, você está certa. A ciência moderna diz que o tigre não pode produzir o som que identificamos como ronronar. Vários dos grandes felinos emitem um som vibrante, mas não é exatamente a mesma coisa que o ronronar de um gato doméstico. Ainda assim, existem alguns mitos indianos que falam do ronronar do tigre. Diz-se também que o corpo de um tigre tem propriedades curativas únicas. Este é um dos motivos por que regularmente são caçados e mortos, e seus corpos, mutilados ou vendidos em partes.

Ele inclinou-se para trás na poltrona, relaxando.

– No islamismo, acredita-se que Alá irá enviar um tigre para defender e proteger aqueles que o seguirem fielmente, mas também enviará um tigre para punir aqueles que considera traidores.

– Acho que se eu fosse muçulmana fugiria de tigres, só por garantia.

Ele riu.

– Sim, muito sábio da sua parte. Confesso que absorvi parte do fascínio que meu empregador tem por tigres e estudei numerosos textos sobre a mitologia dos tigres indianos, em particular.

Ele deixou a voz morrer por um momento, perdido em pensamentos, os olhos vidrados. O dedo indicador esfregava um ponto na gola aberta e percebi que ele usava um pequeno pingente em forma de cunha numa corrente que estava parcialmente escondida sob a camisa.

Quando sua atenção se voltou outra vez para mim, ele baixou a mão para o colo e prosseguiu:

– Os tigres também são um símbolo de poder e imortalidade. Diz-se que podem derrotar o mal por vários meios. São chamados doadores de vida, sentinelas, guardiões e defensores.

Estiquei as pernas e acomodei melhor a cabeça no travesseiro.

– Existe algum tipo de lenda com tigres do tipo “donzela em perigo”?

Ele pensou um pouco.

– Ah, sim. Na verdade, uma das minhas histórias favoritas é sobre um tigre branco que cria asas e salva a princesa que o ama de um destino cruel. Levando-a nas costas, eles abrem mão de suas formas corpóreas e se tornam uma única risca branca subindo para o céu, finalmente juntando-se às estrelas da Via Láctea. Juntos, eles passam a eternidade vigiando e protegendo as pessoas na Terra.

Bocejei, sonolenta.

– Isso é muito bonito. Acho que é a minha preferida também.

Sua voz suave e melódica havia me relaxado. Apesar de meus esforços para ficar acordada e ouvir, eu estava caindo no sono.

Ele continuou, sem se abalar:

– Em Nagaland, o povo acredita que tigres e homens são irmãos. De acordo com uma lenda, a Mãe Terra era a mãe do tigre e também do homem. Houve um tempo em que os dois irmãos eram felizes, amavam um ao outro e viviam em harmonia. Mas surgiu uma hostilidade entre eles por causa de uma mulher, e Irmão Tigre e Irmão Homem se enfrentaram com tamanha violência que a Mãe Terra não pôde mais tolerar aquela discórdia e teve que mandar os dois para longe.

– Está explicado – brinquei.

O Sr. Kadam sorriu e continuou:

– Irmão Tigre e Irmão Homem deixaram a casa da Mãe Terra e emergiram de uma passagem escura e muito profunda, saindo no interior da terra, no que diziam ser uma toca de pangolim. Vivendo juntos dentro da terra, os dois irmãos ainda lutavam todos os dias, até que por fim decidiram que seria melhor viverem separados. Irmão Tigre foi para o sul caçar na

selva e Irmão Homem foi para o norte, cultivar o solo no vale. Se ficassem longe um do outro, então ambos estariam felizes. Mas, se um ultrapassasse os limites do território do outro, a luta recomeçava. Muito tempo depois, a lenda permanece viva. Se os descendentes do Irmão Homem deixam a selva em paz, Irmão Tigre também nos deixa em paz. Ainda assim, o tigre é nosso parente e dizem que, se você fixar os olhos de um tigre por bastante tempo, poderá reconhecer um espírito semelhante.

Minhas pálpebras se fechavam contra a minha vontade. Eu queria perguntar o que era um pangolim, mas minha boca não se movia e minhas pálpebras pesavam muito. Fiz um último esforço de permanecer desperta mudando de posição na cadeira, forçando os olhos a se abrirem.

O Sr. Kadam me olhava, pensativo.

– Um tigre branco é uma espécie muito especial. Ele é irremediavelmente atraído para uma pessoa, uma mulher, que tem grande apego às próprias convicções. Essa mulher terá grande força interior, a sabedoria para discernir o bem do mal e o poder para superar muitos obstáculos. Ela, que é chamada a caminhar com tigres...

Mergulhei no sono.

Quando acordei, a poltrona diante da minha estava vazia. Eu me aprumei e olhei à volta, mas não vi o Sr. Kadam em parte alguma. Desafivelei o cinto de segurança e saí à procura do banheiro.

Abrindo uma porta de correr, entrei em um banheiro surpreendentemente grande, em nada semelhante aos minúsculos banheiros de um avião comum. As luzes eram embutidas nas paredes e iluminavam suavemente os itens especiais do ambiente. Era decorado em tons de cobre, creme e ferrugem, que me agradavam mais do que o aspecto moderno e austero da cabine do avião.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o chuveiro. Abri a porta de vidro para espiar lá dentro. Os belos azulejos ferrugem e creme eram dispostos em um lindo padrão. Havia *dispensers* com xampu, condicionador

e sabonete líquido. Um simples aperto ligava e desligava a ducha de cobre. Um grosso tapete creme cobria o belo piso de ladrilhos.

De um lado, viam-se dois nichos verticais engastados na parede, repletos de macias toalhas brancas, penduradas em um suporte de cobre. Outro amplo compartimento exibia um roupão macio e sedoso, totalmente forrado, que parecia de caxemira. Logo abaixo dele, outro pequeno nicho guardava um par de pantufas de caxemira.

Uma pia funda, no formato de um retângulo estreito, tinha uma torneira de cobre e, de um lado, um *dispenser* com sabonete líquido, do outro, um com hidratante de lavanda.

Saí do banheiro e fui para minha poltrona confortável. O Sr. Kadam havia voltado e Nilima, a comissária de bordo, nos serviu um almoço com um aroma delicioso. Ela havia armado uma mesa entre nós e disposto dois pratos.

Nilima ergueu as tampas sobre nossos pratos e anunciou:

– Hoje o almoço é linguado com crosta de avelã, aspargos na manteiga, purê de batata com alho e torta de limão para sobremesa. O que gostariam de beber?

– Água com limão – respondi.

– O mesmo para mim – disse o Sr. Kadam.

Desfrutamos o almoço juntos. O Sr. Kadam me fez muitas perguntas sobre o Oregon. Ele parecia ter uma sede insaciável de aprender fatos novos e me perguntou sobre tudo, de esportes e política (assuntos que não domino) à flora e à fauna do estado.

Conversamos sobre o ensino médio, minha experiência no circo e minha cidade natal: as migrações de salmões, as fazendas de árvores de Natal, os mercados de produtores e os arbustos de amora que, de tão comuns, eram considerados erva daninha. Era fácil conversar com ele, pois era um bom ouvinte e me deixava à vontade. O pensamento de que ele seria um avô maravilhoso cruzou a minha mente. Não tive a chance de conhecer

nenhum dos meus. Eles morreram antes de eu nascer, assim como minha outra avó.

Depois de terminarmos o almoço, Nilima voltou para tirar os pratos e eu a observei recolher a mesa. Quando ela apertou um botão, um motorzinho soou. A mesa retangular sem pernas inclinou-se para cima até se nivelar com a parede e então deslizou, embutindo-se no revestimento da parede. Nilima nos instruiu a afivelar os cintos pois logo chegaríamos a Nova York.

A descida foi tão suave quanto a decolagem. Enquanto reabastecíamos para a viagem até Mumbai, fui ver Ren.

Depois de me certificar de que ele tinha comida e bebida suficientes, sentei-me no chão perto de sua jaula. Ele se aproximou e deixou-se cair bem ao meu lado. Suas costas estavam estiradas ao longo do comprimento da jaula, com o pelo listrado projetando-se pelas grades e fazendo cócegas em minhas pernas, e sua cabeça estava perto da minha mão.

Ri para ele, inclinei-me para acariciar o pelo de suas costas e recontei algumas das lendas de tigres que ouvira do Sr. Kadam. Sua cauda ficava chicoteando de um lado para outro, saindo e entrando pelas grades da jaula.

O tempo passou depressa e o avião logo estava pronto para decolar novamente. O Sr. Kadam já afivelava o cinto. Dei tapinhas no dorso de Ren e voltei para minha poltrona também.

Decolamos e o Sr. Kadam me advertiu de que esse seria um voo longo, de cerca de 16 horas, e que perderíamos um dia no calendário. Depois de atingirmos a altitude de cruzeiro, ele sugeriu que eu assistisse a um filme. Nilima me entregou uma lista de todos os filmes disponíveis e escolhi o mais longo deles: *...E o vento levou*.

Ela se dirigiu à área do bar, pressionou um botão na parede e uma grande tela branca deslizou, saindo da lateral do bar. Minha poltrona girou com facilidade, ficando de frente para a tela, e até reclinou-se, oferecendo um descanso para os pés. Então me acomodei e passei algumas horas na companhia de Scarlett e Rhett.

Quando finalmente cheguei ao “Afinal, amanhã será outro dia”, fiquei de pé e me espreguicei. Olhei pela janela e descobri que já estava escuro. Eu tinha a sensação de que eram apenas cinco da tarde, mas calculei que deviam ser umas nove da noite no fuso horário em que nos encontrávamos.

Nilima surgiu, apressada, retornou a tela de cinema à posição anterior e então começou a pôr a mesa novamente.

– Muito obrigada por essas refeições deliciosas e pelo serviço maravilhoso – agradei a ela.

– Isso mesmo. Obrigado, Nilima – disse o Sr. Kadam, piscando para ela, que inclinou a cabeça ligeiramente e saiu.

Mais uma vez partilhei um agradável jantar com o Sr. Kadam. Dessa vez conversamos sobre o seu país. Ele me contou muitos fatos interessantes e descreveu lugares fascinantes na Índia. Imaginei se teria tempo de conhecer tantas atrações. Ele falou de antigos guerreiros, poderosas fortalezas, invasores asiáticos e batalhas horríveis. Enquanto ele falava, eu tinha a sensação de que estava vendo e presenciando tudo aquilo.

Nilima nos serviu peito de frango recheado com abobrinha grelhada e uma salada. Eu me sentia bem comendo mais legumes e verduras, até que ela trouxe *petits gateaux* de sobremesa.

Suspirei.

– Por que tudo que faz mal é sempre tão gostoso?

O Sr. Kadam riu.

– Você se sentiria melhor se dividíssemos um?

– Com certeza.

Cortei meu *petit gâteau* ao meio e passei a sua parte para um prato limpo.

Lambi a calda quente e espessa da colher. *Que vida boa. Muito boa. Eu poderia me acostumar a isso.*

Nas horas que se seguiram conversamos sobre nossos livros favoritos. Ele gostava de clássicos, como eu, e nos divertimos muito revisitando

personagens memoráveis: Hamlet, Capitão Ahab, Dr. Frankenstein, Robinson Crusoé, Jean Valjean, Iago, Hester Prynne e o Sr. Darcy. Ele também me apresentou a alguns personagens indianos que pareciam interessantes, como Arjuna e Shakuntala, ou ainda Gengi, da literatura japonesa.

Reprimindo um bocejo, me levantei para dar outra olhada em Ren. Estendi a mão por entre as grades para acariciar-lhe a cabeça e coçar atrás de sua orelha.

O Sr. Kadam me observava e disse:

– Srta. Kelsey, não tem medo deste tigre? Não acha que ele possa machucá-la?

– Eu acho que ele *pode* me machucar, mas sei que *não vai* fazer isso. É difícil explicar, mas eu me sinto em segurança com ele, quase como se fosse um amigo e não um animal selvagem.

O Sr. Kadam não pareceu alarmado, apenas curioso. Ele falou baixinho com Nilima por um momento.

Ela se aproximou de mim e perguntou:

– Está pronta para dormir um pouco, senhorita?

Assenti e ela me mostrou onde minha bolsa havia sido guardada. Eu a apanhei e segui para o banheiro. Não fiquei lá muito tempo, mas nesse meio-tempo ela havia se ocupado bastante.

Agora havia uma cortina dividindo a cabine e ela armara um sofá-cama que se transformou em um leito confortável com lençóis de cetim e travesseiros altos e macios. O avião estava escuro e ela me disse que o Sr. Kadam estaria do outro lado da cortina se eu precisasse de alguma coisa.

Fui dar uma rápida olhada na jaula do tigre. Ele me olhava, sonolento, a cabeça apoiada nas patas.

– Boa noite, Ren. Vejo você na Índia, amanhã.

Cansada demais para ler, enfiei-me debaixo das cobertas macias e sedosas, e me deixei ninar pelo zumbido das turbinas.

O cheiro de bacon me despertou. Espiei pelo canto e vi o Sr. Kadam sentado, lendo o jornal, com um copo de suco de maçã na mesa diante dele. Seu cabelo estava levemente molhado e ele já estava vestido para o dia.

– É melhor se aprontar, Srta. Kelsey. Chegaremos logo.

Peguei minha bolsa e segui para o luxuoso banheiro. Tomei um banho rápido, lavando os cabelos com o delicioso xampu com cheiro de rosas. Quando terminei, enrolei o cabelo com a toalha grossa e vesti o roupão de caxemira. Soltei um profundo suspiro e me deixei desfrutar do tecido macio por um momento enquanto decidia o que vestir. Escolhi uma blusa vermelha e calça jeans e escovei o cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo amarrado com uma fita vermelha. Voltando apressada até o Sr. Kadam, afundei na poltrona de couro enquanto Nilima me trazia um prato de ovos, bacon e torradas.

Comi os ovos, belisquei uma torrada e bebi um pouco de suco de laranja, mas resolvi guardar o bacon para Ren. Enquanto Nilima desfazia a cama e a mesa do café da manhã, fui até a jaula com o petisco. Querendo tentá-lo, estendi um pedaço pela grade. Ele se aproximou, mordeu a extremidade da tira de bacon muito delicadamente, puxou-a da minha mão e então a engoliu de uma só vez.

– Nossa, Ren, você precisa mastigar. Espere aí, os tigres mastigam? Bem, pelo menos coma mais devagar.

Estendi os outros três pedaços, um por um. Ele engoliu os três e enfiou a língua pelas grades para lambar meus dedos.

Ri em silêncio e fui lavar as mãos. Então recolhi todos os meus pertences e guardei a bolsa no compartimento acima da cabeça. Eu acabara de fazer isso quando o Sr. Kadam se aproximou, apontou para a janela e disse:

– Srta. Kelsey, bem-vinda à Índia.



Mumbai

Enquanto sobrevoávamos o oceano, olhei pela janela em direção à cidade. Acho que eu não esperava ver uma cidade moderna e fiquei perplexa com as centenas de edifícios altos, brancos e uniformes que se espalhavam diante de mim. Enquanto descrevíamos um círculo sobre o amplo aeroporto em forma de meia-lua, o trem de pouso foi baixado.

A aeronave balançou duas vezes e se estabilizou na pista. Girei na cadeira para ver como Ren estava. Ele se encontrava de pé, em expectativa, mas, afora isso, parecia bem. Senti uma onda de energia enquanto taxiávamos pela pista até pararmos.

– Srta. Kelsey, está pronta para desembarcar? – perguntou o Sr. Kadam.

– Estou. Vou só pegar a bolsa.

Passei-a pelo ombro, saí do avião e desci rapidamente os degraus até o solo. Inspirando o ar abafado e úmido, fiquei surpresa ao ver um céu cinzento.

– Sr. Kadam, o tempo não costuma ser quente e ensolarado na Índia?

– É a estação chuvosa. Quase nunca faz frio aqui, mas temos chuvas em julho e agosto e, ocasionalmente, um ciclone.

Entreguei-lhe minha bolsa e me afastei para observar alguns homens tentando deslocar Ren. A operação era muito diferente da que ocorrera nos Estados Unidos. Dois homens prenderam longas correntes em sua coleira, enquanto outro fixava uma rampa na carroceria de um caminhão. Eles conseguiram tirar com facilidade o tigre do avião, mas de repente o sujeito mais próximo de Ren puxou a corrente forte demais. O tigre reagiu depressa. Rugiu, furioso, e, indolente, golpeou o homem com a pata.

Eu sabia que era perigoso me aproximar, mas alguma coisa me fez avançar. Pensando apenas no bem-estar de Ren, fui até o homem assustado, peguei a corrente da sua mão e fiz sinal para que recuasse. Ele pareceu agradecido por ser liberado daquela responsabilidade. Falei algumas palavras tranquilizadoras para o tigre, dei tapinhas em suas costas e o encorajei a ir comigo até o caminhão.

Ele respondeu imediatamente e andou ao meu lado, dócil como um cordeiro, arrastando as pesadas correntes pelo chão. Na rampa, ele parou e esfregou o corpo em minha perna. Então pulou para o caminhão, virou-se, ficando de frente para mim, e lambeu meu braço.

Acaricieei-lhe o ombro, murmurando com suavidade e acalmando-o enquanto minha mão deslizava em sua coleira e soltava as pesadas correntes. Ren olhou para os homens que ainda estavam paralisados no mesmo lugar, atônitos, expressou com um bufo seu desagrado e grunhiu baixinho. Enquanto eu lhe dava água, ele esfregou a cabeça ao longo do meu braço e manteve os olhos fixos nos trabalhadores, como se fosse meu cão de guarda. Os homens começaram a falar muito rápido entre si em híndi.

Fechei a jaula e a tranquei no momento em que o Sr. Kadam se aproximava dos trabalhadores e falava com eles em voz baixa. Ele não parecia surpreso com o que acontecera. O que quer que tenha dito devolveu a confiança a eles, que recomeçaram a se movimentar pela área, tomando o cuidado de manter uma boa distância do tigre. Rapidamente recolheram o equipamento e levaram o avião até um hangar próximo.

Depois que Ren se encontrava em segurança no caminhão, o Sr. Kadam me apresentou ao motorista, que parecia simpático porém muito jovem,

mais jovem ainda do que eu. Mostrando-me onde minha bolsa fora colocada, o Sr. Kadam apontou outra bolsa que ele comprara para mim. Era uma mochila grande preta com vários compartimentos. Ele abriu o zíper de alguns para me mostrar os itens que colocara ali. O bolso traseiro continha uma boa quantia da moeda indiana. Em outro bolso havia documentos de viagem para mim e Ren. Abri um zíper e encontrei uma bússola e um isqueiro. O principal compartimento da mochila estava abastecido com barras de cereais, mapas e garrafas de água.

– Sr. Kadam, por que incluiu uma bússola e um isqueiro na bolsa?

Ele sorriu e deu de ombros, fechando os bolsos da mochila e colocando-a no banco da frente.

– Nunca se sabe o que pode vir a ser útil ao longo da viagem. Eu só queria ter certeza de que estivesse totalmente preparada, Srta. Kelsey. Aí também tem um dicionário híndi-inglês. Dei instruções ao motorista, mas ele não fala inglês muito bem. Preciso me despedir da senhorita agora.

Ele sorriu e apertou meu ombro.

De repente me senti vulnerável. A perspectiva de seguir viagem sem o Sr. Kadam me deixou ansiosa. *Bem, estou por minha própria conta. Hora de agir como adulta.* Tentei me acalmar, mas o medo do desconhecido estava me corroendo por dentro e abrindo um buraco no meu estômago.

– Tem certeza de que não pode mudar seus planos e seguir viagem conosco? – perguntei, em tom suplicante.

– Infelizmente, não posso acompanhá-la em sua jornada. – Ele sorriu, tranquilizador. – Não se preocupe, Srta. Kelsey. A senhorita é mais do que capaz de cuidar do tigre e planejei cada detalhe da viagem. Vai dar tudo certo.

Dirigi-lhe um sorriso amarelo e ele pegou minha mão, envolvendo-a com as suas por um momento, e disse:

– Confie em mim, Srta. Kelsey. Vai ficar tudo bem.

Com um brilho nos olhos e uma piscadela, ele se foi.

Olhei para Ren.

– Bem, garoto, acho que agora somos só nós dois.

Impaciente por começar e terminar logo a viagem, o motorista chamou da cabine do caminhão.

– Nós vamos?

– Sim, vamos – respondi com um suspiro.

Quando subi no caminhão, o motorista pisou no acelerador e não tirou mais o pé daquele pedal. Deixou o aeroporto em disparada e em menos de dois minutos serpenteava em meio ao trânsito a uma velocidade assustadora. Agarrei-me à porta e à alça de apoio à minha frente. No entanto, ele não era o único motorista insano. Todos na estrada pareciam pensar que 130 quilômetros por hora em uma cidade apinhada, com centenas de pedestres, não era veloz o bastante. Multidões vestidas em cores vibrantes passavam em todas as direções pela minha janela.

Veículos de tudo quanto era tipo enchiam as ruas – ônibus, automóveis compactos e um tipo de carro minúsculo e quadrado, sem portas e com três rodas, passavam em disparada. Os quadrados deviam ser os táxis locais, porque havia centenas deles. Também havia incontáveis motos, bicicletas e pedestres. Vi até mesmo animais puxando carroças cheias de pessoas e mercadorias.

Achei que devíamos seguir no lado esquerdo da pista, mas parecia não haver nenhum padrão distinto ou mesmo listras brancas para marcar as faixas. Havia poucos sinais e placas de trânsito. Os veículos simplesmente dobravam à esquerda ou à direita onde quer que houvesse uma saída, e às vezes até onde não havia. Numa ocasião, um carro veio em nossa direção e só desviou no último segundo. O motorista ria de mim a cada vez que eu arquejava de medo.

Aos poucos fui me acostumando o suficiente para começar a apreciar os lugares por que passávamos e, com interesse, vi incontáveis mercados multicoloridos e camelôs vendendo artigos variados. Comerciantes anunciavam marionetes, joias, tapetes, souvenirs, temperos, castanhas e todos os tipos de frutas, legumes e verduras em pequenas vendas ou em veículos parados na rua.

Todos pareciam vender alguma coisa. Outdoors exibiam anúncios de consultas de tarô, quiromancia, tatuagens exóticas, *piercing* e pintura corporal com hena. A cidade inteira era um panorama turístico vibrante, enlouquecido e apressado, com pessoas de todos os tipos e classes sociais. Parecia não haver um só centímetro quadrado desocupado na cidade.

Depois de uma angustiante travessia pelas ruas agitadas, chegamos à autoestrada. Finalmente pude relaxar um pouco. Não porque o motorista seguisse mais devagar – na verdade, ele havia até acelerado –, mas porque o tráfego tinha diminuído bem. Tentei seguir em um mapa o trajeto que percorríamos, mas a falta de placas na estrada dificultava a tarefa. Uma coisa que notei, porém, foi que o motorista perdeu uma saída para outra rodovia, a que nos levaria à reserva dos tigres.

– Por ali, à esquerda! – gritei, apontando.

Ele deu de ombros e agitou a mão, rejeitando minha sugestão. Peguei o dicionário e tentei encontrar como dizer *esquerda* ou *caminho errado*. Finalmente encontrei as palavras *kharābī rāha*, que significavam *estrada errada* ou *caminho incorreto*. Ele apontou a estrada à frente com o indicador e disse:

– Estrada mais rápida.

Desisti e deixei-o fazer o que queria. Afinal, era o país *dele*. Achei que saberia mais sobre as estradas do que eu.

Depois de seguir por cerca de três horas, paramos em uma minúscula cidade chamada Ramkola. Chamá-la de cidade era superestimar o tamanho do lugar, pois ele contava apenas com um mercado, um posto de gasolina e cinco casas. Ficava nos limites de uma floresta, onde avistei uma placa.

SANTUÁRIO DA VIDA SELVAGEM YAWAL
PAKSIZAALAA YAWAL
4 KM

O motorista saltou do caminhão e começou a encher o tanque de combustível. Ele apontou para o mercado do outro lado da rua e disse:

– Coma. Comida boa.

Peguei a mochila e fui até a carroceria do caminhão dar uma olhada em Ren. Ele estava esparramado no chão da jaula. Abriu os olhos e bocejou quando me aproximei, mas manteve-se inerte.

Caminhei até o mercado e abri a porta descascada, que rangeu. Uma sineta tocou, anunciando minha presença.

Uma indiana vestida com um sári tradicional surgiu da sala nos fundos e sorriu para mim.

– *Namaste*. Quer comida? Comer alguma coisa?

– Ah! Você fala inglês? Sim, eu gostaria muito de almoçar.

– Você senta ali. Eu preparo.

Embora fosse almoço para mim, provavelmente era jantar para eles, pois o sol já ia se pondo. Ela fez sinal para que eu me dirigisse a uma mesinha com duas cadeiras arrumada perto da janela e então desapareceu. O estabelecimento era uma sala pequena e retangular que continha vários produtos de armazém, souvenirs do santuário de vida selvagem ali perto e artigos práticos, como fósforos e ferramentas.

Uma música indiana tocava baixinho ao fundo. Reconheci os sons de uma cítara e o tilintar de sinos, mas não consegui identificar os outros instrumentos. Olhei para a porta por onde a mulher passara e ouvi o retinir de panelas na cozinha. Parecia que a loja era a frente de uma construção maior e que a família morava em uma casa anexa nos fundos.

Em pouquíssimo tempo, a mulher retornou, equilibrando quatro tigelas de comida. Uma garota a seguia, trazendo ainda mais comida. O aroma era exótico e condimentado.

– Por favor, coma e desfrute – disse a mulher.

Em seguida, desapareceu nos fundos, e a garota começou a arrumar prateleiras na loja enquanto eu comia. Eles não haviam me trazido nenhum talher, então peguei um pouco de cada prato com os dedos, lembrando de

usar a mão direita, conforme a tradição indiana. *Ainda bem que o Sr. Kadam mencionou isso no avião.*

Reconheci o arroz *basmati*, o pão *naan* e o frango *tandoori*, mas os outros três pratos eu nunca vira antes. Olhei para a garota, inclinei a cabeça e perguntei:

– Você fala inglês?

Ela fez que sim com a cabeça e se aproximou. Gesticulando com os dedos, ela disse:

– Um pouquinho de inglês.

Apontei para uma massa triangular recheada com legumes condimentados.

– Como se chama isto?

– Isto *samosa*.

– E este aqui e este outro?

Ela apontou um deles e em seguida o outro:

– *Rasmalai* e *baigan bartha*.

A menina sorriu timidamente e se afastou, voltando ao trabalho nas prateleiras.

Rasmalai eram bolas de queijo de cabra mergulhadas em um molho cremoso e adocicado, e *baigan bharta* era um prato de berinjela com ervilha, cebola e tomate. Estava tudo muito bom, mas era muita comida. Quando terminei, a mulher me trouxe um milk-shake feito com manga, iogurte e leite de cabra.

Agradei, beberiquei o milk-shake e deixei meus olhos correrem para o cenário lá fora. Não havia muito o que ver: somente o posto de gasolina e dois homens de pé ao lado do caminhão conversando. Um deles era um rapaz muito bonito vestido de branco. Estava de frente para o mercado e falava com outro homem que se encontrava de costas para mim. O segundo homem era mais velho e lembrava o Sr. Kadam. Eles pareciam estar discutindo. Quanto mais eu os observava, mais convencida ficava de que era

o Sr. Kadam, mas ele discutia acaloradamente com o rapaz, e eu não podia sequer imaginar o Sr. Kadam se alterando daquela maneira.

Que estranho, pensei e tentei captar algumas palavras pela janela aberta. O homem mais velho disse *nahi mahodaya* várias vezes, e o rapaz repetia *avashyak* ou algo parecido. Folheei meu dicionário de híndi e encontrei *nahi mahodaya* com facilidade. Significava *de jeito nenhum* ou *não, senhor*. *Avashyak* era mais difícil, pois eu tinha que deduzir como soletrar, mas acabei encontrando. Essa palavra significava *necessário* ou *essencial*, alguma coisa que *precisa ser* ou *deve acontecer*.

Fui até a janela para ter uma visão melhor. Nesse momento, o rapaz de branco ergueu os olhos e me flagrou observando os dois da janela. Ele imediatamente interrompeu a conversa e saiu do meu campo de visão, dando a volta no caminhão. Constrangida por ter sido apanhada, mas bastante curiosa, percorri o labirinto de prateleiras até a porta. Eu precisava saber se o homem mais velho era o Sr. Kadam ou não.

Segurando a maçaneta frouxa, girei-a e abri a porta. Ela gemeu nas dobradiças enferrujadas. Atravessei a rua de terra e fui até o caminhão, mas ainda assim não encontrei ninguém. Circulando o veículo, parei junto à carroceria e vi Ren me observando, alerta, de sua jaula. Os dois homens e o motorista haviam desaparecido. Espiei na cabine. Não havia ninguém ali.

Confusa, mas lembrando que ainda não havia pago a conta, tornei a atravessar a rua e voltei ao mercado. A garota já havia recolhido meus pratos. Peguei algumas cédulas na mochila e perguntei:

- Quanto?
- Cem rupias.

O Sr. Kadam havia me ensinado a fazer a conversão do dinheiro dividindo o total por quarenta. Rapidamente calculei que ela estava me pedindo o equivalente a 2 dólares e 50 centavos. Sorri comigo mesma, pensando em meu pai, que adorava matemática, e na tabuada de divisão que ele costumava me fazer recitar quando eu era pequena. Dei-lhe 200 rupias e ela me dirigiu um sorriso radiante.

Agradecendo, disse-lhe que a comida estava deliciosa. Peguei a mochila, abri a porta e saí.

O caminhão havia desaparecido.



A selva

Como o caminhão podia ter desaparecido?

Corri até o posto de gasolina e olhei para os dois lados da rua de terra. Nada. Nem uma nuvem de poeira. Ninguém. Nada.

Talvez o motorista tenha se esquecido de mim. Vai ver foi buscar alguma coisa e já vai voltar. Ou de repente o caminhão foi roubado e o motorista ainda está por aqui, em algum lugar. Eu sabia que nenhuma dessas situações era muito provável, mas elas me davam um pouco de esperança.

Dei a volta até o outro lado do posto de gasolina e vi minha bolsa preta caída no chão. Corri até ela, peguei-a e verifiquei os bolsos. Parecia tudo em ordem.

De repente, ouvi um ruído atrás de mim e me virei, dando de cara com Ren sentado na beira da estrada. Sua cauda se agitava de um lado para outro enquanto ele me observava. Parecia um filhote de cachorro gigante abanando a cauda na esperança de que alguém o pegasse e levasse para casa.

– Ah, não! – murmurei. – Que maravilha. E o Sr. Kadam ainda disse que tudo ia dar certo. Ah! O motorista deve ter roubado o caminhão e soltado você. O que vou fazer agora?

Cansada, assustada e sozinha, me lembrei de algumas frases que minha mãe costumava repetir: “Coisas ruins às vezes acontecem com pessoas boas”, “A chave para a felicidade é tentar fazer o melhor com o que a vida nos dá” e sua máxima favorita: “Quando a vida lhe der limões, faça uma torta de limão.” Mamãe havia tentado e praticamente desistido de ter filhos – e então engravidou de mim. Ela sempre dizia que nunca se sabe o que nos espera depois da esquina.

Seguindo esse raciocínio, procurei me concentrar nos aspectos positivos. Primeiro, ainda tinha as minhas roupas. Segundo, estava com meus documentos de viagem e uma bolsa cheia de dinheiro. Esse era o lado bom. O ruim, naturalmente, era que meu transporte se fora e um tigre estava solto no meio da estrada! Decidi que a primeira medida era garantir a segurança de Ren. Voltei ao mercado e comprei alguns petiscos de carne para cachorro e um pedaço comprido de corda.

Com a recém-adquirida corda amarela fosforescente, saí do mercado e tentei fazer com que meu tigre cooperasse. Ele havia se afastado vários passos e agora seguia para a selva. Corri atrás dele.

A atitude sensata teria sido voltar ao mercado, pedir um telefone emprestado e ligar para o Sr. Kadam. Ele podia mandar algumas pessoas, profissionais, para pegá-lo. Mas àquela altura eu estava muito longe de pensar com sensatez. Eu não tinha medo dele, mas do que poderia lhe acontecer se outras pessoas entrassem em pânico e usassem armas para dominá-lo. Também me preocupava o fato de que, mesmo que Ren escapasse, pudesse não sobreviver na selva. Não estava acostumado a caçar por conta própria. Eu sabia que era burrice, mas optei por seguir meu tigre.

– Ren, volte! – implorei. – Precisamos conseguir ajuda! Esta não é a sua reserva. Venha, eu tenho um petisco para você!

Agitei o bastão de carne no ar, mas ele continuou avançando. Eu estava sobrecarregada com a mochila do Sr. Kadam e a minha bolsa. Podia acompanhar o seu ritmo, mas o peso extra era demais para que eu pudesse alcançá-lo.

Ele não estava indo muito rápido, mas conseguia se manter o tempo todo vários passos à minha frente. De repente, com um salto, ele disparou selva adentro. A mochila sacolejava pesadamente enquanto eu o perseguia. Depois de uns 15 minutos correndo atrás dele, o suor escorria pelo meu rosto, a roupa se colava ao meu corpo e meus pés se arrastavam feito paralelepípedos.

Quando meu ritmo caiu, tornei a suplicar:

– Ren, *por favor*, pare. Precisamos voltar à cidade. Logo, logo vai escurecer.

Ele me ignorou e começou a ziguezaguear entre as árvores. De vez em quando, parava e se virava para me olhar.

Sempre que eu achava que finalmente o havia alcançado, ele acelerava e saltava alguns metros adiante, fazendo-me ir atrás dele outra vez. Era como se estivesse brincando comigo. Mantinha-se sempre fora do meu alcance. Depois de seguir Ren por outros 15 minutos, ainda sem alcançá-lo, resolvi fazer uma pausa em minha perseguição. Sabia que me afastara muito da cidade e a luz do dia já diminuía. Eu estava totalmente perdida.

Ren deve ter se dado conta de que eu não o seguia mais, porque no mesmo instante diminuiu o ritmo, deu meia-volta e marchou, culpado, de volta até onde eu estava. Olhei para ele furiosa.

– Eu devia saber. No instante em que paro, você volta. Espero que esteja contente.

Amarrei a corda em sua coleira e girei o corpo numa volta completa, estudando com atenção cada direção, para tentar me localizar.

Havíamos penetrado muito na selva, ziguezagueando entre árvores e dando voltas diversas vezes. Percebi, com grande desespero, que havia perdido toda e qualquer noção de direção. O sol já se punha e o dossel das árvores acima de nossas cabeças bloqueava o pouco de luz que restava. Um medo sufocante se instalou em mim e uma onda de frio atingiu o meu corpo, lançando arrepios pela minha pele.

Girei a corda nas mãos, nervosa, e resmunguei para o tigre:

– Muito obrigada, Ren! Onde estou? O que estou fazendo? Estou perdida na Índia, no meio da selva, à noite, com um tigre pela corda!

Ren se sentou quieto ao meu lado.

Meu medo me dominou por um minuto e tive a sensação de que a selva se fechava à minha volta. Os sons característicos confundiam minha mente apavorada, atacando meu bom senso. Imaginei criaturas me espreitando, seus olhos vítreos e hostis me observando e esperando para avançar. Olhei para cima e vi nuvens pesadas de chuva se formando, rapidamente engolindo o céu do início de noite. Um vento frio açoitava as árvores e rodopiava em torno do meu corpo rígido.

Depois de alguns instantes, Ren se levantou e avançou, puxando delicadamente meu corpo tenso com ele. Eu o segui, relutante. Por um momento, ri de nervoso por deixar que um tigre me conduzisse através da selva, mas concluí que não havia o menor sentido em *eu* tentar assumir o comando. Não tinha a menor ideia de onde estávamos. Ren prosseguiu por alguma trilha invisível, puxando-me com ele. Perdi a noção do tempo, mas meu palpite era de que andamos pela selva durante uma hora, talvez duas. Agora estava muito escuro, e eu sentia medo e sede.

Lembrando que o Sr. Kadam havia abastecido a mochila com água, abri o zíper e tateei em busca de uma garrafa. Minha mão esbarrou em algo frio e metálico. Uma lanterna! Liguei-a e senti certo alívio em poder contar com um feixe de luz para caminhar na escuridão.

Nas sombras, a selva densa parecia ameaçadora, não que não fosse igualmente aterrorizante durante o dia, mas meu minguado feixe de luz não ia muito longe, o que tornava a situação ainda pior. Quando a lua tênue aparecia e dispersava seus raios intermitentes através do denso dossel acima, o pelo de Ren brilhava onde a luz prateada o tocava.

Quando a lua se escondeu atrás das nuvens, Ren desapareceu completamente na trilha à frente. Eu voltei a lanterna em sua direção e vi a vegetação rasteira e espinhenta arranhando sua pelagem branco-prateada. Ele reagia aos espinhos empurrando rudemente as plantas para o lado com o corpo, quase como se estivesse abrindo caminho para mim.

Depois de andar por muito tempo, ele finalmente me puxou para perto de um bambuzal. Empinou o focinho no ar, farejando algo, seguiu até uma área gramada e se deitou.

– Bem, acho que isso significa que passaremos a noite aqui. – Tirei a mochila das costas enquanto resmungava. – Ótimo. Excelente escolha. Eu daria quatro estrelas se o serviço incluísse chocolates no travesseiro.

Primeiro, soltei a corda da coleira de Ren, concluindo que ele não iria fugir, então me agachei e abri a bolsa. Tirei uma blusa de mangas compridas e amarrei-a na cintura. Peguei duas garrafas de água e três barras de cereais da mochila. Abri a embalagem de duas barrinhas e as estendi para Ren.

Ele pegou uma com cuidado em minha mão e a engoliu.

– Será que um tigre deve comer barras de cereais? Você provavelmente precisa de alguma coisa com mais proteína e a única coisa com proteína aqui sou eu. Mas nem pense nisso. Meu gosto é *horrível*.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, como se considerasse seriamente a possibilidade, então engoliu a segunda barrinha. Abri a terceira e a comi devagar. Abrindo outro compartimento da mochila, encontrei o isqueiro e decidi fazer uma fogueira. Procurando com a lanterna, fiquei surpresa ao descobrir uma boa quantidade de madeira ali perto.

Recordei meus dias de escoteira e fiz uma pequena fogueira. O vento a apagou duas vezes, mas na terceira tentativa ela pegou, crepitando de modo suave.

Fiquei satisfeita com meu trabalho e separei pedaços maiores de madeira para pôr na fogueira mais tarde. Remexi nos compartimentos da mochila mais perto do fogo e encontrei uma sacola plástica. Fiz uma tigela improvisada com um pedaço grande e curvo de casca de árvore, forrei o interior com a sacola, despejei uma garrafa de água ali e levei-a até Ren. Ele bebeu tudo e continuou lambendo a sacola, então despejei outra garrafa, que ele também bebeu com avidez.

Voltei à fogueira e me assustei com um uivo ameaçador ali perto. Ren se levantou imediatamente e saiu em disparada, desaparecendo na escuridão. Ouvi um rosnado profundo e então outro, colérico e perverso.

Fiquei olhando para a escuridão entre as árvores, onde Ren havia desaparecido, mas ele logo voltou, ileso, e começou a esfregar a lateral do corpo numa árvore. Satisfeito com aquela, passou a outra, e mais outra, até ter se esfregado em todas as árvores que nos cercavam.

– Nossa, Ren, você deve estar com uma coceira e tanto.

Deixando-o com sua coceira, afofei a bolsa com as roupas para usá-la como travesseiro e passei a blusa de mangas compridas pela cabeça. Peguei minha colcha e a estendi sobre minhas pernas. Então me deitei de lado, enfiei a mão sob o rosto, fitei o fogo e senti grossas lágrimas escorrerem pela minha face.

Comecei a escutar ruídos sinistros à minha volta. Ouvia estalos, assovios e estouros por toda parte, e passei a imaginar criaturas rastejantes se escondendo no meu cabelo e entrando nas minhas meias. Estremeci e me sentei para ajeitar a colcha à minha volta, de modo que cobrisse cada parte do meu corpo; então me acomodei no chão outra vez, enrolada como uma múmia.

Assim estava bem melhor, mas em seguida imaginei animais se aproximando sorrateiramente por trás de mim. No momento em que comecei a me virar de costas, Ren se deitou ao meu lado, aconchegando as costas de encontro às minhas, e começou a ronronar.

Agradecida, enxuguei as lágrimas e pude me desligar dos sons da noite, concentrando-me no ronronar de Ren, que mais tarde se transformou em uma respiração rítmica e profunda. Aproximei-me um pouco mais de suas costas, surpresa em perceber que, afinal de contas, eu conseguiria dormir na selva.

Um luminoso raio de sol bateu em minhas pálpebras fechadas e abri os olhos devagar. Sem lembrar de onde estava, eu me espreguicei e me encolhi de dor quando minhas costas se arrastaram no chão duro. Também senti um peso na perna. Olhei para baixo e vi Ren, os olhos fechados, com a cabeça e uma pata apoiadas em minha perna.

– Ren – sussurrei –, acorde. Minha perna está dormente.

Ele não se moveu.

Eu me sentei e empurrei seu corpo de leve.

– Vamos, Ren. Mexa-se!

Ele grunhiu suavemente, mas permaneceu imóvel.

– Ren! É sério!

Sacudi a perna e o empurrei com mais força.

Ele finalmente abriu os olhos, deu um bocejo gigante, exibindo seus dentes de tigre, e então rolou de lado, saindo de cima da minha perna.

Levantando-me, sacudi a colcha, dobrei-a e a enfiei na bolsa. Também pisoteei as cinzas do fogo para me certificar de que não havia mais nada queimando.

– Só para você saber, eu *odeio* acampar – queixei-me em voz alta. – Não poder usar um banheiro também não é nada legal. “Chamados da natureza” durante um passeio na selva não estão na minha lista de coisas favoritas. Para vocês, tigres, e machos em geral, é muito mais fácil do que para nós, garotas.

Recolhi as garrafas e embalagens vazias e coloquei tudo na mochila. A última coisa que peguei foi a corda amarela.

O tigre ficou lá sentado me observando. Desisti de fingir que era eu quem estava no comando e guardei a corda também.

– Muito bem, Ren. Estou pronta. Para onde vamos hoje?

Virando-se, ele partiu novamente selva adentro. Foi abrindo um caminho sinuoso entre árvores e vegetação rasteira, sobre pedras e através de riachos. Ele não parecia ter pressa e até fazia uma pausa de vez em quando, como se soubesse que eu precisava de um descanso. Agora que o sol ia subindo, o ar estava se tornando bastante abafado, então tirei minha blusa de mangas compridas e a amarrei na cintura.

A selva era muito verde e no ar pairava uma fragrância apimentada, muito diferente daquela das florestas do Oregon. As grandes árvores decíduas eram esparsas e tinham galhos finos e graciosos. As folhas exibiam um tom verde-oliva em vez dos verdes intensos das sempre-verdes a que eu

estava acostumada. A casca dos troncos era de um cinza escuro e áspera ao toque; onde havia rachaduras, o tronco descascava e desprendia-se em lascas finas.

Esquilos saltavam de árvore em árvore e várias vezes assustamos cervos que pastavam. Ao farejar um tigre, eles imediatamente fugiam. Eu observava Ren para ver sua reação, mas ele os ignorava. Vi uma árvore comum de tamanho médio e casca fina, mas que exibia uma resina viscosa escorrendo pelo tronco. Apoiei-me em uma delas para tirar uma pedrinha do tênis e passei a hora seguinte tentando remover o visgo dos dedos.

Tinha acabado de me livrar do último vestígio quando passamos por um trecho com vegetação particularmente densa de grama alta e bambu, e fizemos um bando de aves coloridas voar em disparada para o céu. Levei um susto tão grande que recuei alguns passos e fui de encontro a outra daquelas árvores da resina, ficando com toda a parte superior do braço coberta pela substância pegajosa.

Ren parou em um riacho. Peguei uma garrafa de água e a bebi toda de uma vez. Era bom ter menos peso na mochila, mas eu estava preocupada por não saber onde conseguiria água depois que meu suprimento acabasse. Imaginei que pudesse beber do mesmo riacho que Ren, mas adiaria isso o máximo possível.

Sentei-me em uma pedra e procurei outra barrinha de cereais. Comi metade de uma e dei a Ren a outra metade e mais uma inteira. Eu sabia que podia sobreviver com aquelas poucas calorias, mas tinha quase certeza de que Ren não. Logo ele teria que caçar.

Abrindo um bolso da mochila do Sr. Kadam, encontrei uma bússola. Enfie-i-a no bolso da calça jeans. Ainda havia o dinheiro, os documentos de viagem, mais garrafas de água, um kit de primeiros socorros, repelente, uma vela e um canivete, mas nenhum telefone celular. E, ainda por cima, o meu celular havia desaparecido.

Estranho. Será que o Sr. Kadam sabia que eu acabaria na selva? Pensei no homem que se parecia com ele de pé ao lado do caminhão pouco antes de ele ser roubado e disse em voz alta:

– Será que ele *queria* que eu me perdesse aqui?

Ren veio até mim e se sentou.

– Não – continuei a falar sozinha, olhando nos olhos azuis do animal. – Isso também não faz o menor sentido. Que motivo ele teria para me trazer até a Índia só para fazer com que eu me perdesse na selva? Ele não poderia saber que você me traria até aqui ou que eu o seguiria.

O olhar de Ren se desviou para o chão, como se *ele* se sentisse culpado.

– Acho que o Sr. Kadam é só um escoteiro muito bem preparado.

Depois de um breve descanso, Ren tornou a se levantar, afastou-se alguns passos e se virou para me esperar. Forcei-me a ficar de pé, resmungando, e fui atrás dele. Peguei o repelente, joguei um bom jato em meus braços e pernas e esguichei um pouco em Ren, só para garantir. Ri quando ele franziu o focinho e um grande espirro de tigre sacudiu-lhe o corpo.

– Então, Ren, aonde estamos indo? Você age como se tivesse um destino em mente. Por mim, voltaríamos para a civilização. Portanto, se você puder encontrar uma cidade, eu ficaria muito grata.

Pelo resto da manhã e início da tarde, ele continuou a me conduzir por uma trilha que somente ele podia ver.

Eu consultava a bússola com frequência e concluí que estávamos seguindo para leste. Estava tentando calcular quantos quilômetros devíamos ter caminhado quando Ren se escondeu entre uns arbustos. Eu o segui e deparei com uma pequena clareira do outro lado.

Com grande alívio, vi uma pequena cabana que se erguia bem no meio da clareira. O telhado curvo era coberto por fileiras de bambus amarrados juntos que pendiam do topo da estrutura. Cordas de fibras, amarradas em intrincados nós, prendiam grandes postes de bambu um ao lado do outro, formando paredes, e as frestas eram cobertas por grama e argila secas.

A cabana era cercada por uma barreira de pedras soltas empilhadas umas sobre as outras com o intuito de criar um muro baixo, de cerca de 60 centímetros de altura. As pedras estavam cobertas por um musgo verdejante

e espesso. Diante da cabana, painéis finos de pedra encontravam-se presos ao muro e eram pintados com uma indecifrável variedade de símbolos e formas. A porta do abrigo era tão pequena que uma pessoa de estatura média teria que se curvar para entrar. Havia um varal de roupas adejando ao vento e via-se um pequeno jardim florido ao lado da casa.

Nós nos aproximamos do muro de pedra e Ren saltou sobre a barreira ao meu lado.

– Ren! Você quase me matou de susto! Faça algum ruído antes, sei lá.

Chegamos mais perto da cabana e eu me preparei para bater na porta minúscula, mas então hesitei, olhando para Ren.

– Precisamos fazer alguma coisa com você primeiro.

Peguei a corda amarela na mochila e me aproximei de uma árvore ao lado do quintal. Ele me seguiu, hesitante. Acenei para que se aproximasse. Quando ele finalmente chegou perto o bastante, passei a corda por sua coleira e amarrei a outra ponta na árvore. Ele não pareceu muito feliz.

– Sinto muito, Ren, mas não posso deixá-lo solto. Isso assustaria as pessoas. Prometo que volto assim que puder.

Comecei a retornar para a casinha, mas fiquei paralisada quando ouvi uma voz masculina e baixa atrás de mim dizer:

– Isso é *mesmo* necessário?

Virando-me lentamente, deparei com um rapaz bonito de pé bem à minha frente. Parecia jovem, com 20 e poucos anos. Era uns 30 centímetros mais alto do que eu e tinha o corpo forte e esbelto, vestido em roupas largas de algodão branco. Sua camisa de mangas compridas estava para fora da calça e parcialmente desabotoada, deixando ver um tórax liso, largo e de um tom de bronze dourado. A calça leve estava enrolada na altura do tornozelo, realçando os pés descalços. Os cabelos, negros e lustrosos, estavam penteados para trás e se encaracolavam ligeiramente na nuca.

Seus olhos eram o que mais me chamava a atenção. Aqueles eram os olhos do meu tigre, o mesmo tom cobalto profundo.

Estendendo a mão, ele falou:

– Oi, Kelsey. Sou eu, Ren.



Uma explicação

O rapaz se aproximou de mim cautelosamente, os braços esticados diante de si, e repetiu:

– Kelsey, sou eu, Ren.

Ele não parecia assustador, mas mesmo assim meu corpo se retesou, apreensivo. Confusa, estendi a mão à frente, numa tentativa inútil de deter o seu avanço.

– O quê? O que foi que você disse?

Ele chegou mais perto, pôs a mão no peito musculoso e falou devagar:

– Kelsey, não corra. Eu sou Ren. O tigre.

Ele virou a mão para me mostrar a coleira de Ren e a corda amarela enrolada nos dedos. Olhei atrás dele e, de fato, o felino branco havia desaparecido. Recuei alguns passos para pôr mais distância entre nós. Ele viu meu movimento e imediatamente imobilizou-se. A parte de trás dos meus joelhos atingiu a barreira de pedra. Parei e pisquei várias vezes, sem entender o que ele estava me dizendo.

– Onde está Ren? Eu não compreendo. Você fez alguma coisa com ele?

– Não. Eu *sou* ele.

Ele voltou a vir em minha direção, enquanto eu sacudia a cabeça.

– Não. Não pode ser.

Tentei dar mais um passo para trás e quase caí sobre o muro. Ele me alcançou num piscar de olhos e segurou-me pela cintura, me equilibrando.

– Você está bem? – perguntou ele, cortês.

– Não!

Ele ainda segurava minha mão. Fitei a mão dele, imaginando as patas do tigre.

– Kelsey? – Ergui o olhar para seus surpreendentes olhos azuis. – Eu sou o seu tigre.

– *Não* – sussurrei. – Não! Não é possível. Como poderia ser?

Sua voz baixa era tranquilizadora.

– Por favor, vamos entrar. O dono não está em casa agora. Você pode se sentar e relaxar, e eu vou tentar explicar tudo.

Eu estava atônita demais para discutir, então deixei que me guiasse na direção da cabana. Ele prendia meus dedos nos dele, como se temesse que eu saísse correndo para a selva. Não costumo seguir estranhos por aí, mas alguma coisa nele me transmitia a sensação de segurança. Eu sabia que ele não me faria mal. Era o mesmo sentimento forte que experimentara com o tigre. Ele abaixou a cabeça para transpor a porta e entrou na pequena cabana, puxando-me com ele.

A casinha tinha um só cômodo com uma cama pequena a um canto, uma janela minúscula na parede lateral e uma mesa com duas cadeiras em outro canto. Uma cortina aberta revelava uma pequena banheira. A cozinha era apenas uma pia com torneira, um balcão baixo e algumas prateleiras com vários alimentos enlatados e temperos. Acima de nossas cabeças, do teto, pendiam cordões com uma variedade de ervas e plantas secas que enchiam o ambiente com uma doce fragrância.

O rapaz gesticulou para que eu me sentasse na cama, então se encostou em uma parede e esperou silenciosamente que eu me acomodasse.

Recuperando-me do choque inicial, saí de meu atordoamento e avaliei minha situação. Ele era Ren, o tigre. Nós nos encaramos por um momento e

eu *soube* que ele estava dizendo a verdade. Os olhos eram os mesmos.

Senti o medo em meu corpo escoar enquanto uma nova emoção emergia para preencher o vazio: raiva. Apesar de todo o tempo que eu passara ao seu lado, ele preferira não me contar seu segredo. Tinha me conduzido pela selva, aparentemente de propósito, e me deixara acreditar que estava perdida, num país estrangeiro, na natureza selvagem, sozinha.

Eu sabia que ele nunca me machucaria. Era um... amigo e eu confiava nele. Mas por que não havia confiado em mim? Tivera muitas oportunidades de partilhar sua realidade peculiar, mas não o fizera.

Olhando para ele com desconfiança, perguntei, irritada:

– Então, *o que* você é? Um homem que se tornou tigre ou um tigre que se transformou em homem? Ou você é como um lobisomem? Se me morder, eu também vou virar tigre?

Ele inclinou a cabeça com uma expressão confusa, mas não respondeu de imediato. Observava-me com os mesmos olhos azuis intensos do tigre. Era desconcertante.

– *Ren*? Acho que eu ficaria mais à vontade se você se afastasse um pouco de mim enquanto discutimos esta situação.

Ele suspirou, andou calmamente até o canto, sentou-se em uma das cadeiras e então se encostou na parede, equilibrando-se nas duas pernas de trás da cadeira.

– Kelsey, vou responder a todas as suas perguntas. Só peço que tenha paciência comigo e me dê tempo para explicar.

– Muito bem. Explique.

Enquanto ele organizava os pensamentos, eu analisava sua aparência. Eu não podia acreditar que aquele fosse o meu tigre – que o tigre de quem eu tanto gostava fosse esse homem.

Ele não tinha muita semelhança com um tigre, exceto pelos olhos. Tinha lábios carnudos, queixo quadrado e um nariz aristocrático. Não se parecia com nenhum homem que eu já tivesse visto. Eu não conseguia

identificar, mas havia nele algo mais, um refinamento. Ele transpirava confiança, força e nobreza.

Mesmo descalço e vestido com roupas simplórias, parecia alguém poderoso. E mesmo que não fosse bonito – e ele era *extremamente* bonito – eu ainda me sentiria atraída por ele. Talvez fosse seu lado tigre. Os tigres sempre me parecem majestosos. Ele era tão bonito como homem quanto como tigre.

Eu confiava no tigre, mas poderia confiar no homem? Olhava-o com cautela da beirada da cama frágil, com minhas dúvidas estampadas no rosto. Ele foi paciente, permitindo-me examiná-lo com atrevimento, e até parecia estar se divertindo, como se pudesse ler meus pensamentos.

Finalmente quebrei o silêncio.

– E então, *Ren*? Estou ouvindo.

Ele beliscou a ponte do nariz com o polegar e o indicador, então subiu a mão e a deslizou entre o cabelo preto sedoso, desarrumando-o de uma forma perturbadoramente atraente.

Deixando a mão cair no colo, ele me olhou, pensativo, sob os cílios espessos.

– Ah, Kelsey. Por onde começar? São tantas coisas para lhe contar...

Sua voz era baixa, refinada e agradável, e logo me vi hipnotizada por ela. Ele falava inglês muito bem, com apenas um leve sotaque. Tinha uma voz doce – do tipo que desperta sonhos em uma garota. Tentei me livrar dessa sensação e o peguei me examinando com seus olhos azul-cobalto.

Havia uma conexão tangível entre nós. Eu não sabia se era simples atração ou algo mais. Sua presença era perturbadora. Tentei evitar os olhos dele para me acalmar, mas acabei torcendo as mãos e fitando meus pés, que batiam nervosos no piso de bambu. Quando tornei a olhar para seu rosto, o canto de sua boca estava voltado para cima em um sorriso malicioso e uma de suas sobrancelhas estava arqueada.

Pigarreei.

– Desculpe. O que foi que você disse?

- É tão difícil assim ficar parada ouvindo?
- Não. É que você me deixa nervosa, só isso.
- Você não ficava nervosa perto de mim antes.
- Bem, você não tem a mesma aparência de antes. Não pode esperar que eu tenha o mesmo comportamento na sua presença.
- Kelsey, tente relaxar. Eu nunca faria mal a você.
- Certo. Vou sentar em cima das mãos. Assim é melhor?

Ele riu.

Uau. Até seu riso é magnético.

- Ficar quieto foi algo que tive que aprender como tigre. Um tigre precisa se manter imóvel por longos períodos. É preciso paciência e, para esta explicação, você vai precisar ser paciente também.

Ele alongou os ombros poderosos e então estendeu a mão para puxar o cordão de um avental que pendia de um gancho. Ficou enrolando o fio no dedo inconscientemente e disse:

- Preciso ser breve. Posso assumir a forma humana durante apenas alguns minutos por dia... para ser exato, por 24 minutos a cada 24 horas. Portanto, como vou me transformar em tigre de novo logo, quero aproveitar ao máximo meu tempo com você. Tudo bem?

Respirei fundo.

- Sim. Quero ouvir sua explicação. Por favor, prossiga.
- Você se lembra da história do príncipe Dhiren que o Sr. Kadam lhe contou no circo?
- Lembro. Espere aí. Você está dizendo...

– Aquela história era verdadeira, pelo menos a maior parte dela. Eu sou o Dhiren de quem ele falou. Eu era o príncipe do Império Mujulaain. É verdade que Kishan, meu irmão, e minha noiva me traíram, mas o fim da história é mentira. Eu *não* fui morto, como muitas pessoas foram levadas a acreditar. Meu irmão e eu fomos amaldiçoados e transformados em tigres. O Sr. Kadam vem fielmente mantendo nosso segredo por todos esses séculos.

Por favor, não o culpe por trazê-la aqui. Foi culpa minha. Sabe, eu... *preciso* de você, Kelsey.

Minha boca ficou seca de repente e eu me inclinei para a frente, mal me mantendo sentada na beira da cama. E quase caí. Limpei a garganta rapidamente e reajusteí minha posição, esperando que ele não tivesse notado.

– Como assim, precisa de mim?

– O Sr. Kadam e eu acreditamos que você é a única que pode quebrar a maldição. De certa forma, você já me libertou de meu cativeiro.

– Mas não fui eu quem o libertou. Foi o Sr. Kadam quem comprou sua liberdade.

– Não. O Sr. Kadam não tinha meios de comprar minha liberdade até você surgir. Quando fui capturado, não poderia mais mudar para minha forma humana ou recuperar minha liberdade até que alguma coisa, ou, melhor dizendo, *alguém* especial aparecesse. Esse alguém especial é você.

Ele enroscou o cordão do avental em torno do dedo e eu o observei desenrolar e começar tudo de novo. Meus olhos retornaram ao seu rosto, voltado para a janela. Ele parecia calmo e sereno, mas reconheci a tristeza em seu íntimo. O sol brilhava através da janela e a cortina soprava ligeiramente com a brisa, fazendo a luz do sol e a sombra dançarem em seu rosto.

– Certo – gaguejei. – Para que você precisa de mim? O que eu tenho que fazer?

Ele se virou para mim e continuou:

– Viemos a esta cabana por uma razão. O homem que mora aqui é um xamã e é quem poderá explicar seu papel nisso tudo. Ele não quis adiantar nada antes que a encontrássemos e a trouxéssemos aqui. Nem eu sei por que você é a escolhida. O xamã também insiste em falar conosco a sós e foi por isso que o Sr. Kadam ficou para trás.

Ele se inclinou para a frente.

– Você vai ficar aqui comigo até ele voltar e vai pelo menos ouvir o que ele tem a dizer? Se depois decidir que quer voltar para casa, o Sr. Kadam cuidará disso.

Voltei os olhos para o chão.

– Dhiren...

– Por favor, me chame de Ren.

Corei e fitei seus olhos.

– Está certo, Ren. Sua explicação é impressionante. Não sei o que dizer.

Emoções variadas cruzaram seu lindo rosto.

Quem sou eu para dizer não a um belo homem – quer dizer, tigre?
Suspirei.

– Muito bem. Vou esperar e falar com seu xamã, mas estou com calor e com fome, cansada, suada, precisando de um bom banho e, francamente, não sei nem se confio em você. Acho que não aguento mais uma noite dormindo na selva.

Ele suspirou aliviado enquanto me dirigia um sorriso. Era como o sol rompendo uma nuvem de tempestade.

– Obrigado – disse ele. – Lamento que esta parte da viagem tenha sido desconfortável para você. O Sr. Kadam e eu divergimos nessa questão de atrair você para a selva. Ele achava que devíamos simplesmente lhe contar a verdade, mas eu não tinha certeza se você viria. Pensei que, se passasse um pouco mais de tempo comigo, aprenderia a confiar em mim e eu poderia lhe revelar quem eu era à minha maneira. Era isso que estávamos discutindo quando você nos viu perto do caminhão.

– Então era você! Deviam ter me contado a verdade. O Sr. Kadam estava certo. Poderíamos ter evitado toda essa caminhada na selva e vindo até aqui de carro.

Ele suspirou.

– Não. Precisaríamos ter atravessado a selva de qualquer forma. Não há como entrar tanto assim no santuário de carro. O homem que mora aqui prefere que seja assim.

Cruzei os braços e murmurei:

– Bem, ainda assim vocês deviam ter me contado.

Ele retorceu o cordão do avental.

– Sabe, dormir ao ar livre não é tão ruim assim. Você pode olhar as estrelas e sentir a brisa fresca soprando o seu pelo depois de um dia quente. O cheiro da grama é doce e – ele me olhou nos olhos – o do seu cabelo também.

Corei e resmunguei:

– Bem, fico feliz que *alguém* tenha gostado.

Ele sorriu, divertido, e disse:

– *Eu* gostei.

Tive um rápido vislumbre de Ren como homem, aconchegado ao meu lado na floresta. Imaginei-o descansando a cabeça no meu colo enquanto eu lhe acariciava os cabelos e achei que era melhor me concentrar na situação presente.

– Ouça, Ren, você está mudando de assunto. Não gostei da forma como me manipulou para chegar até aqui. O Sr. Kadam devia ter me contado no circo.

Ele sacudiu a cabeça.

– Achamos que você não fosse acreditar nessa história. Ele inventou a viagem para a reserva de tigres com o intuito de trazê-la para a Índia. Imaginamos que, com você aqui, eu poderia assumir a forma humana e esclarecer tudo.

– Provavelmente você tem razão – admiti. – Se tivesse se transformado em homem lá, talvez eu não tivesse vindo.

– Por que você veio?

– Eu queria ficar mais tempo com... você. Você sabe, o tigre. Eu iria sentir saudade dele. Quer dizer, de você.

Enrubesci.

Ele me dirigiu um sorriso torto.

– Eu também teria sentido saudade de você.

Torci a bainha da blusa entre as mãos.

Interpretando mal meus pensamentos, ele disse:

– Kelsey, sinto muito, de verdade, pela decepção. Se houvesse alguma outra maneira...

Ergui os olhos para ele. Sua cabeça pendia de um modo que me lembrou o tigre. A frustração e o constrangimento que eu sentia em relação a ele se dissiparam. Meus instintos me diziam que eu devia acreditar nele e ajudá-lo. A conexão emocional que eu tinha com o tigre ficava ainda mais forte na presença do homem. Senti compaixão dele e de sua situação.

– Quando você vai se transformar novamente em tigre? – perguntei com delicadeza.

– Logo.

– Dói?

– Não tanto quanto antes.

– Você entende o que eu digo quando está na forma de tigre? Ainda poderei falar com você?

– Sim, consigo ouvir e compreender o que você fala.

Respirei fundo.

– Está bem. Vou ficar aqui até o xamã voltar. Mas ainda tenho muitas perguntas para você.

– Eu sei. Vou tentar respondê-las da melhor forma possível, mas terá que guardá-las para amanhã, quando serei novamente capaz de falar com você. Podemos passar a noite aqui. O xamã deve voltar ao anoitecer.

– Ren?

– Sim?

– A selva me assusta e esta situação também.

Ele soltou o cordão do avental e olhou nos meus olhos.

– Eu sei.

– Ren?

– Sim?

– Não... me deixe, o.k.?

Seu rosto se suavizou, assumindo uma expressão de ternura, e os cantos de sua boca ergueram-se em um sorriso sincero.

– *Asambhava*. Não vou deixar você.

Eu me vi correspondendo ao seu sorriso e de repente uma sombra enevoou o seu rosto. Ele fechou os punhos e retesou o maxilar. Vi um tremor percorrer-lhe o corpo e a cadeira tombou para a frente quando ele desabou de quatro no chão. Estendi as mãos para segurá-lo e fiquei perplexa ao ver seu corpo se metamorfosear de volta à forma de tigre que eu conhecia tão bem. Ren, o tigre, sacudiu-se, então se aproximou da minha mão estendida e esfregou a cabeça nela.



Um amigo

Sentei-me na beira da cama pensando no que Ren acabara de me contar. Olhando para o tigre agora, eu pensava, ou talvez assim esperasse, que podia ter imaginado tudo aquilo. *Talvez a selva esteja me causando alucinações. Isso tudo é real? Tem mesmo uma pessoa sob esse pelo?*

O tigre se esticou todo no chão e descansou a cabeça nas patas. Ele me olhou com seus magníficos olhos azuis por um longo momento e imediatamente eu soube que aquilo era real.

Ren dissera que o xamã só voltaria ao anoitecer e ainda faltavam várias horas até lá. A cama parecia convidativa. Seria bom tirar um cochilo, mas eu estava imunda. Concluí que um banho era a primeira coisa a fazer e fui investigar a banheira, que precisava ser enchida à moda antiga – com um balde.

Dei início à árdua tarefa de bombear água para o balde, despejá-la na banheira e começar tudo de novo. Parecia mais fácil na televisão do que na vida real. Pensei que meus braços fossem cair logo depois do terceiro balde, mas resisti à dor sabendo como seria bom tomar um banho. Meus braços cansados me convenceram de que encher a banheira até a metade era mais do que suficiente.

Tirei os tênis e comecei a desabotoar a blusa. Já estava na metade dos botões quando de repente percebi que tinha uma plateia. Juntei os dois lados da blusa, fechando-a, e me virei, dando de cara com Ren me observando.

– Que cavalheiro, hein!? Está quieto como um rato de propósito, não é? Bem, não quero saber. É melhor você ir se sentar lá fora enquanto eu tomo banho. – Agitei o braço no ar. – Vá... fique de guarda ou qualquer outra coisa.

Abri a porta e Ren vagorosamente se arrastou para fora. Apressei-me em me despir, entrei na água e comecei a esfregar minha pele suja com o sabonete de ervas caseiro do xamã. Depois de ensaboar meu cabelo e enxaguá-lo, recostei-me na banheira por um instante, pensando: *Onde eu fui me meter? Por que o Sr. Kadam não me contou nada disso? O que eles esperam que eu faça? Quanto tempo vou ficar presa nesta selva indiana?*

As perguntas fervilhavam na minha cabeça, afugentando pensamentos coerentes. Desistindo de tentar dar um sentido a tudo aquilo, saí da banheira, me enxuguei, me vesti e abri a porta para Ren, que estivera deitado com as costas apoiadas nela.

– Pode entrar agora. Já estou vestida.

Ren tornou a entrar enquanto eu me sentava na cama, de pernas cruzadas, e começava a desembaraçar o cabelo.

– Fique sabendo, Ren, que vou dizer poucas e boas ao Sr. Kadam depois que sairmos daqui. Aliás, você também não irá se safar. Tenho mil perguntas para fazer. Pode se preparar.

Fiz uma trança em meu cabelo e o amarrei com uma fita verde. Enfiando os braços debaixo da cabeça, me recostei no travesseiro e fitei o teto de bambu. Ren pôs a cabeça no colchão perto da minha e me olhou com a expressão de um tigre que pede desculpas.

Eu ri e lhe fiz um carinho na cabeça, a princípio sem jeito, mas ele se encostou mais e eu rapidamente superei a timidez.

– Está tudo bem, Ren. Não estou zangada. Só queria que vocês dois tivessem confiado mais em mim.

Ele lambeu minha mão e se deitou no chão para descansar. Virei-me de lado para observá-lo.

Devo ter caído no sono, pois quando abri os olhos estava escuro na cabana, exceto por uma lamparina que brilhava suavemente na cozinha. Sentado à mesa estava um velho.

Eu me sentei na cama e esfreguei os olhos sonolentos, surpresa por ter dormido tanto tempo. O xamã estava ocupado, tirando as folhas de várias plantas espalhadas sobre a mesa. Quando me levantei, ele fez sinal para que eu me aproximasse.

– Olá, mocinha. Você dorme bastante. Muito cansada. Muito, muito cansada.

Fui até a mesa, seguida por Ren. Ele bocejou, arqueou as costas, alongou uma perna de cada vez e então se sentou aos meus pés.

– Está com fome? Coma. Boa comida, hein? Muito gostosa.

O homenzinho se levantou e serviu um pouco de um aromático ensopado de legumes temperado com ervas que borbulhava em uma panela no fogão a lenha. Ele colocou um pedaço de pão chato na borda da tigela e voltou para a mesa. Empurrando a tigela na minha direção, assentiu com satisfação, então se sentou e continuou a desfolhar as plantas.

O ensopado tinha um cheiro divino, principalmente depois de eu ter comido apenas barras de cereais por um dia e meio.

O xamã estalou a língua.

– Qual seu nome?

– Kelsey – murmurei enquanto mastigava.

– Quel-si. Você tem bom nome. Forte.

– Obrigada pela comida. Está deliciosa!

Ele grunhiu em resposta e fez um gesto com a mão, dispensando o elogio.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Meu nome imenso. Me chame Phet.

Phet era um homem pequeno, magro, moreno e enrugado, com uma coroa de cabelos crespos grisalhos circundando a parte posterior da cabeça. A careca lustrosa refletia a luz da lamparina. Usava uma túnica verde-acinzentada, tecida rusticamente, e sandálias. Um sarongue estava displicentemente jogado sobre seus ombros e me surpreendia que o traje fino se mantivesse sobre sua frágil figura.

– Phet, me desculpe por invadir a sua casa. Ren me trouxe aqui. Sabe...

– Ah, Ren, o seu tigre. Sim, Phet sabe por que vocês estão aqui. Anik disse que você e Ren vinham, então fui ao lago Suki hoje para... preparação.

Servi-me mais um pouco de ensopado enquanto ele me trazia um copo de água.

– Você se refere ao Sr. Kadam? Ele lhe disse que viríamos?

– Sim, sim. Kadam disse Phet. – O xamã empurrou para um lado as plantas, abrindo espaço no canto da mesa, e então apanhou uma gaiolinha que abrigava um raro e pequenino pássaro vermelho. – Muitos pássaros no lago Suki, mas este muito extraordinário.

Ele se inclinou para a gaiola, estalou a língua para a ave e agitou o dedo. Então começou a assobiar e falou alegremente com o pássaro em sua língua nativa. Voltando sua atenção para mim, disse:

– Phet demorou dia todo para capturar. Pássaro tem canto liiin-do.

– Ele vai cantar para nós?

– Quem sabe? Às vezes pássaro nunca canta, a vida toda. Só canta para pessoa especial. Quel-si é pessoa especial?

Ele riu ruidosamente, como se tivesse contado uma piada engraçadíssima.

– Phet, como se chama este pássaro?

– Ele é da ninhada de Durga.

Terminei meu ensopado e pus a tigela de lado.

– Quem é Durga?

Ele sorriu.

– Ah. Durga liiin-da deusa e Phet – apontando para si mesmo – é humilde criado. Pássaro canta para Durga e mulher especial.

Ele tornou a apanhar suas folhas e continuou trabalhando.

– Então você é um sacerdote de Durga?

– Sacerdote instrui outra pessoa. Phet existe sozinho. Serve sozinho.

– Você gosta de viver só?

– Sozinho mente raciocina, ouve coisas, vê coisas. Mais gente, vozes demais.

Um bom argumento. Também não me importo de ficar sozinha. O único problema é que, se você está sempre sozinho, sente-se solitário.

– Humm. Seu pássaro é muito bonito.

Ele assentiu e começou a trabalhar silenciosamente.

– Posso ajudá-lo com as folhas? – perguntei.

Ele abriu um sorriso largo, revelando a ausência de vários dentes. Seus olhos quase desapareceram em meio às profundas rugas morenas.

– Você me ajudar? Sim, Quel-si. Observe Phet. Imita. Você experimenta.

Ele segurou o caule de uma planta e correu os dedos para baixo, até arrancar todas as folhas. Então me entregou um galho com minúsculas folhas, que parecia um tipo de alecrim. Arranquei as folhas perfumadas e empilhei-as na mesa. Trabalhamos juntos por um tempo.

Aparentemente, Phet colhia as ervas como meio de vida. Ele me mostrou as diferentes plantas que havia apanhado e me disse seus nomes e para que eram usadas. Também tinha a coleção seca, que pendia do teto, e passou algum tempo descrevendo cada um dos itens. Alguns nomes me soavam familiares, mas outros eu nunca ouvira.

Ele subiu em um banquinho, catou algumas plantas secas e as substituiu por frescas. Então pegou um pilão e, depois de me ensinar a triturar as ervas, transferiu-me a tarefa de moer vários tipos delas.

Phet abriu um jarro que tinha gotas duras e douradas de resina. Cheirei o interior do pote e comentei:

– Eu me lembro deste cheiro na selva. É aquela coisa grudenta que escorre das árvores, não é?

– Muito bem, Quel-si. Seu nome olíbano. Vem da árvore *Boswellia*.

– Olíbano? Eu sempre me perguntei o que era isso.

Ele tirou uma lasquinha e me entregou.

– Aqui, Quel-si. Prove.

– Você quer que eu *coma* isso? Pensei que fosse um perfume.

– Pegue, Quel-si. Experimente.

Ele colocou um pedaço em sua própria língua e eu segui seu exemplo.

O aroma era picante e o sabor, doce. A textura era a de uma goma grudenta. Phet mascou com seus poucos dentes e sorriu para mim.

– Gosto bom, Quel-si? Agora respire longo.

– Respirar longo?

Ele demonstrou inspirando profundamente e assim eu fiz. Ele me deu um tapa nas costas que teria feito com que eu cuspsse a goma, se ela não estivesse grudada em meus dentes.

– Está vendo? Bom para estômago, hálito bom, sem preocupações. – Ele me entregou o pequeno jarro de olíbano. – Guarde este. Muito útil para você.

Eu lhe agradei e depois de guardar o jarro em minha mochila voltei ao pilão.

– Quel-si, você fez viagem longa, sim? – perguntou ele.

– Ah, sim, muito, muito longa.

Contei-lhe como conheci Ren no Oregon e falei sobre a viagem para a Índia com o Sr. Kadam. Também descrevi a perda do caminhão, nossa caminhada pela selva e terminei com o momento em que encontramos sua casa.

Phet assentia e ouvia, atento.

– E seu tigre nem sempre é tigre. Estou correto dizendo isso?

Olhei para Ren.

– Sim, você está correto.

– Você quer ajudar o tigre?

– Quero. Estou zangada por ele ter me enganado, mas entendo por que fez isso. – Baixei a cabeça e dei de ombros. – Só quero que ele seja livre.

Nesse momento, o passarinho vermelho começou a cantar lindamente e continuou cantando pelos minutos seguintes.

Phet fechou os olhos, escutando com uma expressão de puro êxtase, e assoviou baixinho, acompanhando. Quando a ave parou de cantar, ele abriu os olhos e se virou para mim, sorrindo.

– Quel-si! Você muito especial! Sinto alegria! Phet ouviu canto de Durga! – Ele se levantou, alegre, e começou a guardar todas as plantas e os jarros. – No momento, você deve descansar. Nascer do sol importante amanhã. Phet precisa rezar na noite e você precisa dormir. Embarcar em sua travessia amanhã. Dura e difícil. À primeira luz, Phet ajuda você na companhia do tigre. Segredo de Durga vai ser revelado. Agora vá dormir.

– Acabei de tirar um bom cochilo e ainda não estou com sono. Não posso ficar com você e fazer mais perguntas?

– Não. Phet vai rezar. Preciso expressar agradecimento a Durga pelo privilégio da bênção imprevista. Seu sono essencial. Phet faz infusão para aumentar sono de Quel-si.

Ele colocou várias folhas em uma xícara e despejou água fervente sobre elas. Depois de um minuto, me entregou a xícara e indicou que eu bebesse. Tinha cheiro de chá de hortelã com um toque de um condimento semelhante ao cravo. Dei um gole e gostei do sabor. Ele me enxotou para a cama e mandou Ren me acompanhar. Depois de diminuir a intensidade do lampião, pôs uma sacola no ombro, sorriu para mim e saiu, fechando a porta silenciosamente.

Deitei-me na cama pensando que dormir seria impossível, mas sem muita demora mergulhei em um sono relaxante e sem sonhos.

Na manhã seguinte, Phet me acordou cedo batendo palmas bem alto.

– Olá, Quel-si e Ren. Phet reza enquanto vocês dormem. Como consequência, Durga faz milagre. Vocês precisam acordar! Preparem-se e nós conversamos.

– Certo, Phet, vou me apressar.

Puxei a cortina à minha volta e me arrumei.

Na cozinha, Phet preparava ovos e já servira um grande prato deles no chão para Ren. Lavei as mãos com o sabonete de ervas e me sentei à mesa. Desmanchei a trança e penteei os cabelos ondulados com os dedos.

Ren parou de comer, engoliu seu bocado de ovos e ficou me olhando atentamente enquanto eu trabalhava em meu cabelo.

– Ren, pare de me olhar! Coma os ovos. Você deve estar morrendo de fome.

Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e ele finalmente se voltou para sua comida. Phet também me serviu um prato contendo uma pequena salada com uma estranha variedade de verduras de sua horta e uma bela omelete. Então ele se sentou para conversar conosco.

– Quel-si, eu sou homem facilitador agora. Durga falou comigo. Ela *vai* ajudar vocês. Numerosos anos passados, Anik Kadam procura remédio para confortar Ren. Eu digo a ele Durga aprecia o tigre, mas ninguém pode aliviá-lo. Ele me pergunta o que pode fazer. Naquela noite, Phet sonha com dois tigres, um pálido como a lua; outro negro, à semelhança da noite. Durga fala baixinho no meu ouvido. Ela diz apenas garota especial pode quebrar maldição. Phet sabe: garota protegida de Durga. Ela luta pelo tigre. Eu digo Anik: atento garota especial da deusa. Dou indicação: garota sozinha, cabelo castanho, olhos escuros. Devotada ao tigre e sua palavra poderosa como melodia da deusa. Ajuda tigre ser livre outra vez. Eu digo Anik: descubra protegida de Durga e traga para mim.

Ele colocou as mãos morenas e deformadas sobre a mesa e se inclinou para mim.

– Quel-si, Phet percebe *you* excepcional protegida de Durga.

– Phet, do que você está falando?
– Você guerreira forte, bonita, como Durga.
– Eu? Uma guerreira forte e bonita? Acho que você está com a garota errada.

Ren rosnou baixo e Phet estalou a língua.

– Não. O passarinho de Durga canta para *você*. Você garota *certa*! Não jogue fora o destino, como erva daninha! Flor preciosa. Paciência. Espere florescer.

– Está bem, Phet, vou dar o melhor de mim. O que tenho que fazer? Como posso quebrar a maldição?

– Durga ajuda você na caverna Kanheri. Use chave para abrir câmara.

– Que chave? – perguntei.

– Chave é célebre Selo do Império Mujulaain. Tigre sabe. Encontre lugar subterrâneo na caverna. Selo é chave. Durga leva você à resposta. Liberta tigre.

Comecei a tremer incontrolavelmente. Aquilo era demais para absorver de uma só vez. Mensagens em cavernas secretas, ser a favorita de uma deusa indiana e partir em uma aventura na selva com um tigre? Eu me sentia assoberbada. Minha mente gritava: *Não é possível! Não é possível! Como foi que fiquei presa nessa situação bizarra? Ah, sim. Eu me voluntariei.*

Phet me observava com curiosidade. Ele pôs a mão sobre a minha. Era quente e delicada, e me acalmou instantaneamente.

– Quel-si, acredite em você mesma. Você mulher forte. Tigre protege você.

Baixei os olhos para Ren, que estava sentado no piso de bambu, me olhando com uma expressão preocupada.

– Eu sei que ele vai cuidar de mim. E quero muito ajudá-lo a quebrar a maldição. É só um pouquinho... assustador.

Phet apertou minha mão e Ren levou uma pata ao meu joelho. Reprimi o medo e o empurrei para o fundo da mente.

– Então, Phet, aonde vamos agora? À caverna?

– Tigre sabe aonde ir. Siga tigre. Pegue Selo. Devem partir logo. Antes de ir, Quel-si, Phet confere a você marca da deusa e reza.

Phet apanhou um pequeno arranjo de folhas que havíamos selecionado na noite anterior. Ele o agitou no ar em torno da minha cabeça, descendo por cada um dos meus braços, enquanto cantava baixinho. Então arrancou uma folhinha e a levou aos meus olhos, nariz, boca e testa. Depois voltou-se para Ren e cumpriu o mesmo ritual.

Em seguida, levantou-se e trouxe um pequeno jarro contendo um líquido marrom. Ele tirou um galho fino que fora despojado das folhas e o mergulhou levemente no jarro. Tomando minha mão direita, começou a fazer desenhos geométricos. O líquido tinha um cheiro pungente e os arabescos que ele desenhava me lembravam os desenhos de hena nas mãos.

Quando chegou ao fim, virei a mão de um lado para outro, admirando a habilidade necessária para criar o elaborado trabalho de arte. Os padrões que ele desenhava cobriam o dorso da minha mão direita, assim como a palma e as pontas dos dedos.

– Para que serve isso? – perguntei.

– Este símbolo poderoso. Marca permanece muitos dias.

Phet reuniu todas as folhas e os galhos, atirou-os no velho fogão a lenha de ferro fundido e pairou acima dele por um momento, a fim de inalar a fumaça. Em seguida, virou-se para mim, fazendo uma mesura.

– Quel-si, agora hora de partir.

Ren saiu pela porta. Curvei-me em retribuição a Phet e então o abracei rapidamente.

– Obrigada por tudo. Agradeço de coração sua hospitalidade e sua generosidade.

Ele sorriu calorosamente para mim e apertou minha mão. Apanhei minha bolsa, a mochila, abaixei-me para passar pela porta e saí, seguindo Ren.

Sorrindo, Phet foi até a portinha e acenou em despedida.



Um refúgio

— Bem, acho que para nós isso significa o retorno à selva, certo, Ren?

Ele não se virou diante do meu comentário, mas continuou avançando lentamente. Eu seguia atrás dele, pensando em todas as perguntas que lhe faria quando se transformasse em homem.

Depois de andar por algumas horas, chegamos a um pequeno lago. Imaginei que aquele fosse o lago Suki do qual Phet falara. Havia, de fato, muitas aves ali. Patos, gansos, martins-pescadores, grouns e maçaricos pontilhavam a água e as margens à procura de comida. Vi até aves maiores, talvez algum tipo de águia ou falcão, circulando no céu acima de nós.

Nossa chegada perturbou um bando de garças, que levantou voo freneticamente, tornando a pousar na água, na extremidade oposta do lago. Pássaros menores disparavam de um lado para outro em tons de verde, amarelo, cinza, azul e preto com peito vermelho, mas não vi nenhum dos pássaros de Durga.

Onde as árvores lançavam sombra na água, grupos de ninfeias formavam um bom posto onde os sapos se empoleiravam para descansar. Eles nos observavam com olhos amarelos e pulavam na água quando passávamos.

Falei tanto para mim mesma quanto para Ren:

– Você acha que existem crocodilos ou jacarés no lago?

Ele começou a andar ao meu lado e eu não sabia se isso significava que *havia* mesmo répteis perigosos ali ou se ele queria apenas me fazer companhia. Por via das dúvidas, deixei-o andar entre mim e o lago.

O dia estava quente, com céu claro, sem uma única nuvem para oferecer sombra. Eu transpirava muito. Ren seguia sob as sombras das árvores sempre que possível para tornar a caminhada um pouco mais tolerável, mas eu ainda me sentia péssima. Enquanto contornávamos o lago, ele mantinha um passo lento e regular, que eu conseguia acompanhar com facilidade. Mesmo assim, sentia as bolhas se formando em meus calcanhares. Peguei o filtro solar na mochila e o apliquei no rosto e nos braços. A bússola indicava que estávamos seguindo para o norte.

Quando Ren parou para beber em um riacho, descobri que Phet havia preparado nosso almoço e colocado a comida na minha mochila. Tratava-se de uma grande folha verde envolvendo uma bola de arroz branco grudento recheada com carne apimentada e legumes temperados. Era um pouco picante demais para o meu gosto, mas o arroz puro ajudou a dar uma equilibrada. Encontrando duas outras bolas envoltas em folhas na mochila, joguei-as para Ren, que se exibiu saltando e pegando-as no ar. Ele, naturalmente, engoliu-as inteiras.

Andando por mais umas quatro horas, finalmente deixamos a selva, saindo em uma pequena estrada. Eu me senti feliz de andar no pavimento liso – pelo menos até meus pés começarem a queimar. Eu podia jurar que o asfalto negro e quente estava derretendo a sola dos meus tênis.

Ren empinou o nariz no ar, virou à direita e marchou ao lado da estrada por quase um quilômetro até chegarmos a um Jeep verde metálico novinho em folha. O veículo tinha janelas fumê e uma capota preta e rígida.

O tigre parou ao lado do Jeep e se sentou.

Arfando, tomei um grande gole de água e perguntei:

– O que foi? O que você quer que eu faça?

Ren continuou sem expressão.

– É o carro? Você quer que eu entre nele? O.k. Só espero que o dono não fique chateado.

Ao abrir a porta, encontrei um bilhete do Sr. Kadam no banco do motorista.

Srta. Kelsey,

Por favor, me perdoe. Eu queria lhe contar a verdade.

Aqui está um mapa com indicações de como chegar à casa de Ren, onde irei encontrá-la.

As chaves estão no porta-luvas. Não se esqueça de dirigir do lado esquerdo da estrada.

A viagem dura cerca de uma hora e meia. Espero que cheguem bem.

Seu amigo,

Anik Kadam

Peguei o mapa e o coloquei no banco do carona. Abrindo a porta traseira, joguei as bolsas ali e peguei outra garrafa de água para a viagem. Ren saltou para o banco de trás e ali se estirou.

Sentei-me ao volante e abri o porta-luvas, encontrando um pequeno chaveiro com as chaves prometidas. Na grande lia-se *Jeep*. Dei a partida no motor e sorri, grata, quando um jato de ar frio soprou, vindo das entradas de ar.

Quando saí para a estrada estreita e vazia, uma vozinha no aparelho GPS chiou: “Siga em frente por 50 quilômetros. Depois vire à esquerda.”

Mantendo-me à esquerda na estrada e agarrando o volante, olhei para minha mão. Apesar do suor e de enxugar o rosto constantemente, o desenho de Phet ainda estava lá, permanente como uma tatuagem. Liguei o rádio,

encontrei uma estação que tocava uma música interessante e deixei que me fizesse companhia pela estrada enquanto Ren cochilava.

Era fácil seguir as indicações do Sr. Kadam, ainda mais com o GPS. Praticamente não havia trânsito na estrada que seguíamos, o que era bom, pois sempre que um carro passava por mim eu agarrava o volante, nervosa. Eu tinha acabado de aprender a dirigir no lado direito e trocar os lados não era fácil.

Depois de uma hora, segundo as instruções, eu deveria pegar uma estrada de terra. Não havia placas, mas o GPS apitou, indicando que estávamos no lugar certo, então virei e entrei na selva densa. Parecíamos estar no meio do nada, mas a estrada estava em bom estado.

O sol ia se pondo e o céu escurecia quando a estrada se abriu em um caminho de pedras arredondadas fortemente iluminado que circulava um chafariz alto, cercado de flores. Erguendo-se atrás dele, havia a casa mais fantástica que eu já vira. Parecia uma mansão de milhões de dólares que se poderia encontrar nos trópicos ou talvez no litoral da Grécia. Imaginei que o lugar perfeito para ela seria o pico de uma ilha, com vista para o mar Mediterrâneo.

Parei o carro, abri as portas e me maravilhei com o magnífico cenário.

– Ren, sua casa é incrível! – exclamei. – Não acredito que você seja o dono disto!

Peguei as bolsas, subi lentamente o caminho calçado de pedras e admirei a garagem com espaço para quatro carros. Imaginei que tipos de veículos estariam guardados ali. Lindas plantas tropicais circundavam a casa, transformando o terreno em um paraíso luxuriante. Reconheci aves-do-paraíso, bambu ornamental, altas palmeiras-imperiais, densas samambaias e bananeiras folhosas, mas ainda havia muitas outras. Uma piscina e um ofurô encontravam-se iluminados na lateral da casa, e uma fonte resplandecente lançava água da piscina no ar.

A casa de três andares era pintada de branco e creme. O segundo andar tinha uma varanda coberta que circundava toda a construção, com balaustradas de ferro, sustentadas por pilares de cor creme. O último andar

contava com sacadas altas e em arco, ao passo que janelas panorâmicas eram o traço mais característico do andar principal.

Quando Ren e eu alcançamos a entrada de mármore e madeira de teca, girei a maçaneta e vi que a porta estava destrancada. A área externa era quente e vibrante, refletindo a variedade e a intensidade das cores da Índia. O interior era opulento e encantador, decorado em tons mais frios.

Com certeza isso é melhor do que dormir na selva.

Entramos no amplo vestíbulo, com o teto abobadado, piso de mármore e uma escadaria curva com balaustradas de ferro trabalhado. O ambiente era coroado por um deslumbrante candelabro de cristal. Janelas imensas emolduravam a visão panorâmica da selva circundante.

Tirei meus tênis imundos e atravessei o vestíbulo até uma biblioteca de atmosfera masculina. Poltronas de couro marrom-escuro, divãs e sofás aconchegantes estavam distribuídos sobre um belo tapete. A um canto via-se um imenso globo e as paredes eram cobertas por estantes. Havia inclusive uma escada deslizante que alcançava as prateleiras superiores. Uma mesa pesada, meticulosamente limpa e organizada, com uma cadeira de couro, estava posicionada a um lado e de imediato me lembrou o Sr. Kadam.

Uma lareira de pedra esculpida tomava conta de uma parede. Eu não conseguia imaginar quando uma lareira seria usada na Índia, mas ainda assim era uma bela peça. Um vaso dourado cheio de penas de pavão refletia as nuances azuis, verdes e púrpura das almofadas e dos tapetes. Era a biblioteca mais linda do mundo.

Quando estávamos prestes a percorrer a casa, ouvi o Sr. Kadam gritar:

– Srta. Kelsey? É você?

Eu estivera determinada a me mostrar aborrecida com ele e Ren, mas percebi que mal podia esperar para vê-lo.

– Sim, sou eu, Sr. Kadam.

Encontrei-o na ampla cozinha gourmet, de aço inoxidável, com piso de mármore negro, bancadas de granito e fornos duplos, onde o Sr. Kadam estava ocupado preparando uma refeição.

– Srta. Kelsey! – O homem de negócios veio correndo ao meu encontro e disse: – Estou tão feliz em vê-la. Espero que não esteja zangada comigo.

– Bem, não estou muito feliz com a maneira como tudo aconteceu, mas – sorri para ele e baixe os olhos para o tigre – culpo este aqui mais do que ao senhor. Ele admitiu que o senhor queria me contar a verdade.

O Sr. Kadam fez uma careta, desculpando-se, e assentiu com a cabeça.

– Por favor, nos perdoe. Não tínhamos a intenção de aborrecê-la. Venha. Preparei a comida.

Ele voltou apressado para a cozinha, abriu a porta de um cômodo cheio de aromáticos condimentos frescos e secos e desapareceu ali dentro por vários minutos. Quando saiu, depositou sua seleção na ilha de trabalho da cozinha e abriu mais uma portinha para outra ampla despensa. Espiei lá dentro e vi prateleiras cheias de pratos e taças elegantes, e até um impressionante faqueiro de prata. Ele pegou dois delicados pratos de porcelana e duas taças e pôs a mesa.

– Sr. Kadam, uma coisa está me perturbando.

– Só *uma*? – provocou ele.

Eu ri.

– Por ora. Queria saber se o senhor chegou mesmo a chamar o Sr. Davis para acompanhá-lo e cuidar do Ren. E, nesse caso, o que o senhor teria feito se ele dissesse sim e eu não?

– De fato eu o consulte, só para manter as aparências, mas também sugeri sutilmente ao Sr. Maurizio que talvez fosse melhor para ele persuadir o Sr. Davis a *não* vir. Na verdade, eu lhe ofereci mais dinheiro se insistisse para que o Sr. Davis permanecesse no circo. Quanto ao que eu faria se você recusasse, suponho que teríamos que lhe fazer uma oferta melhor e continuar tentando até encontrarmos uma que não pudesse recusar.

– E se eu ainda dissesse não? O senhor teria me sequestrado?

O Sr. Kadam riu.

– Não. Se nossa oferta continuasse a ser recusada, meu próximo passo teria sido lhe contar a verdade e esperar que a senhorita acreditasse.

- Ufa, que alívio.
- Só *então* eu iria sequestrá-la.

Ele riu com a própria piada e voltou a atenção para o jantar.

- Isso não é muito engraçado, Sr. Kadam.
- Não pude resistir. Desculpe, Srta. Kelsey.

Ele me conduziu para uma saleta a fim de tomarmos o café da manhã. Sentamo-nos a uma mesa redonda perto de um janelão que dava para a piscina iluminada. Ren se acomodou aos meus pés.

O Sr. Kadam queria saber tudo o que acontecera comigo desde que nos separamos. Eu lhe contei sobre o caminhão e descobri que ele havia pago ao motorista para me abandonar lá. Então falamos sobre a selva e sobre Phet.

Ele me fez muitas perguntas sobre minhas conversas com Phet e ficou particularmente interessado em meu desenho de hena. Virou minha mão e examinou atentamente os símbolos de ambos os lados.

– Então você é a protegida de Durga – concluiu ele, recostando-se em sua cadeira, e sorriu.

– Como o senhor sabia que *eu* era a pessoa capaz de quebrar a maldição?

– Não tínhamos certeza, mas agora Phet confirmou nossas suspeitas. Quando Ren estava no cativeiro, ele não podia alterar sua forma. De alguma forma, você falou as palavras que o libertaram. Elas lhe permitiram se transformar em homem novamente e entrar em contato comigo. Esperávamos que você fosse a pessoa certa para quebrar a maldição, aquela que procurávamos, a protegida de Durga.

– Sr. Kadam, quem é Durga?

O Sr. Kadam buscou uma estatueta dourada em outra sala e a colocou delicadamente sobre a mesa. Era a imagem lindamente esculpida de uma deusa indiana com oito braços disparando uma flecha com seu arco, montada em um tigre.

– Por favor, me fale sobre ela – falei, tocando um braço da deusa.

– Claro, Srta. Kelsey. Na língua dos hindus, *Durga* significa “a invencível”. Ela é uma grande guerreira, considerada a deusa mãe de muitos dos outros deuses e deusas da Índia. Tem várias armas à sua disposição e segue para a guerra montando um magnífico tigre chamado Damon. Uma deusa muito bonita, é descrita como tendo cabelos longos e cacheados e uma pele brilhante, que brilha ainda mais quando ela se encontra no calor de uma batalha. Com frequência está vestida em trajes azul-celeste e adornada com joias de ouro, pedras preciosas e reluzentes pérolas negras.

Virei a estatueta.

– Que armas são estas que ela está segurando?

– Existem representações diversas dela por toda a Índia. Em cada uma, Durga tem um número de braços e uma coleção de armas ligeiramente diferentes. Esta estatueta mostra um tridente, um arco e flecha, a espada e uma *gada*, que é semelhante a uma maça ou clava. Ela também carrega um *kamandal*, ou concha, um *chakram*, uma cobra, e uma armadura com escudo. Já vi outros desenhos de Durga com uma corda, um sino e uma flor de lótus. Não só Durga tem várias armas à sua disposição como também pode manipular os raios e os trovões.

Peguei a estatueta e a examinei de diferentes ângulos. Os oito braços eram assustadores.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– A deusa Durga nasceu do rio para ajudar a humanidade em seus momentos de necessidade. Ela enfrentou um demônio, Mahishasur, que era meio humano, meio búfalo. Ele aterrorizava a terra e o céu, e ninguém conseguia matá-lo. Assim, Durga assumiu a forma de uma deusa guerreira para derrotá-lo.

Pondo a estatueta de volta na mesa, eu disse, hesitante:

– Sr. Kadam, não é minha intenção ser desrespeitosa e espero não ofendê-lo, mas não acredito nesse tipo de coisa. Acho fascinante, mas estranho demais para ser verdade. Tenho a sensação de que estou presa em algum tipo de mitologia indiana na série de TV *Além da imaginação*.

O Sr. Kadam sorriu.

– Ah, Srta. Kelsey, não se preocupe. Eu não me ofendi. Durante minhas viagens e pesquisas tentando ajudar Ren e seu irmão Kishan a quebrar a maldição, tive que me abrir para novas ideias e crenças que eu mesmo jamais havia considerado. Cabe ao seu coração decidir e saber o que é real e o que não é.

– Acho que sim.

– A senhorita deve estar bem cansada da viagem. Vou lhe mostrar o quarto onde poderá descansar.

Ele me conduziu para o segundo andar, até um amplo quarto decorado em ameixa e branco com acabamentos dourados. Um vaso redondo de rosas brancas e gardênia perfumava levemente o ambiente. Uma cama de dossel com montes de almofadas cor de ameixa encontrava-se junto à parede. Um grosso tapete branco cobria o chão. Portas de vidro bisotado abriam-se para a maior varanda que eu já vira e que dava para a piscina.

– É lindo! Obrigada, Sr. Kadam.

Ele assentiu e se foi, fechando a porta suavemente ao sair.

Arranquei as meias e desfrutei da sensação de andar descalça no tapete aveludado. Portas de vidro texturizado abriam-se para um banheiro espetacular, maior do que todo o primeiro andar de Mike e Sarah. Havia uma banheira de mármore branco e um imenso chuveiro que também funcionava como sauna. Toalhas macias cor de ameixa pendiam de um suporte aquecido e frascos de vidro continham sabonetes e espumas de banho nas fragrâncias lavanda e pêssego.

Perto do banheiro havia um closet com bancos acolchoados brancos, prateleiras e gavetas. Um lado estava vazio e o outro tinha uma arara de roupas novas ainda envoltas em plástico. A cômoda também estava cheia de roupas. Uma parede inteira tinha o propósito de guardar sapatos, mas estava quase totalmente vazia. Uma caixa de sapatos nova encontrava-se ali, esperando para ser aberta.

Depois de um banho de chuveiro completamente relaxante e de trançar o cabelo, tirei minhas poucas roupas da bolsa e guardei-as no closet e na cômoda. Arrumei minha maquiagem, meu espelho, minha escova de cabelo e minhas fitas em uma bandeja espelhada sobre a pia de mármore.

Vestida com o pijama, corri para a cama e tinha acabado de pegar meu livro de poesia quando ouvi uma batida nas portas abertas da varanda. Olhei para lá e meu coração começou a bater forte no peito. Um homem estava de pé do outro lado. Vislumbrei olhos azuis – Ren, na versão príncipe indiano. Quando saí para a varanda, percebi que seu cabelo estava molhado e que ele exalava um cheiro maravilhoso, como uma mistura de cascatas e selva. Estava tão bonito que eu me senti muito mais tímida que de costume. Enquanto eu andava em sua direção, meu coração disparou ainda mais.

Ren me olhou de cima a baixo e franziu a testa.

– Por que não está usando as roupas que comprei para você? As que estão no closet e na cômoda?

– Ah... Você quer dizer que aquelas roupas são para *mim*? – perguntei, confusa. – Eu não... Mas... Por que você iria... Como... Bem, de qualquer forma, obrigada. E obrigada por me deixar usar este quarto lindo.

Ren me dirigiu um largo sorriso que me deixou sem ação. Ele pegou uma mecha do meu cabelo que se soltara na brisa, prendeu atrás da minha orelha e disse:

– Gostou das flores?

Por um momento, fiquei apenas olhando para ele, então pisquei e consegui deixar sair um fraco “sim”, quase um guincho. Ele assentiu, satisfeito, e gesticulou na direção do pátio. Assenti e inspirei o ar quando Ren me pegou pelo cotovelo e me conduziu até uma cadeira. Depois de verificar que eu estava confortável, sentou-se na cadeira à minha frente. Fiquei simplesmente olhando para ele, sem conseguir elaborar um só pensamento coerente.

– Kelsey, sei que você tem muitas perguntas para mim. O que quer saber primeiro?

Eu estava hipnotizada por seus olhos azuis brilhantes, que de alguma forma cintilavam até no escuro. Por fim, consegui sair do transe. Disse a primeira coisa que me veio à mente:

– Você não se parece com outros homens indianos. Seus... seus olhos são... diferentes e... – gaguejei, desajeitada.

Por que não consigo me controlar?

Se soei como uma idiota, Ren não demonstrou notar.

– Meu pai tinha ascendência indiana, mas minha mãe era asiática. Era um princesa de outro país que foi prometida a meu pai como noiva. Além disso, tenho mais de 300 anos, o que também deve fazer alguma diferença, suponho.

– Mais de 300 anos! Isso significa que você nasceu em...

– Nasci em 1657.

– Certo. – Eu me remexi na cadeira. *Parece que acho homens mais velhos extremamente atraentes.* – Então por que você aparenta ser tão jovem?

– Não sei. Eu tinha 21 anos quando me lançaram a maldição. Não envelheci mais depois disso.

Cerca de um milhão de perguntas saltavam na minha mente e de repente senti a necessidade de tentar solucionar esse enigma.

– E o Sr. Kadam? Quantos anos ele tem? E como o chefe do Sr. Kadam se encaixa nessa história? Ele sabe sobre você?

Ele riu.

– Kelsey, eu sou o chefe do Sr. Kadam.

– Você? *Você é o rico empregador dele?*

– Na verdade não definimos nosso relacionamento dessa forma, mas a explicação que ele lhe deu foi mais ou menos precisa. Quanto à idade do Sr. Kadam, isso é mais complicado. Ele é um pouco mais velho que eu. Era meu general e o conselheiro militar de confiança de meu pai. Quando a maldição recaiu sobre mim, corri para ele e consegui voltar à forma humana por tempo suficiente para lhe contar o que acontecera. Ele rapidamente

organizou as coisas, escondeu meus pais e seus bens, e desde então tem sido meu protetor.

– Mas como ele pode estar vivo ainda? Deveria ter morrido há muito tempo.

Ren hesitou.

– O Amuleto de Damon o protege do envelhecimento. Ele o usa no pescoço e nunca o tira.

Eu me lembrei da viagem de avião, quando vi de relance o pendente do Sr. Kadam. Sentei-me mais na ponta da cadeira.

– Damon? Não é esse o nome do tigre de Durga?

– Isso. O nome do tigre de Durga e do amuleto são o mesmo. Não sei muito sobre essa conexão nem sobre as origens do amuleto. Tudo o que sei é que ele se quebrou em vários pedaços há muito tempo. Alguns dizem que são quatro pedaços, cada um deles representando um dos elementos básicos, os quatro ventos, ou mesmo os quatro pontos cardeais. Outros dizem que são cinco ou mais. Meu pai me deu seu pedaço e minha mãe deu o dela a Kishan.

Eu mal piscava, querendo compreender tudo. Ele continuou:

– O homem que lançou a maldição do tigre sobre mim queria nossos pedaços do amuleto. Foi por isso que enganou Kishan. Ninguém sabe com certeza que tipo de poder o amuleto exerceria se todos os pedaços fossem reunidos. Mas ele era cruel e nada o deteria em seu propósito de obter todos os pedaços e descobrir.

– Que pessoa detestável.

Ren deu de ombros.

– Então o Sr. Kadam agora usa o meu pedaço do amuleto. Nós acreditamos que seu poder o vem protegendo e mantendo vivo todo esse tempo. Embora ele tenha envelhecido, isso vem acontecendo, felizmente, muito devagar. É um amigo de grande confiança que abriu mão de muita coisa para ajudar minha família ao longo dos anos. Nunca poderei pagar minha dívida com ele. Não sei como teria sobrevivido todo esse tempo sem

seu auxílio. – Ren olhou na direção da piscina e sussurrou: – O Sr. Kadam cuidou dos meus pais até a morte deles e os protegeu quando eu não pude fazê-lo.

Inclinei-me para a frente e pousei minha mão sobre a dele. Eu podia sentir sua tristeza quando falava sobre os pais. Seu sofrimento solitário de algum modo tomou conta de mim e se entrelaçou com o meu. Ele virou a mão e distraidamente começou a acariciar meus dedos com o polegar enquanto olhava a paisagem, imerso em seus próprios pensamentos.

Normalmente, eu me sentiria sem jeito ou constrangida por ficar de mãos dadas com um homem que acabara de conhecer. Em vez disso, porém, eu me sentia confortada. A perda de Ren ecoava a minha e seu toque me dava uma sensação de paz. Enquanto olhava seu rosto bonito, eu me perguntei se ele sentiria o mesmo. Eu compreendia a dor aguda do isolamento. Os orientadores na escola disseram que eu não fiquei de luto tempo suficiente após a morte dos meus pais e que isso me impedia de estabelecer vínculos com outras pessoas. Eu sempre me afastava, assustada, de relacionamentos profundos. Percebi que, de certa forma, éramos ambos solitários e senti uma grande compaixão por ele naquele momento. Eu não conseguia imaginar 300 anos sem contato humano, sem comunicação, sem alguém que olhasse em meus olhos sabendo quem eu sou. Mesmo que eu me sentisse desconfortável, eu não poderia ter lhe negado aquele momento de contato humano.

Ren me lançou um sorriso cálido e preguiçoso, beijou meus dedos e disse:

– Venha, Kelsey. Você precisa dormir e meu tempo está se esgotando.

Ele me puxou, me erguendo, de modo que fiquei muito perto dele, e quase parei de respirar. Enquanto ele segurava minha mão, senti um leve tremor atravessar a ponta dos meus dedos. Ele me levou até a porta do quarto, disse um rápido boa-noite, inclinou a cabeça e se foi.

Na manhã seguinte, investiguei meu novo guarda-roupa – cortesia de Ren. Fiquei surpresa ao ver que eram, na maior parte, jeans e blusas, roupas

práticas e modernas que as garotas americanas de hoje usariam. A única diferença era que as peças tinham as cores vivas e vibrantes da Índia.

Abri o zíper de uma das sacolas no closet e fiquei perplexa ao encontrar um vestido de seda azul no estilo indiano. Era bordado com minúsculas pérolas prateadas em toda a saia e no corpete. O vestido era tão lindo que eu quis experimentá-lo na hora.

A saia deslizou suavemente sobre a minha cabeça e pelos meus braços, acomodando-se à cintura. Serviu perfeitamente. Dos quadris, ela descia até o chão em pregas pesadas – pesadas graças às centenas de pérolas costuradas na bainha. O corpete tinha mangas japonesas e também era ricamente bordado com pérolas. Ajustou-se bem ao meu corpo, terminando logo acima do umbigo. Normalmente eu jamais usaria uma roupa que me deixasse com a barriga de fora, mas aquele vestido era incrível. Girei em frente ao espelho, me sentindo uma princesa.

Por causa do vestido, resolvi que faria um esforço extra com o cabelo e a maquiagem. Peguei meu raramente usado estojo de maquiagem e passei blush, uma sombra escura e lápis azul. Finalizei com rímel e um brilho rosado nos lábios. Então, desfiz as tranças da noite anterior e penteiei o cabelo com os dedos, ajeitando-o em cachos que caíam pelas costas.

Uma echarpe azul transparente acompanhava o vestido e eu a enrolei em torno dos ombros, sem saber bem como usá-la. Eu não havia planejado usar o vestido durante o dia, mas, depois de experimentá-lo, não conseguia me convencer a tirar do corpo aquela linda peça.

Descalça e me sentindo nas nuvens, desci a escada para tomar o café da manhã. O Sr. Kadam já estava na cozinha, assoviando e lendo um jornal indiano. Ele nem se deu ao trabalho de erguer os olhos.

– Bom dia, Srta. Kelsey. Seu café da manhã está na bancada da cozinha.

Saracoteei por ali, tentando chamar sua atenção, peguei meu prato e um copo de suco de papaia, e então ostentadamente ajeitei o vestido e deixei escapar um suspiro dramático enquanto me sentava diante dele.

– Bom dia, Sr. Kadam.

Ele me espiou pela borda lateral do jornal, sorriu e então pôs o jornal de lado.

– Srta. Kelsey! A senhorita está encantadora!

– Obrigada. – Corei. – Foi o senhor que o escolheu? É lindo!

– Sim. É chamada de *sharara*. Ren queria lhe dar roupas novas e eu as comprei quando estava em Mumbai. Ele também me pediu que escolhesse alguma coisa especial. Suas únicas instruções foram “bonito” e “azul”. Queria poder ter todo o crédito pela escolha, mas tive um pouco da ajuda de Nilima.

– Nilima? A comissária de bordo? Ela é sua... Quer dizer, vocês são...?

– gaguejei, envergonhada.

Ele riu.

– Nilima e eu temos, sim, uma relação bem próxima, como você adivinhou, mas não do tipo que está pensando. Nilima é minha tatatatataraneta.

Meu queixo caiu. Eu estava atônita.

– Sua o quê?

– Ela é minha neta precedida por vários “tata”.

– Ren me contou que o senhor era um pouco mais velho que ele, mas não mencionou que o senhor tinha uma família.

O Sr. Kadam dobrou o jornal e bebericou o suco.

– Fui casado há muito, muito tempo e tivemos alguns filhos, que também tiveram filhos, e assim por diante. De todos os meus descendentes, somente Nilima conhece o segredo. Para a maioria deles, sou um tio distante e abastado, que está sempre viajando a negócios.

– E a sua mulher?

O sorriso do Sr. Kadam desapareceu e ele ficou pensativo.

– Foi muito difícil para nós. Eu a amava de todo o meu coração. À medida que o tempo passava, ela foi envelhecendo, e eu não. O amuleto me

afetou profundamente, de maneiras que eu não esperava. Ela sabia de tudo e dizia que isso não a aborrecia.

Ele esfregou o amuleto sob a camisa. Vendo meu interesse, puxou uma fina corrente de prata e me mostrou a pedra verde, em formato de cunha. No alto, havia o fraco contorno da cabeça de um tigre. Glifos desciam pelo círculo externo, mas o Sr. Kadam disse que só conseguia ler parte de uma palavra.

Melancólico, esfregou o amuleto entre os dedos.

– Minha querida esposa ficou velha e muito doente. Ela estava morrendo. Tirei esse amuleto do meu pescoço e implorei a ela que usasse. Ela se recusou, fechou meus dedos em volta dele e me fez jurar que nunca mais o tiraria até que meu dever estivesse cumprido.

Uma pequena lágrima rolou do canto do meu olho.

– O senhor não poderia tê-la forçado a usar e se alternarem?

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

– Não. Ela queria seguir o curso natural da vida. Nossos filhos estavam casados e felizes, e ela achava que era hora de seguir para a próxima vida. Ela se sentia confortada sabendo que eu estaria por aqui para cuidar da nossa família.

O Sr. Kadam sorriu, pesaroso.

– Fiquei com ela até o momento de sua morte e, depois disso, com muitos de meus filhos e netos. Mas, à medida que os anos passavam, foi ficando cada vez mais difícil para mim suportar vê-los sofrendo e morrendo. Além disso, quanto mais pessoas soubessem do segredo de Ren, mais perigo ele correria, então eu os deixei. De vez em quando volto para visitar meus descendentes, mas é... difícil para mim.

– O senhor se casou novamente?

– Não. De vez em quando, procuro um de meus tataranetos e ofereço-lhe trabalho. Eles são maravilhosos. Além disso, Ren foi uma boa companhia para mim até sua captura. Eu não tentei encontrar ninguém para

amar desde então. Não creio que meu coração suportasse dizer adeus mais uma vez.

– Ah, Sr. Kadam, eu sinto muito. Ren tem razão: o senhor sacrificou muitas coisas por ele.

Ele sorriu.

– Não fique triste por mim, Srta. Kelsey. Este é um tempo de celebração. *Você* entrou em nossas vidas e o fato de estar aqui me deixa muito feliz.

Tomou uma das minhas mãos nas suas, dando-lhe tapinhas, e piscou para mim.

Eu não sabia o que dizer em resposta, então simplesmente sorri de volta para ele. O Sr. Kadam soltou minha mão, levantou-se e começou a lavar os pratos. Eu me pus de pé para ajudar no momento em que Ren entrava preguiçosamente na cozinha, dando um enorme bocejo, como só um tigre pode fazer. Eu me virei e acariciei o pelo de sua cabeça, um tanto constrangida.

– Bom dia, Ren! – falei, animada, e então rodopiei para mostrar minha roupa. – Muito obrigada pelo vestido! É muito bonito, não é? Nilima escolheu muito bem.

Ren se sentou abruptamente no chão, me observou por um momento girando em meu vestido, então se levantou e saiu.

– O que deu nele? – perguntei.

O Sr. Kadam se virou para mim enquanto enxugava as mãos em uma toalha.

– Hein?

– Ren acaba de sair.

– Quem entende os tigres? Talvez esteja com fome. Com licença um instante, Srta. Kelsey.

Sorriu para mim e foi atrás de Ren.

Mais tarde, nós dois nos acomodamos na adorável sala do pavão, que abrigava a impressionante coleção de livros do Sr. Kadam. Os livros estavam

cuidadosamente arrumados em prateleiras de mogno polido. Escolhi um volume sobre a Índia que era cheio de mapas antigos.

– Sr. Kadam, o senhor pode me mostrar onde fica a caverna Kanheri? Phet disse que precisamos ir até lá para descobrir como livrar Ren da maldição.

Ele abriu o livro e apontou para um mapa de Mumbai.

– A caverna fica na parte norte da cidade, no Parque Nacional de Borivali, que agora é chamado de Parque Nacional Sanjay Gandhi. É formada por rocha basáltica e tem escrita antiga nas paredes. Eu já estive lá, mas nunca encontrei uma passagem subterrânea. Os arqueólogos estudam a caverna há anos, mas ninguém conseguiu encontrar ainda uma profecia escrita por Durga.

– E quanto ao Selo do qual Phet falou? O que é isso?

– O Selo é uma pedra especial que tem estado sob meus cuidados por todos esses anos. Eu o guardo em segurança, com muitos dos objetos da família de Ren, em um cofre de banco. Na verdade, preciso sair agora para pegá-la. Vou trazê-la para você esta noite. Telefone para seus pais adotivos hoje para que saibam que você está bem. Pode dizer a eles que vai ficar na Índia durante o verão como minha aprendiz nos negócios, se quiser.

Assenti. Eu precisava mesmo ligar para eles. Sarah e Mike provavelmente estavam se perguntando se a essa altura eu tinha sido comida por um tigre.

– Também preciso buscar na cidade algumas coisas que vocês vão precisar levar em sua jornada até a caverna. Por favor, sintase em casa e descanse. Tem almoço e jantar já preparados na geladeira. Se quiser nadar, não se esqueça de usar protetor solar. Fica guardado em um armário perto da piscina, ao lado das toalhas.

Subi as escadas e encontrei meu celular sobre a cômoda no quarto. *Foi gentil da parte dele devolvê-lo depois do incidente na selva.* Sentei-me em uma espreguiçadeira de veludo dourado, liguei para meus pais adotivos e conversamos longamente sobre o trânsito, a comida e o povo da Índia. Quando eles quiseram saber sobre a reserva de tigres, me esquivei à

pergunta dizendo que Ren estava sendo bem cuidado. O Sr. Kadam tinha razão. A maneira mais fácil de explicar minha permanência na Índia era dizer que eu tinha aceitado trabalhar como estagiária dele até o fim do verão.

Depois de desligar, localizei a área de serviço e lavei minhas roupas e a colcha da minha avó. Em seguida, sem nada mais para fazer, resolvi explorar cada cômodo da casa. A área do porão abrigava uma academia de ginástica totalmente equipada, mas não com aparelhos modernos. O chão era coberto por uma espécie de tatame preto acolchoado. Metade do porão era uma construção subterrânea, cavada na encosta da colina, e o restante era aberto para o sol com imensas janelas do teto ao chão. Uma porta de vidro deslizante se abria para um grande deque que levava à selva. A parede dos fundos era plana e revestida por lambris.

Havia um painel de botões ao lado da porta. Pressionei o botão superior e uma seção dos lambris se abriu, revelando uma variedade de armas antigas, como machados, lanças e facas de vários tamanhos, pendendo de compartimentos especialmente feitos para elas. Tornei a pressionar o botão e ela se fechou. Apertei o segundo botão e outra seção da parede se abriu, exibindo espadas. Cheguei mais perto para inspecioná-las. Eram muitos os diferentes estilos, indo de finos floretes a pesadas espadas de lâminas largas e uma que se encontrava especialmente guardada em uma caixa de vidro. Parecia uma espada samurai que certa vez eu vira em um filme.

Voltando ao primeiro andar, encontrei um *home theater* com um sistema de mídia de última geração e poltronas reclináveis de couro. Logo atrás da cozinha havia uma sala de jantar formal para banquetes, com piso de mármore, sanca e um candelabro deslumbrante. Ao lado da biblioteca do pavão, descobri uma sala de música com um reluzente piano de cauda preto e um impressionante sistema de som com centenas de CDs. Quase todos os artistas dos CDs pareciam indianos, mas também encontrei vários cantores americanos, inclusive Elvis Presley. Uma guitarra antiga de formato muito

estranho pendia da parede e havia um sofá curvo de couro negro posicionado no meio da sala.

O quarto do Sr. Kadam também ficava no andar principal e se assemelhava muito à sala do pavão, com mobília de madeira polida e muitos livros. Tinha ainda alguns belos quadros e uma ensolarada área de leitura. No alto da escada, no terceiro andar, encontrei um convidativo loft. Ali havia um pequeno conjunto de estantes e duas confortáveis cadeiras de leitura num ambiente que se debruçava sobre a ampla escadaria.

Também encontrei outro quarto grande, um banheiro e uma despensa. No meu andar, encontrei mais três quartos, fora o meu. Um era decorado em tons de rosa, para uma garota – talvez para Nilima, quando viesse visitá-los. O segundo parecia ser um quarto de hóspedes, com cores mais masculinas.

Entrando no último quarto, vi portas de vidro que levavam à mesma varanda do meu. Sua decoração era simples, comparada à dos outros. A mobília era de mogno escuro polido, mas não havia detalhes nem enfeites. As paredes eram lisas e as gavetas estavam vazias.

É aqui que Ren dorme?

Vendo uma escrivaninha a um canto, me aproximei e vi um maço de papel creme grosso, uma caneta-tinteiro antiga e um tinteiro. A folha de cima tinha uma nota escrita numa linda caligrafia.

Kelsey Durgaa Vallabh

Bhumi-ke-niche gupha

Rajakiya Mujulaain Mohar

Sandesha Durgaa

Uma fita verde de cabelo que parecia muito ser uma das minhas estava perto do tinteiro. Espiei no armário e não encontrei nada – nenhuma roupa,

nenhuma caixa, nenhum objeto pessoal.

Voltei para o andar de baixo e passei o resto da tarde estudando cultura, religião e mitologia indianas. Esperei até o estômago roncar para comer alguma coisa, desejando ter companhia. O Sr. Kadam ainda não voltara do banco e não havia o menor sinal de Ren.

Depois de jantar, subi e encontrei Ren novamente de pé na varanda, olhando o pôr do sol. Aproximei-me, tímida, e parei atrás dele.

– Oi, Ren.

Ele se virou e examinou a minha aparência. Seu olhar desceu cada vez mais lentamente pelo meu corpo. Quanto mais ele olhava, mais seu sorriso se abria. Por fim, seus olhos percorreram o caminho de volta até o meu rosto vermelho vivo.

Ele suspirou e fez uma reverência profunda.

– *Sundari*. Eu estava aqui pensando que nada poderia ser mais lindo que este pôr do sol, mas estava enganado. Você aí parada à luz do sol poente, com o cabelo e a pele reluzindo, é quase mais do que um homem pode... apreciar plenamente.

Tentei mudar de assunto.

– O que significa *sundari*?

– Significa “mais linda”.

Tornei a enrubescer, o que o fez rir. Ele pegou minha mão, passou-a por debaixo do seu braço e me levou para as cadeiras do pátio. O sol foi mergulhando atrás das árvores, deixando seu brilho tangerina no céu por mais alguns instantes.

Então nos sentamos ali mais uma vez, mas agora ele se acomodou ao meu lado no balanço e manteve minha mão na dele.

– Espero que você não se aborreça – arrisquei, timidamente –, mas hoje dei uma explorada na casa, inclusive no seu quarto.

– Não me aborreço. Certamente achou o meu quarto o menos interessante.

– Na verdade, fiquei curiosa com umas anotações que vi. São suas?

– Anotações? Ah, sim. Rabisquei algumas coisas para me ajudar a gravar as palavras de Phet. Ali só diz: siga a profecia de Durga, caverna de Kanheri, Kelsey é a protegida de Durga, esse tipo de coisa.

– Ah. Eu... também vi uma fita. É minha?

– Sim. Se a quiser de volta, pode pegar.

– Para que você a quer?

Ele deu de ombros, parecendo constrangido.

– Queria uma lembrança, uma prenda da garota que salvou a minha vida.

– Uma prenda? Como uma donzela que dá seu lenço a um cavaleiro de armadura brilhante?

Ele sorriu.

– Exatamente.

Zombei:

– Pena você não ter esperado que Cathleen ficasse um pouco mais velha. Ela vai ser muito bonita.

Ele franziu a testa.

– Cathleen do circo? – Sacudiu a cabeça. – Você foi a escolhida, Kelsey. E, se eu tivesse a opção de escolher a garota que iria me salvar, ainda teria sido você.

– Por quê?

– Por várias razões. Eu gostei de você. Você é interessante. Tinha a sensação de que via a pessoa através do pelo do tigre. Quando você falava, era como se estivesse dizendo exatamente as coisas que eu *precisava* ouvir. Você é inteligente. Adora poesia e é muito bonita.

Ri com sua afirmação. *Eu, bonita? Ele não pode estar falando sério.* Eu era comum em tantos aspectos. Não me preocupava com a maquiagem ou o estilo de cabelo da moda. Nem ligava para roupas elegantes, mas desconfortáveis, como outras adolescentes. Minha pele era pálida e meus olhos eram tão castanhos que chegavam a ser quase pretos. De longe, minha

melhor característica era o sorriso, pelo qual meus pais pagaram muito caro, assim como eu – com três anos de uso de aparelho ortodôntico.

Ainda assim, eu estava lisonjeada.

– Muito bem, Príncipe Encantado, pode guardar sua lembrança. – Hesitei e então disse: – Sabe, uso essas fitas em memória da minha mãe. Ela costumava escovar meu cabelo e trançar fitas nele enquanto conversávamos.

Ren sorriu, compreendendo.

– Então ela significa ainda mais para mim.

Quando o momento passou, ele continuou:

– Bem, Kelsey, amanhã nós vamos para a caverna. Durante o dia, há muitos turistas por lá, o que significa que vamos ter que esperar até a noite para procurar a profecia de Durga. Entraremos furtivamente no parque pela selva e seguiremos a pé por um trecho, portanto use as botas de caminhada novas que compramos para você, que estão na caixa em seu closet.

– Ótimo. Nada como amaciar botas novas numa caminhada pela quente selva indiana – brinquei.

– Não vai ser assim tão ruim e, mesmo novas, as botas vão deixar seus pés mais confortáveis do que os tênis.

– Acontece que eu gosto dos meus tênis e vou levá-los comigo para o caso de suas botas me fazerem calos.

Ren esticou as pernas compridas e cruzou os pés descalços à sua frente.

– O Sr. Kadam vai nos preparar uma bolsa com itens de que podemos precisar. Vou me certificar de que ele deixe espaço para os seus tênis. Você terá que dirigir até Mumbai e o parque, pois eu estarei no banco de trás como tigre. Sei que não gosta do trânsito daqui. Lamento que tenha mais esse inconveniente.

– Não gostar do trânsito é um eufemismo – murmurei. – As pessoas daqui não sabem dirigir. Elas são *loucas*.

– Podemos pegar estradas secundárias com menos tráfego e ir de carro só até os arredores de Mumbai. Não vamos atravessar a cidade como antes. Não será tão ruim. Você dirige bem.

– Ah, é fácil para você falar. Vai dormir no banco de trás a viagem toda.

Ren tocou minha face com os dedos e gentilmente virou meu rosto para o dele.

– *Rajkumari*, quero lhe dizer obrigado. Obrigado por ficar e me ajudar. Você não sabe quanto isso significa para mim.

– De nada – sussurrei. – E o que significa *rajkumari*?

Ele me lançou um sorriso branco luminoso e habilmente mudou de assunto.

– Quer saber um pouco sobre o Selo?

Eu sabia que ele estava fugindo da minha pergunta, mas concordei:

– Quero. O que é?

– É uma pedra retangular esculpida, com cerca de três dedos de espessura. O rei sempre a usava em público. Era um símbolo dos deveres da família real. O Selo do Império tem quatro palavras esculpidas, uma em cada face: *Viveka*, *Jagarana*, *Vira* e *Anukampa*, que, traduzidas livremente, significam: “Sabedoria”, “Vigilância”, “Bravura” e “Compaixão”. Você deverá estar com o Selo quando formos para as cavernas. Phet disse que ele é a chave que abriria a passagem. O Sr. Kadam o deixará em sua cômoda antes de partirmos.

Eu me levantei, fui até a balaustrada e ergui os olhos para as estrelas que surgiam.

– Não consigo imaginar a sua vida antigamente. É tão diferente de tudo o que eu conheço.

– Tem razão, Kelsey.

– Pode me chamar de Kells.

Ele sorriu e se aproximou.

– Você está certa, *Kells*. É diferente. Tenho muito a aprender com você. Mas talvez possa *lhe* ensinar algumas coisas também. Por exemplo, a sua echarpe... Posso?

Ren tirou o xale que caía sobre os meus ombros e o estendeu diante de mim.

– Existem muitas formas de usar uma echarpe *dupatta*. Uma delas é arrumá-la sobre os ombros como você fez, outra é passar uma extremidade sobre o ombro e a outra sobre o braço, como é a moda atual. Assim.

Enrolando-a em torno de seu corpo, ele se virou para me mostrar o estilo, e eu não pude deixar de rir.

– E como é que você sabe qual é a moda atual?

– Eu sei muitas coisas. Você ficaria surpresa. – Ele soltou a echarpe novamente, enrolando-a de outra maneira. – Você também pode dobrá-la sobre o cabelo, o que é apropriado num encontro com pessoas mais velhas, pois isso demonstra respeito.

Fiz uma profunda reverência para ele, ri e disse:

– Obrigada por me mostrar como demonstrar o devido respeito, madame. E permita-me dizer que fica encantadora de seda.

Ele riu e me mostrou mais algumas maneiras de usar a echarpe, cada uma mais engraçada que a outra. Enquanto falava, eu me via encantada. *Ele é tão... atraente, charmoso, magnético, irresistível... cativante.* Um homem lindo, quanto a isso não havia dúvida, mas, mesmo que não fosse, eu podia me imaginar sentada ao lado dele, feliz, conversando por horas.

Vi um tremor percorrer os braços de Ren. Ele esperou que passasse e deu um passo em minha direção.

– Meu estilo favorito, porém, é como você a usou hoje mais cedo, jogada solta sobre os dois braços. Assim, vejo o efeito completo de seu lindo cabelo descendo pelas costas.

Enrolando o tecido diáfano em torno dos meus ombros, ele puxou o xale e delicadamente me levou para mais perto dele. Estendeu a mão, pegou um cacho e o enrolou em torno de seu dedo.

– Esta vida é muito diferente da que eu conheço. Tantas coisas mudaram...

– Ele soltou o xale, mas continuou segurando o cacho. – Mas algumas são muito, *muito* melhores.

Ele largou o cacho, correu um dedo pela minha face e me empurrou levemente de volta ao meu quarto.

– Boa noite, Kelsey. Teremos um dia cheio amanhã.



A caverna de Kanheri

Na manhã seguinte, acordei e encontrei o Selo do Império Mujulaain na cômoda. A bonita pedra de cor creme tinha estrias dourado-alaranjadas e pendia de uma fita macia. Peguei o pesado objeto para examiná-lo mais de perto e imediatamente percebi as palavras esculpidas que Ren dissera significarem sabedoria, vigilância, bravura e compaixão. Uma flor de lótus desabrochava na base do Selo. Os detalhes no desenho demonstravam uma habilidade altamente sofisticada. Era lindo.

Se o pai era tão fiel a estas palavras quanto Ren diz que era, deve ter sido um bom rei.

Por um minuto, deixei minha imaginação criar uma versão mais velha de Ren como rei. Podia facilmente visualizá-lo liderando outras pessoas. Ele tinha algo que me fazia querer confiar nele e segui-lo. Sorri ironicamente. *As mulheres o seguiriam até em um precipício.*

O Sr. Kadam servira ao seu príncipe por mais de 300 anos. A ideia de que Ren podia inspirar uma vida de lealdade era extraordinária. Deixei de lado minhas especulações e olhei novamente com admiração para o Selo de vários séculos.

Abri a bolsa que o Sr. Kadam havia deixado e descobri que ela continha câmeras, tanto digital quanto descartável, fósforos, algumas ferramentas

para cavar, lanternas, um canivete, aqueles tubinhos que emitem luz quando são agitados, papel e carvão para desenho, comida, água, mapas e alguns outros itens. Vários deles haviam sido colocados em bolsas plásticas à prova d'água. Testei o peso da bolsa e descobri que era bem razoável.

Abri o closet, corri os dedos outra vez pelo meu lindo vestido e suspirei. Vesti jeans e camiseta, calcei as novas botas de caminhada e peguei os tênis.

No primeiro andar, encontrei o Sr. Kadam cortando mangas para o café da manhã.

– Bom dia, Srta. Kelsey – disse ele, e apontou para meu pescoço. – Vejo que a senhorita encontrou o Selo.

– Encontrei, sim. É muito bonito, mas um pouquinho pesado. – Coloquei algumas fatias de manga em meu prato e despejei um pouco de chocolate quente caseiro em uma caneca. – O senhor cuidou dele durante todos esses anos?

– Sim. Ele é muito precioso para mim. O Selo na verdade foi feito na China, não na Índia. Foi um presente dado ao avô de Ren. Selos antigos assim são bem raros. É feito de pedra *Shoushan*, que, contrariando a crença popular, não é um tipo de jade. Os chineses acreditavam que *Shoushans* eram ovos de fênix de cores vivas encontrados em ninhos no alto das montanhas. Homens que arriscavam a vida para localizá-los e capturá-los recebiam honras, glória e riqueza.

– Interessante – comentei, instigando-o a continuar seu relato.

– Somente os homens mais ricos tinham objetos entalhados nesse tipo de pedra. Receber um de presente foi uma grande honra para o avô de Ren. Este é um tesouro de família de valor inestimável. A boa notícia para você é: dizem que ter ou usar alguma coisa feita desse tipo de pedra dá sorte. Talvez a ajude na jornada mais do que você imagina.

– Parece que a família de Ren era muito especial.

– De fato era, Srta. Kelsey.

Tínhamos acabado de nos sentar para tomar iogurte com manga quando Ren entrou, sorrateiro, na cozinha e pôs a cabeça no meu colo.

Cocei suas orelhas.

– Que bom que você se juntou a nós. Está ansioso para pôr o pé na estrada? Deve estar empolgado por se ver tão perto de quebrar a maldição.

Ele continuou a me olhar com intensidade, como se estivesse impaciente para sair, mas eu não queria correr. Acalmei-o com pedaços de manga. Momentaneamente satisfeito, ele se sentou e saboreou o petisco, lambendo o sumo de meus dedos.

Eu ri.

– Pare! Isso faz cócegas! – Ele me ignorou, passou para o meu braço e me lambeu quase até a manga da camiseta. – Ei, eca, Ren! Está bem. Está bem. Vamos.

Lavei meu braço, olhei a vista da propriedade uma última vez e segui para a garagem. O Sr. Kadam já estava do lado de fora com Ren. Ele pegou a bolsa da minha mão, colocou-a no banco do carona e então segurou a porta enquanto eu subia no Jeep.

– Tome cuidado, Srta. Kelsey – advertiu o Sr. Kadam. – Ren vai protegê-la, porém são muitos os perigos no caminho. Contra alguns estamos prevenidos, mas estou certo de que vocês irão enfrentar muitos dos quais não tenho ciência. Tenha cautela.

– Eu terei. Tomara que a gente volte logo.

Fechei o vidro da janela e saí da garagem dando ré. O GPS começou a soar de novo, dizendo-me para onde ir. Mais uma vez, senti uma profunda gratidão pelo Sr. Kadam. Ren e eu estaríamos totalmente perdidos sem ele.

A viagem não teve nada de memorável. O trânsito estava muito tranquilo na primeira hora. Começou a ganhar intensidade à medida que íamos nos aproximando de Mumbai, mas a essa altura eu havia quase me acostumado a dirigir do outro lado da rua. Seguimos por cerca de quatro horas antes de eu parar no fim de uma estrada de terra que delimita o parque.

– É aqui que devemos entrar. Segundo o mapa, vamos levar duas horas e meia andando até a caverna de Kanheri. – Consultei o relógio e continuei:– Isso nos deixa com um intervalo de cerca de duas horas antes que anoiteça e os turistas vão embora.

Ren saltou do carro e me seguiu para o parque, para um local na sombra. Deitou-se na grama e eu me sentei perto dele. A princípio, usei seu corpo como apoio para as costas e então, gradualmente, fui relaxando encostada nele, usando suas costas como almofada.

Olhando para o alto das árvores, comecei a falar. Contei a Ren como fora crescer com meus pais, recordei as visitas à minha avó e as viagens de férias da família.

– Mamãe era enfermeira em uma instituição para idosos, mas depois resolveu ficar em casa e cuidar de mim – expliquei, voltando ao passado e às doces lembranças. – Ela fazia o melhor *cookie* com gotas de chocolate e creme de amendoim do mundo. Achava que demonstrar amor significava fazer *cookies* em casa e provavelmente foi esse o motivo de eu ter sido uma criança gorducha.

Ren ouvia com atenção.

– Papai era o típico pai que faz churrasco no quintal. Era professor de matemática e acho que passou parte disso para mim, pois também gosto de matemática. Todos nós adorávamos ler e tínhamos uma pequena biblioteca em casa. Os livros do Dr. Seuss eram os meus preferidos. Mesmo agora eu quase posso sentir a presença dos meus pais quando pego um livro.

As lembranças me emocionavam, mas eu não queria parar de falar.

– Quando viajávamos, eles gostavam de se hospedar em pousadas simples, e eu ficava com um quarto só para mim. Viajamos praticamente por todo o estado e conhecemos fazendas de maçãs e minas antigas, cidades inspiradas na Bavária que serviam panquecas alemãs no café da manhã, o mar e as montanhas. Acho que você se apaixonaria facilmente pelo Oregon. Não viajei tanto quanto você, mas não posso imaginar um lugar mais bonito do que o estado onde nasci.

Mais tarde, falei sobre a escola e meu sonho de ir para a universidade, embora eu não pudesse pagar mais do que uma faculdade comunitária. Falei até do acidente dos meus pais, de como me senti sozinha quando aconteceu e de como era viver com uma família adotiva.

A cauda de Ren batia de um lado para outro, por isso eu sabia que ele estava acordado e ouvindo, o que me surpreendeu, pois achei que cairia no sono, entediado com a minha tagarelice. Por fim, minha voz foi baixando, eu mesma ficando com sono, e acabei cochilando no calor até sentir Ren se mover e ficar de pé.

Então me espreguicei.

– Já é hora de ir, não é? Muito bem. Você vai na frente.

Iniciamos a caminhada pelo parque. A vegetação ali era muito mais aberta do que no Santuário da Vida Selvagem Yawal. As árvores eram mais espaçadas. Lindas flores púrpura cobriam as colinas. Passamos por tecas e bambus, mas havia outros tipos que eu não conseguia identificar. Vários animais atravessavam em disparada à nossa frente. Eu vi coelhos, cervos e porcos-espinhos. Olhando para os galhos mais altos, podia encontrar centenas de pássaros, numa grande variedade de cores.

Enquanto andávamos sob um grupo de árvores particularmente denso, ouvi grunhidos estranhos e assustados e avistei macacos *Rhesus* se balançando nas alturas. Eram inofensivos, mas, à medida que nos dirigíamos mais para o centro do parque, vi outras criaturas mais perigosas. Eu me desviei de uma píton gigante que, pendurada em uma árvore, nos observava com olhos negros e imóveis. Lagartos-monitores enormes de língua bifurcada e corpo comprido cruzavam correndo o nosso caminho, sibilando. Besouros grandes e gordos zumbiam preguiçosamente à nossa volta, trombavam, atarantados, em objetos em pleno voo e então prosseguiram sua jornada.

Era tudo bonito, mas ao mesmo tempo assustador, e era bom ter um tigre por perto. De vez em quando, Ren saía do caminho e circulava um trecho, o que me levava a pensar que ele estava evitando certos lugares ou talvez, estremeci, certas *coisas*.

Depois de cerca de duas horas de caminhada, chegamos perto da caverna Kanheri, nos limites da selva. A floresta havia se tornado mais esparsa, abrindo-se para uma colina sem árvores. Degraus de pedra levavam colina acima, até a entrada, mas ainda estávamos muito distantes para ter mais do que um simples vislumbre da caverna. Comecei a me dirigir aos degraus, mas Ren saltou à minha frente e me cutucou com o focinho, indicando que eu voltasse para as árvores.

– Quer esperar mais um pouco? Certo. Vamos esperar.

Sentados sob a proteção de uns arbustos, esperamos por uma hora. Ligeiramente impaciente, vi turistas saírem da caverna, descerem os degraus devagar e seguirem para o estacionamento. Pude ouvi-los tagarelando enquanto se afastavam em seus carros.

– Que pena que não pudemos vir de carro – observei, com inveja. – Teríamos poupado um bocado de esforço. Mas acho que as pessoas não entenderiam por que um tigre estava me seguindo por aí. Sem contar que o guarda florestal ficaria de olho na gente.

Finalmente o sol se pôs e as pessoas se foram. Ren deixou cautelosamente a proteção das árvores e farejou o ar. Satisfeito, começou a se dirigir aos degraus de pedra entalhados na colina pedregosa. A subida era longa e eu estava sem fôlego quando chegamos lá em cima.

Assim que entramos na caverna, deparamos com um bunker de pedra aberto, com cômodos que me lembravam os favos de uma colmeia, todos idênticos. Um bloco de pedra do tamanho de uma cama pequena encontrava-se posicionado do lado esquerdo de cada cômodo e prateleiras escavadas localizavam-se nas paredes dos fundos. Uma placa informava que a caverna era parte de um povoamento budista que datava do século III.

Não é estranho que estejamos procurando uma profecia hindu em um povoamento budista?, pensei ao seguirmos em frente. Mas, afinal, tudo nesta aventura é mesmo um pouco estranho.

Adentrando ainda mais a caverna, notei longos fossos de pedra conectados por arcos que corriam de um poço de pedra central e avançavam – provavelmente mais para o alto da montanha. Uma placa dizia que os

fossos já haviam sido usados como aqueduto, para levar água até aquela área.

Chegando à câmara principal, corri as mãos sobre os sulcos profundos da parede elaboradamente entalhada. Sinais da antiga escrita hindu e hieróglifos haviam sido gravados nas paredes.

Os vestígios de um teto, ainda mantido em alguns pontos por pilares de pedra, lançavam sombras no local. Estátuas haviam sido entalhadas nas colunas de pedra e, enquanto andávamos, eu mantinha os olhos nelas para me certificar de que não deixariam os restos do teto desabar sobre nós.

Ren prosseguiu até os fundos da câmara principal, na direção da boca negra e escancarada da caverna que avançava ainda mais fundo na colina. Eu o segui e transpus a abertura, alcançando um piso arenoso em um amplo espaço circular. Fazendo uma pausa, deixei que meus olhos se ajustassem por um minuto. A caverna circular tinha muitas aberturas. A luz que entrava, suficiente apenas para revelar a silhueta da abertura, não conseguia penetrar nos corredores adiante e ia enfraquecendo rapidamente à medida que o sol se punha.

Peguei uma lanterna e perguntei:

– O que fazemos agora?

Ren se dirigiu para o primeiro vão sombrio e desapareceu na escuridão. Seguindo-o, abaixei-me para entrar na pequena câmara repleta de prateleiras de pedra. Perguntei-me se algum dia teria sido usada como biblioteca. Depois de percorrê-la, voltei à entrada, esperando ver uma placa gigante que dissesse “Profecia de Durga aqui!”, e de repente senti uma mão em meu ombro. Dei um pulo com o toque de Ren.

– Não faça isso! Não pode me avisar antes?

– Desculpe, Kells. Precisamos procurar em cada uma das cavernas um símbolo que pareça o Selo. Você procura em cima e eu, embaixo.

Ele apertou brevemente meu ombro e se metamorfoseou em tigre.

Estremeci. *Acho que nunca vou me acostumar com isso.*

Não vimos nenhum entalhe na câmara, então passamos para a seguinte e depois para a outra. No quarto vão, procuramos com mais cuidado, pois a caverna era cheia de glifos. Ficamos ali por pelo menos uma hora. Tampouco tivemos sorte na quinta caverna.

A sexta estava vazia. Nem sequer uma prateleira de pedra decorava as paredes, mas foi na sétima abertura que encontramos algo. O vão levava a uma câmara muito menor que as outras. Era comprida e estreita e tinha algumas prateleiras à semelhança das outras cavernas. Ren encontrou o entalhe debaixo de uma das prateleiras. Eu provavelmente não o teria visto se estivesse procurando sozinha.

Ele grunhiu suavemente para mim e enfiou o nariz sob a laje de pedra.

– O que foi? – perguntei e me abaixei.

De fato, debaixo da prateleira na parede dos fundos da câmara havia um entalhe que reproduzia perfeitamente o Selo.

– Bem, acho que é ele. Cruze os dedos, ou melhor, as garras.

Tirei o Selo do meu pescoço e o coloquei sobre o entalhe, ajeitando-o até sentir que se encaixava com um clique. Esperei, mas nada aconteceu. Tentei girar o Selo e dessa vez ouvi um chiado mecânico por trás da parede. Depois de uma volta completa, senti resistência e ouvi um silvo abafado. A poeira subiu pelas bordas da parede, revelando que na verdade se tratava de uma porta.

Um ronco grave e abafado sacudiu a porta à medida que ela lentamente deslizava para trás. Tirei o Selo do encaixe, tornei a colocá-lo em meu pescoço e dirigi o fraco feixe de luz para além da porta. Vi apenas mais paredes. Ren me cutucou com o focinho, fazendo-me abrir espaço, e entrou primeiro. Eu me mantinha o mais perto possível dele e umas duas vezes quase tropecei em suas patas.

Voltando o foco da lanterna para a parede, encontrei uma tocha presa a um suporte de metal. Peguei alguns fósforos e fiquei surpresa por conseguir acendê-la quase imediatamente. A chama iluminou o corredor muito melhor do que minha modesta lanterna.

Estávamos no topo de uma escada sinuosa. Espiei com cautela por sobre a borda, vendo um abismo escuro. Como o único caminho era a escada, peguei a tocha e iniciei a descida. Um clique soou às nossas costas e, com um ligeiro silvo, a porta se fechou, trancando-nos ali.

– Ótimo – murmurei. – Vamos nos preocupar com isso só mais tarde.

Ren simplesmente me olhou e esfregou a cabeça na minha perna. Massageei o pelo de sua nuca e continuamos a descer os degraus. Ele se colocou no lado externo da escada, o que me deixava colada à parede enquanto descíamos. Eu não tinha fobia de altura, mas uma passagem secreta, degraus estreitos, um abismo escuro e nenhum corrimão com certeza estavam me apavorando. Fiquei grata por ele ficar com o lado mais perigoso.

Descíamos devagar e meu braço começou a doer por causa da tocha. Mudei-a para a outra mão, tomando cuidado para não pingar azeite quente em Ren. Quando finalmente alcançamos a base poeirenta da escada, outra passagem escura se abriu diante de nós e deparamos com uma bifurcação. Soltei um gemido.

– Que caminho seguimos agora?

Ren entrou em um dos corredores e farejou o ar. Então passou ao outro e ergueu a cabeça para farejar novamente. Voltando ao primeiro, ele prosseguiu. Eu também farejei o ar, só para ver se conseguia perceber o mesmo que ele, mas a única coisa que senti foi um odor acre e insalubre, parecido com enxofre. O cheiro amargo impregnava a caverna e parecia se intensificar a cada curva que fazíamos.

Avançamos quase no escuro, serpenteando pelo labirinto subterrâneo. A tocha lançava uma luz bruxuleante nas paredes, criando sombras assustadoras que dançavam em círculos sinistros. Enquanto prosseguíamos pelo labirinto lúgubre, encontramos várias áreas abertas onde os caminhos se ramificavam. Ren tinha que parar e cheirar cada passagem antes de escolher a que ele achava que nos levaria na direção certa.

Pouco depois de passar por uma dessas áreas abertas, um som aterrorizante sacudiu a passagem. Um martelar metálico soou bem alto e um

portão de ferro com pontas afiadas cravou-se no chão logo atrás de mim. Girei rapidamente e gritei de medo. Nós não só estávamos em um labirinto antigo e escuro como estávamos em um labirinto antigo e escuro cheio de armadilhas.

Ren veio para o meu lado e se manteve bem perto, o suficiente para que eu mantivesse a mão em seu pescoço. Cravei os dedos em seu pelo e segurei com força para me tranquilizar. Três curvas depois, ouvi um zumbido abafado vindo de uma das passagens à frente. O zumbido aumentava de volume à medida que nos aproximávamos.

Dobrando uma esquina, Ren parou e olhou diretamente à frente. Seu pelo se eriçou e espetou os meus dedos. Ergui a tocha para ver por que ele havia parado e agarrei com força seu pelo ao mesmo tempo que arregalava os olhos e começava a tremer.

O corredor adiante estava se mexendo. Besouros negros gigantes, do tamanho de bolas de beisebol, subiam preguiçosamente uns sobre os outros, obstruindo a passagem à nossa frente. As estranhas aberrações pareciam limitar seus movimentos àquele corredor.

– É... Ren? Tem certeza de que precisamos ir naquela direção? Esta outra passagem parece um pouco melhor.

Ele deu um passo, aproximando-se da esquina. Relutante, eu o segui. Os besouros tinham exosqueletos pretos e brilhantes, seis pernas peludas, antenas tremulantes e duas mandíbulas pontudas na frente que estalavam, abrindo-se e fechando-se como tesouras afiadas. Alguns deles abriam asas negras espessas e zumbiam ruidosamente ao voar para a parede oposta. As pernas espinhentas de outros besouros prendiam-se ao teto.

Olhei para Ren e engoli em seco quando ele avançou, determinado a atravessar a passagem. Ele se virou para trás e me olhou.

– Está bem, Ren. Eu vou. Mas vou correr o caminho todo. Tente me acompanhar.

Dei alguns passos para trás, segurei com mais força a tocha e disparei à frente. Estreitando os olhos, corri com os lábios apertados, um grito no fundo da garganta o tempo todo. Atravessei a passagem o mais rápido

possível e quase perdi o equilíbrio algumas vezes, quando minhas botas patinavam sobre vários besouros ao mesmo tempo, esmagando-os. Uma imagem horrível cruzou minha mente: cair de cara naquele monte de insetos. Decidi tomar mais cuidado com os pontos onde pisava.

Tinha a sensação de estar correndo em um rolo gigante de plástico bolha e cada passo meu estourava várias bolhas enormes. Os besouros explodiam como sachês de ketchup e espirravam uma gosma verde em todas as direções. Isso, naturalmente, perturbou os outros besouros. Vários levantaram voo e começaram a enxamear em torno do meu corpo, aterrissando na minha calça, na minha blusa e no meu cabelo. Eu conseguia desviá-los do rosto com a mão livre, que várias vezes foi espetada por suas mandíbulas.

Chegando finalmente ao outro lado, comecei a me sacudir convulsivamente para me livrar de quaisquer possíveis caronas. Tive que arrancar com a mão alguns que não queriam se soltar, inclusive um que subia pelo meu rabo de cavalo. Então comecei a limpar a sola das botas na parede enquanto tentava ver Ren.

Ele corria em disparada pela passagem, que continuava a zumbir, e, com um grande salto, aterrissou ao meu lado, sacudindo-se violentamente. Vários besouros ainda se agarravam ao seu pelo, de modo que tive que empurrá-los com o cabo da tocha. Um deles havia beliscado sua orelha com força suficiente para fazê-la sangrar. Para minha sorte, eu conseguira atravessar sem que nenhum me beliscasse a ponto de rasgar a pele.

– Acho que usar roupas ajuda, Ren. Eles acabam beliscando as roupas em vez da pele. Pobre tigre. Você tem besouros esmagados em todas as patas. Eca! Pelo menos eu tenho a vantagem das botas.

Ele sacudiu as patas, uma de cada vez, e eu o ajudei a tirar corpos de besouros dos espaços entre seus dedos. Estremecendo uma última vez, acelerei o passo para pôr o máximo de distância possível entre os besouros e nós.

Cerca de 10 curvas depois, pisei em uma pedra que afundou no chão. Paralisada, esperei que a próxima armadilha fosse acionada. As paredes

começaram a se sacudir e pequenos painéis de metal se projetaram delas, fazendo com que lanças de metal, pontudas e afiadas, surgissem de ambos os lados. Deixei escapar um gemido. Além das lanças, a armadilha também consistia em um óleo negro e viscoso que jorrava de canos de pedra, cobrindo o chão.

Ren assumiu a forma humana.

– Tem veneno na ponta das lanças, Kelsey. Posso sentir o cheiro. Fique no meio. Tem espaço suficiente para passarmos, mas não se deixe nem mesmo arranhar por estas pontas.

Dei outra olhada nas lanças compridas e pontudas e estremeci.

– Mas e se eu escorregar?

– Segure com força o meu pelo. Vou usar minhas garras como âncoras enquanto avançamos bem devagar. Não corra agora.

Ren voltou à forma de tigre. Ajeitei a mochila e me agarrei com força ao pelo de sua nuca. Ele deu um passo cauteloso na poça de óleo, testando-a primeiro com uma das patas. Ela deslizou um pouco e eu vi as garras emergirem e mergulharem no óleo e depois no piso de terra. Ele então as cravou com força no chão escorregadio. Depois de firmar a perna, ele deu outro passo e firmou as garras da outra pata. Depois que essa pata estava apoiada com firmeza, ele teve que puxar com força para erguer a outra pata.

Era um processo meticuloso e tedioso. Cada lança letal estava posicionada a intervalos aleatórios, de modo que eu não podia nem me acostumar a um ritmo. Era preciso concentrar toda a atenção nelas. Havia uma na altura da minha panturrilha, outras perto do pescoço, da cabeça, da barriga. Comecei a contar e parei quando cheguei a 50. Todo o meu corpo tremia por causa do esforço de contrair os músculos e me mover, rígida, por tanto tempo. Um passo em falso e eu estaria morta.

Felizmente Ren estava avançando bem devagar, pois mal havia espaço para andarmos lado a lado. Tínhamos apenas uns 2 centímetros de espaço livre de cada lado. Eu dava cada passo com todo o cuidado. O suor escorria pelo meu rosto. Mais ou menos na metade do caminho, soltei um grito. Devo ter pisado em um local particularmente escorregadio, pois minha bota

deslizou. Meu joelho se dobrou e eu cambaleei. Havia uma ponta de ferro na altura do meu peito, mas no último segundo virei o corpo e ela se cravou na mochila, e não no meu braço. Ren ficou paralisado, esperando pacientemente que eu me endireitasse.

Arquejei e me ergui, um membro trêmulo de cada vez. Foi um milagre eu não acabar empalada. Quando Ren emitia um gemido, eu lhe dei tapinhas nas costas.

– Estou bem – tranquilizei-o.

Tive sorte, muita sorte. Prosseguimos ainda mais devagar e por fim emergimos na outra extremidade, trêmulos porém salvos. Deixei-me cair no chão de terra e gemi, esfregando meu pescoço rígido.

– Depois das lanças, os besouros não parecem assim tão ruins. Acho que eu prefiro passar por eles de novo a enfrentar essas aí.

Ren lambeu meu braço e fez um carinho em sua cabeça.

Após um rápido descanso, prosseguimos. Atravessamos várias outras passagens sem que nada acontecesse. Eu estava começando a baixar a guarda quando ouvi um barulho e uma porta afundou atrás de nós. Outra começou a descer à frente, e corremos para atravessá-la, mas não conseguimos. Bem, Ren poderia ter atravessado, mas ele não iria sem mim.

Um ruído gorgolejante começou a soar em canos acima de nossas cabeças e um painel se abriu no teto. Um momento depois, fomos lançados ao chão por uma torrente de água que caiu sobre nós. Ela apagou nossa tocha e rapidamente começou a encher a câmara. A água já estava nos meus joelhos quando consegui me pôr de pé novamente. Abri um zíper da mochila, tateando cegamente. Encontrando um tubo comprido, dei-lhe uma batida, sacudi-o e o líquido ali dentro começou a brilhar. A luz amarela tingiu o pelo branco de Ren.

– O que vamos fazer? Você sabe nadar? Vai cobrir sua cabeça primeiro!

Ren se transformou em homem.

– Os tigres sabem nadar. Posso prender a respiração mais tempo como tigre do que como homem.

A água agora estava na nossa cintura e ele rapidamente me puxou além do cano de onde a água jorrava até a porta à nossa frente. Quando a alcançamos, eu já estava flutuando. Ren mergulhou, procurando uma saída.

Quando sua cabeça reemergiu, ele gritou:

– Tem outra marca do Selo na porta. Tente inserir o Selo e girá-lo, como você fez antes!

Assenti e respirei fundo. Debaixo da água, tateei ao longo da porta, procurando a marca. Quando finalmente a encontrei, estava ficando sem fôlego. Lutando para chegar à superfície, bati com força as pernas, sobrecarregada com a mochila pesada e o Selo que pendia do meu pescoço. Ren estendeu os braços debaixo da água, agarrou a mochila e me puxou para a superfície.

Agora estávamos flutuando perto do teto. Iríamos nos afogar a qualquer instante. Respirei fundo algumas vezes.

– Você consegue, Kells. Tente de novo.

Enchi os pulmões mais uma vez e arranquei o Selo do pescoço. Ren soltou a mochila e eu mergulhei novamente, tomando impulso até a base da porta. Pressionei o Selo no sulco e o girei para um lado e para outro, mas ele não se moveu.

Ren havia voltado à forma felina e agora descia nadando até mim. Suas patas rasgavam a água, e o movimento jogava o pelo de seu rosto para trás, dando-lhe uma aparência assustadora, como um monstro marinho branco listrado. A carranca de dentes pontudos também não ajudava. Eu estava ficando sem ar outra vez, mas sabia que a câmara fora inundada e que não havia mais opções.

Entrei em pânico e comecei a pensar o pior. *Eu morreria aqui. Nunca seria encontrada. Não teria um enterro. Qual seria a sensação de me afogar? Seria rápido. Só leva um minuto ou dois. Meu cadáver ficaria inchado, flutuando para sempre perto do corpo de tigre de Ren. Aqueles besouros horríveis entrariam aqui e comeriam o meu corpo? De alguma forma, isso parecia pior do que a morte em si. Ren podia prender o fôlego por mais tempo.*

Ele me veria morrer. Imaginei como se sentiria com isso. Lamentaria? Sentiria culpa? Será que ele se bateria contra a porta?

Lutei contra a vontade desesperada de nadar para a superfície. Não havia mais superfície. Não havia mais ar. Frustrada e apavorada, esmurrei o Selo e senti um leve movimento. Bati novamente, com mais força, e ouvi um barulho. A porta finalmente começou a se levantar e o Selo caiu. Estendi o braço em desespero, mal conseguindo agarrar a fita entre dois dedos enquanto a água jorrava pela porta, levando-nos com ela.

A torrente nos jogou no corredor seguinte e então escorreu por buracos de drenagem, deixando o chão encharcado e lamacento. Arquejei e tossi, inspirando o ar em grandes golfadas. Olhei para Ren, ri e então tossi novamente. Mesmo engasgando, eu ainda ria.

– Ren – *riso-tosse* –, você está parecendo um – *tosse-tosse-riso* – gato afogado!

Ele não deve ter achado graça. Ren bufou, veio até mim e sacudiu-se como um cachorro, espalhando água e lama por toda parte. Seu pelo projetava-se como agulhas molhadas.

– Ei! Muito obrigada! Ah, não tem problema. Ainda assim é engraçado.

Tentei espremer a água de minhas roupas, tornei a colocar o Selo no pescoço e resolvi verificar as câmeras para ter certeza de que a água não havia penetrado nas sacolas. Virei o conteúdo da mochila no chão. Os objetos caíram em uma poça lamacenta que salpicou em minhas roupas empapadas. Exceto pela comida ensopada, tudo o mais estava bem protegido. Graças à providência do Sr. Kadam, as câmeras pareciam intactas.

– Bem, não temos nada para comer. Mas, fora isso, estamos bem.

Relutante, tornei a me levantar. Desconfortável e encharcada, resmunguei por pelo menos uns 10 minutos. Minhas botas faziam chape-chape e as roupas molhadas me irritavam.

– O lado bom é que lavamos os restos dos besouros e o óleo – murmurei.

Quando a luz do tubo morreu, tirei uma lanterna da mochila e a sacudi. Ouvi o barulho de água dentro dela, mas mesmo assim ela funcionou. Fizemos algumas curvas para a esquerda, em seguida uma para a direita e chegamos a um comprido corredor, mais comprido do que qualquer outro por que já tínhamos passado. Ren e eu começamos a atravessá-lo. Aproximadamente no meio, Ren parou, saltou à minha frente e começou a me forçar a recuar – rápido.

– Que ótimo! O que foi agora? Escorpiões?

Naquele momento, um grande estrondo sacudiu o túnel. O chão arenoso sobre o qual eu estivera instantes antes ruiu. Recuei, tropeçando, enquanto o chão continuava a se esfacelar e mergulhar em um abismo profundo. Os tremores pararam de repente e então eu engatinhei até a beirada para olhar para baixo. Segurar a lanterna sobre a borda não ajudou muito, pois ainda assim não conseguia ver a profundidade do buraco.

Frustrada, gritei para o buraco:

– Quem você pensa que eu sou? Indiana Jones? Acho melhor saber que não tem nenhum chicote nesta mochila! – Gemi e me virei para Ren. Indicando o caminho do outro lado do abismo, eu disse: – Suponho que é *nesta* direção que devemos ir, certo?

Ren baixou a cabeça e espiou o abismo. Então pôs-se a andar de um lado para outro ao longo da borda, examinando as paredes e olhando para a passagem que prosseguia do outro lado. Desabei contra a parede, puxei uma garrafa de água da mochila, tomei um longo gole e fechei os olhos.

Senti uma mão quente tocar a minha.

– Precisamos encontrar uma forma de transpor o abismo.

– Fique à vontade para tentar.

Fiz um gesto dispensando-o e virei a beber minha água.

Ele foi até a borda e espiou do outro lado, avaliando a distância. Mudando para a forma de tigre, voltou alguns passos na direção de onde viéramos, ficou de frente e disparou a toda velocidade na direção do buraco.

– Ren, não! – gritei.

Ele saltou, transpondo o buraco facilmente, e aterrissou com leveza, apoiado nas patas da frente. Então se afastou um pouco da outra borda e fez o mesmo para voltar. Aterrissou aos meus pés e assumiu a forma humana.

– Kells, tenho uma ideia.

– Só espero que você não me inclua nela. Ah, já sei. Você quer amarrar uma corda na sua cauda, saltar, amarrá-la do lado de lá e então me fazer atravessar pela corda, certo?

Ele olhou para cima, como se considerasse a ideia, e então sacudiu a cabeça.

– Não, você não tem força para fazer algo assim. Além disso, não temos corda nem nada em que amarrar uma corda.

– Certo. Então qual é o plano?

Segurando minhas mãos, ele explicou:

– O que vou propor vai ser muito mais fácil. Confia em mim?

– Confio em você. Só que... – Olhei em seus olhos azuis preocupados e suspirei. – Está bem. O que eu tenho que fazer?

– Você viu que eu pude transpor esse espaço muito bem como tigre, certo? Então, quero que fique parada bem na beira do abismo e espere por mim. Vou correr até o fim do túnel, ganhar velocidade e saltar como tigre. Ao mesmo tempo, quero que você salte e agarre meu pescoço. Vou mudar para a forma humana em pleno ar para poder segurá-la e cairemos juntos do outro lado.

Bufei com desdém e ri.

– Você está brincando?

Ele ignorou meu ceticismo.

– Vamos precisar cronometrar com precisão e você terá que saltar também, na mesma direção, porque, se não fizer isso, eu simplesmente vou atingi-la com toda a força e arremessar nós dois lá no fundo.

– Está falando sério? Quer mesmo que eu faça isso?

– Estou falando sério. Venha. Fique aqui enquanto eu pratico algumas vezes.

– Não podemos simplesmente encontrar outro corredor ou coisa parecida?

– Não tem outro. Este é o caminho certo.

Com relutância, parei perto da borda e fiquei olhando enquanto ele saltava para um lado e para outro algumas vezes. Observando o ritmo de sua corrida e do salto, comecei a compreender o que ele queria que eu fizesse. Mas cedo demais Ren estava de volta à minha frente.

– Não posso acreditar que você me convenceu a fazer isso. Tem certeza? – perguntei.

– Sim, tenho certeza. Está pronta?

– Não! Preciso de um minuto para escrever mentalmente meu testamento.

– Kells, vai dar tudo certo.

– Claro que vai. Muito bem, deixe-me olhar o lugar em que estamos. Quero ter certeza de que posso registrar cada minuto dessa experiência em meu diário. Se bem que essa deve ser uma atitude inútil, porque com certeza vou morrer na queda.

Ren pôs a mão no meu rosto, olhou nos meus olhos e disse com firmeza:

– Kelsey, confie em mim. Eu *não vou* deixar você cair.

Assenti, ajustei as correias da mochila nos ombros e me dirigi com nervosismo à beira do abismo. Ren voltou à forma felina e disparou até o fim do corredor. Ele se abaixou e então lançou-se à frente em um ímpeto veloz. Um imenso animal corria em disparada, vindo na minha direção, e todos os meus instintos me diziam que corresse – corresse o mais depressa possível na direção contrária. O medo do abismo às minhas costas diminuiu diante da possibilidade de ser atropelada por um animal daquele tamanho.

Eu quase fechei os olhos de medo, mas me controlei no último segundo, corri dois passos à frente e lancei meu corpo no vazio. No mesmo

instante Ren deu um salto impressionante e eu estendi os braços para envolver com eles o seu pescoço.

Comecei a me agarrar desesperadamente em seu pelo, percebendo que eu estava caindo, e então senti braços que me agarravam pela cintura. Ele me apertou de encontro ao peito musculoso e giramos no ar de modo que ele ficou debaixo de mim. Aterrissamos do outro lado do abismo com um ruído seco que me tirou o ar enquanto batíamos no chão e deslizávamos um pouco com as costas de Ren.

Sorvi profundamente o ar para dentro de meus pulmões em frangalhos. Assim que consegui voltar a respirar, examinei as costas de Ren. A camisa branca estava suja e rasgada, e sua pele, arranhada e sangrando em diversos pontos. Peguei uma camisa molhada na mochila para limpar seus arranhões, enquanto removia pequenos pedaços de cascalho cravados na pele.

Quando terminei, agarrei Ren pela cintura em um abraço forte. Ele me envolveu com os braços e me puxou para mais perto. Sussurrei de encontro ao seu peito, em voz baixa porém firme:

– Obrigada. Mas nunca... nunca... *nunca* mais faça isso!

Ele riu.

– Se eu causar efeitos como este, com certeza vou fazer.

– Não vai, *não!*

Com relutância ele me soltou e eu comecei a murmurar comigo mesma, queixando-me de tigres, homens e besouros. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo por sobreviver a uma experiência de quase morte. Eu praticamente podia ouvi-lo entoando para si mesmo: “Eu triunfei. Venci. Sou um homem, etc. etc.” Sorri com desdém. *Homens! Não importa de que século sejam, são todos iguais.*

Examinei minhas coisas para ter certeza de que tinha tudo de que precisava e então tornei a pegar a lanterna. Ren se transformou novamente em tigre e tomou a minha frente.

Atravessamos mais algumas passagens até encontrar uma porta com símbolos gravados. Não havia maçaneta nem puxador. Do lado direito, a cerca de um terço da altura, via-se a marca da palma de uma mão com desenhos semelhantes aos da minha. Olhei para a minha mão e a virei. Os símbolos eram uma imagem espelhada.

– São iguais aos desenhos de Phet!

Pousei a mão sobre a porta de pedra fria, alinhando-a com o desenho, e senti um formigamento quente. Tirei a mão e olhei para a minha palma. Os símbolos brilhavam em vermelho, mas, estranhamente, isso não doía. Aproximei a mão da porta novamente e senti o calor aumentar outra vez. Centelhas elétricas começaram a crepitar entre a porta e a minha mão à medida que eu a aproximava. Parecia que uma tempestade de raios em miniatura estava se abatendo entre minha mão e a pedra, e então senti a pedra se mover.

A porta se abriu para dentro, como se puxada por mãos invisíveis, dando-nos passagem. Entramos em uma ampla gruta que brilhava levemente por causa do líquen fosforescente que crescia nas paredes de pedra. O centro da gruta abrigava um monólito alto e retangular com uma pequena coluna de pedra erguida diante dele. Limpei a poeira da coluna e vi um par de marcas de mãos – uma direita e uma esquerda. A impressão direita parecia a mesma da porta, mas a esquerda tinha os mesmos desenhos feitos nas costas da minha mão direita.

Experimentei colocar ambas as mãos no bloco de pedra, mas nada aconteceu. Pus as costas da mão direita sobre a marca da mão esquerda. Os símbolos começaram a emitir um brilho vermelho novamente. Virando a mão, coloquei-a, com a palma para baixo, sobre a marca da mão direita e senti mais do que um formigamento morno dessa vez. A conexão crepitava com energia e o calor jorrava da minha mão para a pedra.

Ouvi um ronco grave no topo do monólito e um ruído de algo sendo sorvido. Um líquido dourado transbordou sobre o topo da construção e começou a jorrar pelos quatro lados, reunindo-se em uma bacia na base. A

solução reagia a alguma coisa na pedra, que sibilava e fumegava enquanto o líquido espumava, borbulhava e chiava, e por fim gotejava na bacia.

Depois que os silvos cessaram e o vapor clareou, arquejei, em choque, vendo que entalhes de glifos haviam aparecido nos quatro lados da pedra, onde antes não havia nada.

– Acho que é isto, Ren. A profecia de Durga! Era o que estávamos procurando!

Peguei a câmera digital e comecei a fotografar a estrutura. Depois tirei mais algumas fotos com a câmera descartável, como medida de segurança. Em seguida, peguei papel e carvão e fiz uma cópia das gravuras das mãos na pedra e na porta, colocando o papel sobre elas e cobrindo-as com o carvão. Eu precisava documentar tudo para que o Sr. Kadam pudesse decifrar o significado daquilo.

Rodeei o monólito tentando compreender alguns símbolos e então ouvi um grito de Ren. Eu o vi erguer a pata e colocá-la no chão novamente com cuidado. O ácido dourado estava vazando da bacia em pequenos riachos e avançando pelo piso de pedra, preenchendo todas as ranhuras. Olhei para baixo e vi que meu cadarço fumegava onde encostava em uma poça dourada.

Tínhamos os dois acabado de saltar para a parte arenosa do piso quando outro grande estrondo sacudiu o labirinto. Do teto alto começaram a cair pedras. Elas batiam no piso de pedra e se estilhaçavam. Ren me focinou, me forçando a ir de encontro à parede, onde me abaixei, protegendo a cabeça. Os tremores aumentaram e, com um estampido ensurdecedor, o monólito se partiu em dois, caindo no chão e se despedaçando. O ácido dourado borbulhava através da bacia quebrada e foi se espalhando pelo chão, destruindo lentamente a pedra e tudo mais que tocava.

O ácido avançou em nossa direção até não haver mais para onde irmos. A porta estava bloqueada, encerrando-nos ali, e parecia não existir outra saída. Ren se ergueu, farejou o ar e afastou-se um pouco. Apoiado nas patas

traseiras, pôs as garras na parede e começou a arranhar furiosamente alguma coisa.

Aproximando-me dele, vi que ele tinha aberto um buraco e que havia estrelas do outro lado! Ajudei-o a cavar e a deslocar as pedras até que o buraco fosse grande o bastante para ele atravessá-lo com um salto. Depois que ele saiu, atirei a mochila pela abertura e a transpus, caindo do outro lado e rolando pelo chão.

Naquele momento, uma rocha imensa caiu com estardalhaço, fechando o buraco. Os tremores diminuíram até cessarem de todo. O silêncio desceu sobre a selva escura, onde ficamos parados, enquanto uma poeira fina e leve pairava no ar e caía suavemente sobre nós.



A profecia de Durga

Levantei-me devagar, bati a poeira dos braços e encontrei a lanterna. Senti a mão de Ren agarrar o meu ombro enquanto ele me fazia girar e me examinava.

– Kelsey, você está bem? Você se machucou?

– Não. Estou bem. Então, acabamos aqui? A caverna de Kanheri foi divertida e tudo o mais, só que agora eu queria ir para casa.

– Sim – concordou Ren. – Vamos voltar para o carro. Fique bem perto de mim. Animais que estavam dormindo quando atravessamos a selva estão acordados agora, e caçando. Precisamos ter cuidado.

Ele apertou o meu ombro, metamorfoseou-se novamente em tigre e se dirigiu para o meio das árvores.

Parecia que estávamos no lado mais distante das cavernas, talvez um quilômetro além delas, na base de um morro íngreme. Ren me guiou, contornando o morro até os degraus de pedra que havíamos subido tantas horas atrás.

Na verdade, era melhor andar pela selva à noite, já que eu não podia ver todas as criaturas assustadoras que certamente nos espiavam, mas, depois de uma hora e meia, eu nem me importava se havia animais me

observando ou não. Estava morta de cansaço. Mal conseguia manter os olhos abertos e as pernas em movimento.

Bocejando pela centésima vez, perguntei outra vez a Ren:

– Já chegamos?

Ele rosnou em resposta e então parou repentinamente, abaixou a cabeça e espreitou a escuridão.

Com os olhos fixos na selva, Ren se transformou em homem e sussurrou:

– Estamos sendo caçados. Quando eu disser corra, vá por ali e não olhe para trás... Corra!

Ele apontou para a minha esquerda e se lançou dentro da floresta escura como tigre. Logo ouvi um rugido impressionante e ameaçador sacudir as árvores. Despertando meu corpo cansado, saí em disparada. Não tinha a menor ideia de para onde estava indo, mas tentei me manter na direção que ele apontara. Corri pelo meio da selva por cerca de 15 minutos antes de reduzir o ritmo. Respirando pesadamente, parei e fiquei escutando os sons na escuridão.

Ouvi felinos, felinos grandes, lutando. Pareciam estar a mais de um quilômetro dali, mas eram ruidosos. Outros animais estavam em silêncio. Deviam estar ouvindo a briga também.

Rosnados e rugidos profundos ecoavam pela selva. Pareciam vir de mais do que dois animais e comecei a me preocupar com Ren. Andei por outros 15 minutos, os ouvidos atentos, tentando distinguir os sons de Ren do som dos outros animais. De repente, fez-se um silêncio mortal.

Será que ele os afugentou? Será que está bem? Devo voltar e tentar ajudá-lo?

Morcegos vojavam acima de minha cabeça à luz da lua, enquanto eu refazia meus passos apressadamente. Eu havia percorrido cerca de meio quilômetro no que esperava fosse a direção certa quando ouvi estalos e um farfalhar nos arbustos e vi um par de olhos amarelos me observando da escuridão.

– Ren? É você?

Uma forma emergiu dos arbustos e se abaixou, me observando.

Não era Ren.

Uma pantera negra me encarava, avaliando minha capacidade de luta. Eu não me mexi. Sabia que, se me movesse, ela saltaria imediatamente sobre mim. Empertiguei-me em minha altura máxima e tentei parecer grande demais para ser comida.

Analisamos uma à outra por mais um minuto. Então, a pantera saltou. Num momento ela estava agachada, a cauda batendo de um lado para outro, e no momento seguinte ela acelerava na direção da minha cabeça.

As garras afiadas da pantera estavam estendidas e reluziam à luz da lua. Paralisada, fiquei ali, olhando as garras e a bocarra cheia de dentes do felino que se aproximava, rosnando, do meu rosto e do meu pescoço. Gritei, ergui as mãos para proteger a cabeça e esperei que garras e dentes rasgassem minha garganta.

Ouvi um rugido, senti uma lufada de ar roçar o meu rosto e então... nada. Abri os olhos e girei, procurando a pantera.

O que aconteceu? Como ela pode ter errado o salto?

Um lampejo branco e preto rolou entre as árvores. Era Ren! Ele havia atacado a pantera em pleno ar e a tirara de meu caminho. A pantera grunhiu para Ren e o rodeou por um momento, mas Ren rosnou de volta e deu com a pata na cara dela. A pantera, não querendo enfrentar um felino duas vezes maior que ela, rugiu novamente e disparou selva adentro.

A espectral silhueta branca e preta de Ren mancou em meio às árvores até mim. Havia arranhões cobertos de sangue nas suas costas e a pata direita estava machucada, talvez quebrada, fazendo-o mancar. Em um segundo, ele se transformou em homem e caiu aos meus pés, arfando. Segurou a minha mão.

– Você está ferida? – perguntou ele.

Abaixei-me perto dele e abracei seu pescoço com força, aliviada por ambos termos sobrevivido.

– Estou bem. Obrigada por me salvar. Estou tão feliz que você esteja vivo. Consegue andar?

Ren assentiu, me dirigiu um sorriso débil e retornou à sua forma de tigre branco. Com uma lambida na pata, ele inspirou profundamente e começou a andar.

– Então vamos. Estou bem atrás de você.

Mais uma hora de caminhada e chegamos ao Jeep. Cansados demais para fazer qualquer outra coisa, bebemos litros de água cada um, rebatemos o banco traseiro e nos deitamos. Caí em um sono profundo, com o braço apoiado em Ren.

O sol se ergueu rápido demais e começou a esquentar o carro. Acordei empapada de suor. Meu corpo inteiro estava dolorido e imundo. Ren também estava exausto e ainda sonolento, mas seus arranhões não pareciam tão ruins. Na verdade, surpreendentemente, estavam quase cicatrizados. Eu sentia minha língua áspera e grossa, e tinha uma dor de cabeça terrível.

Gemi ao me sentar.

– Argh, eu me sinto péssima, e nem tive que lutar com panteras. Um chuveiro e uma cama macia são tudo de que preciso. Vamos para casa.

Abrindo a mochila, verifiquei cada uma das câmeras e os desenhos de carvão e os guardei antes de dar partida no Jeep e me misturar ao trânsito matinal.

Quando chegamos, o Sr. Kadam surgiu correndo pela porta e começou a me encher de perguntas. Entreguei-lhe a mochila e caminhei como um zumbi na direção da casa, murmurando:

– Chuveiro. Dormir.

Subi as escadas, tirei as roupas sujas e entrei no box. Quase dormi em pé sob a água morna que batia nas minhas costas, massageando minhas dores e lavando o suor e a lama. Obriguei-me a despertar para ensaboar o cabelo e não sei como consegui sair e me secar. Vesti o pijama e caí na cama.

Cerca de 12 horas depois acordei diante de uma bandeja coberta e me dei conta de que estava morrendo de fome. O Sr. Kadam havia se superado. Uma pilha de crepes se erguia ao lado de um prato de rodela de banana, morangos e mirtilos, acompanhados de calda de morango, uma tigela de iogurte e uma caneca de chocolate quente. Ataquei meu lanche da meia-noite. Comi todos os deliciosos crepes e então levei o chocolate para a varanda.

Estava frio do lado de fora, então me aconcheguei em uma cadeira confortável, me enrolei na minha colcha e fiquei bebericando o chocolate quente. Uma brisa soprava meus cabelos no rosto e, quando levei a mão para afastá-los, percebi, desolada, que de tão cansada eu esquecera de penteá-los depois do banho. Fui pegar a escova e voltei para minha cadeira aconchegante.

Escovar meu cabelo já era bem difícil depois do banho. Deixá-lo secar sem pentear era um erro imperdoável. Ele estava cheio de nós e eu não havia feito muito progresso quando a porta no fim da varanda se abriu e Ren apareceu. Dei um gritinho, assustada, e me escondi atrás dos cabelos. *Perfeito, Kells.*

Ele ainda estava descalço, mas vestia calça cáqui e uma camisa de botões azul-celeste que combinava perfeitamente com seus olhos. O efeito era magnético e ali estava eu em um pijama de flanela com uma moita gigantesca na cabeça.

Ren se sentou diante de mim e disse:

- Boa noite, Kelsey. Dormiu bem?
- Dormi. E você?

Ele exibiu seu sorriso branco deslumbrante e assentiu levemente com a cabeça.

– Você está com algum problema? – perguntou, observando com uma expressão divertida minha tentativa de desembaraçar os cabelos.

- Não. Está tudo sob controle.

Eu queria desviar sua atenção do meu cabelo, então disse:

– Como estão suas costas e seu... braço?

Ele sorriu.

– Estão ótimos. Obrigado por perguntar.

– Ren, por que você não está usando branco? Até agora não tinha visto você com roupas de outra cor. É porque sua camisa branca rasgou?

– Não – respondeu ele. – Eu só quis usar alguma coisa diferente. Na verdade, quando mudo para a forma de tigre e volto, minhas roupas brancas reaparecem. Se eu mudasse para tigre agora e então voltasse à forma humana, estas roupas seriam substituídas pelas velhas brancas.

– Elas ainda estariam rasgadas e sujas de sangue?

– Não. Quando reapareço, elas estão limpas e inteiras novamente.

– Ah. Sorte sua. Seria bem embaraçoso se você aparecesse nu toda vez que se transformasse.

Tive vontade de morder a língua assim que as palavras saíram e corei de vergonha. Tentei encobrir minha mancada jogando o cabelo para a frente do rosto e lutando com os nós.

Ele sorriu.

– É. Sorte minha.

Puxei a escova pelo cabelo e me encolhi.

– Isso levanta outra pergunta.

Ren se pôs de pé e pegou a escova da minha mão.

– O que... o que você está fazendo? – gaguejei.

– Relaxe. Você está muito nervosa.

Ele não fazia ideia.

Colocando-se atrás de mim, Ren pegou uma mecha do meu cabelo e começou a escová-lo delicadamente. A princípio fiquei nervosa, mas suas mãos em meu cabelo eram tão quentes e reconfortantes que logo relaxei na cadeira, fechei os olhos e deixei a cabeça cair para trás.

Depois de um minuto de escovação, ele afastou uma mecha do meu pescoço, inclinou-se e sussurrou no meu ouvido:

– O que você queria me perguntar?

Levei um susto.

– Ah... o quê? – murmurei, confusa.

– Você queria me fazer uma pergunta.

– Ah, sim. Era... é... isso é gostoso.

Será que eu disse isso em voz alta?

Ren riu baixinho.

– Isso não é uma pergunta.

É, acho que disse.

– Era alguma coisa sobre eu me transformar em tigre?

– Ah, sim. Agora lembrei. Você pode mudar para uma forma e outra várias vezes por dia, certo? Tem um limite?

– Não. Não tem limite, desde que eu não assuma a forma humana por mais de 24 minutos a cada 24 horas. – Ele passou para outra seção do cabelo. – Mais alguma pergunta?

– Sim... sobre o labirinto. Você estava usando seu faro, mas tudo o que eu sentia era um cheiro horrível de enxofre. O que você estava seguindo?

– Na verdade, eu estava seguindo o aroma da flor de lótus. É a flor favorita de Durga, a mesma que está no Selo. Deduzi que aquele era o caminho certo a seguir.

Ren terminou com o meu cabelo, pousou a escova na mesa e então começou a massagear levemente meus ombros. Mais uma vez fiquei tensa, mas as mãos dele eram tão quentes e a massagem tão gostosa que me recostei na cadeira e comecei lentamente a derreter.

Em estado de extrema tranquilidade, minha voz soou arrastada e indistinta:

– Aroma de lótus? Como você podia sentir esse odor com todos os cheiros fortes de lá?

Ele tocou meu nariz com a ponta do dedo.

– Faro de tigre. Posso sentir o cheiro de muitas coisas que as pessoas não percebem. – Ele apertou meus ombros uma última vez e disse: – Pronto, Kelsey. Vá se vestir. Temos trabalho a fazer.

Ren deu a volta até a frente da cadeira e me ofereceu sua mão. Pus a minha na dele e senti centelhas elétricas formigarem e percorrerem o meu braço. Ele sorriu e me beijou os dedos.

Atarantada, perguntei:

– Você sentiu isso também?

O príncipe indiano piscou o olho para mim.

– Certamente.

Alguma coisa na forma como ele disse “certamente” fez com que eu me perguntasse se estávamos falando da mesma coisa.

Depois de me vestir, desci para a sala do pavão e encontrei o Sr. Kadam debruçado sobre uma mesa grande onde havia vários livros empilhados. Ren, o tigre, encontrava-se acomodado ao lado dele em um divã.

Arrastei outra cadeira até a mesa e empurrei para um lado uma grande pilha de livros, para que eu pudesse ver em que o Sr. Kadam estava trabalhando.

Ele esfregou os olhos cansados e vermelhos.

– Está trabalhando nisto desde que chegamos em casa, Sr. Kadam?

– Sim. É fascinante! Já traduzi o que estava escrito na impressão que você fez com o carvão e agora estou trabalhando nas fotos que tirou do monólito.

Ele me entregou suas anotações.

दुन्दना Dhundhana Procure	नवदुर्गा Paritoshikam prêmio	पारितोषिकं navadurga de Durga
चत्वारि Chatvari Quatro	चैन्हा bhenta oferendas	पञ्च pancha cinco
	बलिदानं balidanam sacrifícios	देना dena sacrifícios
	एक Eka Uma	रूपान्तरं Rupantaram transformação
पशु Pashu Fera	भवति (मानुषः) phabana (bhavati) torna-se	मानुष्य manushya mortal

– Poxa, o senhor trabalhou um bocado! – comentei, admirada. – O que acha que “quatro oferendas” e “cinco sacrifícios” significam?

– Não tenho certeza – replicou o Sr. Kadam –, mas acho que pode significar que sua busca ainda não acabou. Deve haver mais tarefas que você e Ren precisam realizar antes que o feitiço seja quebrado. Por exemplo, acabei de traduzir um dos lados do monólito e ele indica que vocês têm que ir a outro lugar buscar um objeto, uma oferenda, que vocês darão a Durga. Terão que encontrar quatro oferendas. Meu palpite é que haja uma oferenda diferente mencionada em cada lado do monólito. Receio que estejam apenas no primeiro degrau dessa jornada.

– Entendi. Então o que diz esse primeiro lado?

O Sr. Kadam empurrou um pedaço de papel na minha direção.

*Para proteção, busque seu templo
E apodere-se da bênção de Durga.
Vá para oeste e procure Kishkindha,
Onde os símios governam a terra.
Um golpe de gada no reino de Hanuman;
E procurem o galho que está confinado.
Perigos espinhentos estendem-se acima;
Perigos deslumbrantes acham-se abaixo,
Estrangulam, capturam aqueles que você ama...
E os aprisionam em correntes salobras.
Lúgubres fantasmas frustram seu caminho
E guardiões aguardam para barrar sua passagem.
Cuidado quando eles começarem a perseguir
Ou aceitar seu estado de deterioração.
Mas tudo isso pode ser repellido
Se serpentes encontrarem o fruto proibido
E a fome da Índia satisfizerem...
A fim de não ver todo o seu povo perecer.*

– Sr. Kadam, o que é o reino de Hanuman?

– Estou pesquisando isso – respondeu. – Hanuman é o deus macaco. Dizem que seu reino é Kishkindha, ou o Reino dos Macacos. Existe uma grande polêmica quanto à localização de Kishkindha, mas, de acordo com o pensamento corrente, o mais provável é que as ruínas de Hampi estejam sobre a antiga Kishkindha, ou perto dela.

Dentre a pilha na mesa, puxei um livro que tinha mapas detalhados, encontrei Hampi no índice e folheei as páginas. Hampi se localizava na metade inferior da Índia, na região sudoeste.

– Isso significa que temos que ir para Kishkindha, enfrentar um deus macaco e encontrar um tipo de galho?

– Acredito que o que vocês vão procurar seja, na verdade, o fruto proibido – respondeu o Sr. Kadam.

– Como Adão e Eva? É desse fruto proibido que o senhor está falando?

– Não. O fruto é uma recompensa mitológica bastante comum, que simboliza a vida. As pessoas precisam comer e dependemos dos frutos da terra para nosso sustento. Diferentes culturas celebram os frutos ou a colheita de formas variadas.

O Sr. Kadam sorriu e voltou para suas traduções.

Peguei alguns livros sobre a cultura e a história da Índia, segui para uma poltrona confortável e sentei-me com uma almofada para ler. Ren saltou do banco e enroscou-se aos meus pés, ou melhor, em cima dos meus pés, mantendo-os aquecidos, enquanto o Sr. Kadam continuava a pesquisar em sua mesa.

Tive a sensação de estar de volta à biblioteca dos meus pais. Parecia natural me sentar ali, relaxada, na companhia daqueles dois, embora eles estivessem sob o efeito de elementos não naturais. Estendi a mão para coçar Ren atrás da orelha. Ele ronronou, contente, mas não abriu os olhos. Então dirigi um sorriso ao Sr. Kadam, embora ele não o tivesse visto. Eu me sentia feliz e completa, como se pertencesse àquele lugar. Deixando de lado minhas reflexões, encontrei um capítulo sobre Hanuman e comecei a ler.

“Ele é um deus hindu, a personificação da devoção e da grande força física. Serviu ao seu senhor Rama indo para Lanka encontrar a esposa de Rama, Sita.”

Puxa... quantos nomes.

“Lá descobriu que ela havia sido capturada pelo rei de Lanka, chamado Ravana. Houve uma grande batalha entre Rama e Ravana, e, durante esse período, o irmão de Rama adoeceu. Hanuman foi até a cordilheira do Himalaia procurar uma erva para ajudar a curar o irmão de Rama, mas não conseguiu identificar a erva e, então, trouxe de volta toda a montanha.”

Eu me pergunto como exatamente ele moveu a montanha. Espero que não tenhamos que fazer isso.

“Hanuman tornou-se imortal e invencível. Ele é meio humano e meio macaco, além de ser mais rápido e mais poderoso que todos os outros símios. Filho de um deus do vento, Hanuman ainda hoje é venerado por muitos hindus, que todos os anos cantam seus hinos e celebram seu nascimento.”

– Homem-macaco forte, capaz de mover montanhas, cantor. Entendi – murmurei, sonolenta.

A noite avançava e eu me sentia cansada, apesar de meu longo repouso mais cedo. Pus o livro de lado e, com Ren ainda enroscado nos meus pés, cochilei um pouco.

Deixei o Sr. Kadam sozinho na maior parte do dia seguinte, encorajando-o a dormir um pouco. Ele ficara acordado a noite toda, então procurei me movimentar pela casa em silêncio.

No fim da tarde, ele me visitou na varanda. Sorria quando nos sentamos.

– Srta. Kelsey, como está passando? Esses fardos devem estar sendo muito pesados para a senhorita, principalmente agora que sabemos que vocês têm outras jornadas pela frente.

– Estou bem, de verdade. O que é um pouco de suco de besouro entre amigos?

Ele sorriu, mas logo sua expressão tornou a ficar séria.

– Se sentir que está sendo exigida demais... eu... eu não quero colocá-la em perigo. A senhorita se tornou muito importante para mim.

– Está tudo bem, Sr. Kadam. Não se preocupe. Foi para isso que eu nasci, não foi? Além disso, Ren precisa da minha ajuda. Se eu não o ajudar, ele vai ficar condenado ao corpo de um tigre para sempre.

O Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão.

– A senhorita é muito brava e corajosa. Uma jovem admirável, como não vejo há muito, muito tempo. Espero que Ren perceba a sorte que tem.

Corei e olhei para a piscina.

– Pelo que deduzi até agora – prosseguiu ele –, precisamos ir agora para Hampi. A distância até lá é grande demais para vocês dois irem sozinhos. Vou acompanhá-los nessa jornada. Partiremos amanhã cedo. Quero que você descanse o máximo possível hoje. Ainda temos algumas horas de luz do dia. Você deve relaxar. Por que não dá um mergulho na piscina?

Depois que o Sr. Kadam saiu, pensei no que ele dissera. *Nadar seria relaxante.*

Vesti um maiô, passei filtro solar e mergulhei na água fresca.

Nadei dando várias voltas na piscina e então fiquei boiando de costas, olhando as palmeiras que se erguiam acima de mim. O sol já estava na altura das árvores, mas o ar ainda era quente e agradável. Ouvi um ruído na lateral da piscina e vi Ren deitado na borda me observando nadar.

Mergulhei, nadei até onde ele estava e então botei a cabeça para fora da água.

– Ei, Ren.

Joguei água nele e ri. O tigre branco resmungou, bufando.

– Não quer brincar? Certo, como quiser.

Nadei mais um pouco e finalmente decidi que era melhor entrar, pois meus dedos estavam murchos feito ameixas secas. Enrolando meu corpo e meu cabelo numa toalha, segui em direção à escada para tomar um banho. Saí do banheiro e encontrei Ren deitado no tapete. Havia uma rosa azul-prateada sobre o meu travesseiro.

– Isto é para mim?

Ren emitiu um ruído de tigre que parecia querer dizer sim.

Levando a flor ao nariz, aspirei profundamente a doce fragrância e me deitei de bruços para olhar o tigre ao lado da minha cama.

– Obrigada, Ren. É linda!

Dei-lhe um beijo no alto da cabeça peluda, cocei atrás de suas orelhas e ri quando ele inclinou a cabeça para que eu coçasse mais.

– Quer que eu leia um pouco mais de *Romeu e Julieta* para você?

Ele ergueu uma pata e a colocou na minha perna.

– Acho que isso significa sim. Muito bem, vamos ver. Onde estávamos?

Ah, Ato II, Cena III. Entram Frei Lourenço e Romeu em seguida.

Tínhamos acabado a cena em que Romeu mata Teobaldo quando Ren me interrompeu.

– Romeu era um tolo – disse ele, repentinamente na forma humana. – Seu grande erro foi não anunciar o casamento. Ele devia ter contado para as duas famílias. Manter o casamento em segredo é o que vai destruir Romeu. Segredos assim podem ser a ruína de qualquer homem. Quase sempre são mais destrutivos do que a espada.

Ren então ficou quieto, perdido em pensamentos.

– Devo continuar? – perguntei.

Ele despertou da momentânea melancolia e sorriu.

– Por favor.

Mudei de posição, recostando-me na cabeceira, e puxei uma almofada para o meu colo. Ele voltou à forma de tigre e saltou para o pé da cama. Estirou-se de lado sobre o imenso colchão.

Recomecei a ler. Todas as vezes que eu lia alguma coisa de que Ren não gostava, ele abanava a cauda, aborrecido.

– Pare com essa cauda, Ren! Está fazendo cócegas nos meus pés!

Essa declaração só o estimulou a repetir ainda mais o gesto. Quando cheguei ao fim da peça, fechei o livro e olhei para Ren, querendo ver se ainda estava acordado. Estava, e havia voltado à forma humana. Ainda se encontrava deitado de lado no pé da cama, com a cabeça apoiada no braço.

– O que achou? – perguntei. – Ficou surpreso com o desfecho?

Ren pensou antes de responder.

– Sim e não. Romeu tomou algumas decisões ruins ao longo de toda a história. Estava mais preocupado consigo mesmo do que com a mulher. Ele não a merecia.

– O final o desagradou tanto assim? A maioria das pessoas se concentra no romance que há na peça, na tragédia de nunca poderem ficar juntos. Lamento que não tenha gostado.

O rosto pensativo de Ren se alegrou.

– Ao contrário, gostei bastante. Não tenho ninguém com quem conversar sobre peças de teatro ou poesia faz... bem, desde que meus pais morreram. Para falar a verdade, eu costumava escrever poesia.

– Também sinto falta de ter alguém com quem conversar – admiti baixinho.

O lindo rosto de Ren se iluminou com um sorriso caloroso e eu de repente fiquei preocupada com um fiapo na manga da minha blusa. Ele saltou da cama, pegou minha mão e fez uma medida profunda.

– Talvez, da próxima vez, eu leia um poema meu para você.

Ele virou minha mão e depositou um beijo suave e demorado na palma. Seus olhos cintilaram, travessos.

– Deixo-a com um beijo. Boa noite, Kelsey.

Ren fechou a porta silenciosamente atrás de si e eu puxei as cobertas até o queixo. A palma de minha mão ainda formigava no local onde ele a beijara. Tornei a cheirar minha rosa, sorri e a enfiei no arranjo sobre a cômoda.

Ajeitando-me sob as cobertas, suspirei, sonhadora, e adormeci.



Cachoeira

Na manhã seguinte, ao me levantar, encontrei uma mochila parcialmente cheia ao lado da minha porta, com um bilhete do Sr. Kadam. Ele dizia que eu devia pegar roupas suficientes para três ou quatro dias e incluir meu maiô.

O maiô, pendurado para secar durante a noite, estava seco. Joguei-o na bolsa, incluí uma toalha por segurança, empilhei o restante das minhas coisas em cima de tudo e desci a escada.

O Sr. Kadam e Ren já estavam no Jeep quando entrei. Assim que afivelei o cinto de segurança, o Sr. Kadam me entregou uma barra de cereais e uma garrafinha de suco como café da manhã e saiu a toda velocidade.

– Por que a pressa? – perguntei.

– Ren acrescentou um desvio à nossa viagem e quer parar em um lugar no caminho – respondeu ele. – O plano é deixar vocês dois lá por alguns dias e então voltar para buscá-los. Depois disso, seguiremos para Hampi.

– Que tipo de desvio?

– Ren prefere ele mesmo explicar.

Pela expressão em seu rosto, eu sabia que, por mais que eu tentasse persuadi-lo, o Sr. Kadam não daria mais nenhum detalhe. Decidi deixar de

lado minha curiosidade sobre o futuro e me concentrar, em vez disso, no passado.

– Como estamos começando uma longa viagem, Sr. Kadam, por que não me fala mais sobre o senhor? Como foi o início de sua vida?

– Muito bem. Deixe-me ver. Eu nasci 22 anos antes de Ren, em junho de 1635. Era filho único de uma família militar da casta xátria. Portanto, para mim foi natural ser treinado para ingressar na vida militar.

– Casta xátria?

– A Índia tem quatro castas, ou *varnas*, semelhantes a diferentes classes sociais: os brâmanes são professores, sacerdotes e eruditos; os xátrias são governadores e protetores; os vaixás são fazendeiros e comerciantes; e os sudras são artesãos e criados. Também existem níveis diferentes em cada casta. Pessoas de castas diferentes nunca se misturavam. Viviam sempre dentro de seu próprio grupo. Embora oficialmente extinto nos últimos 50 anos, o sistema de castas ainda é praticado em várias partes do país.

– Sua mulher era da mesma casta que o senhor?

– Era mais fácil para que eu continuasse meu papel como soldado aposentado altamente favorecido pelo rei, então a resposta é sim.

– Mas foi um casamento arranjado? Quer dizer, o senhor a amava, não é?

– Os pais dela arranjaram tudo, mas fomos felizes juntos pelo tempo que nos foi destinado.

Fitei a estrada à nossa frente por um momento e então olhei para Ren, que cochilava no banco de trás.

– Sr. Kadam, eu o aborreço fazendo tantas perguntas? Não se sinta na obrigação de responder todas elas, principalmente se forem pessoais ou dolorosas demais para o senhor.

– Eu não me importo, Srta. Kelsey. Gosto de conversar com a senhorita. Ele sorriu para mim e mudou de faixa.

– Que bom! Então me fale um pouco sobre sua carreira militar. O senhor deve ter lutado em algumas batalhas bem interessantes.

Ele assentiu.

– Iniciei o treinamento ainda muito jovem. Devia ter uns 4 anos. Não frequentávamos a escola. Como futuros militares, nossa juventude era toda dedicada à formação militar e todos os nossos estudos versavam sobre a arte da guerra. Havia dezenas, talvez até mesmo uma centena de diferentes reinos na Índia naquela época. Eu tive sorte de viver em um dos mais poderosos, sob o comando de um bom rei.

– Que tipos de arma o senhor usava?

– Fui treinado para usar várias armas, mas a primeira habilidade que nos ensinavam era o combate corpo a corpo. Você já viu filmes de artes marciais?

– Se o senhor se refere aos de Jet Li e de Jackie Chan, sim.

– Lutadores com habilidade no combate corpo a corpo eram muito procurados. Ainda jovem, avancei rapidamente na hierarquia por causa de minha habilidade nessa área. Ninguém conseguia me derrotar. Bem, quase ninguém. Ren me vencia de vez em quando.

Olhei para ele, surpresa.

– Sr. Kadam! Está me dizendo que é um mestre de caratê?

– Algo no gênero. – Ele sorriu. – Nunca fui tão bom quanto os mestres renomados que vinham nos treinar, mas aprendi bastante. Gosto de lutar, mas minha maior habilidade é com a espada.

– Eu sempre quis aprender caratê.

– Nessa época, não a chamávamos de caratê. A arte marcial que usávamos durante a guerra era menos visualmente estimulante. A ênfase estava em superar seu oponente o mais rápido possível, o que com frequência significava matar ou aplicar um golpe que deixaria a pessoa inconsciente por tempo suficiente para você escapar. Não era tão estruturada como se vê hoje.

– Entendi. Então o senhor e Ren foram ambos treinados em artes marciais.

Ele sorriu.

– Sim e ele era muito competente. Como futuro rei, estudou ciências, artes e filosofia, assim como muitas outras áreas do conhecimento chamadas de “As 64 artes”. Ele também foi treinado em todos os tipos de combate, inclusive artes marciais.

– Hum... interessante.

– A mãe de Ren também era bem versada nas artes marciais. Ela aprendera na Ásia e insistiu para que os filhos fossem capazes de se proteger. Trouxeram especialistas de fora e nosso reino rapidamente ficou célebre por lutar nessa modalidade.

Por um minuto, me perdi na imagem de Ren praticando artes marciais. *Lutando sem a camisa. A pele bronzeada. Os músculos retesados.* Sacudi a cabeça e me repreendi. *Pare com isso, garota!*

– Ahn... – Pigarreei. – O que o senhor estava dizendo mesmo?

– Carros de guerra... – prosseguiu o Sr. Kadam, sem perceber minha breve desatenção. – A maior parte dos soldados era da infantaria e foi aí que comecei. Recebi treinamento no uso da espada, da lança, da maça, assim como de muitas outras armas, antes de passar para os carros de guerra. Aos 25 anos, eu estava no comando do exército do rei. Aos 35, minha função era treinar outros soldados, inclusive Ren, e fui chamado para ser o conselheiro militar especial e estrategista de guerra do rei, particularmente no uso de elefantes de batalha.

– É difícil imaginar elefantes na guerra. Eles parecem tão dóceis – refleti.

– Os elefantes eram assustadores na batalha – explicou o Sr. Kadam. – Eram fortemente encouraçados e carregavam uma estrutura fechada nas costas para proteger os arqueiros. Às vezes prendíamos longas adagas mergulhadas em veneno a suas presas, o que era bastante eficaz no ataque direto. Imagine enfrentar um exército com 20 mil elefantes encouraçados. Não creio que hoje exista na Índia esse número de elefantes.

Eu quase podia sentir o chão sob os meus pés tremendo enquanto visualizava os elefantes prontos para a batalha atacando um exército.

– Que terrível para o senhor ter que participar de todo esse derramamento de sangue e de tanta destruição. E pensar que essa foi a sua vida. A guerra é uma coisa horrível.

O Sr. Kadam deu de ombros.

– A guerra naquela época era diferente do que é hoje. Seguíamos um código de guerreiros, semelhante ao código da cavalaria da Europa. Tínhamos quatro regras. Regra número um: deve-se lutar com alguém que use armadura semelhante. Não lutávamos com um homem que não tivesse o mesmo tipo de equipamento de proteção. É um conceito semelhante ao de não usar uma arma contra um homem desarmado.

Ele ergueu outro dedo.

– Regra número dois: se seu inimigo não puder mais lutar, a batalha acabou. Se você desarmar seu oponente e deixá-lo indefeso, deve cessar a luta. Não se pode liquidá-lo. Regra número três: soldados não matam mulheres, crianças, idosos ou enfermos, e não machucamos aqueles que se entregam. E regra número quatro: não destruimos jardins, templos e outros lugares de culto.

– Parecem regras muito razoáveis – comentei.

– Nosso rei seguia a Kshatriadharma, ou Lei dos Reis, o que significa que só podíamos lutar em batalhas que fossem consideradas justas, ou legítimas, e que tivessem a aprovação do povo.

Ficamos em silêncio por um tempo. O Sr. Kadam parecia envolto em pensamentos sobre o seu passado e eu tentava entender a época em que ele viveu. Quando tornou a trocar de faixa, fiquei impressionada com a facilidade com que dirigia em meio ao trânsito pesado ao mesmo tempo que parecia tão pensativo. As ruas estavam cheias e os motoristas passavam zunindo em velocidades assustadoras, mas isso aparentemente não abalava o Sr. Kadam.

Algum tempo depois, ele se virou para mim e disse:

– Eu a deixei triste, Srta. Kelsey. Peço desculpas. Não queria aborrecê-la.

– Só estou triste pelo fato de o senhor ter enfrentado tanta guerra em sua vida e ter perdido tantas outras coisas.

O Sr. Kadam me olhou e sorriu.

– Não fique triste. Lembre-se de que essa foi apenas uma pequena parte da minha vida. Pude ver e vivenciar mais coisas do que normalmente seria possível a qualquer homem. Vi o mundo mudar século após século. Testemunhei acontecimentos horríveis, assim como muitos outros maravilhosos. Além disso, lembre-se de que, ainda que eu fosse um militar, não vivíamos o tempo todo em guerra. Nosso reino era grande e respeitável. Embora treinássemos para a guerra, só nos envolvemos em conflitos armados umas poucas vezes.

– Às vezes esqueço há quanto tempo o senhor e Ren estão vivos. Não estou dizendo com isso que o senhor seja velho...

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

Depois de nossa conversa, resolvi pegar um livro sobre Hanuman. Era fascinante ler as histórias do deus macaco. Fiquei tão imersa em meu estudo que me surpreendi quando o Sr. Kadam parou.

Fizemos uma refeição rápida, durante a qual o Sr. Kadam me encorajou a experimentar alguns tipos diferentes de curry. Descobri que não era muito fã desse prato, e ele ria quando eu fazia caretas com as variedades muito picantes. Gostei mesmo foi do pão *naan*.

Quando nos acomodamos de volta no carro, peguei uma cópia da profecia de Durga e comecei a ler. *Serpentes. Isso não é nada animador. Que tipo de proteção ou bênção Durga nos daria?*

– Sr. Kadam, existe um templo de Durga perto das ruínas de Hampi?

– Existem templos em homenagem a Durga em quase toda cidade da Índia. Ela é uma deusa muito popular. Encontrei um templo perto de Hampi que iremos visitar. Se tivermos sorte, encontraremos lá nossa próxima pista para o quebra-cabeça.

– E tem alguma ideia do que possam ser os “perigos deslumbrantes”?

– Não. Lamento, Srta. Kelsey, mas nada me ocorre. Também tenho pensado nisso. “*Lúgubres fantasmas frustram seu caminho.*” Não encontrei nenhuma referência sobre isso, o que me faz pensar que talvez tenhamos que interpretá-lo literalmente. Pode ser que haja algum tipo de espírito que tentará deter vocês.

Engoli em seco.

– E o que me diz das... serpentes?

– Existem muitas serpentes perigosas na Índia: a naja, o píton, cobras aquáticas, víboras, cobras-reais e até algumas voadoras.

Nada animador mesmo.

– O que quer dizer com “voadoras”?

– Bem, tecnicamente elas não voam de verdade. Apenas planam de uma árvore para outra, como o esquilo-voador.

Afundi no assento e franzi o cenho.

– Que bela variedade de répteis venenosos vocês têm aqui!

O Sr. Kadam riu.

– É, temos mesmo. Algo com que aprendemos a conviver. Mas, neste caso, parece que a cobra ou as cobras serão úteis.

Tornei a ler o verso: *Se serpentes encontrarem o fruto proibido e a fome da Índia satisfizerem... a fim de não ver todo o seu povo perecer.*

– O senhor acha que de alguma forma o que fizermos pode afetar toda a Índia?

– Não tenho certeza. Espero que não. Apesar de meus séculos de estudos, sei muito pouco sobre essa maldição do Amuleto de Damon. Sei que ela tem grande poder, mas de que maneira poderia afetar o país, isso eu ainda não compreendi.

Eu estava com uma leve dor de cabeça, por isso recostei-me no banco e fechei os olhos. E depois só me lembro de o Sr. Kadam me cutucar para que eu acordasse.

– Chegamos, Srta. Kelsey.

Esfreguei os olhos sonolentos.

– Onde?

– Estamos no lugar em que Ren queria parar.

– Sr. Kadam, estamos no meio do nada, cercados pela selva.

– Eu sei. Não tenha medo. Você estará segura. Ren irá protegê-la.

O Sr. Kadam pegou minha bolsa e se dirigiu à minha porta para abri-la.

Saltei do carro e olhei para ele.

– Vou ter que dormir na selva de novo, não é? Tem certeza de que não posso ir com o senhor enquanto Ren resolve a vida dele?

– Lamento, Srta. Kelsey, mas desta vez ele vai precisar da senhorita. É algo que não pode fazer sem sua ajuda.

– Legal – resmunguei. – E o senhor naturalmente não pode me dizer do que se trata.

– Não cabe a mim dizer. Essa é uma história para ele partilhar.

– E quando o senhor vai voltar para nos buscar?

– Vou até a cidade fazer compras. Depois encontro vocês aqui em três ou quatro dias. Talvez eu tenha que esperá-los. Pode ser que ele não encontre o que está procurando nas primeiras noites.

Suspirei e lancei um olhar zangado para Ren.

– Mais selva. Muito bem, vamos logo com isso. Por favor, vá na frente.

O Sr. Kadam me entregou um frasco de repelente com filtro solar, colocou mais algumas coisas na minha mochila e me ajudou a colocá-la nos ombros. Soltei um suspiro profundo enquanto o via se afastar no Jeep. Então me virei para seguir Ren mata adentro.

– Ren, por que sempre preciso segui-lo para o meio da mata? Que tal da próxima vez você me seguir até um belo spa ou quem sabe uma praia? O que me diz?

Ele fungou e continuou andando.

– Está certo. Mas você me deve uma depois desta.

Caminhamos pelo restante da tarde.

Mais tarde, comecei a ouvir um estrondo à nossa frente, mas não conseguia identificar o que era. Quanto mais andávamos, mais alto ele se tornava. Atravessamos um bosque e chegamos a uma pequena clareira. Finalmente vi a fonte daquele som. Era uma linda cachoeira.

Uma série de pedras cinzentas se espalhava como degraus por um morro alto. A água espumava e fluía sobre cada pedra, então despencava e se abria como um leque, caindo em um amplo lago turquesa lá embaixo. Árvores e pequenos arbustos com diminutas flores vermelhas cercavam o lago. Era uma visão encantadora.

Quando me aproximei de um dos arbustos, percebi que ele parecia se mover. Dei mais um passo e centenas de borboletas alçaram voo. Havia duas variedades: uma era marrom com listras cor de creme e a outra de um preto amarronzado com listras e pintas azuis. Eu ri e rodopiei em meio a uma nuvem de borboletas. Quando elas tornaram a pousar, várias descansaram em meus braços e em minha blusa.

Subi em uma pedra que se debruçava sobre a queda-d'água e examinei uma borboleta empoleirada no meu dedo. Quando ela voou, fiquei parada observando a água rolar morro abaixo. Então ouvi uma voz às minhas costas.

– É lindo, não é? É o meu lugar preferido no mundo todo.

– É. Nunca vi nada assim.

Ren veio até mim e passou uma borboleta do meu braço para o seu dedo.

– Elas são chamadas de borboletas corvos e as outras são tigres azuis. As tigres azuis são mais brilhantes e mais fáceis de avistar, então vivem misturadas às borboletas corvos para se camuflar.

– Que interessante.

– E as borboletas corvos não são comestíveis. Na verdade, são venenosas, por isso outras borboletas tentam imitá-las para enganar os predadores.

Ele me pegou pela mão e me conduziu por uma trilha ao lado da cachoeira.

– Vamos acampar aqui. Sente-se. Tenho uma coisa para lhe falar.

Encontrei um lugar plano e pousei a mochila. Peguei uma garrafa de água e me acomodei, encostada em uma pedra.

– Muito bem, pode falar.

Ren começou a andar de um lado para outro enquanto falava.

– Estamos aqui porque preciso encontrar meu irmão.

Engasguei com a água.

– Seu irmão? Achei que estivesse morto. Você não falou nada sobre ele, exceto que foi amaldiçoado com você. Quer dizer que ele está vivo? Aqui?

– Para ser sincero, não sei se ainda está vivo. Presumo que sim, porque eu estou. O Sr. Kadam acredita que ele se esconde aqui, nesta selva.

Ele se virou e olhou a cachoeira, e então se sentou ao meu lado, esticando as pernas compridas e pegando a minha mão. Ficou brincando com os meus dedos enquanto falava.

– Creio que ainda esteja vivo. É o que sinto. Meu plano é dar uma busca na área em círculos cada vez mais amplos. No fim, um de nós vai detectar o cheiro do outro. Se ele não aparecer ou se eu não conseguir captar seu cheiro em alguns dias, vamos voltar, encontrar o Sr. Kadam e continuar nossa jornada.

– E o que eu vou poder fazer?

– Esperar aqui. Tenho esperanças de que, se ele não me ouvir, a sua presença possa convencê-lo. Também espero que...

– Espera que...?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não é importante agora. – Ele apertou a minha mão, distraído, e se pôs de pé. – Vou ajudá-la a montar acampamento antes de dar início à minha busca.

Ren foi procurar madeira para a fogueira enquanto eu desenrolava uma pequena barraca para duas pessoas, fácil de montar, presa à parte externa da mochila. *Obrigada, Sr. Kadam!* Abri o zíper da bolsa da barraca e a estendi em um trecho de chão plano. Depois de alguns minutos, Ren veio me ajudar. Ele já tinha acendido a fogueira e reunido uma pilha de lenha para mantê-la acesa.

– Você foi rápido – murmurei, com despeito, enquanto esticava o tecido da barraca com um gancho.

Sua cabeça surgiu do outro lado e ele sorriu.

– Recebi um treinamento intensivo sobre como viver ao ar livre.

– Não me diga.

Ele riu.

– Kells, existem muitas coisas que você sabe fazer e eu não. Como armar esta barraca, aparentemente.

Eu sorri.

– Puxe o tecido sobre o gancho na estaca.

Terminamos rapidamente e ele bateu as mãos, limpando-as.

– Não tínhamos barracas como esta há 300 anos. Usávamos apenas estacas de madeira.

Ele veio até mim, puxou minha trança e beijou minha testa.

– Mantenha o fogo aceso. Ele afasta os animais selvagens. Vou circular a área algumas vezes, mas volto antes de anoitecer.

Ren partiu para a selva novamente como tigre. Puxei a trança, fiquei pensando nele por um minuto e sorri.

Enquanto esperava que ele voltasse, examinei a mochila para ver o que o Sr. Kadam providenciara para o nosso jantar. *Ah, ele se superou novamente – frango e arroz desidratados por congelamento e flan de chocolate de sobremesa.* Despejei um pouco de água da minha garrafa em uma panelinha e a assentei em uma pedra plana que eu empurrara até o meio das brasas. Quando a água borbulhou, usei uma camiseta como pegador e transferi a água quente para a embalagem da comida. Esperei vários minutos até que

ela se reconstituísse e então saboreei minha refeição. Com certeza estava mais gostosa que o peru de tofu que Sarah prepara no Dia de Ação de Graças.

O céu começou a escurecer e achei que ficaria mais segura dentro da barraca, então entrei e dobrei minha colcha para usá-la como travesseiro.

Ren voltou logo depois e o ouvi colocar mais lenha na fogueira.

– Nenhum sinal dele – disse.

Então voltou à forma de tigre e se acomodou na abertura da barraca.

Abri o zíper da barraca e perguntei se ele se importaria se eu usasse suas costas novamente como travesseiro. Ele se esticou como resposta. Eu me aproximei, deitei a cabeça em seu pelo macio e me enrolei com a colcha. Seu peito ecoava ritmicamente em um ronronar profundo, o que me ajudou a adormecer.

Ren não estava lá quando acordei. Só voltou na hora do almoço, quando eu estava escovando meu cabelo.

– Aqui, Kells. Trouxe uma coisa para você – disse ele, despretensioso, e me estendeu três mangas.

– Obrigada. Posso perguntar onde as conseguiu?

– Com macacos.

Interrompi o movimento da escova.

– Com macacos? Como assim?

– Bem, os macacos não gostam de tigres porque os tigres comem os macacos. Assim, quando um tigre se aproxima, eles sobem nas árvores e o atacam com frutas ou fezes. Para minha sorte, hoje atiraram frutas.

Engoli em seco.

– Você já... *comeu* um macaco?

Ren sorriu para mim.

– Bem, um tigre precisa comer.

Tirei um elástico da mochila para prender a trança.

– Eca. Isso é nojento.

Ele riu.

– Eu não comi nenhum macaco, Kells. Só estou brincando com você. Os macacos são repulsivos. Têm gosto de bola de tênis e cheiro de chulé. – Ele fez uma pausa. – Agora, um belo e succulento cervo, *isso*, sim, é delicioso.

Ele estalou os lábios com exagero.

– Não preciso ouvir sobre suas caçadas.

– Ah, não? Eu gosto muito de caçar.

Ren imobilizou-se. Quase imperceptivelmente, ele baixou o corpo devagar, até ficar agachado, equilibrando-se na ponta dos pés. Então pousou a mão na grama à sua frente e começou a se aproximar de mim, se arrastando. Ele estava me rastreando, me caçando. Seus olhos se fixaram nos meus. Ele se preparava para saltar. Seus lábios estavam repuxados em um sorriso largo que deixava à mostra os dentes brancos e brilhantes. Ele parecia... selvagem.

Então ele falou, com uma voz sedosa e hipnótica:

– Quando você está à espreita de uma presa, tem que ficar imóvel e se esconder, permanecendo assim por muito tempo. Se você falhar, a presa escapa.

Ele cobriu a distância que nos separava num piscar de olhos.

Embora eu o observasse atentamente, me assustei com a rapidez com que podia se mover. Uma veia começou a latejar em meu pescoço, que era onde seus lábios agora pairavam, como se ele estivesse buscando minha jugular.

Ele jogou meu cabelo para trás e se dirigiu à minha orelha, sussurrando:

– E você fica... com fome.

Suas palavras soaram abafadas. Seu hálito quente fazia cócegas na minha orelha e disparou um arrepio por todo o meu corpo.

Virei ligeiramente a cabeça para olhar para ele. Seus olhos haviam mudado. Estavam mais azuis do que o normal e estudavam o meu rosto. Sua

mão permanecia no meu cabelo e os olhos se dirigiram à minha boca. De repente, tive a impressão de que era essa a sensação que um cervo experimentava.

Ren estava me deixando nervosa. Pisquei e engoli em seco. Seus olhos voltaram aos meus. Deve ter percebido minha apreensão, pois sua expressão mudou. Ele soltou meu cabelo e relaxou a postura.

– Desculpe se a assustei, Kelsey. Não vai mais acontecer.

Quando ele recuou um passo, eu voltei a respirar.

– Não quero ouvir mais nada sobre caçadas – declarei, trêmula. – Isso me assusta. O mínimo que você pode fazer é não me falar nada a respeito. Principalmente quando tenho que ficar com você aqui ao ar livre, está bem?

Ele riu.

– Kelsey, todos nós temos algumas tendências animais. Eu adorava caçar, mesmo quando era jovem.

Estremeci.

– Ótimo. Mas guarde suas tendências animais para si mesmo.

Ele se inclinou na minha direção outra vez e puxou um fio do meu cabelo.

– Ora, Kells, você parece gostar de algumas de minhas tendências animais.

Ele começou a emitir um ronco no peito e percebi que ele estava *ronronando*.

– Pare com isso! – reclamei.

Ele riu, foi até a mochila e apanhou uma das frutas.

– Então, você quer essas mangas ou não? Vou lavar para você.

– Bem, considerando que você as carregou na boca essa distância toda só para mim e levando-se em conta a origem das frutas... sinceramente, não.

Seus ombros murcharam.

– Não está desidratada – disse ele.

– Está bem. Vou experimentar.

Ele lavou uma das frutas, descascou-a com uma faca apanhada na mochila e a fatiou para mim. Nós nos sentamos lado a lado e saboreamos a manga. Era suculenta e deliciosa, mas eu não daria a ele a satisfação de saber que eu estava gostando tanto.

– Ren?

Lambi o sumo dos dedos e peguei outro pedaço.

– Diga.

– É seguro nadar perto da cachoeira?

– Claro. Este lugar era muito especial para mim. Eu sempre vinha aqui para fugir às pressões da vida no palácio e poder ficar sozinho e pensar.

Ele olhou para mim.

– Na verdade, você é a primeira pessoa a quem mostrei este lugar, sem contar minha família e o Sr. Kadam, é claro.

Olhei para a linda queda-d'água e comecei a falar baixinho:

– Existem muitas cachoeiras no Oregon. Acho que conheci quase todas. Minha família costumava fazer piqueniques à margem delas. Lembro-me de uma vez em que fiquei observando uma delas bem de perto com meu pai enquanto a nuvem de borrifos ia aos poucos nos encharcando.

– Alguma delas se parecia com esta?

Sorri.

– Não. Esta é única. Na verdade, minha época favorita para admirá-las era o inverno.

– Nunca vi uma queda-d'água no inverno.

– É lindo. A água congela quando cai pelas montanhas íngremes. As pedras lisas em torno das cataratas se tornam escorregadias com o gelo e, à medida que mais água flui sobre elas, pingentes de gelo começam a crescer. As pontas congeladas aos poucos se avolumam e se alongam ao se arrastarem morro abaixo, avançando até tocarem a água abaixo, formando cordas longas, grossas e retorcidas. A água que ainda corre flui gotejando

sobre os pingentes de gelo e recobrando-os de camadas brilhantes. No Oregon, as colinas em torno das cachoeiras são exuberantes, cobertas por árvores perenes, e às vezes ficam com o cume coberto de neve.

Ele não fez comentários.

– Ren?

Virei-me para ver se ele ainda estava prestando atenção e o surpreendi me estudando atentamente.

Um sorriso lento e preguiçoso iluminou o seu rosto.

– Parece muito bonito.

Corei e desviei o olhar.

Ele pigarreou deliberadamente.

– Parece incrível, mas frio. A água aqui não congela. – Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. – Kelsey, lamento que seus pais tenham partido.

– Eu também. Obrigada por dividir sua cachoeira comigo. Meus pais teriam adorado este lugar. – Sorri para ele e então fiz um movimento com a cabeça na direção da selva. – Se você não se importa, eu gostaria de um pouco de privacidade para vestir meu maiô.

Ele se pôs de pé e fez uma medida dramática.

– Que nunca se diga que o príncipe Alagan Dhiren Rajaram negou o pedido de uma linda dama.

Ele lavou as mãos pegajosas no lago, transformou-se em tigre e desapareceu selva adentro.

Dei algum tempo para que Ren se afastasse, vesti o maiô e mergulhei na água.

Era cristalina e rapidamente refrescou minha pele quente e suada. Estava deliciosa. Depois de nadar e explorar o lago, fui até a cachoeira e encontrei uma pedra para me sentar sob os borrifos. Deixei a água cair sobre meu corpo em jatos gelados. Depois, corri para o lado ensolarado da pedra e dobrei as pernas, tirando-as da água.

Sentia-me uma sereia inspecionando seus pacíficos domínios. Tudo era tranquilo e agradável. Com a água azul, as árvores verdes e as borboletas voejando aqui e ali, parecia uma cena saída de *Sonho de uma noite de verão*. Eu podia até imaginar as fadas voando de flor em flor.

De repente, Ren surgiu galopando do meio da selva e deu um salto no ar. Os mais de 200 quilos de seu corpo branco de tigre aterrissaram ruidosamente no meio do lago, propagando ondas que vieram bater na minha pedra.

– Ué – falei quando ele emergiu –, pensei que os tigres detestassem a água.

Ele veio até onde eu estava e ficou nadando em círculos, me mostrando que os tigres sabiam nadar. Mergulhando a cabeça sob a queda-d'água, ele passou por trás dela e veio até a minha pedra. Erguendo-se atrás de mim, sacudiu violentamente o pelo, feito um cachorro. A água espirrou em todas as direções, inclusive em mim.

– Ei, eu estava me secando!

Deslizei de volta para a água e nadei para o centro do lago. Ele também tornou a mergulhar e ficou dando voltas em torno de mim enquanto eu jogava água nele, rindo. Depois submergiu e ficou muito tempo debaixo da água. Por fim, emergiu, pulou em cima de uma pedra e saltou no ar, caindo de barriga na água, bem ao meu lado. Brincamos até ficarmos cansados. Então nadei de volta à cachoeira e fiquei parada sob a torrente com os braços erguidos, deixando a água cair à minha volta.

Até que ouvi um estrondo e um baque vindos de cima. Algumas pedras despencaram com uma pancada na água ao meu lado. Quando eu saía apressada da cachoeira, uma pedra me atingiu na parte posterior da cabeça. Minhas pálpebras tremularam e se fecharam enquanto meu corpo desabava na água fria.



Tigre, Tigre

— Kelsey! *Kelsey!* Abra os olhos!

Alguém me sacudia. Com força. Tudo o que eu queria era resvalar de volta ao sono negro e despreocupado, mas a voz soava desesperada, insistente.

– Kelsey, me escute! Abra os olhos, *por favor!*

Tentei abrir os olhos, mas doía. A luz do sol piorava o doloroso latejar na minha cabeça. *Que dor horrível!* Minha mente começou a clarear e reconheci nosso local de acampamento e Ren, que estava ajoelhado ao meu lado. Seu cabelo molhado estava jogado para trás e ele tinha uma expressão preocupada no lindo rosto.

– Kells, como você se sente? Está bem?

Eu pretendia dar a ele uma resposta sarcástica, mas, em vez disso, engasguei e comecei a tossir, expelindo água. Respirei fundo, ouvi um ronco úmido em meus pulmões e tossi um pouco mais.

– Vire-se de lado. Ajuda a pôr a água para fora. Deixe-me ajudá-la.

Ele me puxou em sua direção, deitando-me de lado. Tossi mais um pouco de água. Ele tirou a camisa molhada e a dobrou. Então delicadamente

me ergueu e a colocou debaixo de minha cabeça, que doía demais para apreciar seu... peito nu... bronzado... esculpido... musculoso.

Acho que devo estar bem, se posso admirar a visão, pensei. Nossa, eu precisaria estar morta para não admirá-la.

Estremeci quando a mão de Ren passou pela minha cabeça, tirando-me de meus devaneios.

– Você está com um galo feio aqui.

Levei a mão até a protuberância gigante na parte posterior do meu crânio. Toquei-a com cautela e recordei a fonte de minha dor de cabeça. *Devo ter perdido a consciência quando a pedra me atingiu. Ren salvou minha vida. Outra vez.*

Ergui os olhos para ele, que me fitava com uma expressão desesperada e tremia. Percebi que ele devia ter assumido a forma humana quando me arrastou para fora do lago e permanecido ao meu lado até eu acordar. *Só Deus sabe há quanto tempo estou aqui deitada inconsciente.*

– Ren, você está com dor. Ficou tempo demais nessa forma hoje.

Ele sacudiu a cabeça, negando, mas eu o vi trincar os dentes. Segurei seu braço.

– Eu vou ficar bem. É só um galo na cabeça. Não se preocupe comigo. Tenho certeza de que o Sr. Kadam pôs algumas aspirinas na mochila. Vou tomar uns comprimidos e me deitar para descansar um pouco.

Ele deslizou o dedo lentamente da minha têmpora à bochecha e sorriu. Quando retirou a mão, todo o seu braço se sacudia e tremores faziam ondular a camada sob a sua pele.

– Kells, eu...

Seu rosto se retesou. Ele jogou a cabeça para o lado, rosnou de raiva e se metamorfoseou em tigre. Grunhiu baixinho, então aquietou-se e se aproximou de mim. Deitou-se ao meu lado e ficou me observando atentamente com seus olhos azuis. Acaricieei suas costas, em parte para tranquilizá-lo e em parte porque isso também me acalmava.

Olhei para o alto, por entre as árvores salpicadas de sol, e desejei que a dor de cabeça cedesse. Eu sabia que teria que me mexer em algum momento, mas não queria fazer isso. O tigre ronronava baixinho e o som reconfortante acabou aliviando a dor. Respirando fundo, eu me levantei, sabendo que ficaria mais confortável se trocasse de roupa.

Sentei-me devagar, enquanto respirava fundo, esperando que, se me movimentasse lentamente, a náusea se dissiparia e o mundo pararia de rodar. Ren ergueu a cabeça, atento aos meus esforços.

– Obrigada por me salvar – sussurrei enquanto acariciava-lhe o dorso. Dei um beijo no alto da cabeça peluda. – O que eu faria sem você?

Abrindo o zíper da mochila, encontrei uma caixinha contendo uma variedade de medicamentos, inclusive aspirina. Coloquei dois comprimidos na boca e bebi água. Puxando minha roupa seca, virei-me para Ren.

– Vamos combinar uma coisa? Quero trocar de roupa, por isso agradeceria muito se você fosse para a selva outra vez por alguns minutos.

Ele rosnou para mim, parecendo um pouco zangado.

– Estou falando sério.

Ele rosnou um pouco mais alto.

Descansei a palma da mão na testa e me segurei em uma árvore próxima a fim de firmar minhas pernas vacilantes.

– Preciso trocar de roupa e você *não vai* ficar aqui xeretando.

Ele bufou, pôs-se de pé, sacudiu o corpo e a cabeça como se dissesse não, e me fitou. Sustentei seu olhar e apontei para a selva. Ele finalmente deu meia-volta, mas então entrou na barraca e se deitou sobre a minha colcha. Sua cabeça estava voltada para dentro da barraca, enquanto a cauda se contraía de um lado para outro pela abertura.

Suspirei e estremeci ao virar a cabeça rápido demais.

– Acho que isso é o máximo que vou conseguir de você, não é? Tigre teimoso!

Aceitei o meio-termo, mas fiquei de olho em sua cauda inquieta enquanto trocava de roupa.

Comecei a me sentir um pouco melhor com as roupas secas. A aspirina também passara a fazer efeito e a cabeça latejava menos, mas ainda estava sensível. Concluí que preferia dormir a comer, então pulei o jantar e optei por um chocolate quente.

Andando com cuidado pelo acampamento, acrescentei alguns pedaços de madeira à fogueira e pus água para ferver. Agachando-me, mexi no fogo um pouco com um galho comprido para fazê-lo crepitar novamente e peguei um pacote de chocolate em pó. Ren observava cada movimento meu.

Eu o dispensei.

– Estou bem. De verdade. Pode ir em uma de suas incursões de reconhecimento ou sei lá o quê.

Ren simplesmente ficou lá sentado, teimoso, agitando a cauda de tigre.

– Estou falando sério. – Girei o dedo, fazendo um círculo. – Vá rodar por aí. Procure seu irmão. Eu só vou pegar um pouco de lenha e depois vou dormir.

Ele continuou imóvel e fez um som que se assemelhava um pouco a um cachorro ganindo. Ri e fiz um carinho em sua cabeça.

– Sabe, apesar das aparências, costumo me virar sozinha direitinho.

O tigre resmungou e se sentou ao meu lado. Recostei-me em seu ombro enquanto misturava meu chocolate quente.

Antes que o sol se pusesse, peguei mais lenha e bebi água. Quando rastejei para dentro da barraca, Ren me seguiu. Ele estendeu as patas e eu cuidadosamente pousei a cabeça sobre elas. Ouvi um profundo suspiro de tigre e ele acomodou a cabeça perto da minha. Quando acordei na manhã seguinte, minha cabeça ainda estava apoiada nas patas macias de Ren, mas eu havia me virado, enterrado meu rosto em seu peito e enlaçado o pescoço dele com meu braço, aninhando-me como se Ren fosse um bichinho de pelúcia gigante.

Eu me afastei, um pouco sem jeito. Quando me levantei para me espreguiçar, apalpei com cuidado meu galo e fiquei feliz ao ver que ele tinha diminuído bastante. Eu me sentia muito melhor.

Esfomeada, comi algumas barras de cereais e peguei um pacote de aveia. Aqueci novamente na fogueira água suficiente para um mingau de aveia e outro chocolate quente. Depois do café da manhã, eu disse a Ren que podia partir em sua patrulha e que eu iria lavar meu cabelo.

Ele esperou um pouco, observando meus movimentos até se sentir tranquilizado, e então se foi, deixando-me por minha própria conta. Apanhei um frasco pequeno do xampu biodegradável que o Sr. Kadam colocara na mochila para mim.

Depois de vestir o maiô e um short e calçar os tênis, desci até minha pedra do banho de sol. Fiquei à margem da cachoeira, bem longe do lugar onde fora atingida pelas pedras, e molhei e ensaboei com cuidado meu cabelo. Inclinando-me ligeiramente na direção da água espumante, deixei-a enxaguar o xampu. A água fria fez bem à minha cabeça dolorida.

Deslizando para o lado ensolarado da pedra, sentei-me para escovar os cabelos. Quando terminei, fechei os olhos e virei o rosto na direção do sol matinal, deixando-o me aquecer enquanto meu cabelo secava. Esse lugar era um paraíso, não havia como negar. Mesmo com um galo na cabeça e minha aversão a acampamentos, eu conseguia apreciar a beleza à minha volta.

Não que eu não gostasse da natureza. Quando eu era criança, adorava ficar ao ar livre com meus pais. Só que eu gostava de dormir em minha própria cama *depois* de me aventurar no meio do mato.

Ren voltou no meio do dia e se sentou ao meu lado enquanto comíamos nosso almoço desidratado. Aquela era a primeira vez que eu o via se alimentar como homem, sem contar a manga. Mais tarde, vasculhei a bolsa em busca do meu livro de poesia. Perguntei a Ren se ele queria que eu lesse para ele.

Ele havia se transformado novamente em tigre e eu não ouvi nenhum grunhido ou sinal de protesto felino. Peguei o livro e me sentei com as costas apoiadas em uma grande pedra. Ele veio até mim e me surpreendeu transformando-se em homem. Virou-se de costas e deitou a cabeça no meu colo antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Então suspirou profundamente e fechou os olhos.

Eu ri e disse:

– Acho que isso significa sim, não é?

Mantendo os olhos fechados, ele murmurou:

– Sim, por favor.

Folhee o livro para escolher um poema.

– Ah, este parece apropriado. Acho que você vai gostar. É um dos meus favoritos e também foi escrito por Shakespeare.

Comecei a ler, segurando o livro com uma das mãos enquanto com a outra acariciava distraidamente o cabelo de Ren.

SONETO XVIII

*Se te comparo a um dia de verão,
És por certo mais belo e mais ameno.*

*O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno.*

*Às vezes brilha o Sol em demasia,
Outras vezes desmaia com frieza;*

*O que é belo declina num só dia,
Na eterna mutação da natureza.*

Mas em ti o verão será eterno,

E a beleza que tens não perderás;

Nem chegarás da morte ao triste inverno:

Nestas linhas com o tempo crescerás.

E enquanto nesta terra houver um ser,

Meus versos vivos te farão viver.

– Isso foi... excelente. – Sua voz era suave. – Gosto desse Shakespeare.

– Eu também.

Eu estava folheando o livro à procura de outro poema quando Ren disse:

– Kelsey, talvez eu pudesse partilhar um poema do meu país... com você.

Surpresa, deixei de lado meu livro.

– Eu adoraria ouvir poesia indiana.

Ele abriu os olhos e fitou as árvores acima de nós. Pegando minha mão, entrelaçou meus dedos nos dele e nossas mãos descansaram em seu peito. Uma brisa leve soprava, fazendo as folhas dançarem ao sol, tecendo um desenho de sombras e luz em seu lindo rosto.

– Este é um poema antigo da Índia. Faz parte de uma epopeia que é contada desde que me entendo por gente. Chama-se “Sakuntala” e o autor é Kalidasa.

*Teu coração, de fato, eu não conheço:
o meu, porém, oh! Cruel, o amor
aquece de dia e de noite;
e todas as minhas virtudes estão em ti centradas.
Tu, ó esguia donzela,
o amor apenas aquece;
mas a mim ele queima;
como a estrela do dia apenas sufoca a fragrância da flor noturna,
mas extingue o próprio orbe da lua.
Este meu coração,
oh, tu que és de todas as coisas a que lhe é mais cara,
não terá nenhum propósito que não seja tu.*

– Ren, é lindo!

Seus olhos se voltaram para mim. Ele sorriu e ergueu a mão para tocar o meu rosto. Meu pulso se acelerou e meu rosto queimou ao seu toque. De repente tive plena consciência de que meus dedos ainda estavam entrelaçados nos cabelos dele e de que minha mão se encontrava pousada em seu peito. Rapidamente os recolhi, apoiando-os no colo. Ele se sentou, apoiando-se em uma só mão, o que trouxe aquele rosto lindo para muito

perto do meu. Seus dedos deslizaram até o meu queixo e ele inclinou meu rosto de modo que os meus olhos encontrassem o azul intenso dos seus.

– Kelsey?

– Sim? – sussurrei.

– Eu queria sua permissão... para beijá-la.

Opa. Alerta vermelho! A sensação confortável que eu desfrutava havia apenas alguns minutos com o meu tigre tinha desaparecido. Eu me senti extremamente nervosa e aflita. Minha perspectiva girou 180 graus. É claro que eu tinha consciência de que um coração de homem batia dentro do corpo de tigre, mas, de alguma forma, eu havia empurrado esse conhecimento para o fundo da mente.

O fato de que ele era um príncipe explodiu em minha mente. Eu o fitei, atônita. Ele era, para ser sincera, muita areia para o meu caminhãozinho. Eu jamais considerara a possibilidade de um relacionamento com ele.

Sua pergunta me forçou a reconhecer que meu tigre de estimação, com quem eu me sentia totalmente à vontade, era, na verdade, um modelo de masculinidade. Meu coração martelava no peito. Vários pensamentos cruzavam minha mente ao mesmo tempo, mas o predominante era: eu *gostaria muito* de ser beijada por Ren.

Outros pensamentos se insinuavam nos limites da minha consciência, como: *é muito cedo, nós mal nos conhecemos, talvez ele só esteja se sentindo sozinho*. Mas deixei que fossem levados para longe. Ignorando a cautela, decidi que queria, sim, que ele me beijasse.

Ren chegou um milímetro mais perto de mim. Fechei os olhos, respirei fundo e então... esperei. Quando abri os olhos, ele ainda me fitava; estava mesmo esperando minha permissão. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais naquele momento do que ser beijada por aquele homem lindo. Mas eu arruinei tudo. Por alguma razão, me fixei na palavra *permissão*.

– O que... é... o que você quer dizer com querer minha *permissão*? – perguntei, nervosa.

Ele me olhou com curiosidade, o que me deixou ainda mais em pânico. Eu não só nunca beijara um garoto antes como nunca encontrara um que eu *quisesse* beijar até conhecer Ren. Assim, em vez de beijá-lo, fiquei aturdida e comecei a apresentar razões para não fazê-lo.

– Garotas precisam ser arrebatadas – balbuciei – e pedir permissão é tão... tão... antiquado. Não é espontâneo. Não combina com paixão. Se você tem que pedir, então a resposta é... não.

Que idiota!, pensei comigo. Acabei de dizer a este lindo e gentil príncipe de olhos azuis que ele é antiquado.

Ren me olhou durante um longo momento, longo o suficiente para que eu visse a dor em seus olhos, antes de varrer de seu rosto qualquer expressão. Levantou-se rapidamente, fez uma mesura formal e declarou baixinho:

– Não vou lhe pedir de novo, Kelsey. Peço desculpas pelo meu atrevimento.

Então se transformou em tigre e desapareceu na selva, deixando-me sozinha para me recriminar por minha estupidez.

– Ren, espere! – gritei.

Mas era tarde demais. Ele se fora.

Não posso acreditar que o insultei dessa forma! Ele vai me odiar! Como pude fazer isso com ele? Eu sabia que só tinha dito aquelas coisas porque estava nervosa, mas isso não era desculpa. *O que ele quis dizer com “Não vou lhe pedir de novo”? Eu quero que ele me peça de novo.*

Repassei mil vezes na mente as minhas palavras e pensei em todas as coisas que poderia ter dito e que me trariam um resultado melhor. Coisas como “Pensei que você nunca pediria” ou “Eu estava prestes a lhe fazer a mesma pergunta”.

Eu poderia simplesmente tê-lo agarrado e beijado primeiro. Até mesmo um simples “Sim” teria funcionado. Mas não, eu tinha que ficar dissertando sobre permissão.

Ren me deixou sozinha o resto do dia, o que me deu bastante tempo para me martirizar.

No fim da tarde, eu estava sentada na minha pedra ensolarada com o diário aberto, caneta na mão, admirando a paisagem, absolutamente infeliz, quando ouvi um barulho na selva perto do nosso acampamento.

Arquejei de susto quando um grande felino negro emergiu do meio das árvores. Ele circulou a barraca e parou para farejar minha colcha. Então foi até a fogueira e se sentou ao lado dela, sem o menor medo. Depois de alguns minutos, saltou para o meio das árvores, só para reaparecer na clareira vindo pelo outro lado. Fiquei parada, imóvel, torcendo para que ele não tivesse me visto.

Era muito maior que a pantera que me atacara perto da caverna de Kenhari. À medida que se aproximava de onde eu estava sentada, pude distinguir listras pretas retintas em um manto de pelo escuro. Olhos brilhantes e dourados esquadrihavam o acampamento. Eu nunca ouvira falar de um tigre negro, mas aquele certamente era um tigre! Ele não devia ter me visto, pois, após circular o acampamento e farejar o ar algumas vezes, desapareceu novamente na selva.

Ainda assim, por segurança, fiquei sentada na pedra por muito tempo para ter certeza de que ele tinha ido embora de vez.

Comecei a me sentir dolorida por ficar na mesma posição e, como não tinha ouvido mais nenhum ruído, concluí que já era seguro sair dali. No mesmo instante, um rapaz surgiu do meio da selva. Ele se aproximou de mim, atrevido, olhou-me de cima a baixo e disse:

– Ora, ora, ora. Quantas surpresas.

Vestia camisa e calça pretas. Era muito bonito e mais moreno que Ren. Sua pele era da cor de bronze antigo e os cabelos muito pretos, mais compridos que os de Ren, só que igualmente penteados para trás, afastados do rosto, e levemente ondulados.

Seus olhos eram dourados com pontos cor de cobre. Tentei identificar aquela cor. Nunca tinha visto nada igual. Eram como ouro de pirata – a cor

de dobrões de ouro. Na verdade, *pirata* era uma boa palavra para descrevê-lo. Parecia o tipo de homem que pode ser encontrado decorando a capa de um romance histórico, no papel de um moreno sedutor. Enquanto ele sorria para mim, seus olhos se enrugavam ligeiramente nos cantos.

Eu soube na hora para quem estava olhando: o irmão de Ren. Ambos eram muito bonitos e exibiam a mesma postura majestosa. Tinham a mesma altura, mas, enquanto Ren era magro e musculoso, o irmão era mais forte, com braços mais poderosos. Pensei que ele devia ter puxado mais ao pai, ao passo que Ren, com seus traços asiáticos mais proeminentes – os olhos azuis um pouco amendoados e a pele dourada –, certamente puxara à mãe.

Estranhamente, eu não sentia medo, embora reconhecesse um sinal de perigo. Era quase como se sua parte tigre houvesse sobrepujado o homem.

– Antes que diga qualquer coisa, saiba que eu sei quem você é – declarei. – *E sei o que* você é.

Ele avançou e rapidamente cobriu a distância que nos separava. Então segurou o meu queixo, erguendo meu rosto para seu cuidadoso exame.

– *E quem* ou *o que* você acha que sou, meu encanto?

Sua voz era grave, suave e sedosa. O sotaque era mais acentuado que o de Ren e ele hesitava, como se não usasse a voz havia muito tempo.

– Você é o irmão de Ren, aquele que o traiu e roubou sua noiva.

Seus olhos se estreitaram e eu senti uma pontada de medo. Ele estalou a língua.

– Tsc, tsc, tsc. Ora, ora. O que aconteceu com os seus modos? Ainda nem fomos devidamente apresentados e você já está fazendo graves acusações contra mim. Meu nome é Kishan, o infeliz irmão caçula desse de quem você fala.

Ele ergueu um cacho do meu cabelo e o esfregou entre os dedos antes de inclinar a cabeça.

– Sou obrigado a dar crédito a Ren. Ele sempre consegue se cercar de belas mulheres.

Eu estava prestes a me afastar dele quando ouvi um bramido vindo das árvores e vi Ren entrar ruidosamente no acampamento e saltar, rosnando para o ar. Seu irmão me fez ficar de lado e então saltou também, metamorfoseando-se no tigre negro que eu vira antes.

Ren estava além da fúria. Rugia tão alto que eu sentia as vibrações percorrerem o meu corpo. Os dois tigres colidiram no ar com um estampido explosivo e desabaram com força no chão. Eles rolaram na grama, enfiando as garras nas costas um do outro e mordendo sempre que tinham chance.

Corri e me pus o mais longe possível deles. Parei perto da cachoeira, atrás de uns arbustos. Gritei para que parassem, mas eles faziam tanto barulho que abafavam a minha voz. Os dois grandes felinos rolaram, afastando-se, e se encararam. Ficaram abaixados junto ao solo, as caudas agitadas, prontos para atacar. Então começaram a circundar a fogueira, mantendo-a entre eles.

No momento, rosnavam ameaçadoramente, aferrados em um combate de olhares. Decidi que essa era a melhor hora para intervir, quando as garras estavam no chão e não no ar. Aproximei-me lentamente dos dois tigres, mantendo-me mais perto de Ren.

Reunindo coragem, supliquei:

– Por favor, parem com isso. Vocês são irmãos. Não importa o que aconteceu no passado. Precisam conversar. Foi você quem quis procurá-lo – lembrei a Ren. – Agora é sua chance de conversar, de lhe dizer o que precisa dizer.

Olhei para Kishan.

– E quanto a você, Ren está cativo há muitos anos e estamos trabalhando numa forma de ajudar *vocês dois*. Devia ouvi-lo.

Ren se transformou em homem.

– Você está certa, Kelsey – disse asperamente. – Eu vim, de fato, conversar, mas vejo que ainda não posso confiar nele. Não existe o menor... vestígio de consideração. Eu *nunca* deveria ter vindo aqui.

– Mas, Ren...

Ren se movimentou à minha frente e cuspiu, furioso, no tigre negro.

– *Vasīyata karanā! Badamāśa!* Estou cercando você há dois dias! Você não tinha o direito de vir aqui sabendo que eu não estava! E, se tiver amor à vida, nunca mais vai tocar em Kelsey!

O irmão de Ren também voltou à forma humana, deu de ombros e disse calmamente:

– Eu queria ver o que você estava protegendo tão ferozmente. Tem razão. Estou seguindo você há dois dias, chegando perto o bastante para ver o que está aprontando, mas me mantendo longe o suficiente para poder me aproximar de você em meus termos. Quanto a ficar aqui para ouvi-lo, não há nada que você tenha a dizer que possa me interessar, *Murkha*.

Kishan esfregou o maxilar e sorriu enquanto traçava com o dedo os longos arranhões deixados por sua luta com Ren. Virou-se para mim com um movimento rápido e, com uma olhadela para o irmão, acrescentou:

– A menos que queira falar sobre *ela*. Estou sempre interessado em suas mulheres.

Ren me afastou e respondeu com um rugido de ultraje. Transformando-se em pleno ar, ele tornou a atacar o irmão. Os dois rolaram pelo acampamento mordendo-se e arranhando-se, batendo em árvores e caindo sobre pedras pontiagudas. Ren atacou o irmão com a pata, mas acabou atingindo uma árvore, deixando marcas profundas e dentadas no tronco grosso.

O tigre negro partiu em disparada mata adentro, com Ren em seu encalço. Os rugidos de fúria deles ecoaram pelas árvores, assustando um bando de aves, que decolou grasnando. A briga prosseguiu com os dois indo de uma parte da selva para outra. Eu podia ver por onde seguiam, de pé em minha pedra, observando as árvores sacudirem na selva e acompanhando a procissão de aves irritadas, afugentadas de seus poleiros.

Ren finalmente retornou ao acampamento com o irmão quase que o cavalgando, cravando as garras em suas costas e mordendo-lhe o pescoço. Ren ergueu-se nas patas traseiras e se livrou do irmão. Então saltou sobre uma pedra grande debruçada sobre o lago e virou-se, encarando-o.

Recuperando-se, o tigre negro saltou sobre Ren, que pulou para bloqueá-lo. O movimento acabou derrubando ambos no lago.

Fiquei na margem assistindo à luta. Um tigre emergia violentamente da água e atacava o outro, empurrando-o para baixo. As garras laceravam caras, costas e a pele sensível das barrigas enquanto os dois grandes felinos se agrediam. Nenhum dos dois parecia dominar o outro.

Quando eu achava que eles não iriam mais parar, o combate pareceu abrandar. Kishan arrastou o corpo exausto para fora da água, afastou-se alguns passos e desabou na grama. Arfando pesadamente, ele descansou por um minuto antes de começar a lamber as patas.

Ren então saiu da água. Ele se colocou entre mim e o irmão e vergou-se aos meus pés. Arranhões profundos cobriam-lhe o corpo e o sangue vertia de cortes que se destacavam contra o pelo branco. Um talho medonho ia de sua fronte ao queixo, atravessando o olho direito e o focinho. Um grande furo causado por uma mordida em seu pescoço sangrava lentamente.

Desviei-me dele e corri para pegar a mochila, vasculhando-a até encontrar o kit de primeiros socorros, abri-lo e tirar um pequeno frasco de álcool medicinal e um grande rolo de gaze. Minha aversão a sangue e ferimentos foi deixada de lado quando o instinto protetor tomou conta de mim. Eu sentia mais medo *por* eles do que *deles* e sabia que os dois precisavam de ajuda. De alguma forma, encontrei coragem.

Dirigindo-me primeiro a Ren, lavei com água o cascalho e a terra dos ferimentos e então despejei álcool medicinal na gaze e pressionei sobre a ferida mais feia. Ele não parecia mortalmente ferido, desde que eu conseguisse deter o sangramento, mas havia vários cortes profundos. Na lateral de seu corpo a pele estava tão dilacerada que parecia ter passado por um moedor de carne.

Ele gemeu baixinho quando fui de suas costas para o pescoço e limpei o furo ali aberto. Peguei uma atadura grande no kit, passei álcool nela, pressionei-a sobre o flanco machucado de seu corpo e apertei para deter o sangramento. Ren rugiu de leve com a dor. Deixei a atadura no lugar. Por fim, limpei sua cara, murmurando palavras tranquilizadoras enquanto

trabalhava na testa e no focinho, tomando o cuidado de evitar o olho. Não parecia mais tão ruim. Talvez eu tivesse imaginado que era pior do que na realidade.

Fiz o melhor que pude, mas estava preocupada com uma possível infecção, principalmente no flanco e no olho de Ren. Uma lágrima rolou pelo meu rosto quando eu pressionava a gaze em sua testa.

Ele lambia meu pulso enquanto eu trabalhava. Fiz um carinho em sua cara e sussurrei:

– Ren, isso é horrível. Queria que nada disso tivesse acontecido. Sinto muito. Deve doer demais. – Uma lágrima caiu em seu focinho. – Vou cuidar do seu irmão agora.

Enxuguei os olhos e peguei outro rolo de gaze. Segui o mesmo processo com o tigre negro. O talho mais feio e aberto ia do pescoço até o peito, por isso fiquei bastante tempo nessa área. Uma mordida profunda em suas costas estava cheia de terra. A princípio, sangrava profusamente, o que devia ser bom, pois o sangue ajudava a limpar o ferimento. Apliquei pressão por alguns minutos, até o sangramento diminuir o suficiente para que eu pudesse limpar o lanho. Suas costas estremeceram e ele grunhiu quando passei álcool no local.

Mantive a gaze sobre a ferida e mais lágrimas pingaram do meu queixo.

– Este aqui precisa de pontos. – Funguei. Então, dirigindo-me aos dois tigres, ralhei: – Vocês dois provavelmente vão ter infecção e suas caudas vão cair.

Kishan emitiu um resmungo que mais parecia uma risada, o que me fez enrijecer e sentir um pouco de raiva.

– Espero que vocês dois fiquem contentes em saber que limpar feridas me apavora. Odeio sangue. Além do mais, para seu governo, *eu* decido quem vai ou não me tocar. Não sou um novelo de lã que possa ser disputado por dois gatos. Tampouco sou a pessoa por quem no fundo estão brigando. O que aconteceu entre vocês dois acabou há muito tempo e espero de coração que aprendam a perdoar um ao outro.

Olhos dourados se fixaram nos meus e eu expliquei:

– Ren e eu estamos aqui para tentar quebrar a maldição. O Sr. Kadam está nos ajudando e temos uma boa ideia de por onde começar. Vamos levar quatro oferendas para Durga e, em troca, vocês dois poderão voltar a ser homens. Agora que você sabe por que estamos aqui, podemos voltar ao Sr. Kadam e partir. Acho que os dois precisam ir a um hospital.

Ren resmungou e começou a lamber as patas. O tigre negro rolou de lado para me mostrar um extenso arranhão que ia do pescoço até a barriga. Limpei esse também. Quando terminei, guardei o frasco de álcool na mochila. Enxuguei os olhos na manga da blusa e dei um pulo quando me virei e dei de cara com o irmão de Ren atrás de mim, na forma humana.

Ren se levantou, alerta, e o observou com cuidado, desconfiado de cada movimento de Kishan. A cauda de Ren se agitava de um lado para outro e um grunhido profundo saiu de seu peito.

Kishan baixou os olhos para Ren, que havia se aproximado ainda mais, e então olhou de volta para mim. Kishan estendeu a mão e, quando a apertei, ele levou a minha aos lábios e a beijou. Então fez uma medida profunda, cheio de pose.

– Posso perguntar o seu nome?

– Meu nome é Kelsey. Kelsey Hayes.

– Bem, Kelsey, prezo todos os esforços que você fez por nós. Peço desculpas se a assustei mais cedo. Estou – ele sorriu – fora de forma quando se trata de conversar com moças. Quanto a essas oferendas que vocês vão fazer a Durga, faria a gentileza de me falar mais sobre elas?

Ren grunhiu, infeliz.

Assenti.

– Kishan. É esse o seu nome?

– Meu nome completo é Sohan Kishan Rajaram, mas pode me chamar de Kishan se quiser. – Ele me dirigiu um sorriso branco deslumbrante, ainda mais brilhante pelo contraste com a pele escura. Então me ofereceu o braço.
– Pode se sentar e conversar comigo, Kelsey?

Havia algo de muito charmoso em Kishan. Fiquei surpresa ao perceber que imediatamente confiei nele. Tinha um dom semelhante ao do irmão. Como Ren, possuía a capacidade de deixar uma pessoa à vontade. Talvez fosse o treinamento diplomático que ambos receberam. Talvez fosse a criação que tiveram da mãe. O que quer que fosse me fez reagir com simpatia. Sorri para ele.

– Adoraria.

Ele prendeu meu braço sob o dele e caminhou comigo até a fogueira. Ren tornou a rosnar e Kishan dirigiu-lhe um sorriso pretensioso. Percebi que ele se contraiu ao se sentar, então lhe ofereci uma aspirina.

– Não devíamos levar vocês dois a um médico? Acho que você pode precisar de pontos e Ren...

– Obrigado, mas não é necessário. Não precisa se preocupar com nossos pequenos incômodos.

– Eu não chamaria esses ferimentos de pequenos incômodos, Kishan.

– A maldição nos ajuda a sarar rapidamente. Você vai ver. Vamos nos recuperar em pouco tempo por nossa própria conta. Ainda assim, foi bom ter uma jovem tão adorável cuidando de meus ferimentos.

Ren parou diante de nós e parecia um tigre infartando.

– Ren, seja civilizado – repreendi-o.

Kishan abriu um largo sorriso e esperou que eu me acomodasse. Então chegou mais perto e descansou o braço no tronco atrás dos meus ombros. Ren enfiou-se entre nós, empurrando rudemente o irmão para o lado com a cabeça peluda e criando um espaço maior, onde ficou. Sentou-se no chão e descansou a cabeça no meu colo.

Kishan franziu a testa, mas eu comecei a falar, relatando as coisas pelas quais Ren e eu tínhamos passado. Contei-lhe do encontro com Ren no circo e como ele me enganou para me trazer à Índia. Falei sobre Phet, a caverna de Kanheri e a descoberta da profecia, e disse que estávamos a caminho de Hampi.

Absorta na história, eu acariciava a cabeça de Ren. Ele fechou os olhos e ronronou, e então adormeceu. Falei durante quase uma hora, mal percebendo as sobrancelhas erguidas e a expressão pensativa de Kishan ao nos observar juntos. Não notei sequer quando ele se transformou novamente em tigre.



A caçada

O magnífico tigre negro me fitava, com os olhos amarelos brilhando, totalmente atentos, enquanto eu concluía meu relato dos aspectos mais importantes da caverna de Kanheri.

Já era tarde da noite. A selva, tão barulhenta durante o dia, estava agora silenciosa, exceto pelo crepitar da madeira no fogo. Eu brincava com as orelhas macias de Ren. Seus olhos ainda estavam fechados, e ele ronronava levemente, ou talvez fosse mais exato dizer que roncava.

Voltando à forma humana, Kishan me olhou pensativo e disse:

– Parece muito... interessante. Só espero que você não acabe se machucando ao longo desse processo. Seria mais inteligente voltar para casa e nos deixar à mercê de nossa sorte. Esse parece o início de uma longa missão, certamente repleta de perigos.

– Ren tem me protegido e, agora, com dois tigres tomando conta de mim, sei que ficarei bem.

Kishan hesitou.

– Mesmo com dois tigres, as coisas podem dar errado, Kelsey. E... eu não pretendo ir com vocês.

– Por que não? Nós sabemos como quebrar a maldição. Pelo menos o primeiro passo. Kishan, eu não entendo. Por que você não nos ajudaria... a ajudar você?

Kishan transferiu o peso para o outro lado do corpo e explicou.

– Por dois motivos. O primeiro é que me recuso a ter mais alguma morte na minha consciência. Já causei muita dor nesta vida. O segundo é... bem, eu simplesmente não acredito que vamos ter êxito. Acho que vocês dois e o Sr. Kadam estão apenas caçando fantasmas.

– Caçando fantasmas? Não entendi.

Kishan deu de ombros.

– Sabe, Kelsey, eu me acostumei à vida de tigre. Não é uma existência tão ruim. Já aceitei que esta agora é a minha realidade.

Sua voz foi enfraquecendo e ele se perdeu em pensamentos.

– Kishan, será que não é *você* quem está caçando fantasmas? Está se punindo ao ficar aqui na selva, não está?

O príncipe mais jovem se retesou. Seus olhos dourados se voltaram para mim. Seu rosto ficou frio e indiferente. Reconheci choque e dor em seus olhos. Minha observação o magoou profundamente. Era como se eu tivesse arrancado um curativo colocado com cuidado para cobrir as feridas do passado.

Pus minha mão sobre a dele e perguntei com delicadeza:

– Kishan, você não quer um futuro ou uma família? Sei como é quando alguém que você ama morre. É solitário. Você se sente despedaçado, como se nunca mais pudesse voltar a ser inteiro.

Eu não sabia quais seriam os efeitos de minhas palavras, mas continuei assim mesmo:

– Saiba que não está sozinho. Tem pessoas de quem pode cuidar e que cuidarão de você. Pessoas que lhe darão muitas razões para continuar vivendo, como o Sr. Kadam, seu irmão e eu. Pode até haver mais alguém para amar. Por favor, vá conosco para Hampi.

Kishan desviou os olhos e falou de mansinho:

– Desisti de desejar coisas impossíveis há muito, muito tempo.

Agarrei a mão dele com mais força.

– Kishan, por favor, reconsidere.

Ele apertou a minha mão de volta e sorriu.

– Desculpe, Kelsey. – Ele se levantou e se espreguiçou. – Agora, se você e Ren insistirem em se aventurar nessa longa jornada, ele terá que caçar.

– Caçar?

Eu me encolhi. Ren não vinha comendo muito, pelo que eu vira.

– Ele pode estar comendo o suficiente para um homem, mas não para um tigre. Ele é tigre na maior parte do tempo e, para que esteja forte o bastante para protegê-la, precisará comer mais. Algo grande, como um belo javali ou um búfalo.

Engoli em seco.

– Tem certeza?

– Sim. Ele está muito magro para um tigre. Precisa ganhar corpo.

Acaricieei as costas de Ren. Dava para sentir suas costelas.

– Certo. Vou exigir que ele cace antes de partirmos.

– Ótimo. – Ele inclinou a cabeça e sorriu para mim. Segurou meus dedos, dando adeus, e pareceu relutante em soltá-los. Por fim, disse: – Obrigado, Kelsey, pela interessante conversa.

Com isso, voltou à forma de tigre negro e disparou selva adentro.

Ren ainda estava dormindo com a cabeça no meu colo, então fiquei sentada quieta um pouco mais. Tracei as listras em suas costas e olhei seus arranhões. Onde apenas uma hora antes existiam cortes abertos, a pele já estava quase totalmente recuperada. As unhas no rosto e no olho tinham desaparecido. Não restava nem mesmo uma cicatriz.

Quando minhas pernas estavam completamente adormecidas por causa do peso de Ren, me levantei para aumentar o fogo. Ele se virou de lado e continuou dormindo.

Aquela luta deve ter tirado muito de sua energia. Kishan tem razão. Ele precisa mesmo caçar. Deve conservar sua força.

Depois de jantar, eu estava pronta para dormir também. Peguei minha colcha, enrolei-a em torno do corpo e me deitei perto de Ren. Seu peito roncava, mas ele não acordou; apenas rolou para mais perto de mim. Usando suas costas como travesseiro, adormeci olhando as estrelas no céu.

Acordei com a manhã já avançada. Olhei ao redor, à procura de Ren, mas não o vi em parte alguma. O fogo estava alto, porém, como se ele tivesse acabado de colocar mais lenha. Virei-me de bruços para me desvencilhar da colcha e senti os músculos das costas doloridos.

Ouvi pegadas macias e Ren enfiou o focinho no meu rosto.

– Ah, não se preocupe comigo. Vou ficar aqui deitada até minha coluna se realinhar.

Ele se virou e começou a pisar nas minhas costas com suas patas de tigre. Eu ri dolorosamente enquanto tentava sugar o ar de volta aos meus pulmões. Era como um gatinho muito pesado afiando as garras em um sofá humano.

– Obrigada, Ren, mas você é pesado demais – guinchei. – Está me deixando sem ar.

Suas patas de tigre se ergueram das minhas costas e foram substituídas por mãos fortes e quentes. Ren passou a massagear minha região lombar e meus pensamentos voltaram à embaraçosa discussão do beijo. Meu rosto começou a queimar e meu corpo se retesou.

– Relaxe, Kelsey. Suas costas estão cheias de nós. Deixe-me tirá-los.

Tentei não pensar em Ren e me lembrei de quando experimentei uma massagem feita por uma mulher de meia-idade. Na verdade, foi uma experiência dolorosa e eu nunca voltei para uma segunda sessão.

A massagem de Ren era completamente diferente. Ele era delicado e aplicava uma pressão moderada com a palma das mãos. Esfregava em um padrão circular descendo pela coluna, encontrava os pontos de tensão e trabalhava os músculos até eles aquecerem e relaxarem. Quando terminou

com as costas, deslizou os dedos pela coluna até a gola da blusa e começou a massagear meus ombros e meu pescoço, o que fez correr arrepios por todo o meu corpo.

Envolvendo com os dedos o arco do pescoço, ele amassou, apertou e comprimiu os músculos, atenuando as dores lenta e metodicamente. Por fim, a pressão se abrandou até quase se tornar uma carícia. Suspirei, desfrutando a sensação.

Quando ele parou, testei as costas, sentando-me devagar. Ele ficou de pé e me segurou sob o cotovelo para me dar equilíbrio enquanto eu me levantava.

– Está se sentindo melhor, Kelsey?

Sorri para ele.

– Estou. Muito obrigada.

Enlacei seu pescoço em um abraço afetuoso. Seu corpo pareceu enrijecer. Ele não me abraçou de volta. Eu me afastei e vi que seus lábios estavam comprimidos, e ele evitava o meu olhar.

– Ren?

Ele tirou meus braços de seu pescoço, segurou minhas mãos à sua frente e finalmente olhou para mim.

– Fico feliz que esteja se sentindo melhor.

Então se afastou, indo para o outro lado da fogueira, e se transformou em tigre.

Isso não é nada bom, pensei. O que aconteceu? Ele nunca me deu um gelo antes. Ainda deve estar com raiva de mim por causa da história do beijo. Ou talvez esteja aborrecido por causa de Kishan. Não sei como consertar isso. Não sou boa em conversar sobre relacionamentos. O que posso dizer para acertar as coisas?

Em vez de falar sobre nós, nosso relacionamento ou o beijo que não aconteceu, resolvi mudar de assunto. Pigarreei.

– É... Ren, você precisa caçar antes de partirmos. Seu irmão mencionou isso e acho sensato considerar a sugestão.

Ele simplesmente bufou e se deitou de lado.

– Estou falando sério. Prometi a ele que você iria e... não vou sair desta selva até que tenha caçado. Kishan disse que você está magro demais para um tigre e que precisa comer um javali ou algo assim.

Ren foi até uma árvore e começou a esfregar as costas nela.

– Suas costas estão coçando? Posso coçar para você – ofereci. – É o mínimo que devo fazer depois dessa massagem.

O tigre branco parou de se esfregar por um momento e olhou para mim, então deitou-se no chão e rolou, ficando de costas, empurrando o corpo para a frente e para trás enquanto as patas arranhavam o ar.

Magoada por ele me dispensar dessa forma, gritei:

– Você prefere esfregar as costas na terra a me deixar coçá-las para você? Ótimo! Faça isso então, mas ainda assim não vou embora antes de você caçar!

Dei meia-volta, agarrei a mochila, entrei na barraca e fechei o zíper.

Meia hora depois, espiei lá fora. Ren havia desaparecido. Suspirei e comecei a recolher mais madeira para aumentar nosso estoque.

Eu arrastava um tronco pesado até a fogueira quando ouvi uma voz vinda da floresta. Kishan estava encostado em uma árvore me observando. Ele assoviou.

– Quem diria que uma garota tão pequena pudesse ter músculos tão fortes?

Eu o ignorei e terminei de arrastar o tronco, então limpei as mãos e me sentei para beber água.

Kishan sentou-se ao meu lado, um tanto perto demais, e dobrou as longas pernas à frente do corpo. Eu lhe ofereci uma garrafa de água e ele a pegou.

– Não sei o que você disse, Kelsey, mas funcionou. Ren foi caçar.

Fiz uma careta.

– Ele falou alguma coisa?

– Só que eu deveria tomar conta de você enquanto estivesse ausente. Uma caçada pode levar vários dias.

– Verdade? Eu não tinha a menor ideia de que podia ser tão demorada.
– Hesitei. – Então... Ren não se importa que você fique aqui enquanto ele está fora?

– Ah, ele se importa – ele deu uma risadinha –, mas quer ter certeza de que você está em segurança. Pelo menos confia em mim para *isso*.

– Bom, acho que no momento ele está com raiva de nós dois.

Kishan me olhou com curiosidade, uma sobrancelha arqueada.

– Como assim?

– Digamos apenas que tivemos um mal-entendido.

O rosto de Kishan endureceu.

– Não se preocupe, Kelsey. Tenho certeza de que, qualquer que seja o motivo da raiva dele, é bobagem. Ele é muito estourado.

Suspirei e sacudi a cabeça com tristeza.

– Não, é tudo culpa minha mesmo. Eu sou difícil, um estorvo, e às vezes deve ser um saco me ter por perto. Ele deve estar acostumado à companhia de mulheres mais experientes e sofisticadas.

Kishan me olhou, desconfiado.

– Pelo que sei, Ren não tem tido a companhia de mulher *nenhuma*. Devo confessar que agora estou extremamente curioso em relação ao motivo de sua briga. Seja ele qual for, não vou mais tolerar nenhum comentário depreciativo a seu respeito. Ele tem sorte de ter você e é *melhor* que esteja ciente disso. – Ele sorriu. – Naturalmente, se vocês tiveram mesmo um desentendimento, você será sempre bem-vinda a ficar comigo.

– Obrigada pela oferta, mas não quero viver na selva.

Ele riu.

– Por você, eu até consideraria uma mudança de ares. Você, meu encanto, é um prêmio pelo qual vale a pena lutar.

Eu ri e o soquei de leve no braço.

– Você é um grande sedutor. Mas dizer que vale a pena lutar por mim? Acho que vocês dois estão vivendo como tigres há tempo demais. Não sou nenhuma beldade, ainda mais depois de uns tempos aqui na selva. Ainda nem decidi o que quero fazer da vida. O que levaria alguém a lutar por mim?

Aparentemente Kishan levou minhas perguntas retóricas a sério. Depois de refletir por um momento, ele respondeu:

– Para começar, nunca encontrei uma mulher tão dedicada a ajudar outras pessoas. Você arrisca a própria vida por alguém que conheceu faz apenas algumas semanas. Você é autoconfiante, corajosa, inteligente e compreensiva. Eu a acho charmosa e, certamente, linda.

O príncipe de olhos dourados pegou uma mecha do meu cabelo. Corei diante de sua avaliação, bebi um pouco da minha água e então disse baixinho:

– Não fico tranquila sabendo que ele está zangado comigo.

Kishan deu de ombros e recolheu a mão, parecendo aborrecido por eu ter conduzido a conversa de volta a Ren.

– É, tenho sido alvo de sua raiva e aprendi a não subestimar sua capacidade de guardar ressentimento.

– Kishan, posso lhe fazer uma pergunta... pessoal?

Ele deu uma risadinha e esfregou o maxilar.

– Estou às ordens.

– É sobre a noiva de Ren.

Sua fisionomia se entristeceu e ele murmurou, tenso:

– O que você quer saber?

Hesitei por um momento.

– Ela era bonita?

– Sim, era.

– Você pode me falar um pouco sobre ela?

Seu rosto relaxou e seus olhos se perderam na selva. Ele correu a mão pelos cabelos e falou em tom meditativo e baixo:

– Yesubai era fascinante. A garota mais linda que já conheci. Na última vez em que a vi, ela vestia uma *sharara* dourada brilhante com um cinto cheio de pedras preciosas que tilintavam, e tinha os cabelos presos com uma corrente dourada. Estava muito elegante naquele dia, vestida como uma noiva em todo o seu esplendor. A última visão que tive dela é algo que jamais vou esquecer.

– Como ela era fisicamente?

– Tinha o rosto oval, adorável, lábios cheios e rosados, cílios e sobrancelhas escuros, e olhos violeta impressionantes. Era miúda, sua cabeça batia em meu ombro. Se soltava os cabelos, sempre os cobria com um lenço, mas eram lisos, sedosos, negros como as asas de um corvo e iam até a altura dos joelhos.

Fechei os olhos e imaginei essa mulher perfeita com Ren. A visão me atravessou com uma emoção que eu nem sabia ser capaz de sentir. Ela perfurou meu coração, abrindo uma fenda em seu centro.

Kishan prosseguiu:

– No instante em que a vi, eu soube que a queria. Que não teria outra senão ela.

– Como vocês se conheceram? – perguntei.

– Ren e eu não podíamos participar de uma batalha ao mesmo tempo, para evitar que fôssemos os dois mortos e não mais houvesse um herdeiro do trono. Assim, enquanto Ren estava fora lutando, eu fiquei preso em casa, treinando com Kadam, estudando estratégia militar e trabalhando com os soldados.

Ele me olhou, para ver se eu estava prestando atenção, e continuou:

– Um dia, quando voltava para casa depois do treinamento com armas, resolvi pegar um atalho, atravessando os jardins. E lá estava Yesubai, de pé perto de uma fonte, de onde ela havia acabado de colher uma flor de lótus.

O lenço pendia de seus ombros. Perguntei-lhe quem era e ela rapidamente se virou, cobriu o rosto e os cabelos, e baixou os olhos para o chão.

– Foi quando você se deu conta de quem ela era? – perguntei.

– Não. Ela fez uma mesura, me disse seu nome e então correu para o palácio. Presumi que fosse a filha de um dignitário visitante. Quando voltei ao palácio, comecei imediatamente a perguntar sobre ela e logo descobri que um arranjo havia sido feito para que se casasse com meu irmão. Fui tomado por um ciúme insano. Eu estava sempre em segundo plano em relação a ele. Ren tinha todas as coisas que eu queria na vida. Era o filho favorito, o político mais apto, o futuro rei e, também, o homem que iria se casar com a garota que eu queria.

Seu tom de voz ia mudando, ficando mais irritado. Mas eu não quis interrompê-lo.

– Ele nem mesmo a conhecia – vociferou ele. – E eu nem sabia que meus pais estavam procurando uma noiva para Ren! Ele tinha apenas 21 anos, e eu, 20. Perguntei a meu pai se ele poderia alterar o arranjo para que eu fosse o noivo de Yesubai. Argumentei que podiam encontrar outra princesa para Ren. Até me ofereci para procurar uma noiva para ele.

– O que o seu pai disse?

– Ele estava totalmente concentrado na guerra naquela época. Eu lhe disse que Ren não se importaria, mas meu pai não deu ouvidos às minhas súplicas. Afirmou que o arranjo feito com o pai de Yesubai era irrevogável. Disse que o pai dela insistira para que ela se casasse com o herdeiro do trono a fim de que viesse a ser a próxima rainha.

Ele estendeu os braços ao longo do tronco no qual estávamos apoiados e continuou:

– Ela partiu alguns dias depois e foi levada em caravana ao encontro de Ren, para assinar documentos e participar da cerimônia de noivado. Ficou lá com ele apenas algumas horas, mas a viagem levou uma semana. Foi a semana mais longa da minha vida. Então ela retornou ao palácio para esperar. Por *ele*.

Seus olhos dourados encaravam os meus.

– Yesubai ficou três meses em nosso palácio, aguardando, e eu tentei evitá-la o mais que pude, mas ela se sentia solitária e queria companhia. Convidou-me para um passeio pela área do castelo e eu concordei, relutante, achando que podia manter meus sentimentos sob controle. Disse a mim mesmo que em breve ela seria minha irmã, mas quanto mais eu a conhecia, mais perdidamente me apaixonava por ela e mais ressentido ficava. Uma noite, quando caminhávamos pelos jardins, ela admitiu para mim que queria que *eu* fosse seu noivo.

– Nossa! E o que você fez?

– Fiquei exultante! Logo tentei tomá-la nos braços, mas Yesubai me repeliu. Ela era muito rígida em relação aos protocolos. Em nossos passeios, até fazia uma dama de companhia nos seguir a uma distância discreta. Ela me implorou que esperasse, prometendo que encontraríamos uma forma de ficar juntos. Eu me sentia insensatamente feliz e determinado a fazer tudo que fosse preciso para que aquela mulher fosse minha.

Segurei a mão dele. Ele apertou a minha e continuou:

– Ela disse que havia tentado deixar de lado seus sentimentos por mim pelo bem da família, pelo bem do reino, mas que não podia evitar me amar. A mim... não a Ren. Pela primeira vez na vida, eu era o escolhido. Yesubai e eu éramos ambos muito jovens e apaixonados. Quando se aproximava a data da volta de Ren, ela foi ficando desesperada e insistiu para que eu falasse com seu pai. Isso era inapropriado, é claro, mas eu estava doente de amor e concordei, decidido a fazer qualquer coisa para deixá-la feliz.

– O que disse o pai de Yesubai?

– Concordou em me dar a mão dela em casamento *se* eu aceitasse certas condições.

– Foi quando vocês combinaram a captura de Ren, certo? – perguntei.

Ele estremeceu.

– Foi. Na minha cabeça, Ren era um obstáculo que eu precisava transpor para me casar com Yesubai. Eu o coloquei em perigo para poder tê-

la. Em minha defesa, o combinado era que os soldados iam escoltá-lo até o palácio do pai dela e que então mudaríamos os planos do noivado. Obviamente, as coisas não correram de acordo com o planejado.

– O que aconteceu com Yesubai? – perguntei, séria.

– Um acidente – respondeu ele baixinho. – Ela foi empurrada, caiu e quebrou o pescoço. Morreu em meus braços.

Apertei sua mão.

– Sinto muito, Kishan. – Embora eu não tivesse certeza se queria saber, resolvi perguntar assim mesmo: – Kishan, uma vez perguntei ao Sr. Kadam se Ren amava Yesubai. Ele nunca me deu uma resposta objetiva.

Kishan riu com amargura.

– Ren amava o que ela representava. Yesubai era linda, desejável e seria uma companheira e uma rainha maravilhosa, mas ele nem a conhecia. Nas cartas, ele insistia em chamá-la de Bai e queria que ela o chamasse de Ren. Ela odiava aquilo. Achava que apenas as castas inferiores usavam apelidos.

A princípio, me senti aliviada, mas em seguida me lembrei da descrição que Kishan fizera de Yesubai. Não é porque um homem não conhece bem uma mulher que não é capaz de desejá-la. Ren ainda podia nutrir sentimentos pela noiva perdida.

Um leve tremor percorreu o braço de Kishan e eu soube que seu tempo na forma humana tinha chegado ao fim.

– Obrigada por me fazer companhia, Kishan. Tenho tantas outras perguntas... Queria que você pudesse conversar comigo por mais tempo.

– Vou ficar aqui com você até Ren voltar. Talvez possamos conversar novamente amanhã.

– Eu gostaria muito.

O perturbado rapaz se transformou no tigre negro e encontrou um lugar confortável para um cochilo. Resolvi escrever um pouco em meu diário.

Sentia-me péssima em relação à morte de Yesubai. Abri uma página em branco, mas acabei desenhando dois tigres com uma linda garota

de cabelos longos entre eles. Traçando uma linha que ia da garota a cada tigre, deixei escapar um suspiro. Era difícil pôr os sentimentos em ordem no papel quando ainda não os organizara na cabeça.

Ren não voltou naquele dia e Kishan dormiu a tarde inteira. Passei por ele fazendo barulho várias vezes, mas ele continuava dormindo.

– Grande protetor – murmurei. – Eu podia desaparecer na selva e ele nem ia ficar sabendo.

O grande tigre negro bufou de leve, provavelmente tentando me dizer que, mesmo dormindo, sabia o que estava acontecendo.

Acabei lendo em silêncio pelo restante da tarde, sentindo falta de Ren. Mesmo como tigre, eu tinha a sensação de que ele estava sempre me ouvindo e que conversaria comigo se pudesse.

Depois do jantar, fiz um carinho na cabeça de Kishan e me retirei para a barraca. Enquanto acomodava a cabeça em meus braços, não pude deixar de notar o grande espaço vazio ao meu lado, onde Ren costumava dormir.

Os quatro dias seguintes repetiram o mesmo padrão. Kishan mantinha-se por perto, saía em patrulha algumas vezes por dia e então voltava para se sentar ao meu lado na hora do almoço. Depois, transformava-se em homem e me deixava importuná-lo com perguntas sobre a vida no palácio e a cultura de seu povo.

Na manhã do quinto dia, a rotina mudou. Kishan assumiu a forma humana assim que saí da barraca.

– Kelsey, estou preocupado com Ren. Ele se foi já faz muito tempo e eu não captei seu cheiro em minhas patrulhas. Suspeito que não tenha tido sorte em sua caçada. Ele não caça desde que foi capturado, mais de 300 anos atrás.

– Você acha que ele está ferido?

– É uma possibilidade, mas lembre-se sempre de que saramos rapidamente. Não existem muitas feras aqui dispostas a machucar um tigre, mas há caçadores e armadilhas. É melhor que eu vá atrás dele.

– Você acha que vai ser fácil encontrá-lo?

– Se ele foi esperto, deve ter se mantido próximo do rio. A maioria dos bandos de animais se reúne perto da água. Por falar em comida, percebi que a sua estava acabando. Na noite passada, enquanto você dormia, encontrei o Sr. Kadam em seu acampamento perto da estrada e trouxe mais alguns daqueles pacotes de comida desidratada.

Ele apontou para uma sacola ao lado da barraca.

– Você deve ter carregado isso na boca por todo o caminho. Obrigada.

Ele sorriu.

– Ao seu inteiro dispor, meu encanto.

Eu ri.

– É melhor carregar uma sacola nos dentes por vários quilômetros do que ter os dentes de Ren cravados em você por me deixar morrer de fome, não é?

Kishan franziu a testa.

– Eu fiz por você, Kelsey. Não por ele.

Pus a mão em seu braço.

– Bem, obrigada.

Ele pressionou a mão sobre a minha.

– *Aap ke liye*. Pelo seu bem, qualquer coisa.

– Você disse ao Sr. Kadam que demoraríamos um pouco mais?

– Sim, expliquei a situação. Não se preocupe. Ele está confortavelmente acampado perto da estrada e irá esperar o tempo necessário. Agora quero que pegue algumas garrafas de água e comida. Vou levar você comigo. Eu a deixaria aqui, mas Ren diz que você se mete em confusão quando deixada sozinha.

Ele tocou meu nariz.

– Isso é verdade, *bilauta*? Não consigo imaginar uma jovem encantadora como você se metendo em confusão.

– Eu não me meto em confusões. Elas é que me perseguem.

Ele riu.

– Deu para notar.

– Apesar do que vocês, tigres, pensam, eu sou capaz de cuidar de mim mesma, sabia? – falei, em tom ligeiramente rabugento.

Kishan apertou meu braço.

– Vai ver que nós, tigres, *gostamos* de cuidar de você.

Partimos sem demora por uma trilha na direção do alto da queda-d'água. Era uma subida lenta mas constante, e minhas pernas começaram a protestar quando nos aproximávamos do topo. Kishan me deixou descansar um pouco. Olhei a selva ali de cima e divisei nosso diminuto acampamento lá embaixo, numa pequena clareira.

Continuamos a seguir o rio até chegarmos a um grande tronco de árvore que havia caído, indo de uma margem à outra. Estava sem galhos e a correnteza havia arrancado sua casca, deixando o tronco liso e perigoso para atravessar. A água corria com violência e de vez em quando espirrava acima da ponte improvisada.

Kishan saltou no tronco e o atravessou. A árvore sacudiu-se para cima e para baixo sob seu peso, mas parecia bastante estável. Ele desceu suavemente do outro lado e então se virou para observar a minha travessia. Não sei como reuni coragem e pus um pé na frente do outro. Era como andar na corda bamba do Sr. Maurizio – com o agravante de ser bastante escorregadia.

– Kishan! – gritei, nervosa, para o outro lado. – Já pensou que atravessar este tronco pode ser um pouco mais fácil para um tigre com garras do que para uma garota de tênis carregando uma mochila pesada? Se eu cair, esteja pronto para um mergulho!

Depois que alcancei o outro lado em segurança, soltei um profundo suspiro de alívio. Continuamos a andar e, uns cinco quilômetros depois, Kishan finalmente captou o cheiro de Ren, que seguimos por mais duas horas, quando então ele me permitiu um bom descanso enquanto saía em patrulha para tentar encontrar Ren.

Meia hora depois ele voltou e disse:

– Tem um grande rebanho de antílopes negros numa clareira a cerca de um quilômetro daqui. Ren está à espreita deles, sem sucesso, há três dias. Os antílopes são extremamente rápidos. Em geral o tigre escolhe um filhote ou um animal machucado, mas nesse grupo há apenas adultos.

– E o que vai acontecer? – perguntei, nervosa.

– Eles estão inquietos e sobressaltados porque sabem que Ren está de tocaia. O rebanho está se mantendo junto, o que dificulta a vida dele. Além disso, como vem caçando há vários dias, está muito cansado. Vou levar você a um lugar seguro a favor do vento, onde poderá descansar enquanto ajudo Ren na caçada.

Concordei e tornei a colocar a mochila nas costas. Ele me conduziu por entre as árvores, subindo um grande morro. Kishan se deteve para farejar o vento várias vezes ao longo do caminho. Depois de subirmos algumas centenas de metros, ele encontrou um lugar onde eu podia acampar e partiu para ajudar Ren.

Passado algum tempo, eu estava completamente entediada. Não dava para ver muita coisa de onde eu me encontrava.

Eu já havia bebido uma garrafa inteira de água e começava a me sentir inquieta quando resolvi dar uma volta para me orientar e explorar a área. Observei cuidadosamente as formações rochosas e usei a bússola para ter certeza de que sabia onde estava.

Escalando um pouco mais o morro, avistei uma grande pedra que se projetava acima da linha das árvores. A rocha era plana no topo e protegida por uma grande árvore. Subi nela e fiquei impressionada com a vista. Subi um pouco mais e me sentei. O rio serpenteava lá embaixo, avançando para um lado e para outro em um ritmo preguiçoso. Recostei-me no tronco da árvore e desfrutei a brisa.

Uns 20 minutos depois, um movimento lá embaixo chamou minha atenção. Um animal grande surgiu do meio das árvores. Várias outras criaturas o seguiram. A princípio, pensei que fossem cervos, mas então percebi que deviam ser alguns dos antílopes dos quais Kishan falara.

Perguntei-me se seriam do mesmo bando que Ren e Kishan estavam seguindo. A parte superior do corpo dos animais era escura e a inferior, branca. Tinham queixo branco e círculos também brancos em torno dos grandes olhos castanhos.

Os machos ostentavam dois longos chifres retorcidos que se projetavam do topo da cabeça como antenas de tevê. Os chifres dos antílopes maiores eram mais imponentes e mais retorcidos que os dos menores. O pelo dos animais ia do castanho-claro ao marrom-escuro.

Eles bebiam água do rio, agitando a cauda branca. Os machos maiores montavam guarda enquanto os outros se refrescavam. As fêmeas tinham cerca de um metro e meio de altura e os machos, incluindo os chifres, tinham 30 ou 50 centímetros a mais. Quanto mais eu olhava para seus chifres impressionantes, mais nervosa me sentia por causa de Ren.

Não é de admirar que esteja tendo dificuldade para pegar um deles.

O bando pareceu relaxar e alguns dos animais até começaram a pastar. Esquadrinhei as árvores à procura de Ren, mas não consegui vê-lo em lugar nenhum. Fiquei observando o bando por muito tempo. Os animais eram lindos.

O ataque foi rápido e despachou o grupo em rápida debandada. Kishan, uma faixa negra atravessando a paisagem, isolou um grande macho, que disparou numa direção diferente da do bando, o que deve ter sido seu erro fatal – ou então um ato de grande bravura para afastar o predador do grupo.

Kishan perseguiu o antílope, encurralando-o em um bosque, saltou em suas costas, enterrou as garras dianteiras no flanco do animal e mordeu sua coluna. Nesse momento, Ren surgiu em disparada do meio das árvores, indo até o animal e mordendo uma das patas dianteiras. De alguma forma, o antílope se contorceu e conseguiu escapar de Kishan, derrubando-o. O tigre negro começou então a andar em círculos em torno dele, procurando outra oportunidade para saltar.

O antílope apontou os longos chifres para Ren, que se movimentava de um lado para outro. O animal acuado continuava concentrado, sempre se

protegendo com os chifres. Suas orelhas se contraíam para a frente e para trás, atentas aos ruídos de Kishan, que havia se posicionado furtivamente atrás dele.

Kishan saltou e desferiu um golpe com a garra contra a anca do animal. A força do golpe derrubou o antílope. Vendo a oportunidade, Ren saltou para morder-lhe o pescoço. O antílope se retorcia, tentando se erguer, mas os dois tigres levavam vantagem.

Pensei que a ação toda fosse ser rápida, mas a caçada levou bem mais tempo do que eu esperava. Era como se Ren e Kishan estivessem exaurindo o animal, envolvendo-o numa macabra dança da morte. Os tigres também pareciam cansados. Aparentemente haviam gasto toda a energia na caçada, consumindo suas forças. O ato de matar era um processo quase indolente.

O antílope lutava com valentia. Ele deu vários coices e atingiu os dois tigres com seus cascos. Os tigres atacavam com as mandíbulas até que por fim o animal parou de se mover.

Quando tudo terminou, Ren e Kishan descansaram, arfando pesadamente. Kishan foi o primeiro a começar a comer. Tentei não olhar. Eu não queria, mas não pude evitar. Era fascinante.

Kishan firmou as garras no antílope e cravou os dentes fundo em seu corpo. Usando a força da mandíbula, arrancou um naco de carne ainda quente de onde o sangue pingava. Ren seguiu seu exemplo. Era horrível, nauseante e perturbador. Tremores percorriam meu corpo, mas eu não conseguia desviar os olhos.

Terminada a refeição, os movimentos dos irmãos tornaram-se lentos, como se eles estivessem drogados ou sonolentos, o que me fez imaginar se não seria uma sensação semelhante à que se tem após uma farta ceia de Natal. Eles se deitaram perto da refeição, voltando de vez em quando a ela para lambe as partes mais suculentas. Uma nuvem escura de moscas gigantes surgiu no ar. Devia haver centenas delas naquele enxame, todas zumbindo em torno do cadáver fresco.

Quando os insetos os cercaram, imaginei as moscas pousando no animal morto e nas caras sangrentas de Kishan e de Ren. Foi quando fui

vencida e não pude mais olhar.

Apanhei minha mochila e deslizei pelo morro acidentado, cobrindo em instantes a distância até o local em que Kishan me deixara. Segui então para nosso acampamento original, com mais medo de encarar os dois tigres do que de me perder. Eu não tinha certeza se conseguiria enfrentar Kishan ou Ren depois do que acabara de ver.

Restando apenas umas duas horas de luz do dia, parti a passos rápidos, cheguei ao tronco sobre o rio e o atravessei antes que o sol se pusesse. Meu ritmo diminuiu durante os últimos quilômetros. A noite caía e no céu haviam surgido nuvens de chuva. Borrifos atingiam meu rosto e a trilha tornou-se molhada e escorregadia, mas o verdadeiro aguaceiro só desabou depois que eu já havia chegado ao acampamento.

Eu me perguntei se a chuva estaria caindo sobre os tigres e concluí que isso seria bom, pois lavaria o sangue de suas caras e espantaria as moscas. Involuntariamente, estremei.

Naquele momento, pensar em comida me repugnava. Entrei na barraca e comecei a cantar músicas alegres de *O Mágico de Oz* a fim de afastar da mente as imagens perturbadoras que tinha visto, na esperança de que me ajudassem a adormecer. Mas o tiro saiu pela culatra, porque, quando dormi, sonhei com o Leão Covarde dilacerando Dorothy.



O sonho de Kelsey

Tive outros sonhos perturbadores. Sozinha e perdida, eu corria na escuridão. Não conseguia encontrar Ren e alguma coisa maligna me perseguia. Eu precisava fugir. Dedos estranhos e ávidos tentavam puxar minha roupa e meus cabelos. Eles arranhavam minha pele e tentavam me arrastar e me tirar do caminho. Eu sabia que, se conseguissem, iriam me capturar e me destruir.

Dobrei uma esquina, entrei em um salão e vi um homem sombrio e de aspecto malévolo, vestido com uma luxuosa túnica ametista. Ele se debruçava sobre um sujeito amarrado a uma grande mesa. De um canto escuro, vi quando ele ergueu no ar uma faca curva e afiada, entoando baixinho um cântico em uma língua que eu não compreendia.

De alguma forma eu sabia que tinha que salvar o prisioneiro. Lancei-me contra o homem com a faca e puxei seu braço, tentando arrancá-la dele. Minha mão começou a queimar, brilhando vermelha, e centelhas crepitaram.

– Não, Kelsey! Pare!

Olhei para a mesa e arquejei. Era Ren! Seu corpo estava dilacerado e ensanguentado, e as mãos encontravam-se presas acima da cabeça.

– Kells... saia daqui! Estou fazendo isso para que ele não possa encontrá-la.

– Não! Não vou deixar você fazer isso, Ren. Transforme-se em tigre. Fuja!

Ele sacudiu a cabeça freneticamente e disse em voz alta:

– Durga! Eu aceito! Faça-o agora!

– O quê? O que você precisa que Durga faça? – perguntei.

O homem recomeçou a entoar o cântico, dessa vez em voz alta, e, apesar de meus fracos esforços para detê-lo, ergueu a lâmina e a cravou no coração de Ren. Eu gritei. Meu coração batia no mesmo ritmo dilacerado do dele. A cada batimento, sua força diminuía, até que falhou e finalmente parou.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto. Senti uma dor terrível e lancinante. Eu via o sangue de Ren escorrer pela mesa e empoçar no piso de ladrilhos. Desabei de quatro no chão, sufocada por minhas emoções.

A morte de Ren era insuportável. Se ele estava morto, então eu também estava. Eu me afogava na dor, não conseguia respirar. Não me restava nenhuma vontade para me impelir. Não havia nenhum incentivo, nenhuma voz me instando a lutar, a nadar até a superfície, a me erguer acima da dor. Nada podia me fazer respirar ou voltar a viver.

A sala desapareceu e eu me vi envolta na escuridão mais uma vez. O sonho havia mudado. Eu usava um vestido dourado e joias. Sentada em uma linda cadeira sobre um tablado alto, baixei os olhos e vi Ren de pé diante de mim. Sorri para ele e estendi a mão, mas foi Kishan quem a segurou ao se sentar ao meu lado.

Olhei para Kishan, confusa. Ele dirigia um sorriso presunçoso para Ren. Quando me virei novamente para Ren, sua raiva o consumia e ele me fuzilou com olhos de ódio e desprezo.

Lutei para libertar minha mão da de Kishan, mas ele não me soltava. Antes que eu conseguisse, Ren se transformou em tigre e correu para a selva. Gritei, chamando por ele, mas não me ouviu. Ele não *queria* me ouvir.

O vento açoitava o cortinado de cor creme e nuvens de tempestade se aglomeravam, escurecendo o céu. Relâmpagos caíam em vários pontos. Ouvi um rugido poderoso ecoar pela paisagem. Era o impulso de que eu precisava. Arranquei minha mão da de Kishan e corri para a tempestade.

A chuva começou a castigar o chão, tornando meu avanço mais lento enquanto eu procurava Ren. Minhas lindas sandálias douradas foram arrancadas, presas na lama espessa criada pelo aguaceiro. Eu não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum. Tirei os cabelos encharcados dos olhos e gritei:

– Ren! Ren! Onde você está?

Um raio atingiu uma árvore próxima com um poderoso estrondo. Fragmentos da casca do tronco dispararam em todas as direções quando a árvore se quebrou, e o tronco se retorceu e se despedaçou. Quando desabou, os galhos me prenderam ao chão.

– Ren!

A água enlameada foi se juntando debaixo de mim. Fui me contorcendo e contraindo meu corpo machucado e dolorido até conseguir escorregar sob a árvore. O vestido dourado estava rasgado e minha pele, coberta de arranhões ensanguentados.

– Ren! – gritei mais uma vez. – Por favor, volte! Preciso de você!

Eu estava tremendo de frio, mas continuei correndo no meio da selva, tropeçando em raízes e atirando para o lado a vegetação rasteira cinza e espinhenta. Gritando enquanto corria, eu avançava por um caminho sinuoso entre as árvores, à procura dele.

– Ren, por favor, não me deixe! – eu suplicava, desesperada.

Finalmente avistei uma silhueta branca correndo em meio às árvores e redobrei meus esforços para alcançá-lo. Meu vestido se prendeu em um arbusto cheio de espinhos, mas eu o atravessei ferozmente, determinada a chegar até ele. Eu seguia a trilha de raios que caíam na selva ali perto.

Não sentia medo dos raios, embora eles caíssem tão perto que eu podia sentir o cheiro da madeira queimada. Os raios me levaram a Ren. Eu o

encontrei caído no chão. Grandes marcas de queimaduras chamuscavam seu pelo branco onde os raios o haviam atingido repetidamente. De alguma forma, eu sabia que eu fizera aquilo. *Eu* era a responsável por sua dor.

Acaricieei-lhe a cabeça e o pelo macio e sedoso do pescoço e gritei:

– Ren, eu não queria que fosse assim. Como isso pôde acontecer?

Ele assumiu a forma humana e sussurrou:

– Você perdeu a fé em mim, Kelsey.

Sacudi a cabeça, negando. As lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Não. Não perdi. Jamais!

Ele não conseguia me olhar nos olhos.

– *Iadala*, você me deixou.

Abracei-o em desespero.

– Não, Ren! Eu nunca vou deixá-lo.

– Mas deixou. Você foi embora. Era muito pedir que me esperasse?

Que acreditasse em mim?

Solucei, desesperada.

– Mas eu não sabia. Eu não sabia.

– Agora é tarde demais, *priyatama*. Dessa vez, sou eu quem vai deixá-la.

Então fechou os olhos e morreu.

Sacudi seu corpo flácido.

– Não. Não! Ren, volte! Por favor, volte!

As lágrimas se misturavam com a chuva e borravam minha visão. Furiosa, enxuguei-as e, quando tornei a abrir os olhos, vi não só Ren como também meus pais, minha avó e o Sr. Kadam. Estavam todos caídos no chão, mortos. Eu estava sozinha e cercada pela morte.

Chorando, eu gritava sem parar:

– Não! Não pode ser! *Não pode ser!*

Uma angústia incontrollável penetrava o meu corpo. Eu me sentia tão desesperada, tão sozinha! Agarrei-me a Ren e fiquei embalando seu corpo

para a frente e para trás, inconscientemente tentando me confortar. Mas não encontrei nenhum alívio.

De repente, já não estava sozinha. Percebi que não era eu quem embalava Ren, mas outra pessoa me embalava e me abraçava. Despertei o suficiente para saber que estivera dormindo, mas a dor do sonho ainda me envolvia.

Meu rosto estava molhado com lágrimas de verdade e a tempestade também fora real. O vento aumentou de intensidade entre as árvores lá fora, fazendo a chuva inclemente bater na lona. Um raio atingiu uma árvore próxima e iluminou brevemente a barraca. No lampejo, distingi o cabelo escuro molhado, a pele dourada e uma camisa branca.

– Ren?

Senti seus polegares enxugando as lágrimas do meu rosto.

– Shh, Kelsey. Eu estou aqui. Não vou deixá-la, *priya*. *Mein yaha hoon*.

Com grande alívio e um soluço, estendi os braços e envolvi o pescoço de Ren. Ele deslizou o corpo mais para dentro da barraca, saindo da chuva, me puxou para o seu colo e me apertou mais em seus braços. Acariciou meu cabelo e sussurrou:

– Quietinha agora. *Mein aapka raksha karunga*. Eu estou aqui. Não vou deixar nada acontecer com você, *priyatama*.

Ele continuou a me acalmar com palavras de sua língua nativa até eu sentir que o sonho desvanecia. Após alguns minutos, estava suficientemente recuperada para me afastar, mas fiz a escolha consciente de ficar onde estava. Eu gostava da sensação de seus braços à minha volta.

O sonho me fez tomar consciência de como me sentia sozinha. Desde a morte de meus pais, ninguém havia me abraçado dessa forma. É claro que eu abraçava meus pais adotivos e seus filhos, mas nenhum deles conseguira atravessar minhas defesas. Eu não deixava alguém extrair de mim emoções tão profundas fazia muito tempo.

Foi nesse momento que eu soube que Ren me amava.

Senti meu coração se abrir para ele. Eu já amava e confiava na sua parte tigre. Isso era fácil. Mas reconhecia agora que o homem precisava ainda mais desse amor. Para Ren, era algo que não experimentava havia séculos – se é que algum dia o experimentou. Assim, eu o abracei com força e não o larguei até que soube que seu tempo havia acabado.

– Obrigada por estar aqui – sussurrei em seu ouvido. – Fico feliz por você fazer parte da minha vida. Por favor, fique na barraca comigo. Não há razão para você dormir lá fora na chuva.

Beije seu rosto e tornei a me deitar, cobrindo-me com a colcha. Ren se transformou em tigre e deitou-se ao meu lado. Eu me aconcheguei em suas costas e mergulhei em um sono tranquilo e sem sonhos, apesar da tempestade rugindo lá fora.

No dia seguinte acordei, me espreguicei e saí da barraca. O sol havia evaporado a água da chuva e transformado a selva molhada em uma sauna a vapor. Galhos e folhas arrancados pela tempestade se espalhavam pelo chão do acampamento. Um fosso encharcado de água cinzenta, cercado por pedaços de madeira enegrecida e carbonizada, era tudo o que restava de nossa fogueira.

A cachoeira despencava com mais velocidade que o normal, empurrando destroços para o lago agora lamacento.

– Nada de banho hoje – falei, cumprimentando Ren, que havia assumido sua forma humana.

– Não tem importância. Vamos ao encontro do Sr. Kadam. É hora de retomar nossa jornada – replicou ele.

– Mas e quanto a Kishan? Você não conseguiu convencê-lo a vir conosco?

– Kishan deixou clara sua posição. Quer ficar aqui, e eu não vou implorar a ele. Quando toma uma decisão, raramente muda de ideia.

– Mas, Ren...

– Está decidido.

Ele se aproximou de mim e puxou minha trança. Então sorriu e me deu um beijo na testa. O que acontecera entre nós durante a tempestade havia consertado nossa ruptura emocional e eu estava feliz por ele ter voltado a ser meu amigo.

– Venha, Kells. Vamos arrumar tudo.

Só levei alguns minutos para desmontar a barraca e guardar as coisas na mochila. Estava aliviada por voltar para junto do Sr. Kadam e da civilização, mas não me agradava deixar Kishan daquele jeito. Eu nem tivera a chance de me despedir.

Na saída, passei pelos arbustos floridos e fiz as borboletas levantarem voo novamente. Não havia tantas quanto no dia em que chegamos. Elas se agarravam às folhas encharcadas e batiam as asas lentamente ao sol, secando-as. Algumas alçaram voo para o céu e Ren esperou pacientemente enquanto eu as observava. Suspirei quando tomamos a trilha de volta para a estrada onde o Sr. Kadam estava acampado. Embora eu detestasse longas caminhadas e acampamentos, aquele lugar era especial.

Meu tigre ia à frente, como sempre, e eu o seguia, tentando evitar suas pegadas lamacentas e caminhar em terreno mais seco. Para passar o tempo, mencionei a Ren a conversa com Kishan sobre a vida no palácio e disse que ele carregara uma sacola cheia de comida na boca para que eu não morresse de fome.

Algumas coisas, porém, *não* dividi com Ren, especialmente o que Kishan me contara sobre Yesubai. Eu não queria que Ren ficasse pensando nela, mas também sentia que era Kishan quem precisava conversar sobre o assunto com Ren. Em vez disso, tagarelei sobre ter ficado entediada na selva e haver assistido à caçada.

De repente, Ren se transformou em homem, agarrou meus braços e explodiu:

– Você viu o *quê*?

Confusa, repeti:

– Vi a... a caçada. Pensei que você soubesse. Kishan não lhe falou?

Rangendo os dentes, ele disse:

– Não, não falou!

Desviei-me dele e subi em uma série de pedras.

– Ah. Mas não importa. Eu estou bem. Consegui voltar.

Ren agarrou meu cotovelo e me colocou no chão à sua frente.

– Kelsey, você está me dizendo que não só assistiu à caçada como também voltou para o acampamento sozinha?

Ren estava mais do que furioso.

– Foi – falei, com voz esganiçada.

– A próxima vez que vir Kishan, eu vou *matá-lo*. – Ele apontou o dedo para o meu rosto. – Você poderia ter sido atacada! Não posso nem citar todas as criaturas perigosas que vivem na selva. Você nunca mais vai sair do meu lado!

Ele segurou minha mão e me puxou pela trilha. Eu podia sentir a tensão irradiando de seu corpo.

– Ren, eu não entendo. Você e Kishan não conversaram depois de sua... refeição?

– Não – resmungou ele. – Cada um foi para o seu lado. Voltei direto para o acampamento. Kishan ficou perto da... comida um pouco mais. Não devo ter sentido seu cheiro por causa da chuva.

– Kishan ainda deve estar me procurando. Talvez devêssemos voltar.

– Não. Seria bem feito para ele. – Ren riu acintosamente. – Sem um cheiro para rastrear, é provável que ele leve dias até descobrir que partimos.

– Ren, você devia voltar lá e dizer a ele que estamos indo embora. Ele o ajudou na caçada. É o mínimo que podia fazer.

– Kelsey, nós não vamos voltar. Ele é um tigre adulto e pode tomar conta de si mesmo. Além disso, eu estava me virando bem sem ele.

– Não, não estava. Eu vi a caçada, lembra? Ele o ajudou a abater o antílope. Kishan disse que você não caçava havia mais de 300 anos. Por isso fomos atrás de você. Ele disse que sabia que precisaria da ajuda dele.

Ren franziu a testa, mas não disse nada.

Parei e coloquei a mão em seu braço.

– Não é sinal de fraqueza precisar de ajuda às vezes.

Ele resmungou, dispensando meu comentário, mas prendeu minha mão em seu braço e recomeçou a andar.

– Ren, o que exatamente aconteceu com você há 300 anos?

Ainda carrancudo, ele não respondeu. Eu o cutuquei com o cotovelo e sorri, encorajando-o. A carranca lentamente desapareceu de seu lindo rosto e a tensão foi deixando seus ombros. Ele suspirou, correu a mão pelos cabelos e explicou:

– É muito mais fácil para um tigre negro caçar do que para um tigre branco. Eu não me misturo à vegetação na selva. Quando ficava com muita fome e frustrado com a dificuldade de caçar animais selvagens, às vezes me aventurava em um vilarejo e roubava uma cabra ou uma ovelha. Eu tomava cuidado, mas logo se espalharam os rumores de que havia um tigre branco na região. Não só os fazendeiros queriam me afugentar dali como também havia caçadores de grandes animais selvagens que buscavam a emoção de capturar um animal exótico.

– Nossa, você correu muito perigo! – observei.

– Eles espalharam armadilhas para mim por toda a selva e muitas criaturas inocentes foram mortas. Sempre que eu encontrava uma, eu a desarmava. Um dia, cometi um erro idiota. Havia duas armadilhas bem perto uma da outra, mas eu me concentrei na óbvia, que era do tipo padrão: um pedaço de carne pendurado sobre um buraco. Eu estava estudando o buraco, tentando calcular uma forma de pegar a carne, e tropecei em um arame oculto, disparando uma chuva de espigões e flechas que desabou sobre mim vinda do topo da árvore. Saltei para o lado para me esquivar a uma lança, mas a terra sob meus pés cedeu e eu caí no buraco.

– Alguma das setas atingiu você? – perguntei, ansiosa.

– Sim. Várias me arranharam, mas eu sarei rápido. Felizmente, o buraco não tinha estacas de bambu, mas era benfeito e fundo o bastante

para que eu não conseguisse sair.

– O que fizeram com você?

– Depois de alguns dias, os caçadores me encontraram. E me venderam para um colecionador de animais selvagens. Quando me mostrei difícil, ele me vendeu para outro, que me vendeu para um terceiro, e assim por diante. Por fim, acabei em um circo na Rússia e desde então fui passando de circo em circo. Sempre que as pessoas suspeitavam da minha idade ou me machucavam, eu causava problemas suficientes para provocar uma venda rápida.

Era uma história terrível, de partir o coração. Eu me afastei dele e, quando tornei a me aproximar, ele entrelaçou os dedos nos meus e continuou a caminhar.

– Por que o Sr. Kadam não o comprou e o levou para casa? – indaguei.

– Ele não podia. Alguma coisa sempre surgia para evitar que isso acontecesse. Todas as vezes que ele tentava me comprar do circo onde eu estava, os proprietários se recusavam a vender por qualquer que fosse o valor oferecido. Uma vez ele mandou outras pessoas me comprarem e isso também não funcionou. O Sr. Kadam chegou a contratar gente para me roubar, mas os homens foram capturados. A maldição era quem dava as cartas, não nós. Quanto mais ele tentava interferir, pior ficava minha situação. Acabamos descobrindo que o Sr. Kadam podia pôr no meu caminho compradores em potencial com um interesse genuíno. Ele conseguia induzir pessoas boas a me comprar, mas somente se não tivesse a intenção de ele mesmo ficar comigo.

Eu ouvia atenta cada palavra de sua história. E o encorajava a continuar, balançando a cabeça.

– O Sr. Kadam cuidava para que eu me mudasse com frequência suficiente, de modo que as pessoas não percebessem a minha idade – prosseguiu. – Ele me visitava de tempos em tempos para que eu soubesse como entrar em contato com ele, mas não havia nada que pudesse de fato fazer. No entanto, nunca deixou de tentar descobrir uma maneira de quebrar a maldição. Dedicava todo o seu tempo a pesquisar soluções. Suas visitas

significavam tudo para mim. Acho que teria perdido minha humanidade sem ele.

Ren deu um tapa em um mosquito atrás de seu pescoço e refletiu:

– Assim que fui capturado, pensei que seria fácil escapar. Eu simplesmente esperaria que a noite caísse e abriria o trinco da jaula. Mas, assim que me tornei cativo, fiquei permanentemente preso à forma de tigre. Não conseguia mais me transformar em homem... até que você apareceu.

Ele segurou um galho para que eu pudesse passar por baixo e eu perguntei:

– Como foi passar todos esses anos no circo?

Tropecei em uma pedra e Ren estendeu os braços para me equilibrar. Quando me firmei novamente, ele soltou minha cintura e me ofereceu a mão outra vez.

– Entediante, na maior parte do tempo. Às vezes os proprietários eram cruéis e eu era chicoteado, espancado e espetado. Tive sorte, porém, porque sarava depressa e era esperto o bastante para fazer os truques que outros tigres se recusavam a fazer. Um tigre naturalmente não quer saltar por uma argola em chamas ou ter a cabeça de um homem em sua boca. Tigres odeiam o fogo, por isso devem ser ensinados a temer o domador mais do que as chamas.

– Parece horrível!

– Os circos daquela época eram mesmo horríveis. Os animais eram colocados em jaulas pequenas demais. Relações familiares naturais se rompiam e os bebês eram vendidos. Nos primeiros tempos, a comida era ruim, as jaulas ficavam imundas e os animais eram machucados, levados de cidade em cidade e deixados ao ar livre em lugares e climas aos quais não estavam acostumados. Não viviam muito.

Pensativo, ele prosseguiu:

– Hoje existem mais estudos e esforços para prolongar a vida dos animais e melhorá-la. Viver enjaulado me fez pensar por muito tempo em minhas relações com outras criaturas, especialmente elefantes e cavalos.

Meu pai tinha milhares de elefantes que foram treinados para a batalha ou para levantar objetos pesados e no passado tive um garanhão que eu adorava cavalgar. Preso em minha jaula dia após dia, eu me perguntava se ele sentia o mesmo que eu. Imaginava-o em sua baia, entediado, esperando que eu aparecesse para soltá-lo.

Ren apertou a minha mão e se transformou novamente em tigre.

Eu me perdi em meus pensamentos. Como devia ter sido difícil viver enjaulado. Ren precisou suportar séculos nessa condição. Estremeci e continuei andando atrás dele.

Depois de passada mais de uma hora, tornei a falar:

– Ren? Tem uma coisa que não compreendo. Onde estava Kishan? Por que ele não o ajudou a escapar?

Ren saltou sobre um enorme tronco caído. No meio do salto, ele se transformou em pleno ar, caindo no chão do outro lado, silenciosamente, sobre dois pés. Estendi a mão para que ele me ajudasse a me firmar quando eu começava a transpor o tronco.

– Naquela época, Kishan e eu tentávamos evitar um ao outro o máximo possível. Ele não sabia o que ocorrera até Kadam encontrá-lo. Quando eles entenderam o que tinha acontecido, era tarde demais para fazer qualquer coisa. Kadam havia tentado, sem sucesso, me libertar, então persuadiu Kishan a se manter escondido enquanto procurava descobrir o que fazer. Como eu disse, ele tentou me libertar me comprando e contratando ladrões durante séculos. Nada funcionou até você aparecer. Por alguma razão, depois que você desejou que eu vivesse em liberdade, eu pude ligar para ele.

Ren riu.

– Quando me transformei em homem de novo pela primeira vez depois de séculos, pedi a Matt que fizesse uma ligação a cobrar para mim. Disse a ele que eu fora assaltado e que precisava entrar em contato com meu patrão. Ele me explicou como funcionava o telefone e o Sr. Kadam chegou pouco depois.

Ren tornou a se transformar em tigre e prosseguimos. Ele caminhava ao meu lado e eu mantinha a mão em seu cangote.

Depois de andar por várias horas, Ren parou de repente e farejou o ar. Sentou-se e se pôs a olhar para a selva. Fiquei alerta quando alguma coisa sacudiu os arbustos. Primeiro surgiu um focinho preto em meio à vegetação rasteira, seguido pelo restante do tigre negro.

Eu sorri, feliz.

– Kishan! Você mudou de ideia. Está vindo conosco? Fico tão feliz!

Kishan se aproximou de mim e estendeu uma pata que se transformou em mão.

– Olá, Kelsey. Não, não mudei de ideia. Mas fico feliz de encontrá-la em segurança.

Kishan lançou um olhar malévolo a Ren, que não perdeu tempo em assumir a forma humana também.

Ren empurrou o ombro de Kishan e gritou:

– Por que você não me disse que ela estava lá? Ela viu a caçada, e você a deixou sozinha e desprotegida!

Kishan reagiu, empurrando o peito de Ren.

– Você foi embora antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Se isso faz você se sentir melhor, passei a noite toda procurando por ela. Vocês arrumaram tudo e partiram sem me dizer nada.

Eu me pus entre eles e pedi:

– Por favor, acalmem-se. Ren, eu concordei com Kishan que acompanhá-lo seria mais prudente e ele cuidou bem de mim. Fui eu quem resolvi assistir à caçada e fui eu quem escolhi voltar para o acampamento sozinha. Portanto, se você vai ficar com raiva de alguém, fique com raiva de mim.

Virei-me para Kishan.

– Sinto muito ter feito você me procurar a noite toda no meio de uma tempestade. Não me dei conta de que ia chover ou de que isso fosse apagar o meu rastro. Peço desculpas.

Kishan sorriu e beijou minha mão, enquanto Ren grunhia, ameaçador.

– Desculpas aceitas. Então, o que achou?

– Da chuva ou da caçada?

– Da caçada, é claro.

– Ah, foi...

– Ela teve pesadelos – Ren disse ao irmão com aspereza.

Fiz uma careta e concordei com um movimento da cabeça.

– Bom, pelo menos meu irmão está bem alimentado. Provavelmente semanas se passariam antes que ele matasse uma presa sozinho.

– Eu estava indo muito bem sem você!

Kishan sorriu, com deboche.

– Não, você não ia conseguir pegar nem uma tartaruga manca sem mim.

Ouvi o soco antes de vê-lo. Foi uma pancada forte, do tipo que eu pensava que só acontecesse no cinema. Ren me conduziu habilmente para o lado e então socara o irmão.

Kishan se afastou, esfregando o maxilar, mas encarou Ren com um sorriso.

– Tente de novo, irmão.

Ren ficou carrancudo, mas não disse nada. Ele simplesmente pegou a minha mão e começou a andar com passos rápidos, me puxando com ele através da selva. Eu tinha quase que correr para acompanhá-lo.

O tigre negro passou zunindo por nós e com um salto se interpôs em nosso caminho. Kishan mudou novamente para a forma humana e disse:

– Esperem. Tenho uma coisa para dizer a Kelsey.

Ren franziu a testa, mas eu pus a mão em seu peito.

– Ren, por favor.

Ele correu o olhar do irmão para mim e sua expressão se suavizou. Então soltou minha mão, tocou meu rosto brevemente e se afastou alguns passos enquanto Kishan se aproximava.

– Kelsey, quero que fique com isto – anunciou Kishan, levando as mãos ao pescoço para retirar uma corrente oculta sob a camisa preta. Depois de a colocar em torno do meu pescoço e prender o fecho, ele disse: – Acho que você sabe que este amuleto irá protegê-la da mesma forma que o de Ren protege Kadam.

Manuseei a corrente e puxei o pendente quebrado para olhá-lo mais de perto.

– Kishan, tem certeza de que quer que eu o use?

Ele sorriu jovialmente.

– Meu encanto, seu entusiasmo é contagiante. Um homem não pode estar perto de você e permanecer indiferente à sua causa. E, embora eu vá continuar na selva, esta será minha pequena contribuição para seus esforços.

Sua expressão ficou séria.

– Quero que se cuide, Kelsey. Tudo o que sabemos com certeza é que o amuleto tem o poder de dar uma vida longa a seu portador. Mas isso não significa que você não possa ser ferida ou mesmo morta. Fique atenta.

Ele segurou meu queixo e eu fitei seus olhos dourados.

– Não quero que nada lhe aconteça, *bilauta*.

– Vou tomar cuidado. Obrigada, Kishan.

Kishan fitou Ren, que inclinou a cabeça em discreto consentimento, e então voltou o olhar para mim, sorriu e disse:

– Vou sentir sua falta, Kelsey. Venha me visitar.

Eu o abracei brevemente e lhe ofereci o rosto para um beijo. No último segundo, Kishan desviou o rosto e me deu um rápido selinho.

– Seu trapaceiro! – exclamei, surpresa.

Então ri e lhe dei um soco de leve no braço.

Ele apenas sorriu e piscou para mim.

Ren cerrou os punhos e uma expressão sombria tomou conta de seu lindo rosto. Kishan, porém, o ignorou e disparou em direção à selva. Sua

risada ecoou em meio às árvores e tornou-se um rugido rouco quando ele se transformou no tigre negro.

Ren veio até mim, pegou o pendente e o esfregou, pensativo, entre os dedos. Pus a mão em seu braço, temendo que ele ainda pudesse estar zangado por causa de Kishan. Ele deu um leve puxão em minha trança, sorriu e pousou um beijo afetuoso em minha testa.

Transformando-se novamente no tigre branco, ele me conduziu pela selva por mais meia hora até que, com alívio, vi que finalmente havíamos chegado à rodovia.

Depois de esperarmos ali até não haver mais trânsito, atravessamos correndo para o outro lado e desaparecemos em meio à vegetação. Seguimos o faro de Ren por mais uma pequena distância e por fim encontramos uma barraca de estilo militar. Corri para abraçar o homem que saiu de dentro dela.

– Sr. Kadam! Como estou contente em ver o senhor!



Um começo

— Srta. Kelsey! – o Sr. Kadam me cumprimentou calorosamente. – Também estou feliz em vê-la! Espero que os meninos tenham cuidado bem de você.

Ren bufou e encontrou um lugar na sombra para descansar.

– Cuidaram, sim. Estou bem.

O Sr. Kadam me levou até um tronco perto de sua fogueira.

– Sente-se aqui e descanse enquanto arrumo as coisas.

Fiquei comendo um biscoito enquanto observava o Sr. Kadam andar de um lado para outro desarmando a barraca e empacotando seus livros. Seu acampamento era tão bem organizado quanto eu esperava. Ele usara a traseira do Jeep para guardar os livros e outros materiais de estudo. Uma fogueira crepitava e ele tinha bastante madeira empilhada ao lado. A barraca parecia cara, pesada e muito mais complicada de armar do que a minha. Ele contava até com uma escrivaninha dobrável coberta por papéis mantidos no lugar por pedras limpas e lisas.

Eu me levantei e olhei os papéis, curiosa.

– Sr. Kadam, estas são as traduções da profecia de Durga?

Ouvi um grunhido e um leve silvo quando o Sr. Kadam puxou uma pesada estaca do chão. A barraca subitamente se dobrou, formando uma pilha de lona verde. Ele se ergueu para responder à minha pergunta.

– Sim. Comecei a trabalhar na tradução do monólito. Estou achando que precisamos ir para Hampi. Também já tenho uma ideia melhor do que estamos procurando.

Apanhei suas anotações. A maior parte delas não estava escrita em inglês. Enquanto eu bebia água, minha mão se dirigiu ao amuleto que Kishan tinha me dado.

– Sr. Kadam, Kishan me deu seu pedaço do amuleto, na esperança de que ele vá me proteger. O seu o protege? O senhor ainda pode ser ferido?

Ele terminava de guardar a barraca embalada no Jeep. Então se recostou no para-choque e disse:

– O amuleto ajuda a me proteger de ferimentos graves, mas eu ainda posso me cortar ou cair e torcer o tornozelo.

O Sr. Kadam esfregava a barba aparada, pensativo:

– Eu já tive mal-estares, mas não doenças graves. Meus cortes e contusões saram rapidamente, embora não tão rapidamente quanto os de Ren e Kishan.

Ele pegou o amuleto que pendia do meu pescoço e o examinou com atenção.

– Os diferentes pedaços podem ter propriedades diferentes. Não sabemos de fato a extensão de seu poder. Trata-se de um mistério que pretendo solucionar um dia. O importante, porém, é não correr riscos. Se alguma coisa parecer perigosa, evite-a. Se algo a perseguir, corra. Entendeu?

– Entendi.

Ele soltou o amuleto e voltou a guardar as coisas no Jeep.

– Fico feliz que Kishan tenha concordado em deixá-lo com você.

– Concordado? Pensei que fosse ideia dele.

– Não. A verdadeira razão de Ren querer parar aqui era conseguir o amuleto. Não iria embora sem convencer Kishan a deixá-la ficar com ele.

Confusa, eu disse:

– Pensei que estivéssemos tentando convencer Kishan a se juntar a nós.

O Sr. Kadam sacudiu a cabeça, com tristeza.

– Sabíamos que havia pouca esperança de que isso acontecesse. Kishan tem se mostrado indiferente a todos os esforços que fiz para recrutá-lo para nossa causa. Ao longo dos anos tentei convencê-lo a sair da selva e levar uma vida mais confortável na casa, mas ele prefere ficar aqui.

Assenti.

– Ele está se punindo pela morte de Yesubai.

O Sr. Kadam me olhou, surpreso.

– Ele falou sobre isso com você?

– Sim. Ele me contou o que aconteceu quando Yesubai morreu. Ainda se culpa. E não só pela morte dela como também pelo que aconteceu com ele e com Ren. Eu me sinto muito triste por Kishan.

– Para uma pessoa tão jovem, a senhorita é muito compassiva e perspicaz. Que bom que Kishan confiou em você. Ainda há esperanças para ele.

Ajudei-o a reunir seus papéis e guardar a mesa e a cadeira dobráveis. Quando acabamos, bati levemente no ombro de Ren para avisá-lo que estávamos prontos para partir. Ele se levantou devagar, arqueou as costas, contraiu a cauda e então enroscou a língua em um bocejo gigante. Depois de esfregar a cabeça na minha mão, ele me seguiu até o Jeep. Sentei-me no banco do carona, deixando a porta de trás aberta para que Ren se esparramasse no banco.

De volta à estrada, o Sr. Kadam parecia até gostar de ziguezaguear pela trilha de obstáculos de cepos de árvores, arbustos, pedras e buracos. Os amortecedores do Jeep eram excelentes, mas eu ainda tinha que me segurar com força na alça da porta e me firmar no painel para não bater a cabeça no teto. Por fim, nos vimos outra vez no asfalto liso, seguindo para sudoeste.

O Sr. Kadam me incitou:

– Fale-me sobre sua semana com dois tigres.

Espiei Ren no banco de trás. Ele parecia estar cochilando, por isso resolvi começar a lhe contar sobre a caçada. Depois voltei no tempo e falei sobre todo o resto. Bem, quase todo o resto. Não mencionei o episódio do beijo. Não que eu pensasse que o Sr. Kadam não entenderia; na verdade, acho que teria entendido. Mas, como não dava para saber se Ren estava mesmo dormindo no banco de trás e eu ainda não estava pronta para partilhar meus sentimentos, deixei essa parte de fora.

O Sr. Kadam estava interessado em saber principalmente de Kishan. Ele tinha ficado chocado quando o príncipe mais jovem saíra da floresta pedindo mais comida para mim. Disse que Kishan aparentemente não ligava para nada nem ninguém desde que os pais morreram.

Eu lhe contei que Kishan ficara comigo por cinco dias enquanto Ren caçava e que conversamos sobre como ele conheceu Yesubai. Tentei manter a voz baixa enquanto falava sobre ela, para não aborrecer Ren.

Dava para ver que o Sr. Kadam sabia mais coisas e poderia ter preenchido algumas lacunas para mim, mas percebi que não daria informações sem necessidade. Ele era o tipo de homem que sabia guardar segredos. Esse seu traço funcionava tanto a meu favor como contra mim. Por fim, mudei o assunto para a infância de Ren e Kishan.

– Ah, os garotos eram o orgulho e a alegria dos pais: príncipes reais com um dom para se meterem em encrencas e saírem delas com a ajuda de seu charme. Eles podiam ter tudo que o quisessem, mas precisavam se esforçar para merecer.

O Sr. Kadam sorria ao relembrar a infância dos irmãos.

– Deschen, a mãe, era pouco convencional para os padrões da Índia. Ela os levava, disfarçados, para brincar com crianças pobres. Queria que os filhos fossem abertos a todas as culturas e práticas religiosas. O casamento com o pai deles, o rei Rajaram, foi a união de duas culturas. Ele a amava e fazia suas vontades, não se importando com o que as outras pessoas pensavam. Os meninos foram criados com o melhor de ambos os mundos. Eles estudaram de tudo, de política e conflitos armados a pastoreio e

colheitas. Receberam treinamento nas armas indianas e também tiveram acesso aos melhores professores de toda a Ásia.

– Eles faziam outras coisas? Como adolescentes comuns?

– Que tipo de coisas?

Eu me encolhi, nervosa.

– Eles... namoravam?

O Sr. Kadam arqueou uma sobrancelha, curioso.

– Não. Certamente não. Antes de a senhorita me contar aquela história, eu nunca tinha ouvido falar que um dos dois houvesse dado uma escapada romântica. Na verdade, eles não tinham tempo para isso e, de qualquer forma, os dois iam mesmo ter casamentos arranjados.

Descansei a cabeça no encosto do banco depois de recliná-lo um pouco. Tentei imaginar como era a vida deles. Devia ser difícil não ter escolhas, mas, por outro lado, eles eram privilegiados quando outras pessoas tinham muito menos. Ainda assim, a liberdade de escolha era algo que eu prezava.

Não demorou muito para que meus pensamentos se tornassem nebulosos e meu corpo cansado me levasse a um sono profundo. Quando acordei, o Sr. Kadam me entregou um sanduíche e um copo grande de suco de fruta.

– Coma alguma coisa. Vamos pernoitar em um hotel para que você tenha uma boa noite de sono em uma cama confortável, para variar.

– E quanto a Ren?

– Escolhi um hotel que fica perto da selva. Podemos deixá-lo ali e apanhá-lo quando estivermos partindo.

– E as armadilhas para tigres?

O Sr. Kadam riu.

– Ele lhe contou sobre isso, não foi? Não se preocupe, Srta. Kelsey. Ele não vai cometer o mesmo erro duas vezes. Não existem animais grandes nesta área, portanto a gente da cidade não vai procurar por ele. Se Ren agir com discrição, não vai ter problemas.

Uma hora depois, o Sr. Kadam parou perto de um trecho denso da selva nos arredores de uma cidadezinha, para que Ren saltasse. Seguimos até um vilarejo movimentado com pessoas vestidas de tons vibrantes e casas coloridas e estacionamos na frente do hotel.

– Não é um cinco estrelas – explicou o Sr. Kadam –, mas tem lá os seus encantos.

O Sr. Kadam se aproximou do balcão da recepção do hotel enquanto eu perambulava por ali, examinando os interessantes produtos à venda numa loja de conveniência. Encontrei barras de chocolate e refrigerantes americanos misturados a doces incomuns e picolés de sabores exóticos.

Ele pegou nossas chaves e comprou dois refrigerantes e dois picolés.

O hotel cor de menta de dois andares tinha um portão de ferro batido, um pátio de concreto e arremates rosa-flamingo. Meu quarto tinha uma cama de casal. Uma cortina colorida escondia um pequeno closet com alguns cabides de madeira. Uma bacia e um jarro de água fresca, assim como um par de canecas de cerâmica, descansavam sobre a mesa. Em vez de um aparelho de ar condicionado, um ventilador rodava preguiçosamente no teto, mal movimentando o ar quente. Não havia banheiro. Todos os hóspedes tinham que compartilhar as instalações no primeiro piso. As acomodações eram simples, mas ainda assim ganhavam facilmente da selva.

Depois de me ver acomodada e de me entregar a chave, o Sr. Kadam disse que iria me pegar para jantarmos dali a três horas e então se retirou.

Ele mal havia passado pela porta quando uma mulher indiana, vestindo uma camisa laranja esvoaçante sobre uma saia branca, veio recolher minhas roupas sujas. Pouco depois, ela voltava com as roupas lavadas e as pendurava no varal diante da minha porta. As peças adejavam tranquilamente na brisa e eu dormi ouvindo os ruídos relaxantes do lugar.

Depois de um breve cochilo e de esboçar alguns desenhos de Ren como tigre, eu traneei o cabelo e o preendi com uma fita vermelha para combinar com a saia também vermelha. Tinha acabado de calçar os tênis quando o Sr. Kadam bateu à porta.

Ele me levou para jantar no que disse ser o melhor restaurante da cidade: A Flor de Manga. Tomamos um pequeno barco-táxi, atravessamos o rio e caminhamos até uma construção que parecia uma casa de fazenda, cercada por bananeiras, palmeiras e mangueiras.

Fomos conduzidos até os fundos e passamos por um caminho calçado de pedras que levava a uma impressionante vista do rio. Pesadas mesas de madeira com tampos polidos e lisos e bancos de pedra espalhavam-se por todo o pátio. Lanternas de ferro trabalhado montadas no canto de cada mesa constituíam a única fonte de luz disponível. Um arco de tijolos à direita era coberto por jasmins brancos que perfumavam o ar noturno.

– Que lugar lindo, Sr. Kadam!

– Foi o recepcionista do hotel que o recomendou. Pensei que você gostaria de uma boa refeição, já que está comendo rações do exército há uma semana.

Deixei que o Sr. Kadam fizesse o meu pedido, pois eu não tinha a menor ideia do que dizia o cardápio. Saboreamos um jantar de arroz *basmati*, legumes grelhados, *saag* de frango – que vinha a ser frango cozido com creme de espinafre –, um peixe branco com chutney de manga, bolinhos *pakora* de legumes, camarões ao coco, pão *naan* e uma espécie de limonada que levava uma pitada de cominho e de hortelã chamada *jal jeera*. Beberiquei a limonada, achei que era um pouquinho temperada demais para o meu gosto e terminei bebendo bastante água.

Quando começamos a comer, perguntei ao Sr. Kadam o que mais ele aprendera sobre a profecia.

Ele limpou a boca com o guardanapo, tomou um gole de água e disse:

– Creio que o que vocês estão procurando seja chamado de o Fruto Dourado da Índia. – Ele se aproximou um pouco mais e baixou a voz. – A história do Fruto Dourado é uma lenda muito antiga esquecida pela maior parte dos eruditos modernos. Trata-se supostamente de um objeto de origem divina dado a Hanuman para que ele o guardasse e protegesse. Quer que eu lhe conte a história?

Bebi minha água e assenti.

– A Índia já foi uma vasta terra estéril, completamente inabitável. Era cheia de serpentes de fogo, grandes desertos e feras selvagens. Então os deuses e deusas vieram e o aspecto da terra mudou. Eles criaram o homem e deram à humanidade dádivas especiais, sendo o Fruto Dourado a primeira delas. Quando ele foi plantado, uma árvore imensa nasceu, depois vieram os frutos e suas sementes foram recolhidas e espalhadas por toda a Índia, transformando-a em uma terra fértil capaz de alimentar milhões de pessoas.

– Mas, se o Fruto Dourado foi plantado, ele não teria desaparecido ou se transformado nas raízes da árvore?

– Um dos frutos daquela primeira árvore amadureceu rapidamente e se tornou dourado. Ele foi colhido e escondido por Hanuman, o rei de Kishkindha, metade homem, metade macaco. Enquanto o fruto estiver protegido, o povo da Índia terá alimento.

– Então é esse o fruto que precisamos encontrar? E se Hanuman ainda o estiver protegendo e nós não conseguirmos chegar até ele?

– Hanuman guardou o fruto em sua fortaleza e o cercou de servos imortais para vigiá-lo. Não sei muito sobre o tipo de barreiras que seriam erguidas para deter vocês. Suponho que haverá mais do que uma armadilha projetada para tirá-los de seu caminho. Por outro lado, você é a protegida de Durga e portanto contará com a ajuda dela.

Esfreguei minha mão distraidamente. Ela formigava. O desenho de hena desbotara, mas eu sabia que ele ainda estava ali. Bebi minha água.

– O senhor acha mesmo que vamos encontrar alguma coisa? Quer dizer, acredita mesmo nessas coisas?

– Não sei. Espero que seja verdade, para que os tigres sejam libertos. Tento manter a mente aberta. Sei que existem poderes que não sou capaz de compreender e coisas que nos moldam e que não podemos ver. Eu não deveria estar vivo, mas de alguma forma estou. Ren e Kishan estão aprisionados em uma espécie de magia e é meu dever ajudá-los.

Devo ter demonstrado minha angústia, porque ele deu tapinhas em minha mão e disse:

– Não se preocupe. Tenho um forte pressentimento de que tudo vai dar certo no fim. É a fé que me mantém concentrado em nosso objetivo. Tenho grande confiança em você e em Ren, e acredito, pela primeira vez em séculos, que há esperança.

Ele bateu as mãos e esfregou uma palma na outra.

– Então, vamos voltar nossa atenção para a sobremesa?

Ele pediu *kulfi* para nós dois e explicou que se tratava de um sorvete feito com creme de leite fresco e nozes. Era refrescante em uma noite quente, embora não tão doce nem tão cremoso quanto o sorvete americano.

Após o jantar, caminhamos até o barco, conversando sobre Hampi. O Sr. Kadam sugeriu que visitássemos um templo local dedicado a Durga antes de nos aventurarmos nas ruínas à procura do portão para Kishkindha.

Passeávamos lentamente, atravessando a cidade na direção do mercado, quando o Sr. Kadam e eu avistamos nosso hotel verde menta. Ele se voltou para mim com uma expressão acanhada e disse:

– Espero que me perdoe por escolher esse hotel um tanto humilde. Eu queria ficar na cidadezinha mais próxima à selva para o caso de Ren precisar de mim. Ele pode nos alcançar aqui rapidamente se for preciso e eu me sinto mais seguro com ele por perto.

– Imagine, Sr. Kadam. Depois de ficar uma semana na selva, esse hotel parece mais do que luxuoso.

Ele riu e assentiu com a cabeça. Passamos por diferentes quiosques e o Sr. Kadam comprou frutas para o café da manhã e um tipo de bolo de arroz envolto em folhas de bananeira. Parecia aquele do almoço que Phet preparara para mim, mas o Sr. Kadam me garantiu que era doce e não condimentado.

Depois de me aprontar para dormir, afofei o travesseiro, puxei minha colcha recém-lavada e seca sobre o colo e pensei em Ren lá na selva sozinho. Senti culpa por estar no hotel e ele lá fora. Além disso, eu tinha saudade dele e me sentia solitária. Gostava de tê-lo por perto. Suspirando profundamente, desfiz minha trança, me deitei e mergulhei em um sono leve.

Por volta da meia-noite, uma batida suave na porta me acordou. Hesitei em abri-la. Era tarde e certamente não poderia ser o Sr. Kadam. Fui até a porta, pousei a mão silenciosamente nela e fiquei escutando.

Houve uma batida abafada novamente e ouvi uma voz familiar sussurrar:

– Kelsey, sou eu.

Destranquei a porta e espiei lá fora. Ren estava parado ali, vestido com suas roupas brancas, descalço, com um sorriso triunfante no rosto. Puxei-o para dentro e murmurei:

– O que está fazendo aqui? É perigoso vir à cidade! Você podia ter sido visto e eles mandariam caçadores atrás de você!

Ele deu de ombros e sorriu.

– Senti saudade de você.

Minha boca se contraiu em um meio sorriso.

– Eu também.

Ele apoiou o ombro, indiferente, na moldura da porta.

– Isso significa que você vai me deixar ficar aqui? Eu durmo no chão e vou embora antes de amanhecer. Ninguém vai me ver.

Soltei um suspiro profundo.

– Certo, mas prometa que vai embora cedo. Não gosto que você se arrisque assim.

– Prometo. – Ele se sentou na cama, pegou minha mão e me puxou para me sentar ao lado dele. – Não gosto de dormir na selva escura sozinho.

– Eu também não gostaria.

Ele olhou para nossas mãos entrelaçadas.

– Quando estou com você, me sinto humano novamente. Quando estou lá fora sozinho, eu me sinto uma fera, um animal.

Seus olhos encontraram os meus e eu apertei sua mão.

– Eu entendo. Está tudo bem. De verdade.

Ele sorriu.

– Foi difícil rastrear vocês, sabia? Para minha sorte, resolveram sair para jantar, assim pude seguir o cheiro de vocês até aqui.

Algo na mesinha de cabeceira chamou sua atenção. Inclinando-se por trás de mim, ele estendeu a mão e pegou meu diário aberto. Eu havia feito um novo desenho de um tigre – o meu tigre. Meus desenhos no circo eram satisfatórios, mas este último era mais pessoal e cheio de vida. Ren ficou olhando-o por um momento enquanto minhas bochechas mudavam de cor.

Ele traçou o desenho do tigre com o dedo e então sussurrou:

– Um dia eu vou lhe dar um retrato do meu eu verdadeiro.

Deixando o diário de lado com cuidado, ele tomou minhas mãos nas dele, virou-se para mim com uma expressão intensa e disse:

– Não quero que você veja apenas um tigre quando olha para mim. Quero que veja a mim: o homem.

Estendendo a mão, ele quase tocou o meu rosto, mas, a meio caminho, se deteve e recolheu a mão.

– Venho usando a face do tigre há tempo demais. Ele roubou a minha humanidade.

Assenti enquanto ele apertava minhas mãos e dizia bem baixinho:

– Kells, eu não quero mais ser ele. Quero ser eu mesmo. Quero ter uma vida.

– Eu sei – falei com delicadeza. Ergui a mão e acariciei seu rosto. – Ren, eu...

Fiquei paralisada quando ele levou minha mão lentamente aos lábios e beijou sua palma. Minha mão formigava. Seus olhos azuis esquadrihavam meu rosto desesperadamente, querendo, precisando que eu lhe desse algo.

Eu queria dizer algo que o tranquilizasse. Queria lhe oferecer conforto. Mas não conseguia reunir as palavras. Sua súplica me comoveu. Senti uma ligação profunda com ele, uma forte conexão. Queria ajudá-lo, queria ser sua amiga e queria... talvez algo mais. Tentei identificar minhas reações. O que eu sentia por ele parecia complicado demais para definir, mas logo se

tornou óbvio para mim que a emoção mais forte que eu sentia, a que estava agitando meu coração, era... amor.

Eu havia construído uma represa em torno do meu coração depois que minha família morreu. Não me permitira amar ninguém porque temia que essa pessoa fosse tirada de mim outra vez. Intencionalmente, evitava laços estreitos. Eu gostava das pessoas e tinha muitas amizades, mas não me arriscava a amar.

A vulnerabilidade dele me permitiu baixar a guarda e, de maneira delicada e metódica, ele derrubou minha bem construída barragem. Ondas de ternura batiam nas bordas do muro e se introduziam furtivamente nas rachaduras. Os sentimentos transbordaram e caíram sobre mim. Era assustador me abrir para amar alguém novamente. Meu coração batia com força. Eu tinha certeza de que ele podia ouvi-lo.

A expressão de Ren mudou enquanto ele observava meu rosto. Sua expressão de tristeza foi substituída por uma de preocupação comigo.

Qual era o próximo passo? O que eu devia fazer? O que dizer? Como partilhar o que estou sentindo?

Eu me lembrei dos filmes românticos que via com minha mãe e de nossa frase favorita: “Cale a boca e beije-a logo!” Ficávamos frustradas quando o herói ou a heroína não fazia o que era tão óbvio para nós e, toda vez que ocorria um momento de tensão romântica, repetíamos o nosso mantra. Eu podia ouvir em minha mente a voz bem-humorada da minha mãe me dando o mesmo conselho: “Kells, cale a boca e beije-o logo!”

Assim, reuni coragem e, antes que mudasse de ideia, inclinei-me para a frente e o beijei.

Ele ficou paralisado. Não correspondeu ao meu beijo. Não me repeliu. Ele simplesmente parou... de se mover. Eu me afastei, vi o choque em seu rosto e imediatamente me arrependi de minha ousadia. Então me levantei e me afastei, constrangida. Eu queria pôr alguma distância entre nós enquanto tentava freneticamente reconstruir os muros em torno do meu coração.

Então ouvi que Ren se movia. Ele pôs a mão sob meu cotovelo e me fez virar. Eu não conseguia olhar para ele. Fiquei olhando seus pés descalços.

Ele colocou um dedo sob o meu queixo e tentou me fazer erguer a cabeça, mas ainda assim eu me recusava a olhá-lo nos olhos.

– Kelsey, olhe para mim. – Levantando os olhos, eles seguiram dos seus pés para um botão branco no meio de sua camisa. – Olhe para *mim*.

Meus olhos continuaram sua jornada. Deslizaram pelo bronze dourado de seu peito, seu pescoço e então pousaram em seu lindo rosto. Os olhos azul-cobalto perscrutaram os meus, questionadores. Ele deu um passo à frente, aproximando-se mais. Minha respiração ficou presa na garganta. Estendendo a mão, ele lentamente a deslizou em torno da minha cintura. Sua outra mão segurou meu queixo. Ainda examinando meu rosto, ele colocou a palma em minha bochecha e traçou o arco da maçã do meu rosto com o polegar.

Seu toque era doce, hesitante e cuidadoso. A expressão dele era de espanto e compreensão. Eu estremeci. Ele ficou parado por mais um momento, então sorriu com ternura, baixou a cabeça e roçou os lábios nos meus.

Ren me beijou delicadamente, um beijo que era quase um suspiro. Sua outra mão também deslizou para minha cintura. Toquei seus braços com a ponta dos meus dedos. Ele estava quente e sua pele era macia. Ele me puxou devagar para mais perto e eu apertei seus braços.

Ele suspirou de prazer e aprofundou o beijo. Eu me dissolvi em seus braços.

Como eu estava conseguindo respirar? Seu aroma de sândalo me envolvia. Cada ponto em que ele me tocava, eu sentia formigar e ganhar vida.

Agarrei seus braços com ardor. Sem que seus lábios deixassem os meus, Ren pegou meus braços e os enroscou, um de cada vez, em seu pescoço. Então deslizou uma das mãos pelo meu braço nu, indo até a cintura, enquanto a outra escorregava até meu cabelo. Antes que eu me desse conta do que ele planejava fazer, ele me levantou com um braço e me abraçou de encontro a seu peito.

Não tenho a menor ideia de quanto tempo ficamos nos beijando. Parecia um mero segundo, ao mesmo tempo que parecia uma eternidade. Meus pés descalços pendiam vários centímetros acima do chão. Ele sustentava todo o peso do meu corpo facilmente com um só braço. Enterrei meus dedos em seu cabelo e senti um ronco em seu peito, semelhante ao ronronar que ele fazia como tigre. Depois disso, todo pensamento coerente desapareceu e o tempo parou.

Todos os neurônios disparavam em meu cérebro simultaneamente. Eu não tinha a menor ideia de que beijar fosse assim – uma sobrecarga sensorial.

Em algum momento, Ren me pôs no chão, com relutância. Ele ainda sustentava meu peso, o que era bom, pois eu me sentia prestes a desmoronar. Com a mão em minha face, ele correu um polegar pelo meu lábio inferior, mantendo um braço em torno de minha cintura. Então a outra mão se dirigiu ao meu cabelo e seus dedos começaram a retorcer os fios soltos.

Precisei piscar várias vezes para clarear minha visão.

Ele riu baixinho.

– Respire, Kelsey.

Ele exibia um sorriso convencido, o que, por alguma razão, acendeu minha ira.

– Você parece muito satisfeito consigo mesmo.

– E *estou*.

Sorrindo afetadamente de volta para ele, eu disse:

– Bem, você não pediu minha permissão.

– Humm, talvez devamos consertar isso. – Ele correu os dedos pelo meu braço, desenhando pequenos círculos. – Kelsey?

Eu observava o progresso de seus dedos e murmurei, distraída:

– Oi?

Ele chegou ainda mais perto.

– Eu...

– Humm?

– Tenho a sua... – Ele começou afagar com o nariz meu pescoço até chegar à orelha. Seus lábios me faziam cócegas enquanto ele sussurrava e eu senti que ele sorria. – ...permissão...

Um arrepio percorreu meus braços e eu estremei.

– ...para beijá-la?

Assenti com a cabeça, debilmente. Na ponta dos pés, deslizei os braços em torno de seu pescoço, demonstrando que eu lhe dava permissão. Ele traçou um rastro de beijos da minha orelha até a bochecha em um movimento dolorosamente lento. Então se deteve, pairando a milímetros dos meus lábios, e esperou.

Eu sabia o que ele estava esperando. Hesitei apenas por um breve segundo antes de sussurrar:

– Sim.

Sorrindo, vitorioso, ele me apertou de encontro ao seu peito e tornou a me beijar. Dessa vez, o beijo foi mais ousado e brincalhão. Percorri com as mãos seus ombros fortes e o pescoço, e o apertei contra mim.

Quando Ren se afastou, seu rosto estava iluminado por um sorriso extasiado. Ele me levantou e rodopiou comigo pelo quarto, rindo. Quando eu já estava totalmente tonta, ele se acalmou e tocou a minha testa com a dele. Com timidez, levei a mão ao seu rosto, explorando os ângulos de seus ossos e os lábios com as pontas dos dedos. Ele se inclinou ao meu toque, à semelhança do tigre. Eu ri e corri as mãos pelos seus cabelos, afastando-os de seu rosto, adorando o toque sedoso.

Eu me sentia arrebatada. Não esperava que um primeiro beijo fosse tão... transformador. Em poucos e breves momentos, o manual do meu universo fora reescrito. De repente, eu era uma nova pessoa. Tão frágil quanto um recém-nascido, temendo que quanto mais fundo eu permitisse que o relacionamento progredisse, pior seria se Ren me deixasse. *O que seria de nós?* Não havia como saber e eu percebi que coisa delicada era um

coração. *Não era de admirar que eu tivesse mantido o meu trancado a sete chaves.*

Ren parecia alheio aos meus pensamentos negativos e eu tentei empurrá-los para o fundo da mente e desfrutar aquele momento com ele. Colocando-me no chão, ele tornou a me beijar, dessa vez brevemente, e depositou beijos delicados na minha nuca e no pescoço. Então me abraçou com ternura e apenas me manteve ali, junto dele. Acariciando meus cabelos, ele sussurrou palavras suaves em sua língua nativa. Depois de um longo momento, ele suspirou, beijou meu rosto e me levou na direção da cama.

– Durma um pouco, Kelsey. Nós dois precisamos descansar.

Depois de uma última carícia em meu rosto com as costas dos dedos, ele se transformou em tigre e deitou-se no tapete ao lado da cama. Eu me acomodei debaixo da colcha e me inclinei para acariciar sua cabeça. Apoiando o rosto no outro braço, falei baixinho:

– Boa noite, Ren.

Ele inclinou a cabeça, esfregando-a na minha mão, e ronronou. Em seguida, pôs a cabeça sobre as patas e fechou os olhos.

Na manhã seguinte, Ren já havia saído quando acordei. Eu me vesti e bati na porta do Sr. Kadam.

A porta se abriu e ele sorriu para mim.

– Srta. Kelsey! Dormiu bem?

Não percebi nenhum sarcasmo em seu tom e concluí que Ren tinha preferido não revelar a escapada noturna ao Sr. Kadam.

– Sim, dormi muito bem. Um pouco demais, eu acho. Desculpe.

Ele fez um gesto dispensando as desculpas e me entregou um bolo de arroz embrulhado em folha de bananeira, algumas frutas e uma garrafa de água.

– Não se preocupe. Vamos buscar Ren e seguir para o templo de Durga. Não há razão para pressa.

Voltei ao meu quarto e tomei o café da manhã. Depois comecei a reunir alguns itens pessoais e colocá-los em minha pequena bolsa de viagem. Por várias vezes me peguei sonhando acordada. Eu olhava no espelho e tocava meu braço, meus cabelos e lábios, lembrando dos beijos de Ren. Tive que me sacudir constantemente e fazer força para me concentrar. O que eu deveria ter levado 10 minutos para fazer me tomou uma hora e meia.

Por cima de tudo na bolsa, coloquei meu diário e a colcha. Fechei o zíper e saí em busca do Sr. Kadam. Ele estava à minha espera no Jeep, examinando alguns mapas. Sorriu para mim, parecendo de bom humor, embora eu o tivesse feito esperar tanto tempo.

Apanhamos Ren, que surgiu saltitando do meio das árvores como um filhote brincalhão. Quando alcançou o Jeep, eu me inclinei para acariciá-lo e ele se ergueu nas patas traseiras, focinhando minha mão e lambendo meu braço pela janela aberta. Então saltou para o banco de trás e o Sr. Kadam deu a partida.

Seguindo cuidadosamente as rotas indicadas no mapa, pegamos uma estrada de terra que nos conduziu através da selva, até pararmos por fim no templo de pedra de Durga.



O templo de Durga

○ Sr. Kadam nos instruiu a esperar no carro enquanto ele verificava se havia visitantes no templo. Ren enfiou a cabeça entre os bancos e começou a dar cabeçadas no meu ombro até eu me virar.

– É melhor você manter a cabeça abaixada. Alguém pode vê-lo se não tomar cuidado – falei com uma risada.

O tigre branco emitiu um ruído.

– Eu sei. Também senti sua falta.

Depois de uns cinco minutos, um jovem casal saiu do templo, entrou em um carro e partiu, e o Sr. Kadam retornou.

Saltei e abri a porta para Ren, que começou a se esfregar em minhas pernas como um gato doméstico gigante à espera da comida. Eu ri.

– Ren! Você vai me derrubar.

Mantive a mão em seu pescoço e ele se contentou com isso.

O Sr. Kadam deu uma risadinha e disse:

– Vocês dois podem ir dar uma olhada no templo enquanto eu fico aqui de vigia para o caso de aparecerem outros visitantes.

O acesso ao templo era ladeado por pedras lisas cor de terracota. O templo propriamente dito era da mesma cor, com estrias de um sépia suave,

rosa e bege claro. Árvores e flores haviam sido plantadas em torno da área do templo e vários caminhos saíam da entrada principal.

Subimos os degraus baixos de pedra até a entrada, que era aberta e exibía colunas altas que sustentavam o caminho de acesso. A soleira tinha altura suficiente apenas para que uma pessoa de estatura mediana passasse. De ambos os lados da abertura havia entalhes incrivelmente detalhados de deuses e deusas indianos.

Um aviso, escrito em várias línguas, dizia que devíamos tirar os sapatos. O chão era coberto de poeira, então tirei também as meias e as enfiei dentro dos tênis.

Lá dentro, o teto se expandia em um domo alto onde se viam intrincados entalhes com imagens de flores, elefantes, macacos, o sol e deuses e deusas brincando. O piso era de pedra e quatro colunas decorativas ligadas por arcos ornamentais se erguiam a cada canto. As colunas ostentavam entalhes de pessoas em vários estágios da vida e em várias ocupações no ato de venerar Durga. Uma imagem da deusa podia ser vista no topo das pilastras.

O templo era literalmente esculpido em uma colina rochosa. Uma série de degraus levava do piso principal a três direções. Escolhi o arco da direita e subi os degraus. A área além dele estava danificada. Pedras quebradas e esfaceladas espalhavam-se pelo piso. Pelo estado em que o espaço se encontrava, eu não conseguia imaginar com que propósito poderia ter sido usado.

A área seguinte abrigava uma espécie de altar de pedra. Uma pequena estátua quebrada, agora não identificável, descansava sobre ele. Tudo era coberto por um pó sépia espesso, cujas partículas cintilavam e pairavam no ar. Feixes de luz desciam de rachaduras no domo e iluminavam o piso com raios estreitos. Eu não ouvia Ren, mas cada movimento meu ecoava pelo templo vazio.

O ar lá fora era abafado, mas ali dentro estava apenas morno e até fresco em alguns lugares, como se cada passo me levasse a um clima diferente. Olhei para o piso e vi minhas pegadas e as de Ren e pensei que

deveria varrer o chão antes de irmos embora. Não queríamos que as pessoas pensassem que havia um tigre rondando o templo.

Depois de dar uma busca na área e não encontrar nada importante, entramos no arco da esquerda e eu arquejei, pasma. Um recesso escavado na pedra abrigava uma linda estátua de pedra de Durga. Ela usava um imponente ornamento de cabeça e tinha os oito braços dispostos em torno de seu torso como penas de pavão. Segurava várias armas, uma das quais erguida num gesto de defesa. Olhei mais de perto e vi que era a *gada*, a maça. Enroscado em suas pernas estava Damon, o tigre de Durga. Suas garras enormes se projetavam de uma pesada pata, apontada para a garganta de um javali inimigo.

– Acho que ela também tinha um tigre para protegê-la, hein, Ren?

Parei na frente da estátua e Ren se sentou ao meu lado. Enquanto a examinávamos, perguntei a ele:

– O que você acha que o Sr. Kadam espera que encontremos aqui? Mais respostas? Como conseguimos a bênção dela?

Andei de um lado para outro diante da estátua enquanto investigava as paredes, introduzindo o dedo cautelosamente nas fendas. Estava procurando alguma coisa incomum, sem muita certeza do que poderia ser. Depois de meia hora, minhas mãos estavam manchadas, cheias de teias de aranha e cobertas por uma poeira terracota. E eu não chegara a lugar algum. Limpei as mãos na calça jeans e me sentei pesadamente em um degrau de pedra.

– Desisto. Não sei o que devíamos estar procurando.

Ren se aproximou e descansou a cabeça no meu joelho. Fiz um carinho em suas costas macias.

– O que vamos fazer agora? Continuamos procurando ou voltamos para o Jeep?

Olhei para a coluna de sustentação ao meu lado. Ela mostrava um entalhe de pessoas adorando Durga – duas mulheres e um homem fazendo uma oferenda de comida. Pensei que deviam ser lavradores, pois havia tipos diferentes de campos e pomares dominando o restante da pilastra. Rebanhos

de animais domésticos e instrumentos agrícolas também tinham sido incluídos na cena. O homem carregava um feixe de grãos pendurado no ombro. Uma das mulheres levava um cesto de frutas e a outra trazia alguma coisa pequena na mão.

Eu me levantei para olhar mais de perto.

– Ren, o que você acha que ela tem na mão?

Dei um pulo. A mão quente do príncipe pegou a minha e a apertou de leve.

– Você devia me avisar antes de mudar de forma, sabia? – ralhei.

Ele riu e traçou as linhas do entalhe com o dedo.

– Não tenho certeza. Parece um tipo de sino.

Também cobri o entalhe com o dedo e murmurei:

– E se fizermos uma oferenda como essa a Durga?

– O que quer dizer?

– Por que não lhe oferecer alguma coisa, como frutas, e então tocar um sino?

Ele deu de ombros.

– Claro. Vale a pena tentar qualquer coisa.

Voltamos para o Jeep e contamos nossa ideia ao Sr. Kadam. Ele pareceu entusiasmado.

– Excelente ideia, Srta. Kelsey! Não sei por que não pensei nisso.

Ele vasculhou nosso almoço e pegou uma maçã e uma banana.

– Quanto ao sino, não me ocorreu trazer um, mas acredito que em muitos desses templos antigos haja um sino instalado. Os discípulos os tangiam quando chegavam convidados, quando em adoração e para convocar para uma refeição. Talvez encontrem algum por lá.

Novamente no templo, Ren procurou na área do altar enquanto eu começava a remexer os escombros na outra sala.

Uns 15 minutos depois, ouvi:

– Kelsey, aqui! Encontrei!

Corri até Ren, que me mostrou uma parede estreita na quina da sala que não podia ser vista da porta do templo. Prateleiras rasas haviam sido escavadas na pedra como minúsculos recessos. Na do alto, bem além do meu alcance, mas ainda no de Ren, encontrava-se um diminuto sino de bronze enferrujado, coberto por teias de aranha e poeira. Ele tinha um pequeno anel na parte superior para que pudesse ser pendurado em um gancho.

Ren o pegou na prateleira e usou a camisa para limpá-lo. Tirando a fuligem e a poeira, ele o sacudiu, emitindo um tilintar etéreo. Ren sorriu e me ofereceu a mão, voltando comigo à estátua de Durga.

– Acho que você deve fazer a oferenda, Kells. – Ele afastou o cabelo dos olhos. – Você é a protegida de Durga, afinal.

Fiz uma careta.

– Pode ser, mas está se esquecendo de que *eu* sou uma estrangeira e *você* é um príncipe da Índia. Certamente sabe melhor do que eu o que está fazendo.

Ele deu de ombros.

– Nunca fui devoto de Durga. Não conheço o processo.

– O que você venera ou venerava?

– Eu participava dos rituais e das festas religiosas do meu povo, mas meus pais queriam que Kishan e eu decidíssemos por nós mesmos em que acreditar. Eles tinham uma grande tolerância em relação a diferentes ideologias religiosas, pois eram de duas culturas diferentes. E você?

– Não voltei à igreja depois da morte dos meus pais.

Ele apertou minha mão e propôs:

– Acho que nós dois precisamos encontrar um caminho para a fé. Eu acredito que exista algo maior, um poder benigno no universo que guia todas as coisas.

– Como você continua tão otimista quando está preso a um corpo de tigre há séculos?

Ele limpou a poeira no meu nariz com a ponta do dedo.

– Meu atual nível de otimismo é uma aquisição relativamente nova. Venha.

Ele sorriu, beijou minha testa e me puxou para longe da coluna.

Nós nos aproximamos da estátua e Ren começou a limpar o tigre. Parecia um bom ponto de partida. Desdobrei o guardanapo em que o Sr. Kadam havia envolvido as frutas e comecei a livrar a estátua de anos de poeira. Depois de termos limpadado todo o pó e as teias de aranha de Durga e seu tigre, inclusive dos oito braços, limpamos a base e o estrado em que se encontrava. Na base da estátua, Ren encontrou uma pedra ligeiramente escavada que parecia uma tigela. Concluímos que devia ser ali que as pessoas deixavam suas oferendas.

Coloquei a maçã e a banana na tigela e me posicionei diante da estátua. Ren ficou de pé ao meu lado e segurou minha mão.

– Estou nervosa – gaguejei. – Não sei o que dizer.

– Bom, eu começo e você acrescenta o que achar natural.

Ele tocou o sininho três vezes. Seu tilintar ecoou pelo templo cavernoso.

Em voz alta e clara, Ren disse:

– Durga, viemos pedir sua bênção para nossa busca. Nossa fé é fraca e simples. Nossa tarefa é complexa e misteriosa. Por favor, nos ajude a encontrar a compreensão e a força.

Ele olhou para mim. Engoli em seco, tentei umedecer meus lábios secos e acrescentei:

– Por favor, ajude esses dois príncipes da Índia. Devolva-lhes o que lhes foi tirado. Ajude-me a ser forte e sábia o bastante para fazer o que for necessário. Ambos merecem a chance de ter uma vida.

Agarrei a mão de Ren com firmeza e esperamos.

Outro minuto se passou, e mais outro. Ainda assim nada aconteceu. Ren me abraçou brevemente e disse que precisava voltar à forma de tigre. Beije seu rosto e ele começou a mudar. No momento em que voltou a ser um tigre, a sala começou a vibrar e as paredes de repente se sacudiram. Um

trovão ensurdecedor soou no templo, seguido por várias explosões de luz branca.

Um terremoto! Seremos enterrados vivos!

Pedras pequenas e grandes despencavam do teto e uma das grandes colunas rachou. Eu caí e Ren saltou sobre mim, protegendo meu corpo dos escombros.

O tremor foi parando e o estrondo cessou. Ren se afastou de mim enquanto eu me erguia devagar, cambaleando. Tornei a olhar para a estátua, atônita. Uma parte da parede de pedra havia se quebrado, espatifando-se em centenas de pedaços.

Na parede onde a pedra estivera agora via-se a marca de uma mão. Andei até lá e Ren grunhiu baixinho. Tracei o contorno da mão com o dedo e olhei para Ren. Reunindo coragem, ergui minha mão e a coloquei na marca. Senti que a pedra ficava quente, da mesma forma que na caverna de Kanheri. Minha pele fulgurava, como se alguém segurasse uma lanterna debaixo da minha mão. Fascinada, fiquei olhando as veias azuis que apareciam enquanto minha pele se tornava transparente.

O desenho de hena de Phet ressurgiu e reluziu vermelho. Faíscas crepitantes saltavam de meus dedos, que formigavam. Ouvi um tigre grunhir, mas não era Ren. Era Damon, o tigre de Durga!

Os olhos do tigre brilharam amarelos. A pedra se transformou de rocha dura em carne viva e pelo alaranjado e preto. Ele arreganhou os dentes rosnando para Ren, que recuou um passo e rugiu enquanto seu pelo se eriçava em torno do pescoço. De repente, o tigre parou, se sentou e olhou para sua dona.

Tirei minha mão da marca e comecei a me afastar. Lentamente, fui recuando até me encontrar atrás de Ren. Calafrios percorriam minhas costas e eu tremia de medo. A estátua rígida começou a respirar e a pedra bege claro se dissolveu em carne.

A deusa Durga era uma linda mulher indiana, porém com pele de ouro. Vestida em uma túnica de seda azul, fez um movimento e eu ouvi o sussurro do tecido deslizando. Joias de todos os tipos adornavam cada braço. Elas

cintilavam e resplandeciam. Reflexos das cores do arco-íris encheram o templo e incidiam de um ponto a outro quando ela se movia. Prendi a respiração enquanto ela piscava, abrindo os olhos, e baixava os oito braços. Durga cruzou dois pares deles diante do peito e inclinou a cabeça, observando-nos.

Ren se aproximou e esfregou a lateral do corpo em mim. Isso me tranquilizou e eu me senti muito grata por sua presença. Pousei a mão em suas costas e senti os músculos tensos debaixo da minha palma. Ele estava pronto para saltar, para atacar se fosse preciso.

Ficamos os quatro contemplando uns aos outros em silêncio durante um tempo. Durga parecia especialmente interessada em minha mão, que no momento acariciava as costas de Ren. Por fim, ela falou.

Um de seus braços dourados se estendeu e gesticulou em nossa direção.

– Bem-vinda ao meu templo, filha.

Eu queria perguntar por que era sua protegida e por que ela me chamava de filha. Eu nem sequer era indiana. Phet dissera a mesma coisa e essa ideia ainda me desconcertava, mas achei que era melhor ficar calada.

Ela apontou para a tigela a seus pés e disse:

– Sua oferenda foi aceita.

Baixei os olhos para a tigela. As frutas tremeluziram, faiscaram e então desapareceram. Durga deu tapinhas na cabeça de seu tigre por um instante, parecendo esquecer que estávamos ali.

Continuei em silêncio.

Ela olhou para mim e sorriu. Sua voz ecoou pela caverna como um sino tilintando.

– Vejo que você tem seu próprio tigre para ajudá-la em tempos de guerra.

Minha voz soou fraca e frágil comparada ao seu tom potente e melódico:

– Ah... sim. Este é Ren, mas ele é mais do que apenas um tigre.

Ela sorriu para mim e eu me vi arrebatada por seu esplendor.

– Eu sei quem ele é e que você o ama quase tanto quanto eu amo o meu Damon. Não é?

Ela puxou afetuosamente a orelha de seu tigre enquanto eu, muda, assentia com a cabeça.

– Vocês vieram buscar minha bênção e minha bênção eu darei. Cheguem mais perto e a aceitem.

Ainda amedrontada, aproximei-me ligeiramente, arrastando os pés. Ren colocou seu corpo entre mim e a deusa e manteve a atenção voltada para o tigre.

Durga ergueu seus oito braços e fez um gesto para que eu me aproximasse mais um pouco. Dei alguns passos. Ren ficou cara a cara com Damon. Ambos se farejaram ruidosamente enquanto franziam o focinho, demonstrando que a posição não lhes agradava.

A deusa os ignorou, sorrindo para mim, e anunciou:

– O prêmio que vocês procuram está escondido no reino de Hanuman. Meu sinal irá lhes indicar o portão. O domínio de Hanuman tem muitos perigos. Você e seu tigre devem permanecer juntos para atravessá-lo em segurança. Se vocês se separarem, enfrentarão grande perigo.

Seus braços começaram a se mover e eu dei um curto passo para trás. Ela prendeu uma concha no cinto e então começou a girar as armas nas mãos. Passando-as de braço em braço, inspecionou cada uma delas atentamente. Quando chegou àquela que queria, parou. Olhou com amor para a arma e correu uma das mãos livres por sua lateral.

Era a *gada*. Ela a segurou diante de si e indicou que eu devia pegá-la. Estendi o braço, envolvi o cabo com a mão e a ergui, trazendo-a em minha direção. Parecia feita de ouro, mas, estranhamente, não era pesada. Na verdade, eu conseguia segurá-la facilmente com uma só mão.

Corri a mão pela arma. Era mais ou menos do comprimento do meu braço. O punho era retorcido e entalhado em uma espiral dourada. O cabo era uma barra de ouro lisa e fina, de 5 centímetros de largura, que terminava em uma esfera pesada com uns 6 centímetros de diâmetro. Minúsculas joias

de cristal pontilhavam toda a superfície da esfera. Fiquei perplexa ao me dar conta de que provavelmente eram diamantes.

Agradei a Durga, que me sorria com benevolência. Ela ergueu um braço e apontou para a coluna, então assentiu, encorajando-me.

– Quer que eu vá até a coluna? – perguntei, apontando também.

Ela indicou a *gada* em minha mão e então tornou a olhar para a coluna. Arquejei.

– Ah, quer que eu a teste?

A deusa assentiu e começou a acariciar a cabeça de seu tigre.

Voltei-me para a coluna e ergui a *gada* como um bastão de beisebol. Respirei fundo, fechei os olhos e brandi a arma. Esperei que ela atingisse a pedra, repercutisse e fizesse vibrar meus braços dolorosamente. Errei. Ou pelo menos foi o que pensei.

Tudo aconteceu em câmera lenta. Um estrondo sacudiu o templo e um fragmento de pedra atravessou o ar como um míssil. Ele atingiu a coluna com um eco e se estilhaçou, explodindo em um milhão de pedaços. Fiquei olhando a poeira arenosa cair sobre a pilha de destroços. A coluna exibia agora um imenso sulco.

Minha boca estava escancarada de espanto. Voltei-me para a deusa, que me dirigia um sorriso, orgulhosa.

– Acho que vou ter que tomar muito cuidado com esta coisa.

Durga assentiu e explicou:

– Use a *gada* quando necessário para se proteger, mas espero que ela seja manejada principalmente pelo guerreiro ao seu lado.

Fiquei imaginando como um tigre poderia usar uma *gada* e então pousei a arma com cuidado no chão de pedra. Quando ergui os olhos, Durga havia estendido outro braço delicado adornado com uma serpente dourada tão viva quanto a própria deusa. A língua da serpente se projetava sem parar e ela sibilava, enroscada no bíceps da deusa.

– Esta, porém, é para você – anunciou Durga, e eu observei com horror a serpente dourada lentamente se desenroscar de seu braço e atravessar o

estrado. Então parou, ergueu a cabeça, elevando do chão metade do corpo, e projetou a língua, experimentando o ar à sua volta. Os olhos pareciam minúsculas esmeraldas. Quando dilatou as laterais do pescoço no revelador capelo, eu tremi, percebendo que se tratava de uma naja. Os traços normais da naja ainda estavam lá, mas, em vez de escamas marrons e pretas, as manchas do capelo eram bege, âmbar e creme, espiraladas em um fundo dourado. A pele da barriga era de um branco leitoso e a língua, da cor do marfim.

A cobra se insinuou para mais perto de mim. Ren recuou alguns passos quando ela deslizou entre suas patas.

Eu estava apavorada, com a boca seca. Ergui os olhos para a deusa, que tinha um sorriso sereno no rosto enquanto observava seu bichinho de estimação se aproximar de mim.

A cobra foi até o meu tênis, disparou a língua mais uma vez e enrolou a cabeça na minha perna. Ela circulou minha panturrilha e enroscou o corpo diversas vezes. Eu podia sentir seus músculos apertando minha perna com firmeza enquanto seu corpo se ondulava e ela subia devagar. Minhas pernas e meus braços tremiam, e eu oscilava como uma flor sob chuva forte. Ouvi a mim mesma choramingar. Ren emitiu um ruído entre um grunhido e um ganido, aparentemente sem saber o que fazer para me ajudar. A serpente alcançou o alto da minha coxa. Meus cotovelos estavam imobilizados e meus braços tremiam quando os abri um pouco, afastando-os do corpo. A serpente apertou minha coxa com a parte inferior de seu corpo e estendeu a cabeça na direção da minha mão.

Observei fascinada e horrorizada ela alcançar meu pulso e rapidamente saltar para o braço. Enroscando-se, continuou seu lento progresso braço acima. As escamas eram frias e lisas. A serpente me prendia, como um torno poderoso. À medida que apertava meu braço e subia, o fluxo do meu sangue era interrompido e então recomeçava, como se eu houvesse colocado um torniquete naquele membro.

Quando a maior parte de seu corpo estava presa em torno da porção superior do meu braço, a cobra estendeu a cabeça até meu ombro e roçou-a

em meu pescoço. Sua língua se projetou e experimentou o suor salgado que ali brotava, fazendo meu lábio inferior tremer. Gotas de suor escorriam pelo meu rosto enquanto eu respirava pesadamente. Eu podia sentir-lhe a cabeça passeando em meu pescoço, roçando em meu queixo, e então, lá estava ela, com o pescoço dilatado, fitando meu rosto com seus olhos de joias. No instante em que pensei que eu fosse desmaiar, ela voltou para o braço, enroscou-se mais duas vezes e então imobilizou-se, com a cabeça voltada para Durga.

Cautelosamente, baixei os olhos para olhá-la e fiquei estupefata ao ver que ela havia se transformado em uma joia. Parecia um daqueles braceletes de cobra que os antigos egípcios usavam. Seus olhos de esmeralda observavam o espaço à frente sem piscar.

Hesitante, estendi meu outro braço para tocá-la. Ainda podia sentir as escamas lisas, mas seu toque era metálico, não de matéria viva. Estremeci e virei-me para a deusa.

Como a *gada*, a serpente era relativamente leve. Agora que eu tinha coragem suficiente para olhá-la mais de perto, pude perceber que a cobra havia encolhido. A grande serpente diminuía de tamanho até se tornar um pequeno bracelete enroscado.

– Ela se chama Fanindra, a Rainha das Serpentes – informou a deusa. – É um guia e irá ajudar vocês a encontrar o que procuram. Ela pode conduzi-los por vias seguras e irá iluminar seu caminho através da escuridão. Não tenha medo, pois ela não lhe deseja nenhum mal.

A deusa estendeu a mão para acariciar a cabeça imóvel da cobra e recomendou:

– Ela é sensível às emoções das pessoas e anseia por ser amada pelo que é. Tem um propósito, assim como todos os seus filhos, e devemos aprender a aceitar que todas as criaturas, por mais assustadoras que possam ser, são de origem divina.

Inclinei a cabeça e declarei:

– Tentarei superar o meu medo e lhe dar o respeito que ela merece.

– Isso é tudo o que peço – disse a deusa, sorrindo.

Quando Durga recolhia os braços e começava a voltar à posição original, ela baixou os olhos para mim e para Ren.

– Posso lhes dar um conselho antes de partirem?

– É claro que sim, Deusa – falei.

– Lembrem-se de se manterem juntos. Se forem separados, não confiem em seus olhos. Usem o coração. Ele lhes dirá o que é real e o que não é. Quando obtiverem o fruto, escondam-no bem, pois existem outros que desejam pegá-lo e usá-lo para o mal e com propósitos egoístas.

– Mas não devemos lhe trazer o fruto de volta como oferenda?

A mão que acariciava o tigre se imobilizou em seu pelo e a carne endureceu até se tornar áspera e cinza.

– Vocês já fizeram sua oferenda. O fruto tem outro propósito, do qual tomarão conhecimento no devido tempo.

– E quanto aos outros presentes, às outras oferendas?

Eu estava desesperada por saber mais e era óbvio que meu tempo estava se esgotando.

– Podem me fazer as outras oferendas em meus outros templos, mas os presentes vocês devem guardar até...

Seus lábios vermelhos detiveram-se no meio da frase e seus olhos se turvaram e se tornaram globos sem visão mais uma vez. Durga e também suas joias de ouro e roupas brilhantes desbotaram até se tornarem outra vez uma escultura.

Estendi a mão e toquei a cabeça de Damon, e então limpei a poeira das mãos na calça jeans depois de roçar a mão em uma orelha arenosa. Ren se aproximou de mim e eu corri os dedos por suas costas peludas, absorta em pensamentos. O som de seixos caindo me tirou de meus devaneios.

Dei um abraço no pescoço de Ren, apanhei cuidadosamente a *gada* e caminhamos até a entrada do templo. Ele ficou parado ali alguns minutos enquanto eu pegava um galho de árvore e apagava suas pegadas.

Quando atravessávamos o caminho de terra de volta ao Jeep, fiquei surpresa ao ver que o sol havia percorrido um longo caminho no céu.

Tínhamos passado um bom tempo no santuário, mais tempo do que eu havia pensado. O Sr. Kadam cochilava no veículo estacionado à sombra, com as janelas abertas. Ele se sentou rapidamente e esfregou os olhos quando nos aproximamos.

– O senhor sentiu o terremoto? – perguntei.

– Terremoto? Não. Aqui fora está silencioso como uma igreja. – Ele riu de sua própria piada. – O que aconteceu lá dentro?

O Sr. Kadam desviou os olhos do meu rosto para os meus novos presentes e arquejou, surpreso.

– Srta. Kelsey! Posso?

Entreguei-lhe a *gada*. Ele estendeu as duas mãos, hesitante, e a pegou de mim. Pareceu ter um pouco de dificuldade com o peso, o que me fez pensar se, em sua idade avançada, não era mais fraco do que parecia. Interesse erudito e puro prazer se refletiam em seu rosto.

– É linda! – exclamou.

Assenti.

– Devia vê-la em ação. – Pousei minha mão em seu braço. – O senhor estava certo. Decididamente recebemos a bênção de Durga. – Apontei para a serpente enroscada em meu braço. – Diga oi para Fanindra.

Ele estendeu um dedo para tocar a cabeça da cobra. Eu me encolhi, torcendo para que ela não se reanimasse, mas Fanindra permaneceu imóvel. Ele parecia hipnotizado pelos objetos.

Puxei-lhe o braço.

– Venha, Sr. Kadam, vamos embora. Vou lhe contar tudo no carro. Além do mais, estou morrendo de fome.

O Sr. Kadam riu, radiante. Envolvendo cuidadosamente a *gada* em um cobertor, ele a guardou na traseira do carro. Então foi até o lado do carona e abriu a porta para mim e para Ren. Entramos, afivelei meu cinto e partimos

na direção de Hampi. Durga havia se manifestado e nós tínhamos um fruto dourado para buscar. Estávamos prontos.



Hampi

No trajeto de volta para a cidade, o Sr. Kadam ouviu com toda a atenção cada detalhe de nossa experiência no templo de Durga e me metralhou com dezenas de perguntas. Pediu detalhes que eu nem sequer tinha considerado importantes. Por exemplo, ele quis saber que imagens as outras três colunas do templo mostravam e eu nem me lembrava de ter olhado para elas.

O Sr. Kadam estava tão absorto na história que seguiu direto para o hotel, esquecendo-se de deixar Ren na selva. Voltamos e acompanhei Ren até a mata. O Sr. Kadam ficou feliz de continuar no Jeep e examinar a *gada* mais de perto.

Atravessei o mato alto com Ren até o começo das árvores, dei um abraço nele e sussurrei:

– Pode ficar no meu quarto no hotel de novo, se quiser. Vou guardar um pouco do jantar para você.

Beijei o alto de sua cabeça e o deixei lá, me olhando enquanto eu me afastava.

No jantar, o Sr. Kadam usou a cozinha do hotel para nos preparar omeletes vegetarianas com pão frito e suco de papaia. Eu estava faminta e, olhando os outros pratos que vinham da cozinha, fiquei muito grata pelo fato de o Sr. Kadam gostar de cozinhar. Outra hóspede preparava alguma

coisa em uma panela grande e o cheiro deixava a desejar. Para mim, parecia que ela estava cozinhando roupa suja.

Devorei um prato cheio e ainda pedi ao Sr. Kadam uma segunda porção para comer no quarto, no caso de eu sentir fome à noite. Ele ficou mais do que feliz em me atender e, por sorte, não fez perguntas.

Deixei a *gada* aos cuidados do Sr. Kadam, mas descobri que o bracelete de cobra não se soltava do meu braço, por mais que eu tentasse deslizá-lo, puxá-lo ou arrancá-lo. O Sr. Kadam temia que alguém tentasse roubá-lo de mim.

– Eu adoraria tirar Fanindra do braço – afirmei. – Mas, se o senhor tivesse visto a forma como ela chegou até aqui, também ia querer que ela permanecesse inanimada.

Reprimindo rapidamente esse pensamento, eu me censurei por esquecer que Fanindra era um presente e uma bênção divinos, e sussurrei um breve pedido de desculpas para ela.

Quando voltei para o quarto, vesti o pijama, o que deu certo trabalho. Felizmente, eu tinha um de mangas curtas. Prendi a bainha da manga numa das voltas de Fanindra para que sua cabeça não ficasse coberta. Olhei para Fanindra no espelho enquanto escovava os dentes.

Batendo levemente na cabeça da serpente, murmurei:

– Bem, Fanindra, espero que goste de água, porque amanhã de manhã eu pretendo tomar um banho e, se ainda estiver no meu braço, você vai comigo.

A serpente continuou imóvel, mas seus olhos de pedra brilharam no espelho do quarto mal iluminado.

Depois de escovar os dentes, liguei o ventilador de teto, arrumei o jantar de Ren na cômoda e subi na cama. O corpo da serpente me incomodava no lado do corpo e eu tinha dificuldade em encontrar uma posição confortável. Pensei que nunca conseguiria dormir com aquela joia enrolada no braço, mas, por fim, acabei adormecendo.

Acordei no meio da noite com Ren arranhando a porta de leve. Ansioso para ficar perto de mim, ele comeu rapidamente e então me abraçou, me puxando para o seu colo. Pressionou a face contra minha testa e começou a falar sobre Durga e a *gada*. Parecia entusiasmado com o que a *gada* podia fazer. Assenti, sonolenta, e mudei de posição, descansando minha cabeça em seu peito.

Eu me sentia segura aconchegada em seus braços e era um prazer ouvir o timbre da sua voz enquanto ele falava suavemente. Mais tarde, ele passou a assoviar baixinho e eu sentia o ritmo do forte batimento de seu coração de encontro ao meu rosto.

Depois de um tempo, ele parou e moveu os braços enquanto eu emitia um protesto sonolento. Ajeitando meu corpo inerte, ele me pegou no colo e me aconchegou em seu peito. Semiadormecida, murmurei que eu podia andar, mas ele me ignorou, me colocou na cama e delicadamente ajeitou meus braços e minhas pernas. Senti que ele depositava um beijo leve em minha testa e me cobria com a colcha, e então apaguei.

Algum tempo depois, abri os olhos sobressaltada. A serpente dourada havia desaparecido! Corri para acender a luz e a vi descansando na mesinha de cabeceira. Ela ainda estava imóvel, mas agora se encontrava enrodilhada com a cabeça descansando no alto do corpo. Eu a observei, desconfiada, por um instante, mas Fanindra não se moveu.

Estremeci, pensando em uma cobra viva coleando sobre o meu corpo enquanto eu dormia. Ren ergueu sua cabeça de tigre e me olhou, preocupado. Dei-lhe tapinhas carinhosos e disse que estava bem e que Fanindra tinha se deslocado durante a noite. Pensei em pedir a Ren que dormisse entre mim e a serpente, mas decidi que precisava ser corajosa. Então virei de lado e me enrolei bem na colcha para evitar que qualquer coisa estranha acontecesse aos meus membros sem o meu conhecimento.

Também disse a Fanindra que ficaria muito grata se ela não deslizasse pelo meu corpo quando eu não estivesse ciente disso e que preferiria que isso não acontecesse em hipótese nenhuma, se ela pudesse evitar.

Ela não se moveu nem piscou os olhos verdes.

E por acaso cobras piscam? Refletindo sobre essa questão profunda, virei de lado e adormeci facilmente.

Pela manhã, Ren já tinha partido e Fanindra não se movera, então resolvi tomar um banho. Estava de volta ao quarto, secando os cabelos com a toalha, quando percebi que Fanindra havia mudado de forma novamente. Dessa vez, estava retorcida em arcos como antes, pronta para ser colocada em meu braço.

Apanhei-a gentilmente e deslizei seu corpo inflexível pela extensão do meu braço, onde ela se acomodou. Dessa vez, quando tentei tirá-la, ela deslizou com facilidade.

Colocando-a de novo no braço, eu disse:

– Obrigada, Fanindra. Vai ser muito mais fácil se eu puder tirá-la quando precisar.

Não tinha certeza, mas pensei ter visto seus olhos de esmeralda brilharem por um instante.

Eu estava acabando de trançar meus cabelos e amarrá-los com uma fita verde que combinava com os olhos de Fanindra quando ouvi uma batida na porta. Era o Sr. Kadam, que se encontrava ali de pé, com o cabelo recém-lavado e a barba aparada.

– Pronta para partirmos, Srta. Kelsey? – perguntou, pegando minha bolsa.

Fizemos o *check-out* e deixamos o hotel, seguindo para a selva a fim de pegar Ren. Esperamos vários minutos e então ele surgiu em disparada do meio das árvores e correu até o carro. Dei uma risada nervosa.

– Dormiu um pouco demais hoje, hein?

Ele provavelmente havia corrido o caminho todo de volta. Dirigi-lhe um olhar sugestivo, esperando que entendesse nas entrelinhas o que eu queria de fato ter dito: “Você devia ter saído mais cedo!”

No caminho para Hampi, paramos em uma barraca de frutas e comprei uma vitamina de iogurte chamada *lassi* e uma barra de cereais para cada um

de nós. Bebi metade da vitamina e ofereci o restante a Ren. Ele enfiou a cabeça entre os dois bancos dianteiros e lambeu o que restava no copo. Sua língua comprida também fez questão de lambe minha mão “acidentalmente” algumas vezes.

O Sr. Kadam indicou que estávamos nos aproximando de Hampi e apontou para uma grande construção a distância.

– A estrutura alta e cônica que você vê adiante é chamada de Templo de Virupaksha – explicou ele. – É a construção mais conhecida de Hampi, que foi fundada há dois mil anos. Logo passaremos pela caverna Sugriva, onde dizem que as joias de Sita foram escondidas.

– As joias ainda estão lá?

– Nunca foram descobertas, o que também é uma das razões de a cidade ter sido saqueada por caçadores de tesouros com tanta frequência – afirmou o Sr. Kadam. Então ele parou no acostamento da estrada para que Ren saltasse. – Vai haver muitos turistas ali durante o dia, portanto Ren pode esperar aqui enquanto andamos pelo local à procura de pistas. Voltaremos para buscá-lo no começo da noite.

Estacionamos diante do portão. O Sr. Kadam me conduziu à primeira e maior estrutura, o Templo de Virupaksha. Tinha aproximadamente a altura de um prédio de 10 andares e se assemelhava a uma casquinha de sorvete gigante de cabeça para baixo. Apontando para lá, o Sr. Kadam descreveu a arquitetura do templo.

– Ele conta com pátios, sacrários e portões em todos aqueles edifícios laterais. Lá dentro, tem um santuário interno, onde há salões com colunas e claustros, que são longas galerias com arcos dando para um pátio central. Venha, vou lhe mostrar.

Enquanto andávamos pelo templo, o Sr. Kadam me lembrou de que estávamos procurando uma passagem para Kishkindha, um mundo governado por macacos.

– Talvez haja outra marca de mão. A profecia de Durga também menciona serpentes.

Mais cobras, pensei, me encolhendo. Um portal para um mundo mítico? As coisas estão ficando cada vez mais estranhas à medida que mergulho fundo nesta aventura.

No decorrer do dia, fiquei tão deslumbrada com as ruínas que esqueci completamente nosso propósito ali. Tudo o que eu via era impressionante. Paramos em outra estrutura chamada Carruagem de Pedra. Tratava-se de uma escultura em pedra de um templo em miniatura erguido sobre rodas, que tinham o formato de flores de lótus e até podiam girar como pneus comuns.

Outra construção, o Templo de Vithala, ostentava lindas estátuas de mulheres dançando. Ouvimos o guia de turismo explicar o significado das 56 colunas do templo.

– Quando batemos nelas, as colunas vibram e produzem sons semelhantes às notas musicais – disse o guia.

Ficamos quietos por um momento para ouvir as colunas zumbirem e vibrarem enquanto ele batia de leve na pedra. Os tons musicais mágicos soavam, elevavam-se no ar e iam enfraquecendo aos poucos até se transformarem em silêncio. O som desaparecia muito antes de as vibrações cessarem.

Paramos em outra edificação chamada Banho da Rainha. O Sr. Kadam destacou suas características.

– O Banho da Rainha era um lugar onde o rei e suas esposas podiam relaxar. Havia apartamentos em torno do centro. Sacadas se projetavam de edifícios retangulares e as mulheres se sentavam, apreciando a vista do tanque de banho. Um aqueduto despejava água no reservatório de tijolos e também havia um pequeno jardim na lateral, bem aqui, onde as mulheres podiam descansar e fazer piqueniques.

Ele fez uma breve pausa e depois retomou suas explicações:

– O tanque tinha cerca de 15 metros de comprimento e 1,80 metro de profundidade. Despejava-se perfume na água para deixá-la mais cheirosa e espalhavam-se pétalas de flores na superfície. Fontes no formato de lótus também cercavam o tanque. Ainda se pode ver algumas delas. Um canal

cercava toda a estrutura e a construção era fortemente guardada, de forma que somente o rei podia entrar e se divertir com as mulheres. Todos os outros homens eram proibidos de entrar.

Franzi a testa.

– Humm, se o rei era o único homem a entrar, como é que o senhor sabe tantos detalhes sobre o tanque das mulheres?

Ele coçou a barba e sorriu.

Chocada, sussurrei:

– Sr. Kadam! O senhor invadiu o harém do rei?

Ele deu de ombros.

– Era um rito de passagem para um jovem tentar entrar no Banho da Rainha e vários morreram tentando. Por acaso sou um dos poucos bravos que sobreviveram à experiência.

Eu ri.

– Bom, preciso dizer que minha opinião sobre o senhor mudou completamente. Entrar em um harém? Quem diria? – Dei mais alguns passos e então me virei. – Espere aí. O senhor disse que era um rito de passagem, não disse? Então Ren e Kishan...?

Ele parou e ergueu as mãos.

– É melhor a senhorita perguntar diretamente a eles. Não quero falar o que não devo.

– Humpf – resmunguei. – Essa pergunta acabou de ir para o topo da minha lista.

Seguimos para um tour pela Casa da Vitória, o Lotus Mahal e o Mahanavami Dibba, mas não vimos nada particularmente interessante ou extraordinário ali. O Palácio dos Nobres era um lugar para encontros diplomáticos, onde funcionários do alto escalão jantavam e bebiam vinho. A Balança do Rei era um edifício usado pelos reis para pesar ouro, dinheiro e grãos comercializados, e também para distribuir doações aos pobres.

Meu local favorito foram os Estábulos dos Elefantes. Uma estrutura comprida e cavernosa, que em seu auge havia abrigado 11 elefantes. O Sr.

Kadam explicou que os elefantes não eram usados em batalhas, mas em rituais. Faziam parte da criação particular do rei – altamente treinados e empregados em vários tipos de cerimônia. Com frequência eram vestidos em tecido dourado e joias, e sua pele era pintada. O edifício tinha 10 domos de diferentes formas e tamanhos que repousavam no topo dos aposentos de cada elefante. Ele explicou que outros elefantes eram mantidos também para fazer trabalho servil e de construção, mas que a criação particular era especial.

Uma grande estátua de Ugra Narasimha foi a última coisa que vimos. Quando perguntei ao Sr. Kadam o que representava, ele não respondeu. Deu a volta na estrutura, examinando-a de muitos e variados ângulos enquanto pensava e murmurava baixinho para si mesmo.

Protegi os olhos contra o sol e estudei o topo. Tentando obter a atenção do Sr. Kadam, repeti:

– Quem é ele? É um sujeito bem feio.

Dessa vez o Sr. Kadam respondeu:

– Ugra Narasimha é um deus meio homem, meio leão, embora também possa assumir outras formas. Ele deveria parecer assustador e impressionante. É mais famoso por matar um poderoso rei demônio. O interessante é que o rei demônio não podia ser morto nem na terra nem no ar, durante o dia ou a noite, nem do lado de dentro nem do lado de fora, nem por homem nem por animal, nem por qualquer objeto.

– Parece que vocês têm muitos demônios difíceis de matar perambulando pela Índia. Então, como foi que ele exterminou o rei demônio?

– Ah, Ugra Narasimha foi muito esperto. Ele pegou o rei demônio, colocou-o no colo e então o matou no crepúsculo, em uma soleira de porta, com suas garras.

– Hum, muito esperto.

– Se olhar com atenção, vai ver que ele está sentado sobre uma serpente de sete cabeças enrodilhada e que essas cabeças se arqueiam acima dele, com

os capelos dilatados, fornecendo sombra para o deus.

Contraí o braço e espiei minha serpente dourada. Fanindra ainda era uma joia inanimada.

O Sr. Kadam voltou a murmurar para si mesmo e ficou examinando a estátua de Ugra Narasimha por muito tempo.

– O que está procurando, Sr. Kadam?

– Parte da profecia diz: “Deixe as serpentes guiarem você.” Antes, pensei que se referisse apenas à sua serpente dourada, mas talvez o plural seja importante.

Juntei-me a ele procurando uma entrada secreta ou uma marca de mão como a que eu havia encontrado antes, mas não vi nada. Tentamos parecer tão despreocupados quanto os outros turistas enquanto estudávamos a estátua.

Por fim, desistindo, o Sr. Kadam disse:

– Acho que pode ser uma boa ideia você e Ren retornarem aqui esta noite. Tenho uma suspeita de que a entrada para Kishkindha esteja por aqui, perto desta estátua.

Levamos o jantar para Ren. Arranquei pedaços do frango *tandoori* para ele, que comeu cuidadosamente em minha mão, e contei-lhe sobre as diferentes construções que tínhamos investigado no templo.

O Sr. Kadam nos explicou que as ruínas eram fechadas aos visitantes no fim do dia, a menos que houvesse um evento especial acontecendo.

– Durante a noite, há guardas de vigia, atentos a caçadores de tesouros. Na verdade – completou ele –, os caçadores de tesouros são responsáveis por grande parte da destruição que se vê nas ruínas hoje. Eles procuram ouro e joias, mas essas coisas foram levadas de Hampi há muito tempo. Os tesouros atuais de Hampi são exatamente o que eles estão destruindo.

O Sr. Kadam achava que era melhor nos deixar em um local do outro lado das colinas, onde não havia estradas levando para Hampi nem tampouco guardas.

– Mas, se não há estradas, como vamos chegar lá? – perguntei, temendo a resposta do Sr. Kadam.

Ele sorriu.

– Uma das razões por que comprei o Jeep, Srta. Kelsey, é ele ser off-road. – Ele esfregou as mãos, animado. – Vai ser emocionante!

Gemi e murmurei:

– Ótimo. Já me sinto enjoada.

– A senhorita vai precisar carregar a *gada* em sua mochila. Acha que consegue?

– Claro. Não é tão pesada assim.

Ele parou o que estava fazendo e me olhou, atônito.

– O que quer dizer com não é tão pesada? Na verdade, é muito pesada.

Ele a desembrulhou e a ergueu com as duas mãos, forçando os músculos.

– Isso é estranho – murmurei, intrigada. – Eu me lembro de tê-la achado leve para o tamanho.

Fui até ele e peguei a *gada* de suas mãos, e ficamos ambos chocados que eu pudesse levantá-la com uma só mão. Ele a pegou de volta e tentou erguê-la da mesma forma, e novamente cambaleou sob o peso da arma.

– Para mim, parece pesar uns 20 quilos.

Tornei a pegá-la.

– Para mim, talvez uns dois ou quatro.

– Impressionante – admirou-se ele.

– Não tinha ideia de que pesasse tanto – acrescentei, perplexa.

O Sr. Kadam tornou a pegar a arma da minha mão, envolveu-a em um cobertor macio e então a colocou em minha mochila. Entramos novamente no Jeep e ele nos conduziu por uma via secundária, que se transformou em estrada de terra, em seguida de cascalho e então em duas linhas de poeira, que por fim desapareceram completamente.

Ele nos deixou sair e montou um miniacampamento, assegurando-me que Ren conseguiria encontrar o caminho de volta. Também me deu uma pequena lanterna, uma cópia da profecia e acrescentou um aviso:

– Não use a lanterna a menos que isso seja essencial. Há guardas de segurança andando pelas ruínas à noite. Fiquem alertas. Ren pode farejar sua aproximação, então vocês não devem ter problemas. Além disso, sugiro que Ren permaneça como tigre o máximo possível para o caso de você precisar dele mais tarde.

O Sr. Kadam apertou meus ombros e sorriu.

– Boa sorte, Srta. Kelsey. Lembre-se de que podem não encontrar nada. Talvez seja necessário começar tudo de novo amanhã à noite, mas temos bastante tempo. Não se preocupe. Não estamos sob nenhuma pressão.

– Está bem. Lá vamos nós!

Comecei a andar atrás de Ren. A noite sem lua permitia que as estrelas brilhassem ainda mais no céu negro e aveludado. Por mais bonito que fosse, desejei que houvesse lua. Felizmente, o pelo branco de Ren era fácil de seguir. Buracos pontilhavam o terreno e eu precisava andar com extremo cuidado. Seria uma péssima hora para cair e quebrar o tornozelo. Eu não queria nem pensar em que tipos de criatura haviam feito aqueles buracos.

Depois de alguns minutos tropeçando, uma luz esverdeada começou a brilhar à minha frente. Olhei à volta e por fim percebi que a luz vinha dos olhos de Fanindra. Ela iluminava o campo escuro para mim, proporcionando um tipo especial de visão noturna. Tudo estava claramente delineado, mas ainda assim parecia assustador, como se eu estivesse atravessando um terreno alienígena em algum estranho planeta verde.

Depois de quase uma hora de caminhada, chegamos aos limites das ruínas. Ren reduziu a marcha e farejou o ar. Uma brisa fresca soprava nos morros e abrandava o calor da noite. Ele devia ter concluído que não havia perigo, pois continuou em frente em ritmo acelerado.

Atravessamos as ruínas, abrindo caminho em direção à estátua de Ugra Narasimha. As ruínas que haviam me parecido magníficas durante o dia agora pairavam acima de mim, lançando sombras escuras. Os belos arcos e

colunas que admirara agora eram bocas negras escancaradas esperando para me devorar. A brisa suave que eu apreciara mais cedo assoviava e gemia ao serpentear pelas passagens e portas, como se antigos fantasmas anunciassem a nossa presença.

Os pelinhos na minha nuca se eriçavam enquanto eu imaginava olhos nos vigiando e demônios espreitando em corredores escuros. Quando finalmente nos aproximamos da estátua, Ren começou a investigar, farejando e procurando fissuras ocultas.

Passada uma hora de procura improdutiva, eu estava pronta para desistir, voltar para junto do Sr. Kadam e dormir um pouco.

– Estou exausta, Ren. Pena que não temos oferendas e um sino. Talvez a estátua ganhasse vida.

Ele se sentou ao meu lado e eu acariciei sua cabeça. Então ergui os olhos para a estátua e uma ideia surgiu em minha cabeça.

– Um sino – murmurei. – Será que...

Eu me levantei e corri para o Templo de Vithala, com suas colunas musicais. Adivinhando o que fazer, bati de leve em uma delas três vezes, torcendo para que nenhum guarda ouvisse, e corri de volta para a estátua. Os olhos da serpente de sete cabeças agora refletiam uma luz vermelha e uma pequena escultura de Durga havia surgido na lateral da estátua.

– É isso! O sinal de Durga! Muito bem, acertamos uma coisa. O que fazer agora? Uma oferenda? – gemi de frustração. – Não temos nada para ofertar!

A boca da estátua metade homem, metade leão se abriu e uma névoa fina e cinzenta começou a jorrar dela. Baforadas do vapor frio e fumarento desceram pelo corpo da estátua, derramaram-se até o chão e começaram a se expandir em todas as direções. Os olhos vermelhos da cobra logo eram a única coisa que eu conseguia distinguir. Mantive a mão na cabeça de Ren para me tranquilizar.

Resolvi escalar a escultura de pedra e procurar algum sinal na cabeça da estátua. Ren grunhiu, contrariado, mas eu o ignorei e comecei a subir. De

nada adiantou, pois não encontrei nada que nos fizesse avançar. Ao pular da estátua, calculei mal a distância até o chão e tropecei. Ren imediatamente se pôs ao meu lado. Nada me aconteceu, a não ser ter uma unha quebrada, mas me ver envolta naquela neblina era apavorante.

Nesse exato momento, enquanto olhava minha unha, lembrei-me da história que o Sr. Kadam contara sobre Ugra Narasimha.

– Ren, talvez, se repetirmos as ações de Ugra Narasimha, a estátua nos conduza ao próximo passo. Vamos tentar reencenar a famosa tarefa de Ugra Narasimha.

Ele roçou em minha mão na escuridão.

– Muito bem, são cinco partes. A primeira coisa de que precisamos é de um ser metade homem e metade animal, portanto este é você. Fique aqui perto de mim. Você pode ser Ugra Narasimha e eu serei o rei demônio. Em seguida, precisamos ficar em um lugar que não é nem dentro nem fora, então vamos procurar algum degrau ou portal.

Tateei em torno da estátua.

– Acho que havia um pequeno portal aqui, perto da estátua.

Estendi a mão e senti o umbral de pedra. Ambos nos colocamos sob ele.

– A terceira parte era nem dia nem noite. O crepúsculo já passou. Acho que posso tentar usar a lanterna. – Acionei a lanterninha, acendendo-a e apagando-a, torcendo para que aquilo fosse suficiente. – Então havia a parte sobre as garras. Que você de fato tem. Humm, acho que você precisa me arranhar. A história diz matar, mas me arranhar pode ser suficiente.

Então me encolhi.

– Talvez você precise tirar um pouco de sangue de mim.

Ouvi seu peito roncar, protestando.

– Está tudo bem. Só um arranhãozinho. Nada de mais.

Ele grunhiu baixinho novamente, ergueu a pata e a colocou com delicadeza em meu braço. Eu o vira caçar a certa distância e também vira suas garras durante a luta com Kishan. Quando a lanterna iluminou suas

garras estendidas, não pude deixar de sentir medo. Fechei os olhos e ouvi um grunhido suave quando ele se moveu, mas não senti nada.

Corri o feixe da lanterna por toda a extensão das minhas pernas e não vi sangue nenhum. Eu sabia que ele havia feito alguma coisa, pois ouvira suas garras rasgando a carne. Imediatamente desconfiei de uma coisa e virei a lanterna para o seu corpo branco, procurando ver onde ele se machucara.

– Ren! Deixe-me ver. Foi sério?

Ele ergueu a perna e vi rasgões onde as garras haviam atravessado o pelo até a carne. O sangue gotejava no chão.

Eu estava zangada.

– Sei que você pode sarar rápido, mas tinha que se cortar tão fundo, Ren? Sabe que de qualquer modo pode não funcionar se eu não sangrar. Reconheço o seu sacrifício, mas ainda quero que você me arranhe. Sou eu que estou representando o rei demônio, então me arranhe... de preferência não tão fundo assim.

Mas ele não erguia a pata. Precisei me curvar e praticamente erguer eu mesma a pesada pata. Quando finalmente a posicionei em meu braço, ele retraiu as garras.

– Ren, *por favor*, coopere – implorei. – Isso já é difícil demais.

Ele expôs as garras até a metade e arranhou de leve o meu braço, mal deixando uma marca.

– Ren! Faça logo, por favor. Agora.

Ele emitiu um grunhido baixo de desaprovação e me arranhou com mais força. As garras dessa vez deixaram vergões vermelhos na extensão do meu antebraço. Dois dos arranhões sangravam ligeiramente.

– Obrigada.

Eu me encolhi e ajustei o foco da lanterna para ver novamente seus arranhões, que a essa altura estavam quase cicatrizados. Satisfeita, passei para o último item.

– Agora, o último requisito é que o rei demônio não pode estar nem no céu nem na terra. Ugra colocou o demônio em seu colo, o que significa, eu

acho, que vou ter que... me sentar nas suas costas.

Que constrangedor. Embora Ren fosse um tigre grande, eu tinha consciência de que ele era um homem e não achava certo fazer dele um animal de carga. Tirei a mochila e a pousei no chão, pensando no que poderia fazer para deixar a situação menos embaraçosa. Reunindo coragem para me sentar em suas costas, tinha acabado de concluir que não seria assim tão ruim se eu me sentasse de lado, quando meus pés escorregaram.

Ren havia assumido a forma humana e me tomara nos braços. Eu me debati por um momento, protestando, mas ele se limitou a me lançar um olhar – do tipo que queria dizer que nem adiantava eu tentar discutir. Calei a boca. Ele se inclinou para pegar a mochila, pendurou-a nos dedos e perguntou:

– O que vem em seguida?

– Não sei. Isso foi tudo que o Sr. Kadam me contou.

Ele me ajeitou nos braços, foi se posicionar no portal novamente e examinou dali a estátua.

– Não vejo nenhuma mudança – murmurou.

Ele me segurava, protetor, enquanto olhava a estátua e, tenho que admitir, parei completamente de me importar com o que estávamos fazendo. Os arranhões em meu braço, que latejavam um instante atrás, não me incomodavam mais. Eu me deixei desfrutar da sensação de me aninhar junto ao seu peito musculoso. *Que garota não ia querer ser tomada nos braços por um homem lindo de morrer?* Permiti que meu olhar subisse até seu rosto maravilhoso. Ocorreu-me então que, se eu fosse esculpir um deus de pedra, escolheria Ren como modelo. Esse tal Ugra metade leão, metade homem não chegava nem aos pés dele.

Por fim, ele percebeu que eu o observava e disse:

– Kells? Estamos aqui quebrando uma maldição, lembra?

Limitei-me a sorrir de volta, me sentindo uma boba. Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

– Em que você estava pensando agora?

– Nada importante.

Ele sorriu.

– Então saiba que você está numa posição perfeita para que eu lhe faça cócegas e que não tem como fugir. Vamos, fale.

Caramba. O sorriso dele é luminoso mesmo no meio da névoa. Eu ri, nervosa.

– Se me fizer cócegas, vou me debater com violência, o que fará você me deixar cair e estragar o que estamos tentando fazer.

Ele se inclinou, aproximando a boca de meu ouvido, e então sussurrou:

– Parece um desafio interessante, *rajkumari*. Poderemos experimentá-lo mais tarde. E, só para registrar, Kelsey, eu não a deixaria cair.

A maneira como ele disse meu nome provocou um arrepio nos meus braços. Quando baixei os olhos para esfregá-los, percebi que a lanterna estava apagada. Tornei a acendê-la, mas a estátua continuava a mesma. Desistindo, sugeri:

– Nada está acontecendo. Talvez devêssemos esperar até o amanhecer.

Ele deu uma risada rouca enquanto seu nariz brincava com minha orelha e afirmou baixinho:

– Eu diria que alguma coisa *está* acontecendo, mas não do tipo que vá abrir o portal.

Ele seguiu uma trilha de beijos suaves e vagarosos da minha orelha ao pescoço. Suspirei e inclinei o pescoço para lhe dar melhor acesso. Com um último beijo, ele gemeu e ergueu a cabeça com relutância.

Desapontada com a interrupção, perguntei:

– O que significa *rajkumari*?

Ele riu baixinho, me colocou no chão com cuidado e disse:

– Significa princesa. Vamos procurar um lugar para dormir algumas horas. Vou correr e avisar ao Sr. Kadam que estamos planejando esperar até o amanhecer para tentar de novo.

Ele pegou minha mão e me levou a um local gramado e escondido. Assim que me acomodei, ele partiu. Dobrei a colcha sob a cabeça e tentei dormir. Insone até a sua volta, por fim me aconcheguei ao seu corpo de tigre e adormeci.

Acordei ao sentir que era deslocada, aninhada nos braços de Ren. Ele estava me carregando de volta ao portal.

– Você não precisa me carregar. Eu posso andar – murmurei, sonolenta.

Ele sorriu.

– Você estava cansada e eu não tive coragem de acordá-la. Além do mais, já estamos aqui.

Ainda estava escuro lá fora, mas, a leste, o horizonte começava a clarear. A estátua estava como a tínhamos deixado – os olhos vermelhos da serpente brilhando e a névoa vertendo de sua boca. Paramos no portal por um instante e senti algo se retorcer e se mover. Era Fanindra, que subitamente ganhou vida, cresceu até seu tamanho normal e se desenroscou do meu braço.

Ren me aproximou do chão para que ela baixasse delicadamente para a terra. Ela serpenteou na direção da estátua e encontrou uma forma de subir até o topo, onde as cabeças da cobra descansavam.

Dos degraus, nós a vimos avançar sinuosamente em torno das sete cabeças. À medida que passava, elas também ganhavam vida e se contorciam de um lado para outro. Podíamos ver as voltas do corpo sobre as quais a estátua repousava se transformarem aos poucos em carne coberta por escamas.

Fanindra refez seu caminho, deslizando na minha direção. Enrodilhando o corpo em uma espiral, ela enrijeceu e encolheu de volta ao formato do bracelete de ouro. Ren me colocou no chão e a pegou. Então a deslizou cuidadosamente pelo meu braço, sorriu para mim, traçou com os dedos os arranhões no meu braço e franziu a testa. Ele roçou um beijo de leve em minha pele e virou tigre outra vez.

Em seguida, nos aproximamos da estátua, onde o torso coleante da cobra agora se agitava e se deslocava. O corpo em espiral da cobra se levantou e lentamente ergueu a estátua cada vez mais alto no ar, até que um buraco escuro surgiu debaixo dela. A imagem do deus macaco se elevou de modo a haver espaço suficiente para que Ren e eu descêssemos pela abertura.

Espiando o buraco, vi uma série de degraus de pedra que desapareciam na escuridão do solo. A boca da estátua de repente parou de lançar a névoa e, em vez disso, começou a sugá-la de volta. A névoa se precipitou em nossa direção, subindo à boca da estátua e depois mergulhando no fosso abaixo. Engoli em seco e virei a lanterna na direção dos degraus. Passamos entre as espessas dobras da cobra, e Ren e eu descemos para o nevoeiro de sombras turvas.

Tínhamos encontrado a entrada para Kishkindha.



Provações

Descemos com cautela os degraus de pedra, totalmente dependentes da fraca iluminação da minha pequena lanterna. Quando alcançamos a base, os olhos de Fanindra começaram a brilhar, dando ao túnel uma sinistra iluminação verde-azulada.

Parei e reli em voz alta a profecia de Durga:

*Para proteção, busque seu templo
E apodere-se da bênção de Durga.
Vá para oeste e procure Kishkindha,
Onde os símios governam a terra.
Um golpe de gada no reino de Hanuman;
E procurem o galho que está confinado.
Perigos espinhentos estendem-se acima;
Perigos deslumbrantes acham-se abaixo,
Estrangulam, capturam aqueles que você ama...
E os aprisionam em correntes salobras.
Lúgubres fantasmas frustram seu caminho*

*E guardiões aguardam para barrar sua passagem.
Cuidado quando eles começarem a perseguir
Ou aceitar seu estado de deterioração.
Mas tudo isso pode ser repellido
Se serpentes encontrarem o fruto proibido
E a fome da Índia satisfizerem...
A fim de não ver todo o seu povo perecer.*

No pé da página havia as anotações do Sr. Kadam em sua costumeira e elegante letra cursiva. Também as li em voz alta:

Srta. Kelsey,

Vocês deverão enfrentar várias provações ao entrar em Kishkindha, portanto tenham cuidado. Incluí aqui também os avisos de Durga, como você os descreveu. Ela disse que você deveria se manter perto de Ren. Se, por alguma razão, vocês se separarem, enfrentarão grande perigo. Ela também disse para não confiar em seus olhos. Seus corações e suas almas lhes dirão a diferença entre fantasia e realidade. O último conselho foi: depois de obterem o fruto, o escondam bem.

Bhagyashalin!

Que tenham sorte!

Anik Kadam

– Não tenho a menor ideia de quais possam ser esses perigos – murmurei. – Tomara que os espinhentos sejam algum tipo de planta.

Começamos a andar e eu tagarelei durante todo o tempo sobre que tipo de animal poderia ter espinhos.

– Vejamos. Há os estregossauros. Humm, talvez sejam estegossauros. Bom, seja lá qual for o nome, tem aquela espécie de dinossauro. Também tem os dragões e porcos-espinhos, e não podemos esquecer os lagartos de chifres. Talvez fosse melhor tirar a *gada* da mochila, hein?

Parei e peguei a arma. A caminhada provavelmente já seria bastante difícil sem arrastar por aí o bastão, mas eu me sentia melhor tendo-o à mão.

O túnel logo se transformou em um caminho de pedras e quanto mais andávamos, mais iluminado ele ia se tornando. Os olhos de Fanindra se turvaram e sua luz se apagou. Por fim tornaram-se simples esmeraldas cintilantes outra vez. Algo estranho estava acontecendo.

Eu não sabia dizer de onde vinha a luz. Parecia filtrar-se de algum lugar acima de nós. Literalmente, estávamos seguindo uma luz no fim do túnel. Eu tinha a sensação de estar em um dos meus pesadelos, no qual não estava claro, mas também não estava escuro. E neles uma sensação maligna de tocaia atravessava meu subconsciente e uma força poderosa me perseguia, obstruía meu progresso e feria aqueles de quem eu mais gostava.

Os rolos de névoa pareciam nos seguir. Enquanto andávamos, eles se agitavam à frente para impedir nossa visão do caminho. Quando paramos, a neblina se acumulou e passou a nos circundar como pequenas nebulosas girando em nossa órbita. A névoa fria e cinzenta explorava nossa pele com dedos gélidos, como se procurasse um ponto fraco.

O corredor começou a parecer diferente. Em vez de caminhar na pedra, meus pés agora afundavam ligeiramente na terra úmida e eu ouvia o ruído que meus tênis produziam ao esmagar a grama baixa. As paredes estavam cobertas de musgo, que em seguida se transformou em hera e logo em pequenas plantas semelhantes a samambaias. Eu me perguntava como elas podiam sobreviver nesse ambiente úmido e sombrio.

As paredes se afastavam cada vez mais, até que eu não consegui mais vê-las. O teto se abriu para um céu cinzento. Não havia profundidade nele e no entanto eu não via seu fim. Era como se estivéssemos em outro planeta.

Nosso caminho se tornou descendente e tive que me concentrar no pé que eu levava à frente. Entramos em uma floresta cheia de plantas e árvores estranhas, que oscilavam nas raízes, como se o vento as empurrasse. Mas eu não sentia o menor sinal de brisa. As árvores eram tão compactas e os arbustos tão densos que ficou difícil ver o caminho, que logo desapareceu totalmente.

Ren se mantinha na frente e ia abrindo uma trilha com seu corpo. As árvores tinham galhos longos que se curvavam até o chão, como salgueiros-chorões. Seus ramos eram leves e faziam cócegas em minha pele quando eu passava. Ergui a mão para coçar meu pescoço e percebi que estava molhado.

Devo estar suando. Estranho, não me sinto cansada. Talvez tenha caído um pouco de água de um galho. Alguma coisa lambuzava minha mão. A luz esverdeada dava ao líquido uma aparência marrom. *O que é isto? Seiva da árvore? Não! É sangue!*

Arranquei uma folha delicada para olhar mais de perto. Ao examiná-la, fiquei surpresa em ver minúsculas agulhas cobrindo sua face inferior. Estendi um dedo para tocar uma delas e as agulhas cresceram, elevando-se na direção do meu dedo. Movi o dedo para a frente e para trás, e as agulhas o acompanharam, como um ímã.

– Ren, pare! Os galhos estão nos arranhando. Eles têm agulhas na parte de baixo que seguem nossos movimentos. São eles os perigos espinhentos da profecia!

Quando ele parou, os galhos finos lentamente baixaram e se enroscaram em seu pescoço e em sua cauda. Ele deu um salto e os arrancou com violência da árvore.

– Precisamos correr ou eles vão nos enredar! – gritei.

Ele redobrou os esforços para romper a vegetação densa. Corri atrás dele. A floresta parecia prosseguir eternamente, sem nenhum sinal de

espaçamento entre as árvores. Depois de mais uns 15 minutos, reduzi o ritmo, exausta. Eu não conseguia mais correr.

– Ren, não posso ir mais rápido – falei, arfando. – Continue sem mim. Ultrapasse a linha das árvores. Você pode conseguir.

Ele parou, deu meia-volta e voltou correndo para o meu lado. Os galhos começaram a serpentear e envolver com os ramos anelados seu corpo de tigre.

Ele rugiu e rolou, então atacou os galhos com as garras, o que os fez recuar por um momento. Senti um deles se enroscando em meu braço e sabia que tinha acabado para mim. Lágrimas brotaram de meus olhos e eu me ajoelhei para acariciar o rosto de Ren.

– Ren, vá – implorei. – *Por favor*, vá sem mim.

Ele se transformou e colocou a mão sobre a minha.

– Temos que ficar juntos, lembra? Não vou deixá-la, Kelsey. Eu nunca vou deixar você.

Ele me dirigiu um sorriso triste.

Engoli em seco e assenti enquanto ele removia gentilmente o galho anelado do meu braço e dava um tapa, afastando outro que se estendia para o meu pescoço.

– Venha.

Ele tirou a *gada* da minha mão e começou a batê-la nos galhos, mas eles simplesmente tentavam envolver seus dedos verdes e afiados em torno da arma, indiferentes a seu poder. Então Ren foi até um tronco e o atingiu com força.

A árvore se contraiu de imediato. Os galhos se recolheram e envolveram o tronco, protetores. Ren se pôs à minha frente e me avisou que esperasse perto da árvore ferida. Então deu alguns passos à frente e girou a *gada*.

Ele golpeava o tronco das árvores, deixando feridas abertas no caminho. Eu o seguia a certa distância enquanto ele avançava aos poucos

pela floresta. Os galhos aparentavam saber o que ele pretendia e o atacavam ferozmente, mas Ren parecia ter uma dose de energia infindável.

Eu estremecia ao ver cortes e arranhões surgirem em cada pedaço nu de sua pele. Suas costas logo ficaram laceradas, a camisa rasgada e ensanguentada. Ele parecia ter sido brutalmente chicoteado.

Por fim, chegamos aos limites da floresta traiçoeira e paramos em uma clareira. Ele me puxou para além do alcance dos galhos e deixou que seu corpo desabasse no chão. Dobrou-se, suando e arfando por causa do esforço. Tirei uma garrafa de água da mochila e lhe ofereci. Ele bebeu tudo de um gole só.

Inclinei-me para examinar seu braço ensanguentado. Seu corpo estava escorregadio, com sangue e suor. Peguei outra garrafa de água e uma camiseta velha e comecei a limpar a sujeira de seus cortes e ferimentos. Pressionei o tecido molhado e fresco em seu rosto e em suas costas. Ele começou a relaxar e respirar mais devagar à medida que eu prosseguia. Os cortes cicatrizavam rapidamente e, quando minha preocupação com Ren diminuiu, eu me dei conta de algo.

– Ren! Você está na forma humana há muito mais do que 24 minutos. Você está bem... sem contar os arranhões, é claro?

Ele esfregou a mão no peito.

– Eu me sinto... bem. Não sinto a necessidade de me transformar de volta.

– Talvez a gente já tenha quebrado a maldição!

Ele refletiu por um minuto.

– Acho que não. Tenho a impressão de que devemos ir em frente.

– Por que não testamos? Veja se você pode se transformar em tigre.

Ele assumiu a forma de tigre e voltou, e suas roupas rasgadas e ensanguentadas foram imediatamente substituídas por outras brancas e limpas.

– Talvez seja apenas a magia deste lugar que me permite ser humano.

Meu rosto deve ter mostrado meu abatimento. Ren riu e beijou meus dedos.

– Não se preocupe, Kells. Logo serei totalmente humano, mas por ora aceito esta dádiva pelo máximo de tempo que puder tê-la.

Ele piscou para mim e sorriu, e então se inclinou e me puxou para mais perto, de modo que pudesse examinar meus ferimentos. Inspecionou meus braços, as pernas e o pescoço. Passou a camiseta molhada pelos meus braços e limpou os cortes com ternura. Eu sabia que as suas feridas eram muito mais graves que as minhas, então tentei dissuadi-lo, mas ele não recuava.

– Está tudo bem – declarou ele. – Você tem um arranhão feio no pescoço, mas acho que vai cicatrizar sem nenhum problema. – Ele umedeceu a parte posterior do meu pescoço com o tecido e o pressionou ali por um instante. Então puxou a gola da minha camiseta com o dedo. – Tem *outros* lugares que queira que eu examine para você?

Afastei sua mão com um tapa.

– Não, obrigada. Esses *outros* lugares eu mesma posso examinar.

Ele riu bem-humorado, então se levantou e me ajudou a me erguer. Pôs a mochila nas costas e apoiou a *gada* no ombro. Depois de me oferecer a mão, começamos a andar.

Passamos por mais árvores de agulhas, mas estas estavam bem espaçadas e misturadas a outras árvores normais, não assassinas, e assim pudemos nos manter fora de seu alcance. Ren entrelaçou os dedos nos meus.

– Sabe, é bom andar com você sem me preocupar com quanto tempo me resta.

– É verdade – concordei, tímida.

Ren parecia feliz, apesar de nossa situação. Pensei em como devia ser difícil para ele, sabendo que tinha muito pouco tempo por dia como humano e tentando usufruir o melhor de cada momento. Para ele, aquele lugar sinistro era um presente. Seu bom humor acabou me contagiando.

Eu sabia que desafios piores provavelmente nos aguardavam, mas, andando ao lado de Ren, eu não me importava. Assim, me permiti desfrutar o meu tempo com ele.

Reencontramos uma trilha de terra batida e começamos a segui-la. O caminho levava na direção de algumas colinas e de um grande túnel que, deduzimos, as atravessava. Não havia nenhum outro caminho a tomar, portanto entramos ali devagar, de olhos atentos ao que nos cercava. Tochas acesas se alinhavam nas paredes de pedra e muitos outros túneis partiam do principal. Dei um pulo quando vi alguma coisa se mexer em uma passagem lateral.

– Ren! Eu vi alguma coisa ali.

– Também vi algo.

Parecia que estávamos em uma grande colmeia de túneis e figuras apareciam continuamente em nossa visão periférica. Pressionei meu corpo de encontro ao de Ren e ele passou o braço pelos meus ombros.

Ouvi uma voz, uma voz feminina, dizer baixinho, chorando:

– Ren? Ren? Ren? Ren?

O chamado ecoava de túnel em túnel.

– Estou aqui, Kells! Kells! Kells!

Ren me olhou, apreensivo, e apertou meu ombro. Aquelas eram as nossas vozes. Ele me soltou e puxou a *gada*, deixando-a preparada diante dele. Avançando com cautela, ele observava atentamente os outros túneis.

Ouvi gritos e passos correndo, tigres rosnando e berros lancinantes. Parei de andar por um instante e fiquei diante de um dos túneis.

– Kelsey! Me ajude!

Ren apareceu no túnel lateral. Lutava contra um grupo de macacos que o arranhavam e mordiam. Ele se transformou em tigre, cravou os dentes neles e os esfaqueou. Era horripilante!

Dei um passo para trás, sentindo medo. Então me imobilizei e me lembrei do aviso de Durga sobre ficarmos juntos. Dei meia-volta e vi dois outros túneis que não estavam ali antes. Dois Rens avançavam segurando a

gada à frente do corpo, um em cada túnel. Qual era o túnel principal? Qual era o verdadeiro Ren?

Ouvi passos correndo atrás de mim e rapidamente escolhi o da direita. Corri para alcançá-lo, mas parecia que quanto mais perto eu chegava, mais distante ele ficava. Eu sabia que havia escolhido o caminho errado e o chamei:

– Ren!

Ele não se virou para mim. Parei e olhei em dois outros túneis, procurando um sinal dele. Vi Kishan e Ren lutando como tigres em um túnel. Em outro, o Sr. Kadam travava uma luta de espada com um homem que parecia o mesmo do meu pesadelo.

Corri de túnel em túnel. Várias passagens mostravam cenas da minha vida. Minha avó me acenando para que eu a ajudasse a plantar flores. Uma professora da escola me fazendo perguntas. Havia até uma com meus pais. Eles me chamavam. Arquejei e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Não, não, não! – gritei. – Isso não pode estar acontecendo! Onde está Ren?

– Kelsey? Kelsey! Cadê você?

– Ren! Estou aqui!

Ouvi minha voz, mas eu não dissera nada.

Olhei em outro túnel e vi Ren correndo para... mim. Só que não era eu. Ren chegou perto da coisa que parecia eu e fez um carinho em seu rosto.

– Kelsey, você está bem?

Eu a ouvi responder:

– Sim, estou bem.

E virou a cabeça, olhando para mim quando Ren beijou seu rosto. A imagem se metamorfoseou e, com um ruído agudo e estrondoso, o rosto se dissolveu na morte e sorriu insidiosamente. Estremeci de repulsa enquanto olhava para um cadáver sorridente, pulsando com larvas de varejeira.

Aproximei-me da entrada do túnel e gritei para que Ren parasse, mas ele não podia me ouvir. Havia uma espécie de barreira bloqueando meu

caminho para que eu não pudesse entrar. O cadáver deu uma risadinha e me acenou com a mão. A imagem tornou-se obscura e eu não pude mais distingui-la.

Enfurecida, esmurrei a barreira, mas isso não surtiu efeito. Depois de alguns momentos, a barreira desapareceu e eu me vi olhando para um longo e negro corredor iluminado por tochas, exatamente como as dezenas de outros por que eu passara.

Desisti e segui adiante. Passei por um Ren agachado no chão, desesperado. Ele soluçava e lamentava suas perdas. Falava de todos os erros que cometera e de quanto estivera equivocado em relação a tudo. Implorava perdão, mas não conseguia encontrar a absolvição. As coisas que ele dizia ter feito eram terríveis, inexprimíveis. Coisas que eu sabia que Ren jamais fizera e não podia sequer imaginar fazer.

Eu estava indignada. Aquilo já era demais! Era tão terrível ver alguém de quem você gostava totalmente destruído que fiquei furiosa. Alguém ou alguma coisa estava brincando conosco e eu odiava isso. O pior era saber que as mesmas coisas estavam acontecendo com Ren em algum lugar naqueles túneis. Quem saberia como estavam me representando?

Segui para outro túnel e vi um Ren ereto e altivo de costas para mim.

Chamei, com cautela:

– Ren? É você mesmo?

Ele deu meia-volta e exibiu seu lindo sorriso, e então estendeu os braços para mim e acenou para que eu me aproximasse.

– Kelsey! Finalmente! Por que você demorou tanto? Onde estava?

Com grande alívio, eu o envolvi com os braços quando ele me puxou para mais perto. Ele me abraçou e esfregou minhas costas.

Intrigada, perguntei:

– Ren? Onde estão a mochila e a *gada*?

Eu me afastei e olhei seu lindo rosto.

– Não precisamos mais delas – disse ele. – Agora fique aqui quietinha comigo um minuto.

Recuei rapidamente, distanciando-me dele alguns passos.

– Você não é Ren.

Ele riu.

– Claro que sou eu, Kelsey. O que preciso fazer para provar a você?

– Não. Alguma coisa está errada. Você não é ele!

Saí correndo do túnel e continuei até meus pulmões estarem prestes a explodir. Mas não cheguei a lugar nenhum. Simplesmente passei por um túnel após outro. Fui perdendo a velocidade até parar e, arquejando, tentava pensar no que deveria fazer. Ren tinha a *gada* e a mochila. Ele nunca as descartaria. Assim, ainda estava com elas em algum lugar, e eu nada tinha. Não, isso não era verdade. Eu tinha, sim, uma coisa! Puxei o papel do bolso da calça e reli os avisos.

Se, por alguma razão, vocês se separarem, enfrentarão grande perigo. Ela também disse para não confiar em seus olhos. Seus corações e suas almas lhes dirão a diferença entre fantasia e realidade.

Não confiar em meus olhos? Isso já era óbvio àquela altura. Então meu coração me ajudará a ver a diferença. Muito bem, vamos seguir meu coração. Mas como?

Decidi continuar andando e manter a mente aberta. A cada túnel, eu parava para observar por um minuto e então fechava os olhos e tentava sentir se estava tudo bem. Em geral, o que ou quem estivesse ali redobrava seus esforços. Eles falavam e adulavam, tentando me fazer ir atrás deles. Prossegui dessa forma, atravessando vários túneis, e nenhum dos lugares onde parei parecia o certo.

Cheguei a outra passagem e me detive para examinar a cena. Eu me vi morta e caída no chão com Ren ajoelhado ao meu lado. Ele se debruçava sobre o meu corpo inerte, examinando. Eu o ouvi sussurrar:

– Kelsey? É você? Kelsey, por favor. Fale comigo. Preciso saber se é mesmo você.

Ele pegou meu corpo e o embalou amorosamente nos braços. Vi que ele tinha a *gada* e a mochila. Mas eu já fora enganada antes. Então ele disse:

– Não me deixe, Kells.

Fechei os olhos e ouvi sua voz implorando para que eu vivesse. Meu coração começou a martelar violentamente, uma reação diferente da que eu tivera nas visões anteriores. Dei um passo à frente e bati em outra barreira.

– Ren? Estou aqui. Não desista – falei baixinho.

Ele ergueu a cabeça, como se tivesse me ouvido.

– Kelsey? Eu estou ouvindo você, mas não posso vê-la. Onde você está?

Ren deitou o corpo do meu clone no chão e aquilo desapareceu.

– Feche os olhos e sinta seu caminho até mim – eu lhe disse.

Ele se ergueu lentamente e fechou os olhos.

Também fechei os meus e tentei me concentrar não em sua voz, mas em seu coração. Imaginei minha mão em seu peito, sentindo os batimentos fortes. Meu corpo parecia se mover por vontade própria e eu dei vários passos à frente. Estava concentrada em Ren, em sua risada, seu sorriso, como eu me sentia perto dele, e então, de repente, minha mão tocou seu peito e eu pude sentir seu coração batendo. Ele estava ali. Abri meus olhos devagar e olhei para ele.

Ren estendeu a mão e tocou meu cabelo, mas então recuou. – É você mesma desta vez, Kells?

– Bom, eu não sou um cadáver cheio de larvas de varejeira, se é o que você quer dizer.

Ele sorriu.

– Que alívio. Nenhum cadáver cheio de larvas de varejeira seria tão sarcástico.

– Bem, e como eu sei que é você de verdade? – indaguei.

Ele considerou minha pergunta por um momento e então baixou a cabeça para me beijar. Puxou-me de encontro ao seu peito, me segurando mais perto dele do que eu pensei ser possível, e seus lábios tocaram os meus.

Seu beijo começou terno e suave, mas rapidamente tornou-se ávido. Suas mãos percorreram meus braços, meus ombros, e então seguraram meu pescoço. Envolvi sua cintura com os braços e me delicieei com o beijo. Quando ele se afastou, meu coração martelava em resposta.

Assim que me vi capaz de falar novamente, disse:

– Mesmo que não seja você de verdade, eu fico com esta versão.

Ele riu e o alívio tomou conta de ambos.

– Kells, acho melhor você segurar minha mão pelo resto do caminho.

Sorri feliz para ele.

– Sem problema.

Exultante por ter meu Ren de volta, pude ignorar os chamados e lamentos suplicantes que vinham das passagens laterais.

Uma luz apareceu na extremidade oposta do túnel e seguimos para lá. Ren segurou minha mão com força até emergirmos da abertura e nos vermos bem longe dela. Ele parou perto de um riacho serpenteante que fazia uma curva por trás de algumas árvores.

Parecia meio-dia ali, qualquer que fosse aquele lugar, então decidimos fazer uma pausa e comer.

Mordiscando uma barra de cereais, Ren disse:

– Prefiro evitar as árvores e ficar perto do leito do rio. Tenho esperanças de que, se o seguirmos um pouco mais, ele nos levará a Kishkindha.

Assenti com a cabeça e me perguntei o que mais estaria à nossa espera depois da próxima curva.

Sentindo-nos revigorados após o breve descanso, avançamos seguindo o riacho. A água corria na mesma direção que nós, o que, segundo Ren, significava que estávamos andando rio abaixo. A margem era cheia de pedras lisas do rio.

Pegando uma pedra cinza, comecei a atirá-la para cima e para baixo enquanto andava e me perdi em pensamentos. Até sentir que o peso e a textura da pedra mudaram. Abri a mão e vi que ela havia se transformado

em uma esmeralda lisa e reluzente. Parei e olhei para as pedras sob meus pés. Ainda eram cinzentas e foscas, mas, quando desapareciam sob a água, eu via joias tremeluzindo em seu lugar.

– Ren! Olhe ali. Debaixo d’água. – Apontei para as pedras preciosas que cintilavam ali embaixo. Quanto mais rio adentro eu olhava, maiores eram as pedras. – Está vendo ali? Um rubi do tamanho de um ovo de avestruz!

Assim que me inclinei para tirar um grande diamante da água, senti Ren me envolver com os braços e me puxar para trás.

Ele sussurrou junto ao meu rosto, apontando para o rio:

– Olhe adiante. Ali, com o canto do olho. O que você vê?

– Não estou vendo nada.

– Use sua visão periférica.

Bem perto do diamante, uma imagem tremeluzia levemente sob a água. Parecia um macaco branco, sem pelos. Seus braços longos estavam estendidos na minha direção.

– Ele estava tentando pegar você.

Atirei a esmeralda no riacho. A água redemoinhou e sibilou onde ela caiu, depois acalmou-se novamente, ficando tão lisa quanto seda. Quando eu olhava diretamente para as pedras preciosas, elas eram tudo o que eu via, mas pelo canto do olho podia distinguir macacos-d’água por toda parte, boiando logo abaixo da superfície. Aparentemente eles usavam a cauda para ancorar seus corpos em raízes de árvores e plantas subaquáticas, como fazem os cavalos-marinhos.

– Estou achando que são *kappa* – disse Ren.

– O que são *kappa*?

– Demônios da Ásia dos quais minha mãe costumava me falar. Eles ficam na água, à espreita de crianças, para pegá-las e sugar-lhes o sangue.

– Macacos-cavalos-marinhos-vampiros? Você está falando sério?

Ele deu de ombros.

– Parece que são reais. Minha mãe falava sobre eles quando eu era pequeno. Contava que as crianças na China aprendiam a demonstrar respeito pelos mais velhos curvando-se. Diziam-lhes que, se não se curvassem, os *kappa* iriam pegá-las. Sabe, os *kappa* têm uma depressão no alto da cabeça que fica cheia de água. Precisam ter água nessa concavidade para sobreviver. A única maneira de se salvar se um deles o perseguir é se curvando.

– Como o ato de se curvar pode salvar alguém?

– Se você se curvar para um *kappa*, ele terá que repetir o gesto. Ao fazê-lo, a água no topo da cabeça derrama, deixando-o indefeso.

– Bem, se eles podem sair da água, por que não nos atacaram?

– Em geral atacam apenas crianças, ou pelo menos foi o que me disseram – refletiu ele. – Minha mãe contou que a avó dela costumava entalhar o nome das crianças em frutas ou pepinos e então os atirava na água antes de banhá-las no rio. Os *kappa* comiam os frutos e ficavam satisfeitos, assim não machucavam as crianças no banho.

– Sua mãe seguia essa tradição?

– Não. Éramos da realeza e tínhamos o banho preparado para nós. Além do mais, minha mãe não acreditava nessa história. Ela só nos contava para que compreendêssemos a essência, que era a de que todas as pessoas e coisas precisam ser tratadas com respeito.

– Gostaria de saber mais sobre sua mãe. Parece ter sido uma mulher muito interessante.

– E era – replicou ele baixinho. – Eu também gostaria que ela tivesse conhecido você. – Ele examinou a água e mostrou o demônio à espreita. – Aquele ali estava tentando pegar você, embora supostamente só ataquem crianças. Estes devem ter sido designados para proteger as pedras preciosas. Se você houvesse apanhado uma delas, eles a teriam puxado para debaixo d'água.

– Por que me puxar para debaixo d'água? Por que simplesmente não saltar sobre mim?

– Os *kappa* em geral afogam suas vítimas antes de tirar seu sangue. Eles se mantêm na água o máximo possível para se protegerem.

Recuei, deixando Ren entre mim e o rio.

– Então devemos voltar para as árvores ou ficar perto do leito do rio?

Ele correu a mão pelos cabelos e tornou a colocar a *gada* no ombro, mantendo-a pronta para o ataque.

– Que tal seguirmos pelo meio? Os *kappa* parecem satisfeitos em ficar na água por enquanto, mas vamos tentar evitar os galhos das árvores também.

Caminhamos por mais algumas horas. Conseguimos contornar tanto os *kappa* quanto as árvores, embora as últimas tenham feito o possível para nos alcançar e nos agarrar. O riacho descrevia uma longa curva que nos levou um pouco perto demais das árvores para que nos sentíssemos tranquilos, mas Ren manteve a *gada* preparada e alguns golpes em troncos próximos cuidaram de uns galhos insistentes.

Por fim, deparamos com uma árvore enorme bem no nosso caminho. Seus ramos longos e serpenteantes estendiam-se impossivelmente em nossa direção, as agulhas projetadas para a frente. Ren se abaixou e, com uma extraordinária explosão de velocidade, disparou adiante e saltou na direção do tronco. O abraço folhoso da árvore o engoliu imediatamente.

Ouvi uma grande pancada, e a árvore estremeceu e o libertou. Ele emergiu todo arranhado, mas veio até mim com um sorriso no rosto. Sua expressão logo mudou para um olhar de preocupação, porém, ao me ver boquiaberta, olhando acima de sua cabeça. A árvore estivera bloqueando nossa visão e, agora que ela havia se dobrado sobre si mesma, eu podia ver adiante o reino fantasmagoricamente cinzento de Kishkindha.



Kishkindha

Saímos do alcance da gigantesca árvore de agulhas e olhamos a cidade. Na verdade, era mais do tamanho de um castelo medieval do que de uma cidade. O rio corria até seus muros de pedra cinza clara e se bifurcava, circundando-a como um fosso.

– Estamos ficando sem luz, Kelsey. E foi um dia duro. Por que não acampamos aqui, dormimos um pouco e entramos na cidade amanhã?

– Parece bom para mim. Estou exausta.

Ren foi recolher madeira e voltou, murmurando:

– Até os galhos velhos e mortos arranham.

Ele atirou vários galhos no círculo de pedras que eu tinha feito e acendeu o fogo. Joguei uma garrafa de água para ele. Pegando a panelinha, ele a encheu de água e a pôs para ferver.

Ren se afastou para procurar mais lenha enquanto eu me ocupava armando o acampamento, o que foi bastante rápido, já que dessa vez não havia barraca. Tudo o que eu podia fazer era limpar a área, afastando pedras e galhos.

Quando a água estava quente, despejei um pouco na embalagem de nosso jantar e esperei que a comida desidratada se tornasse comestível. Ren

logo voltou, resmungando sobre a madeira, e se sentou ao meu lado. Entreguei-lhe um pacote da comida e ele a misturou em silêncio.

Entre garfadas da massa quente, perguntei:

– Ren, você acha que aqueles *kappa* virão atrás de nós durante a noite?

– Não. Eles ficaram na água esse tempo todo e, se a história for precisa, eles também têm medo do fogo. Vou garantir que o fogo queime a noite toda.

– Talvez devêssemos ficar de guarda. Só por segurança.

O canto de sua boca se contorceu enquanto ele dava outra garfada em sua comida.

– Está bem. Quem fica com o primeiro turno de vigília?

– Eu.

Seus olhos brilharam, divertidos.

– Ah, uma brava voluntária?

Eu o fuzilei com o olhar e dei mais uma garfada.

– Está zombando de mim?

Ele levou a mão ao coração.

– De jeito nenhum! Eu já sei que você é corajosa. Não precisa me provar isso.

Ren terminou seu jantar, agachou-se ao lado da pilha de lenha e atirou mais alguns dos estranhos galhos no fogo aceso. As chamas que lambiam a madeira começaram a queimar com um matiz esverdeado a princípio e em seguida crepitaram como fogos de artifício. A chama mudou para um tom laranja-avermelhado vivo com um toque de verde ao redor da madeira.

Pus de lado a embalagem vazia de comida e olhei para as estranhas chamas. Ren se sentou ao meu lado outra vez e pegou minha mão.

– Kells, agradeço por se oferecer para montar guarda, mas quero que descanse. Esta jornada é mais dura para você do que para mim.

– É você quem está sendo todo arranhado. Eu me limito a seguir seus passos.

– Sim, mas eu me curo rápido. Além disso, não acredito que haja motivo para preocupação. Tenho uma proposta: eu cubro o primeiro turno e, se nada acontecer, nós dois dormimos. Que tal?

Olhei para ele, carrancuda. Ele começou a brincar com meus dedos e virou minha mão para que pudesse traçar com o dedo as linhas na minha palma. A luz do fogo bruxuleava. Meus olhos seguiram até seus lábios.

– Kelsey?

Ele fez contato visual comigo e eu rapidamente desviei os olhos.

Não estava acostumada a lidar com ele assim em um acampamento. Em geral, eu tomava todas as minhas decisões e ele me seguia. Se bem que, na verdade, era eu quem o seguia na maioria dos lugares. Mas, pelo menos, como tigre ele não discutia. *Nem me distraía com devaneios de ser envolvida em seus braços e beijá-lo.*

Ele me dirigiu um sorriso incrivelmente branco e acariciou a parte interna do meu braço.

– Sua pele é tão macia.

Ele se inclinou e seu nariz brincou com a minha orelha. Meu coração batia depressa e meu cérebro parecia perder a clareza.

– Kells, diga que concorda com o meu plano.

Eu me sacudi, livrando-me da névoa que me enfeitiçava, e cerrei os dentes, teimosa.

– Está bem, você ganhou. Concordo – resmunguei. – Embora você esteja me coagindo.

Ele riu e olhou para mim.

– E como *exatamente* eu estou coagindo você?

– Em primeiro lugar, você não pode esperar que eu pense com coerência quando está me fazendo carinho. Em segundo, você sempre sabe como conseguir o que quer de mim.

– Verdade?

– Claro. Você só precisa sorrir e pedir com gentileza, tocar em mim como quem não quer nada, e então, antes que eu me dê conta, já conseguiu o que queria.

– É mesmo? – zombou ele baixinho. – Eu não tinha a menor ideia de que exercia esse efeito em você.

Estendendo a mão, ele virou meu rosto em sua direção. Traçou com os dedos uma linha do maxilar até a veia que pulsava em meu pescoço, e então ao longo de todo o meu decote. Meu sangue latejava loucamente quando ele tocou o cordão em meu pescoço e desceu, acompanhando-o, até o amuleto. Em seguida, deslizou os dedos de volta ao meu pescoço, estudando meu rosto enquanto me tocava. Engoli com dificuldade.

Ele se inclinou, aproximando-se, e ameaçou, brincando:

– Vou ter que me aproveitar mais disso no futuro.

Respirei fundo, com a pele formigando, e estremeci, o que pareceu deixá-lo ainda mais satisfeito consigo mesmo. Ele então foi percorrer o perímetro de nosso acampamento uma última vez enquanto eu abraçava os joelhos e deixava minha mente vagar.

Meu pescoço formigava onde Ren havia me tocado. Levei a mão à concavidade na base do pescoço e manuseei o amuleto. Pensei em Kishan e em quanto ele parecia terrível na superfície. Por dentro, era tão inofensivo quanto um gatinho. O irmão perigoso era Ren. Por mais inocente que o tigre de olhos azuis parecesse, era um predador irresistível. Absolutamente atraente – como uma planta carnívora. Tão atraente, tão tentador, tão mortal! Tudo o que ele fazia era sedutor e possivelmente perigoso para o meu coração.

Ele me parecia muito mais intimidador que Kishan, com seus comentários provocantes. Os dois irmãos eram lindos e charmosos. Tinham antiquados modos cavalheirescos pelos quais qualquer garota cairia. Mas suas palavras eram sinceras. Não se tratava apenas de um jogo para eles. Não era um truque para conquistar as mulheres. Eles eram sérios.

Kishan era semelhante a Ren em muitos aspectos. Nesse sentido, eu podia compreender a escolha de Yesubai, mas o que fazia Ren 100 por cento

mais perigoso para mim era o fato de eu nutrir sentimentos por ele – sentimentos fortes. Eu já amava a parte tigre dele antes de sequer saber que ele era um homem. Esse vínculo fez com que me afeiçoar ao homem fosse muito mais fácil.

No entanto, estar com o homem era bem mais complicado que estar com o tigre. Eu precisava sempre me lembrar de que eles eram os dois lados da mesma moeda. Havia muitas razões por que eu *deveria* abrir a guarda e me apaixonar completamente por Ren. Existia uma clara ligação entre nós. Eu me sentia atraída por ele, não podia negar. Tínhamos muito em comum. Eu gostava da companhia dele. Gostava de conversar com ele e de ouvir sua voz. E sentia que podia lhe dizer qualquer coisa.

Mas havia também muitas razões para que eu fosse cautelosa. Nosso relacionamento era muito complexo. Tudo acontecera depressa demais. Eu me sentia subjugada por ele. Vínhamos de culturas diferentes. Países diferentes. Séculos diferentes. Até agora, éramos até mesmo de espécies diferentes na maior parte do dia.

Acho que me apaixonar por ele seria como mergulhar em um precipício. Seria ou a melhor coisa que me aconteceria ou o erro mais idiota que eu cometeria. Faria com que minha vida valesse a pena ou com que eu me chocasse contra as pedras e me arrebesse completamente. Talvez a coisa mais sábia a fazer fosse desacelerar as coisas. Ser amigos parecia tão mais simples.

Ren voltou, pegou a embalagem vazia da minha comida e a guardou na mochila. Sentando-se diante de mim, perguntou:

– O que você está pensando?

Mantive o olhar fixo no fogo.

– Nada importante.

Ele inclinou a cabeça e me olhou por um momento. Não me pressionou, pelo que me senti grata – outra característica que eu podia acrescentar à coluna pró-relacionamento de minha lista mental.

– Vou fazer a primeira vigília – continuou ele –, embora não considere necessário. Ainda tenho meus sentidos de tigre. Poderei ouvir ou farejar os *kappa* se eles decidirem sair da água.

– Ótimo.

– Você está bem?

Eu me sacudi mentalmente. *Droga! Eu precisava de um banho frio! Ele era como uma droga, e o que se faz com as drogas? A gente se afasta o máximo possível delas.*

– Estou bem – disse bruscamente, e me levantei para vasculhar a mochila. – Avise quando seus supersentidos começarem a formigar.

– O quê?

Pus a mão no quadril.

– Você também pode saltar de edifícios altos?

– Bom, eu ainda tenho minha força de tigre, se é a isso que você se refere.

– Maravilha – resmunguei. – Vou acrescentar super-herói à sua lista de prós.

Ele franziu a testa.

– Não sou nenhum super-herói, Kells. O mais importante no momento é que você descanse um pouco. Vou ficar de olho por algumas horas. Então, se nada acontecer – ele disse com um sorriso –, eu me junto a você.

Fiquei paralisada e subitamente muito nervosa. Examinei seu rosto em busca de uma pista, mas ele parecia não ter nenhuma intenção oculta nem estar planejando qualquer coisa.

Peguei a colcha na mochila, mudei para o outro lado da fogueira de propósito e tentei ficar confortável na grama. Rolei de um lado para outro, me revirando na colcha até estar parecendo uma múmia, a fim de manter os insetos de fora. Enfiando o braço sob a cabeça, olhei para o dossel negro sem estrelas.

Ren não pareceu se importar com minha reação. Encontrou um local confortável no outro lado da fogueira e desapareceu na escuridão.

– Ren? – murmurei. – Onde você acha que estamos? Não acredito que isso acima de nós seja o céu.

– Acho que estamos em algum lugar subterrâneo – respondeu baixinho.

– É quase como se tivéssemos vindo parar em outro mundo.

Mudei de posição, tentando encontrar um trecho macio do solo. Depois de uma meia hora inquieta, me remexendo, suspirei, frustrada.

– Qual é o problema?

Antes que eu pudesse me deter, resmunguei:

– O problema é que estou acostumada a descansar a cabeça em um travesseiro quente de pelo de tigre.

– Humm – grunhiu ele –, deixe-me ver o que posso fazer.

Em pânico, eu disse com a voz aguda:

– Não se preocupe. Estou bem.

Ele ignorou meus protestos, pegou minha figura de múmia no colo e me colocou novamente no seu lado do fogo. Então me virou de lado, deixando-me de frente para o fogo, deitou-se atrás de mim e deslizou um braço sob o meu pescoço para aninhar minha cabeça.

– Assim está mais confortável para você?

– É... sim e não. Minha cabeça descansa melhor nessa posição. Mas infelizmente o restante do meu corpo não consegue relaxar.

– Por que não?

– Porque você está perto demais para que eu possa relaxar.

– Quando eu era um tigre, isso nunca a incomodou – disse ele, confuso.

– O tigre e o homem são duas coisas completamente diferentes.

Ele pôs o braço em minha cintura e me puxou para mais perto, de modo que ficamos abraçados, de conchinha. Ele parecia irritado e decepcionado quando murmurou:

– Não parece diferente para mim. É só fechar os olhos e imaginar que ainda sou um tigre.

– Não funciona assim.

Fiquei deitada, rígida, em seus braços, nervosa, principalmente quando ele começou a acariciar minha nuca com o nariz.

– Gosto do cheiro do seu cabelo – disse ele com suavidade.

Seu peito roncava encostado às minhas costas, enviando vibrações pelo meu corpo enquanto ele ronronava.

– Ren, pode não fazer isso agora?

Ele ergueu a cabeça.

– Gosta quando eu ronro. Ajuda você a dormir melhor.

– Sim, mas isso só funciona com o tigre. Aliás, como é que você consegue fazer isso como homem?

– Não sei. Eu apenas faço – respondeu, e então enterrou o rosto novamente em meu cabelo e acariciou meu braço.

– Ren, me explique como você planeja montar guarda assim.

Seus lábios roçaram meu pescoço.

– Eu posso ouvir e farejar os *kappa*, lembra?

Eu me contraí e estremeci, com nervosismo, ansiedade ou qualquer outra coisa, e ele percebeu. Parou de beijar o meu pescoço e ergueu a cabeça para espiar meu rosto à luz bruxuleante da fogueira. Sua voz soou solene e calma:

– Kelsey, espero que saiba que eu jamais a machucaria. Não precisa ter medo de mim.

Virando-me para ele, estendi a mão e toquei seu rosto. Olhando dentro dos seus olhos azuis, suspirei:

– Não tenho medo, Ren. Confiaria minha vida a você. Só que nunca estive tão perto assim de alguém.

Ele me beijou suavemente e sorriu.

– Nem eu. – Então mudou de posição, deitando-se novamente. – Agora vire-se e durma. Estou avisando que pretendo dormir com você nos braços a noite toda. Quem sabe quando vou ter essa chance de novo, se é que a terei. Portanto, tente relaxar e, pelo amor de Deus, não fique se mexendo!

Ele me puxou de volta para o calor do seu peito e eu fechei os olhos. Acabei dormindo melhor do que havia feito em semanas.

Quando acordei, estava aninhada em cima do peito de Ren. Seus braços me envolviam e nossas pernas estavam entrelaçadas. Fiquei surpresa de ter conseguido respirar a noite toda, pois meu nariz estava esmagado de encontro ao seu tórax musculoso. À noite havia esfriado, mas minha colcha nos cobria e o corpo dele, que mantinha uma temperatura mais quente que o normal, havia me mantido aquecida.

Ren ainda estava dormindo, então aproveitei a rara oportunidade para estudá-lo. Seu corpo forte estava relaxado e seu rosto, suavizado pelo sono. Os lábios eram cheios, macios e extremamente desejáveis, e, pela primeira vez, percebi como seus cílios negros eram longos. O cabelo escuro e acetinado caía suavemente sobre a testa e estava desarrumado de uma forma que o fazia parecer ainda mais irresistível.

Então este é o verdadeiro Ren. Mas não parece real. Ele se assemelha mais a um arcanjo caído na Terra. Eu estivera com Ren dia e noite pelas quatro últimas semanas, mas seu tempo como humano era uma fração tão pequena de cada dia que ele quase parecia um sonho, um Príncipe Encantado da vida real.

Segui o desenho de uma sobrancelha negra, acompanhando seu arco com o dedo, e com cuidado afastei o cabelo escuro e sedoso do rosto. Torcendo para não perturbá-lo, suspirei, mudei de posição devagar e tentei me afastar, mas seus braços se enrijeceram, me prendendo.

– Nem pense em sair daqui – murmurou ele, sonolento, e me puxou de volta para se aninhar comigo novamente.

Descansei o rosto em seu peito, sentindo seu coração bater, e me contentei em ficar ouvindo aquele ritmo.

Depois de alguns minutos, ele se esticou e virou de lado, puxando-me com ele. Então beijou minha testa, abriu os olhos e sorriu para mim. Era como ver o sol nascer. O homem bonito e adormecido já era bastante impressionante, mas, quando me dirigiu aquele sorriso luminoso e deslumbrante e abriu os olhos azul-cobalto, eu fiquei muda.

Mordi o lábio. Sinos de alarme começaram a soar em minha cabeça.

Os olhos de Ren se abriram e ele prendeu uma mecha de cabelo solto atrás da minha orelha.

– Bom dia, *rajkumari*. Dormiu bem?

– Eu... você... eu... dormi muito bem, obrigada – gaguejei.

Fechei os olhos, rolei para longe dele e me levantei. Eu podia lidar muito melhor com o Ren homem se não pensasse muito nele, nem olhasse para ele, nem falasse com ele, nem o ouvisse.

Ele me abraçou por trás e pude sentir seu sorriso quando pressionou os lábios contra a pele macia atrás da minha orelha.

– A melhor noite de sono que tive em 350 anos.

Ele roçou o nariz em meu pescoço e me veio à mente uma imagem dele me acenando para que eu saltasse em um precipício e então rindo enquanto meu corpo se despedaçava nas pedras molhadas lá embaixo.

Murmurei algo como “Que bom para você” e me desvencilhei dele. Afastei-me para me aprontar para o dia e ignorei sua expressão confusa.

Desfizemos o acampamento e seguimos na direção da cidade. Estávamos ambos muito quietos. Ele parecia remoer algo em sua mente. Quanto a mim, eu estava tentando impedir que palpitações nervosas me dominassem a cada vez que olhava em sua direção.

O que há de errado comigo? Temos uma tarefa a executar. Precisamos encontrar o Fruto Dourado e eu aqui só pensando em... namorar!

Estava irritada comigo mesma. Tinha que ficar me lembrando de que aquele era apenas Ren, o tigre, e não uma paixonite de adolescente. Ficar perto do homem esse tempo todo estava me fazendo enfrentar a realidade e a primeira coisa que eu precisava fazer era assumir o controle das minhas

emoções. Enquanto andávamos, eu ponderava sobre o problema que era o nosso relacionamento, mordendo o lábio enquanto pensava.

Ele provavelmente se apaixonaria por qualquer garota que estivesse destinada a salvá-lo. Além disso, um cara como ele jamais se sentiria atraído por alguém como eu. Ren era como o Super-Homem e eu tinha que admitir que não era nenhuma Lois Lane. Quando a maldição estiver quebrada, ele provavelmente vai querer namorar top models. E tem mais: eu sou a primeira garota por perto em mais de 300 anos – e, embora a linha do tempo seja um pouquinho diferente, ele é o primeiro homem por quem já senti alguma coisa. Se eu alimentar a ilusão de ficar com ele para sempre depois que isso estiver acabado, com certeza vou quebrar a cara.

Na verdade, eu não tinha a menor ideia do que fazer em relação a Ren. Eu nunca me apaixonara. Nunca nem mesmo tivera um namorado, e aqueles sentimentos novos eram excitantes e assustadores ao mesmo tempo. Pela primeira vez na vida, eu não tinha o controle e não sabia bem se gostava disso.

O problema era que quanto mais tempo eu passava com ele, mais eu queria ficar com ele. E eu era realista. Meus breves momentos com ele agora, embora emocionantes, não me garantiriam um final feliz. Eu sabia, por dolorosa experiência própria, que finais felizes não existem. Agora que o fim da maldição assomava no futuro próximo, eu precisava encarar os fatos.

Primeiro: assim que Ren estiver livre, ele vai querer explorar o mundo, e não sossegar. Segundo: o amor é arriscado. Se ele chegar à conclusão de que não me ama, isso me destruirá. Seria mais seguro para mim voltar para o Oregon e para minha vida solitária de antes e esquecê-lo por completo. Terceiro: talvez eu simplesmente não esteja pronta para tudo isso.

Parte de meu raciocínio era circular, mas os círculos todos levavam a uma única coisa: *não* ficar com Ren. Engoli uma onda de tristeza e cerrei os punhos com determinação. E resolvi que, para proteger meu coração, seria melhor se eu cortasse esse relacionamento pela raiz imediatamente e me poupasse da dor e do constrangimento de nosso rompimento final.

Eu me concentraria na tarefa à frente: chegar a Kishkindha. Então, quando tudo estivesse acabado, ele poderia seguir seu caminho e eu, o meu. Eu apenas faria minha parte para ajudar meu amigo e depois o deixaria ir embora e ser feliz.

Pelo que me pareceram vários quilômetros de caminhada através daquele mundo estranho e mítico, formulei um plano e comecei a enviar sinais sutis que punham um freio no romantismo. Sempre que ele pegava minha mão, eu encontrava um motivo para delicadamente nos separar. Quando ele tocava meu braço ou meu ombro, eu me afastava. Quando ele tentava me abraçar, eu me desvencilhava ou continuava andando. Eu não disse nada nem ofereci nenhuma explicação porque não conseguia pensar em uma forma de abordar o assunto.

Ren tentou me perguntar o que havia de errado, mas eu desconversei e ele desistiu. A princípio, mostrou-se confuso, depois sombrio e então começou a se fechar e ficar com raiva. Estava claro que eu o havia magoado. Não levou muito tempo para que ele parasse de tentar e eu senti um muro tão imponente quanto a Grande Muralha da China se erguer entre nós.

Chegamos a um fosso e encontramos uma ponte levadiça. Infelizmente, estava levantada. No entanto, pendia ligeiramente de um lado, como se estivesse quebrada. Ren acompanhou o leito do riacho de ambos os lados e olhou para a água.

– Tem muitos *kappa* aqui – observou. – Eu não recomendaria atravessar a nado.

– E se arrastássemos um tronco até aqui e o usássemos como ponte?

– É uma boa ideia – grunhiu ele.

Então veio até mim e me fez virar de costas.

– O que você está fazendo? – murmurei, nervosa.

– Só estou pegando a *gada*. – Então acrescentou, sarcástico: – Não se preocupe. Isso é *tudo* que vou fazer.

Ele a pegou, fechou o zíper da mochila e se dirigiu para as árvores.

Estava com raiva. Eu nunca o vira com raiva antes, exceto de Kishan. Eu não gostava disso, mas era um efeito colateral natural do plano “arrancando a semente do amor e me poupando das pedras pontiagudas lá embaixo”. Não podia ser evitado.

Lancei a Fanindra um breve olhar para ver se ela aprovava o que eu estava fazendo, mas seus olhos cintilantes nada revelaram.

Um minuto depois, soou um estrondo e uma árvore rapidamente recolheu os galhos. Outro estrondo e a árvore atravessou o dossel e tombou no chão com um ruído alto. Ele começou a golpear os galhos, arrancando-os do tronco, e fui até ele para ajudar.

– Alguma coisa que eu possa fazer?

Ele se manteve de costas para mim.

– Não. Só temos uma *gada*.

Embora eu já soubesse a resposta, perguntei:

– Ren, por que está com raiva? Tem algo aborrecendo você?

Fiz uma careta, sabendo que era eu que o aborrecia.

Ele parou e se voltou para mim. Seus olhos azuis examinaram meu rosto. Rapidamente desviei o olhar e o fixei em um galho trêmulo contraindo suas agulhas. Quando voltei a encará-lo, seu rosto era uma máscara indecifrável.

– Não tem nada me aborrecendo, Kelsey. Estou bem.

Ele se virou e continuou a arrancar os galhos da árvore. Quando terminou, me entregou a *gada*, pegou uma extremidade da pesada árvore e começou a arrastá-la na direção do riacho.

Corri atrás dele e me abaixei para pegar a outra extremidade.

Ele gritou sem nem mesmo olhar para mim:

– Não!

Quando voltamos ao riacho, ele largou o tronco e começou a procurar um bom lugar para assentá-lo. Eu estava prestes a me acomodar no tronco da árvore quando notei as agulhas. Até o tronco tinha agulhas grossas e

afiadas que se erguiam para penetrar carnes desprevenidas. Fui até a extremidade dianteira e vi o sangue de Ren em grandes gotas cobrindo as agulhas negras e reluzentes.

Quando ele voltou, exigi:

- Ren, deixe-me ver suas mãos e seu peito.
- Esqueça, Kelsey. Eu vou sarar.
- Mas, Ren...
- Não. Agora se afaste.

Ele foi até a outra extremidade do tronco e o ergueu, apoiando-o no peito. Fiquei boquiaberta. É, *ele ainda tem a força do tigre*. Estremeci ao imaginar aquelas centenas de agulhas se enterrando no seu peito e em seus braços. Os bíceps haviam se avolumado enquanto ele levava o tronco até a beira do riacho.

Uma garota tem o direito de admirar, não tem? Mesmo quem não pode comprar pode olhar a vitrine, certo?

Era como ver Hércules em ação. Respirei fundo e fiquei repetindo as palavras: “Ele não é para mim, ele não é para mim, ele não é para mim”, a fim de fortalecer minha decisão.

A extremidade do tronco bateu no muro de pedra. Ele andou ao longo da margem do riacho até encontrar o ponto que queria e então o deixou cair com um baque suave.

As agulhas haviam aberto riscos irregulares e profundos em seu peito e feito em tiras a frente de sua camisa branca. Fui até ele e estendi a mão para tocar-lhe o braço.

Ele se voltou para mim e disse:

- Agora fique aqui.

Transformando-se em tigre, pulou para o tronco, atravessou-o e então saltou para a fenda de onde a ponte levadiça pendia ligeiramente aberta. Ali, abriu caminho com as garras e desapareceu.

Ouvi um som metálico e em seguida um silvo quando a pesada ponte de pedra baixou. Ela cruzou o riacho, bateu na água com uma grande

pancada e então se acomodou em seu leito de cascalho. Atravessei rapidamente, com medo dos *kappa* que vira na água abaixo. Ren ainda estava como tigre e parecia disposto a permanecer assim.

Entrei na cidade de pedra de Kishkindha. A maior parte dos edifícios tinha dois ou três andares. A pedra acinzentada dos muros externos também era a usada nas construções. Era polida como granito e continha pedaços cintilantes de mica que refletiam a luz. Produzia um efeito lindo.

Uma estátua gigante de Hanuman erguia-se no centro, e cada canto e cada fresta da cidade encontrava-se coberto com macacos de pedra em tamanho natural. Sobre os prédios, os telhados e as sacadas viam-se estátuas de macacos. Entalhes de símios cobriam as paredes dos prédios. As estátuas representavam várias espécies diferentes de macaco e com frequência se agrupavam em número de dois ou três. Na verdade, os únicos tipos de macaco não presentes ali eram os fictícios macacos voadores de *O Mágico de Oz* e o King Kong.

Quando passei pelo chafariz central, senti uma pressão no braço. Fanindra despertara. Abaixei-me para deixá-la deslizar do meu braço para o chão. Ela ergueu a cabeça e provou o ar com a língua várias vezes. Então começou a colear pela cidade antiga. Ren e eu a seguimos enquanto ela tecia seu lento caminho.

– Você não precisa se manter como tigre só por minha causa – falei.

Ele manteve os olhos voltados para a frente, seguindo a cobra.

– Ren, é um milagre que você possa ficar na forma humana. Não faça isso consigo mesmo, por favor. Só porque está com raiva...

Ele voltou à forma humana e girou, ficando de frente para mim.

– Eu *estou* com raiva! Por que não deveria permanecer como tigre? Você parece muito mais à vontade com *ele* do que comigo!

Seus olhos azuis se turvaram com incerteza e mágoa.

– Eu me *sinto* mais à vontade com ele, mas não porque eu goste mais dele – argumentei. – É complicado demais discutir isso com você agora.

Eu me virei para o outro lado, escondendo meu rosto vermelho.

Frustrado, ele correu a mão pelos cabelos e perguntou, ansioso:

– Kelsey, por que está me evitando? É porque estou indo rápido demais? Você não está pronta para pensar em mim dessa maneira, é isso?

– Não. Não é isso. É só que – eu torcia as mãos – eu não quero cometer um erro ou me envolver em algo que vá levar um de nós ou os dois a se machucar. Também não acho que este seja o melhor lugar para falar sobre isso.

Eu olhava para seus pés enquanto dizia essas palavras. Ele ficou em silêncio por um bom tempo. Espiei seu rosto por baixo dos meus cílios e vi que me avaliava. Ele continuou a me observar pacientemente. Eu olhava para as pedras do pavimento, para Fanindra, para minhas mãos, para tudo – menos ele. Por fim, Ren desistiu.

– Ótimo.

– Ótimo?

– É, ótimo. Agora me dê a mochila. É minha vez de carregá-la um pouco.

Ele me ajudou a tirá-la das costas e então ajustou as alças para seus ombros largos. Fanindra parecia pronta para se pôr novamente em movimento e seguiu sua jornada, atravessando furtivamente a cidade de macacos.

Passamos para as sombras escuras entre os edifícios, onde o corpo dourado de Fanindra brilhava. Ela escorregou entre frestas sob portas emperradas contra as quais Ren teve que se jogar para abrir. E nos levou por uma interessante pista de obstáculos do ponto de vista de uma cobra, enfiando-se debaixo e através de coisas pelas quais era impossível Ren e eu passarmos. Ela desaparecia sob rachaduras no chão e Ren precisava farejar para encontrá-la. Muitas vezes tivemos que voltar para achá-la do outro lado de paredes e salas. Sempre a encontrávamos enrodilhada e descansando, esperando pacientemente que a alcançássemos.

Por fim, ela nos levou até um tanque retangular cheio até a borda com água verde repleta de algas. O tanque ia até a minha cintura e em cada canto

erguia-se um alto pedestal de pedra. No topo de cada pedestal havia um macaco esculpido, todos olhando a distância, um para cada ponto cardeal.

As estátuas encontravam-se agachadas, com as mãos tocando o chão. Os dentes estavam à mostra e eu podia visualizá-los sibilando, como se prestes a atacar. Suas caudas se curvavam sobre o corpo, alavancas robustas para aumentar o alcance da investida. Sob os pedestais, grupos de macacos de pedra de olhar maligno espiavam das sombras com suas caretas e olhos negros e ocos. Os braços compridos se estendiam à frente, como se prontos para agarrar e dilacerar quem passasse por ali.

Degraus de pedra levavam ao tanque de água. Subimos e olhamos lá dentro. Com alívio, vi que não havia nenhum *kappa* à espreita nas águas escuras. Na extremidade do tanque, na borda de pedra, havia uma inscrição.

– Você consegue ler? – perguntei.

– Diz *Niyuj Kapi*. “Escolha o macaco”.

– Hum.

Demos uma volta pelos quatro cantos examinando cada estátua. Uma tinha orelhas espetadas para a frente e outra tinha as orelhas grudadas à cabeça. As quatro eram de espécies diferentes de macacos.

– Ren, Hanuman era metade homem, metade macaco, certo? Que tipo de macaco era a metade macaco?

– Não sei. O Sr. Kadam saberia. Só sei dizer que estas duas estátuas não são de espécies nativas da Índia. Este aqui é um macaco-aranha, nativo da América do Sul. Este outro é um chimpanzé.

Olhei para ele, boquiaberta.

– Como você sabe tanto assim sobre macacos?

Ele cruzou os braços no peito.

– Ah, então macacos são um tema de conversa aceitável? Talvez, se eu fosse um macaco e não um tigre, você me desse uma pista do motivo por que está me evitando.

– Não estou evitando você. Só preciso de um pouco de espaço. Não tem nada a ver com sua espécie. Tem a ver com outras coisas.

- Que outras coisas?
- Nada.
- É alguma coisa.
- Podemos voltar para o tema macacos? – gritei.
- Ótimo! – ele gritou de volta.

Ficamos ali fuzilando um ao outro com o olhar por um minuto, ambos frustrados e com raiva. Ele então voltou a examinar os vários primatas e a ticar mentalmente suas características numa lista.

Antes que pudesse me conter, disparei, com sarcasmo:

– Eu não tinha a menor ideia de que estava acompanhado de um especialista em macacos, mas, é claro, você os come, certo? Então acho que essa seria a diferença entre, digamos, porco e frango, para alguém como eu.

Ren me olhou com a testa franzida.

– Eu vivi em zoológicos e circos por séculos, lembra? E eu não... como... macacos!

Cruzei os braços sobre o peito e olhei ferozmente para ele. Ele devolveu o olhar e então, batendo o pé, foi se agachar diante de outra estátua.

Irritado, ele disse:

– Aquele ali é do gênero *Macaca*, nativo da Índia, e esse peludo é um babuíno, também encontrado aqui.

– Então, qual eu escolho? Tem que ser um destes dois últimos, já que os outros dois não são daqui.

Ele me ignorou, provavelmente ainda ofendido, e estava olhando o grupo de macacos sob o pedestal quando declarei:

– Babuíno.

Ele se levantou.

– Por que ele?

– A cara dele me lembra a da estátua de Hanuman.

– Então faça uma tentativa.

– Como é?

Ele perdeu a paciência.

– Sei lá! Faça aquela coisa que você faz, com a mão.

– Não sei se funciona.

Ele gesticulou na direção do macaco.

– Ah, então esfregue a cabeça dele como uma estátua de Buda. Precisamos descobrir qual é o próximo passo.

Fechei a cara para Ren, que decididamente estava frustrado comigo, e então fui até a estátua do babuíno e, hesitante, toquei-lhe a cabeça. Nada aconteceu. Dei tapinhas em suas bochechas, esfreguei-lhe a barriga e puxei os braços, a cauda... Nada! Estava apertando os ombros dele quando senti a estátua se mover um pouquinho. Empurrei um dos ombros e o topo do pedestal deslocou-se para o lado, revelando uma caixa de pedra com uma alavanca. Estendi a mão e puxei a alavanca. A princípio, nada se moveu. Então senti que minha mão esquentava. Os símbolos desenhados nela ressurgiram nítidos e a alavanca se moveu, erguendo-se, retorcendo-se e saltando.

Um tremor sacudiu o chão e a água no tanque começou a escoar. Ren agarrou meus braços e rapidamente me puxou contra o seu peito, afastando-nos do tanque. Ele descansou as mãos na parte superior dos meus braços enquanto observávamos a pedra se deslocar.

O tanque retangular rachou e se dividiu em dois. As duas metades começaram a deslizar em direções opostas. A água se derramou, batendo na pedra e rolando para o buraco que se abriu.

Alguma coisa começou a emergir. A princípio, pensei que fosse apenas o reflexo da luz na pedra molhada e reluzente, mas a luz foi ficando cada vez mais clara até que vi um galho se projetar do buraco, coberto por folhas douradas. Mais galhos surgiram e então um tronco. Ele continuou a subir até que a árvore toda estava diante de nós. As folhas tremeluziam, irradiando uma luz amarela suave, como se milhares de luzinhas de Natal douradas estivessem enroscadas nos galhos. As folhas douradas tremiam, como se uma leve brisa as sacudisse.

A árvore tinha cerca de três metros de altura e era coberta por pequenas flores brancas que exalavam uma fragrância doce. As folhas eram longas e finas, presas a galhos delicados que levavam a outros mais grossos e mais fortes e dali ao tronco compacto e robusto. O tronco se assentava em uma grande caixa de pedra, sobreposta a uma sólida base também de pedra. Era a árvore mais bonita que eu já vira.

Ren pegou minha mão e me conduziu cautelosamente na direção da árvore. Ele estendeu a mão para tocar uma folha dourada.

– É linda! – exclamei.

Ele colheu uma flor e a cheirou.

– É uma mangueira.

Ficamos os dois admirando a árvore. Eu tinha certeza de que meu rosto mostrava tanto assombro quanto o dele.

A expressão de Ren se suavizou. Ele deu um passo em minha direção e ergueu a mão para prender a flor no meu cabelo. Eu me afastei dele, fingindo não ver, e toquei uma folha dourada.

Quando tornei a olhá-lo um momento depois, sua expressão era de pedra e a flor branca jazia esmagada no chão. Meu coração palpitou dolorosamente quando vi as lindas pétalas caídas despedaçadas e esquecidas na sujeira.

Contornamos a base da árvore, examinando-a de todos os ângulos.

– Ali! – gritou Ren. – Está vendo lá no alto? É um fruto dourado!

– Onde?

Ele apontou para o alto da árvore e, de fato, uma esfera dourada oscilava suavemente em um galho.

– Uma manga – murmurou ele. – É claro. Faz sentido.

– Por quê?

– A manga é um dos principais produtos de exportação da Índia. É essencial para o nosso país. É possível que seja o recurso natural mais importante que temos. Portanto, o Fruto Dourado da Índia é uma manga. Eu devia ter imaginado.

Ergui os olhos para os galhos altos.

– Como vamos alcançá-lo?

– Suba nos meus ombros. Precisamos fazer isso juntos.

Eu ri.

– Ren, acho melhor você inventar outro plano. Tipo saltar como vocês supertigres fazem e pegá-lo com a boca ou algo assim.

Ele sorriu para mim, malicioso.

– Não. Você – ele tocou meu nariz com o dedo – vai se sentar nos meus ombros.

– Por favor, pare de dizer isso – gemi.

– Ande logo. Eu vou dizendo a você o que fazer. É como uma brincadeira de criança.

Ele me levantou e me colocou na borda de pedra do tanque de água. Então deu meia-volta, ficando de costas para mim.

– Muito bem, suba.

Ele estendeu as mãos. Eu as segurei, hesitante, e passei uma perna sobre seu ombro, queixando-me o tempo todo. Quase recuei a perna, mas ele antecipou que eu iria amarelar e levou o braço às costas para agarrar minha outra perna e me içar antes que eu pudesse desistir.

Depois de eu gritar com ele em vão, Ren segurou minhas mãos e, equilibrando meu peso com facilidade, voltou até a árvore. Levou algum tempo procurando o lugar certo e então começou a me dar instruções.

– Está vendo aquele galho grosso bem acima da sua cabeça?

– Sim.

– Solte uma das mãos e agarre-o.

Foi o que fiz, advertindo-o:

– Não me deixe cair!

– Fique tranquila.

Segurei o galho e me agarrei a ele.

– Ótimo. Agora levante a outra mão e pegue o mesmo galho. Vou ficar segurando suas pernas, não se preocupe.

Erguendo o braço, segurei firme o galho, mas as palmas das minhas mãos estavam suadas, e, se ele não estivesse me segurando, eu certamente teria caído.

– Ei, Ren, essa foi uma ótima ideia, mas ainda estou a mais ou menos meio metro do fruto. O que faço agora?

Em resposta, ele riu e disse:

– Espere um segundo.

– Como é?

Ele arrancou os tênis dos meus pés.

– Segure-se no galho e fique de pé – instruiu.

Apavorada, gritei e apertei o galho, como se disso dependesse a minha vida. Ren me elevou ainda mais. Olhei para baixo e vi que ele apoiava meus pés nas mãos, suportando todo o peso do meu corpo apenas com os braços.

– Ren, você está maluco? – sibilei. – Sou muito pesada para você.

– É claro que não é, Kelsey – zombou ele. – Agora preste atenção. Continue segurando o galho. Quero que você passe das minhas mãos para os meus ombros, primeiro um pé, depois o outro.

Ele ergueu minha perna direita primeiro e eu senti meu calcanhar bater em seu braço. Com cuidado, movi o pé, pousando-o em seu ombro largo, e então fiz o mesmo com o outro pé. Olhei para o fruto, que agora pendia bem à minha frente, oscilando levemente.

– Pronto. Vou tentar pegá-lo agora. Fique firme.

Suas mãos haviam deslizado para as minhas panturrilhas e ele as apertava com firmeza. Eu me apoiei no galho, que agora estava na altura da minha cintura, e estiquei o braço para alcançar o fruto, preso a um caule longo e lenhoso que se projetava do topo da árvore.

Meus dedos roçaram o fruto e por um momento ele se deslocou. Quando voltou, eu o envolvi com a mão e puxei delicadamente.

Ele não se moveu. Puxei com um pouco mais de força, tomando cuidado para não danificar o fruto dourado. Supreendentemente, a textura era a de uma manga de verdade, com sua pele lisa e semelhante a couro, embora reluzisse com uma luz dourada deslumbrante. Firmei meu corpo outra vez no galho, puxei com força e consegui arrancá-lo do caule.

Imediatamente, meu corpo se congelou e tornou-se rígido, e minha mente mergulhou na escuridão. Um calor escaldante queimava meu peito e uma figura fantasmagórica vinha em minha direção. As feições enevoadas giraram e se solidificaram, tomando forma. Era o Sr. Kadam! Ele tinha a mão no peito e parecia em agonia. Quando retirou a mão, vi que o amuleto que usava brilhava, incandescente. Olhei para baixo e vi que o meu brilhava da mesma maneira. Tentei estender a mão para ele e falei, mas ele não parecia me ouvir, nem eu a ele.

Outra figura espectral girou diante de nós e foi lentamente ganhando forma. Ele também segurava um grande amuleto. De repente, alerta, olhou para o Sr. Kadam. E logo voltou sua atenção para o amuleto que o Sr. Kadam usava.

O homem vestia roupas modernas e caras. Seus olhos vivos demonstravam inteligência, confiança, determinação e algo mais, algo sombrio, algo... maligno. Ele tentou dar um passo à frente, mas uma espécie de barreira impedia que qualquer um de nós se movesse.

Sua expressão se contraiu e se contorceu em fúria, que, embora rapidamente reprimida, continuou ali, como uma fera à espreita por trás de seus olhos. Fiquei desesperada quando o homem voltou sua atenção para mim. Estava claro que ele queria alguma coisa.

Seus olhos me examinaram com atenção da cabeça aos pés e então pousaram no amuleto incandescente em meu pescoço. Uma malícia reluzente e uma satisfação repugnante perpassaram pelo seu rosto. Olhei para o Sr. Kadam, buscando ajuda, mas ele também estudava o homem meticulosamente.

Eu sentia muito medo. Gritei, chamando Ren, mas nem eu mesma podia ouvir a minha voz.

O homem tirou algo do bolso e começou a murmurar palavras para si mesmo. Tentei ler seus lábios, mas ele parecia falar em outra língua. As feições do Sr. Kadam estavam ficando transparentes. Ele se tornava espectral outra vez. Olhei para o meu braço e arquejei quando percebi que o mesmo começava a acontecer comigo. Minha mente rodopiava, tonta. Tive a sensação de que ia desmaiar. Não pude mais resistir. E fui caindo... caindo... caindo...



Fuga

Quando abri os olhos, o rosto de Ren estava diante de mim.

– Kelsey! Você está bem? Você caiu. Desmaiou? O que aconteceu?

– Não, eu não desmaiei! Pelo menos, acho que não.

Ele me segurava nos braços, me apertando junto ao peito, e eu gostava disso. Não *queria* gostar, mas gostava.

– Você me pegou?

– Eu falei que não ia deixar você cair – disse ele, em tom de sermão.

– Obrigada, super-herói – murmurei, sarcástica. – Agora me ponha no chão, por favor. Eu posso ficar de pé.

Ren me colocou no chão com cuidado e, para minha grande consternação, minhas pernas ainda bamboleavam. Ele estendeu a mão para me firmar e eu gritei:

– Eu disse que posso ficar de pé! Pode me dar um minuto, por favor?

Eu não sabia por que estava gritando com ele. Ren só queria ajudar, mas eu estava assustada. Coisas estranhas estavam acontecendo comigo, coisas sobre as quais eu não tinha o menor controle. Também me sentia constrangida e excessivamente sensível quando ele me tocava. Não conseguia pensar direito. Meu cérebro ficava enevoado, como um espelho

em um banheiro cheio de vapor. Eu precisava me afastar dele o mais rápido possível.

Sentei-me na borda de pedra do tanque de água e calcei meus tênis, esperando que a tontura logo passasse.

Ren cruzou os braços sobre o peito e estreitou os olhos, me encarando.

– Kelsey, me conte o que aconteceu, por favor.

– Não sei bem. Eu tive uma... visão, acho.

– E o que você viu?

– Eram três pessoas: o Sr. Kadam, um homem assustador e eu. Nós três usávamos amuletos, e eles brilhavam, vermelhos.

Ele baixou os braços e seu rosto ficou sério.

– Como era esse homem assustador? – perguntou baixinho.

– Ele parecia... sei lá, um chefe da máfia ou algo no gênero. O tipo de sujeito que gosta de estar no controle e matar. Tinha cabelo escuro e olhos negros e brilhantes.

– Era indiano?

– Não sei. Talvez.

Fanindra havia se enroscado aos meus pés em sua posição de joia. Eu a apanhei, deslizei-a braço acima e então olhei ao redor, desesperada.

– Ren? Onde está o fruto dourado?

– Aqui.

Ele o apanhou onde havia caído, na base da árvore.

– Precisamos escondê-lo.

Alcancei a mochila e tirei minha colcha de dentro dela. Estendi a mão e peguei o fruto com Ren, tomando cuidado para que nossas mãos não se tocassem, e então o enrolei na colcha e guardei na mochila. Acho que fui um pouco óbvia em meu desejo de evitar tocá-lo, pois Ren me olhava de cara feia quando me virei para ele.

– O que foi? Agora você não pode nem me tocar? É bom saber que eu lhe causo tanta repugnância! Que pena que você não convenceu Kishan a

vir, assim podia me evitar totalmente!

Eu o ignorei e amarrei meus cadarços, fazendo laços duplos.

Ele gesticulou na direção da cidade e sorriu, zombeteiro:

– Quando se sentir recuperada o bastante, *rajkumari*.

Eu o olhei, feroz, e empurrei seu peito.

– Talvez Kishan tivesse sido menos idiota. E, para sua informação, Sr. Sarcástico, não estou gostando muito de você agora.

Ele me encarou com os olhos estreitados.

– Bem-vinda ao clube, Kells. Podemos ir embora?

– Ótimo.

Virei-me de costas para ele, ajustei as alças da mochila e saí andando sozinha.

Ele ergueu as mãos, exasperado.

– *Ótimo!*

– ÓTIMO! – gritei de volta, e continuei andando para a cidade com ele me seguindo em silêncio, furioso.

Depois que passamos a primeira construção, o chão começou a estremecer. Paramos e nos viramos para olhar a árvore dourada. Ela estava retornando para dentro do solo e as duas metades do tanque voltavam a se unir. Havia um estranho brilho vindo de dentro das quatro estátuas de macacos.

– Hã... Kells? Acho que seria bom sairmos da cidade o mais rápido possível.

Aceleramos o ritmo e começamos a correr entre as construções. Ouvi um silvo e um grito, seguido por vários outros. As estátuas dos macacos estavam brilhando e ganhando vida. Alguma coisa se movia acima de nossas cabeças.

Pequenas figuras marrons e pretas saltavam de casa em casa nos seguindo. A cacofonia dos gritos atingiu um nível de ruído incrível.

Gritei para Ren enquanto corria:

– Perfeito! Agora estamos sendo perseguidos por hordas de macacos! Talvez você queira nomear as espécies enquanto eles nos atacam, só para eu poder apreciar as características especiais de cada macaco enquanto eles me matam!

Ele corria ao meu lado.

– Pelo menos, enquanto os macacos a atormentam, você não tem tempo de *me* atormentar!

Os macacos estavam chegando mais perto. Eu quase tropecei em um que atravessou em disparada na minha frente. Ren saltou sobre um chafariz com sua força de tigre. *Exibido*.

– Ren, estou atrasando você. Dê o fora daqui! Pegue a mochila e vá.

Ele riu com deboche enquanto corria à minha frente. Então, virou-se para me olhar enquanto corria:

– Ah! Bem que você iria gostar de se livrar de mim!

Ele correu um pouco mais à minha frente e se transformou em tigre. Então voltou em disparada a minha direção e saltou sobre o meu corpo em movimento, avançando para a aglomeração de macacos a fim de retardá-los.

Gritei para ele, ainda correndo:

– Ei! Cuidado onde pula! Quase arranca a minha cabeça!

Continuei correndo, exigindo das minhas pernas o máximo que podiam dar. Ouvia ruídos terríveis às minhas costas. A maior parte dos macacos atacava. Ren mordida, golpeava com as garras e rugia. Olhei para trás por sobre o ombro. Macacos marrons, cinza e pretos cobriam seu corpo e se agarravam ao seu pelo. Uns 10 macacos ainda me perseguiam, inclusive o imenso babuíno do tanque de água.

Dobrei uma esquina e finalmente vi a ponte levadiça. Um macaco saltou e se agarrou à minha perna, me atrasando. Tentei me livrar dele enquanto corria.

Batendo nele inutilmente, gritei:

– Ma-ca-co im-be-cil... caia fora!

Em resposta, ele mordeu meu joelho.

– Aiii!

Sacudi a perna com mais força enquanto corria e batia o pé no chão para tornar o passeio o mais desagradável possível para o pequeno carona. Nesse momento, a metade superior do corpo de Fanindra se animou. Ela sibilou e cuspiu no macaco, que gritou e imediatamente soltou minha perna.

– Obrigada, Fanindra.

Afaguei-lhe a cabeça enquanto ela se acomodava outra vez em meu braço.

Alcancei o portão, cruzei a ponte e parei do outro lado. Ren vinha saltando em minha direção, tentando se livrar dos macacos em suas costas. Vários deles vieram enfurecidos para cima de mim. Eu os chutei violentamente, tirei rápido a mochila dos ombros e peguei a *gada*.

Comecei a brandi-la como um bastão de beisebol. Acertei um macaco com um ruído nauseante, e ele gemeu e fugiu em disparada de volta para a cidade. O problema era que eu só conseguia acertar um deles em média na terceira tentativa. Um saltou nas minhas costas e começou a puxar meus cabelos. Outro se agarrou à minha perna. Continuei a brandir a *gada* para a frente e para trás, e por fim consegui me livrar de quase todos.

Ren atravessou a ponte levadiça com cerca de 15 macacos agarrados ao seu pelo. Ele saltava, pulava de encontro às árvores, batendo o corpo nos troncos, primeiro de um lado, depois do outro. Então, com um salto, esfregou o corpo em um galho e arrancou os macacos restantes.

As árvores de agulhas ganharam vida, disparando ramos com folhas para enredar os malignos símios pelas pernas e caudas, e então os puxaram aos gritos para os galhos. Eles eram leves demais para lutar e logo desapareciam nas copas.

Enquanto isso, eu brandia a *gada* contra o babuíno cinza, mas ele corria à minha volta para evitar os golpes. Era rápido demais para mim e guinchava sem parar. Agitava os braços compridos e me acertava a cada oportunidade. Era forte o bastante para que seus golpes doessem. Eu tinha a sensação de que estava sendo amaciada, como um pedaço de carne. Um

macaquinho minúsculo se sentou no meu ombro e puxou minhas tranças com tanta força que conseguiu me arrancar lágrimas.

Livre dos macacos, Ren correu ao meu encontro na forma humana, soltou os dedos do macaquinho das minhas tranças, arrancou-o do meu ombro e o atirou pelos portões da cidade. O macaquinho bateu com força no chão, rolou e então se levantou, silvou para nós e desapareceu. Ren pegou a *gada* da minha mão e a ergueu contra o babuíno, que deve ter adivinhado que a mira de Ren era melhor do que a minha, pois soltou um berro e também correu de volta para a cidade.

Desabei sentada no chão, arfando. A cidade de repente ficou sinistramente quieta. Não se ouvia nem um único silvo ou grito de macaco.

Ren se virou para me olhar.

– Você está bem?

Agitei a mão na direção dele, dispensando sua preocupação. Ele se abaixou, tocou o meu rosto, olhou-me de cima a baixo e então sorriu, irônico.

– O pequenininho era um sagui-leãozinho. Só para o caso de você querer saber.

– Obrigada, Enciclopédia Ambulante dos Macacos – rebati, ofegante.

Ele riu, pegou garrafas de água para nós dois e me entregou uma barra de cereais.

– Você não vai comer uma? – perguntei.

Ele pôs a mão no peito e zombou.

– Eu? Comer uma barra de cereais quando a selva está aí cheia de macacos apetitosos? Não, obrigado. Não estou com fome.

Mordisquei minha barra em silêncio e verifiquei o Fruto Dourado para ter certeza de que não se machucara. Ainda estava lá, embrulhado em segurança em minha colcha.

Depois de uma rápida refeição e um pouco de descanso, começamos a jornada de volta pelo caminho de cascalho entre as árvores e o riacho. Ren batia nas árvores com força extra ao passarmos. Comecei a me sentir

culpada pela maneira como o vinha tratando. Eu observava seus ombros rígidos enquanto ele andava, furioso, na minha frente.

Eu sentia falta de sua amizade. Sem falar das outras coisas.

Estava prestes a lhe pedir desculpas quando percebi que os *kappa* estavam tirando a cabeça da água e nos observando.

– Olhe, Ren. Temos companhia.

Olhar para eles só pareceu lhes dar novo ímpeto para agir. Ergueram ainda mais a cabeça e acompanharam nosso progresso com olhos muito pretos. Eu não conseguia deixar de olhar para eles. Eram horríveis! Exalavam um cheiro de pântano fétido e, quando piscavam, as pálpebras deslizavam de lado, como as de um crocodilo.

Sua carne era pálida, quase diáfana, e suas veias negras pulsantes podiam ser vistas sob a pele pegajosa. Apressei o passo. Ren colocou-se entre mim e o riacho, erguendo a *gada* como um aviso.

– Tente se curvar para eles – sugeri.

Ambos começamos a baixar a cabeça e nos curvar enquanto andávamos, mas eles nos ignoraram e ergueram-se ainda mais na água. Agora estavam de pé e se moviam adiante, lenta e mecanicamente, como se tivessem acabado de acordar de um sono profundo. A água chegava à altura de seu peito, mas eles estavam se aproximando. Eu me virei e fiz uma profunda reverência, mas ainda assim não funcionou.

– Continue, Kelsey. Vá mais rápido!

Começamos a correr. Eu sabia que não aguentaria manter aquele ritmo por muito tempo, mesmo com Ren carregando a mochila. Mais *kappa* surgiram da água, vários metros à nossa frente. Eles tinham braços compridos e mãos membranosas. Um deles sorriu para mim e eu vi dentes pontudos e afiados. Um tremor percorreu as minhas costas e eu corri um pouco mais rápido.

Agora eu podia ver as pernas das criaturas. Fiquei surpresa que tivessem pernas como as humanas. Por suas costas desciam cristas semelhantes a uma espinha de peixe. Suas pernas musculosas e poderosas

estavam cobertas de restos de plantas aquáticas, e suas longas caudas se enroscavam como a de um macaco, mas terminavam em uma nadadeira caudal transparente. Os *kappa* se balançavam para a frente e para trás, ameaçadores, puxando os pés da imundície com um ruidoso som de sucção enquanto abriam caminho para a margem do rio.

Tinham o cuidado de manter a cabeça equilibrada, o que fazia com que seus corpos parecessem desarticulados. A cabeça ficava em um lugar enquanto o torso se balançava e oscilava, à semelhança de um zumbi. Eles tinham uns 30 centímetros a menos que eu e se moviam rapidamente, ganhando velocidade enquanto avançavam, desajeitados, com os pés membranosos. Era sinistro ver seus corpos acelerarem enquanto as cabeças permaneciam quase imóveis.

– Mais rápido, Kelsey. Corra mais!

– Não consigo ir mais rápido, Ren!

Uma horda de vampiros *kappa* brancos nos perseguia, diminuindo a distância rapidamente.

– Não pare, Kelsey – gritou Ren. – Vou tentar atrasá-los!

Continuei correndo por uma boa distância, então voltei-me para ver como Ren estava se saindo. Ele havia parado de tentar se curvar para eles, que se detinham para avaliar sua atitude, mas, ao contrário da história da mãe de Ren, não se curvavam de volta. Guelras nas laterais do pescoço se abriam e fechavam, e eles abriram a boca, exibindo os dentes. Gotas negras e viscosas escorriam de suas bocas quando um gorgolejo se transformava em grito penetrante. Então dispararam na direção de Ren, atacando sua presa.

Ren lançou a *gada* com força contra o mais próximo, enterrando-a fundo no peito da criatura. O monstro lançou um líquido escuro e imundo pela boca e caiu na margem do riacho. Os outros nem sequer notaram o companheiro caído. Eles apenas se lançaram sobre Ren, que, depois de acertar vários outros, deu meia-volta e correu em minha direção, acenando.

– Continue correndo, Kelsey! Não pare!

Conseguimos nos manter à frente deles, mas eu estava esgotada. Paramos por um breve instante para recuperar o fôlego.

– Eles vão nos pegar – falei, arfando e tentando sorver o ar. – Não posso continuar correndo. Minhas pernas estão perdendo as forças.

Ren também arfava.

– Eu sei. Mas temos que continuar tentando. – Tomando um grande gole de água, ele me entregou a garrafa com o restante e agarrou a minha mão, me levando para as árvores. – Venha. Siga-me. Tenho uma ideia.

– Ren, as árvores de agulhas são terríveis. Se voltarmos lá, vamos ter duas coisas tentando nos matar, e não apenas uma.

– Confie em mim, Kells. Venha comigo.

Quando entramos no meio das árvores de agulhas, os galhos imediatamente começaram a reagir a nós. Ren me puxava com ele enquanto corríamos. Para falar a verdade, não achei que pudesse prosseguir, mas de alguma forma consegui. Eu podia sentir os espinhos fustigando minhas costas.

Depois de vários minutos correndo, Ren parou, me pediu que ficasse imóvel e atacou as árvores à minha volta com a *gada*.

Então se inclinou, ofegante.

– Sente-se. Descanse um pouco. Vou tentar fazer os *kappa* me seguirem para as árvores. Espero que funcione com eles como funcionou com os macacos.

Ren se transformou em tigre, deixou-me com a *gada* e a mochila e depois disparou para os galhos ondulantes. Fiquei de ouvidos atentos e escutei as árvores se movendo, tentando prendê-lo ao passar. Então tudo ficou mortalmente silencioso. O único som era o da minha respiração irregular. Sentei-me no chão coberto de musgo o mais distante possível das árvores e esperei.

Mesmo aguçando os ouvidos, eu nada ouvia, nem mesmo pássaros. Por fim, me deitei e descansei a cabeça na mochila. Meu corpo e meus músculos doloridos latejavam, e os arranhões nas costas ardiam. Devo ter cochilado,

porque um barulho me despertou com um susto. Ouvi um ruído estranho de algo se arrastando perto da minha cabeça. Uma forma branco-acinzentada saltou do meio das árvores em minha direção e, antes que eu pudesse me levantar, agarrou meus braços e me puxou para a posição sentada. Então se inclinou sobre mim e babou uma saliva preta em meu rosto.

Eu me debatia, batendo em seu peito, mas a criatura era mais poderosa do que eu. Seu torso era coberto por cortes que vertiam gotas escuras; as árvores haviam arrancado pedaços de sua carne. Olhos bizarros piscaram várias vezes à medida que ela me puxava para mais perto, mostrava os dentes e enterrava-os em meu pescoço.

Ela grunhia e sugava meu pescoço, e eu chutava com força, tentando escapar. Eu gritava e me debatia, mas minha energia rapidamente se esgotou. Após um momento, eu já não podia senti-la. Era quase como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Ainda ouvia o monstro, mas uma estranha letargia tomou conta de mim. Minha visão se enevoou e minha mente vagueou até eu sentir uma paz onírica.

De repente, ouvi um estrondo, seguido por um rugido feroz. Então vi um anjo guerreiro se erguer acima de mim. Era magnífico! Senti um leve puxão no pescoço e em seguida um peso foi retirado do meu corpo. Ouvi o ruído de algo batendo na água e o homem bonito se ajoelhou ao meu lado. Embora ele parecesse falar comigo com urgência, eu não conseguia entender suas palavras. Tentei responder, mas minha língua não me obedecia.

Delicadamente, ele afastou o cabelo do meu rosto e tocou meu pescoço com dedos frios. Seus olhos maravilhosos se encheram de lágrimas e uma gota cintilante de diamante caiu em meus lábios. Senti a lágrima salgada e fechei os olhos. Quando os abri, ele sorriu. O calor daquele sorriso me envolveu e agasalhou em um manto de ternura tranquilizante. O guerreiro me pegou com cuidado no colo e eu dormi.

Quando recuperei a consciência, estava escuro e eu me encontrava deitada diante de uma fogueira colorida de verde e laranja. Ren estava sentado ao

lado, os olhos fixos nela, parecendo arrasado, exausto e desamparado. Deve ter percebido que eu me mexia, pois veio imediatamente até mim e ergueu minha cabeça com delicadeza para me dar água. Minha garganta de repente queimou, como se eu tivesse engolido a fogueira. O calor foi penetrando meu corpo até explodir em meu âmago. Eu estava pegando fogo de dentro para fora e gemi com a dor terrível.

Ren pousou minha cabeça com delicadeza e pegou minha mão para acariciar meus dedos.

– Eu sinto muito. *Nunca* deveria ter deixado você sozinha. Isso deveria ter acontecido comigo, não com você. Você não merece isso.

Ele fez um carinho em meu rosto.

– Não sei como consertar isso. Não sei o que fazer. Não sei nem quanto sangue você perdeu ou se a mordida é letal. – Ele beijou meus dedos e sussurrou. – Não posso perdê-la, Kelsey.

O fogo em meu sangue me dominou até a dor nublar minha visão. Comecei a me contorcer. A dor estava além de qualquer coisa que eu tivesse sentido antes. Ren banhou meu rosto com uma toalha molhada fresca, mas nada conseguia desviar minha atenção do fogo que queimava em minhas veias. Era excruciante! Depois de um momento, percebi que o meu corpo não era o único se contorcendo.

Fanindra se libertou do meu braço e enrodilhou-se perto do joelho de Ren. Eu não a culpava por querer se afastar de mim. Então ela ergueu a cabeça e dilatou o capuz. A boca escancarou-se e ela deu o bote! Fanindra me picou no pescoço, enterrando as presas bem fundo no tecido lacerado.

Ela injetou seu veneno em mim, recuou e então me picou novamente, e mais outra vez, e outra. Eu gemi e toquei meu pescoço, e quando tirei a mão vi pus escorrendo. Um líquido dourado que havia escorrido das perfurações das presas também manchava a minha mão. Vi uma gota de ouro escorrer do meu dedo até alcançar o pus na minha palma. As substâncias fumegaram com um silvo. O veneno de Fanindra atravessava o meu corpo, parecendo gelo ao correr pelos membros e entrar no coração.

Eu estava morrendo, sabia. Não culpava Fanindra. Ela era uma cobra, afinal, e provavelmente não queria que eu continuasse sofrendo.

Ren levou a garrafa aos meus lábios outra vez e eu engoli a água, grata. Fanindra havia se tornado inanimada e permanecia enroscada ao lado dele. Ren limpou meu pescoço ferido gentilmente, lavando todo o sangue negro que havia escorrido da ferida.

Pelo menos, a dor passara. O que quer que Fanindra tivesse feito, havia me anestesiado. Senti sono e sabia que precisava dizer adeus. Eu queria contar a verdade a Ren. Queria dizer que ele era o melhor amigo que eu já tivera. Que eu lamentava a forma como o havia tratado. Queria confessar a ele... que o amava. Mas não conseguia falar. Minha garganta estava fechada, provavelmente por causa do veneno da cobra. Tudo o que eu podia fazer era olhar para ele, ajoelhado e debruçado sobre mim.

Está tudo bem. Olhar o seu rosto maravilhoso uma última vez basta para mim. Vou morrer feliz.

Eu me sentia tão cansada. Minhas pálpebras estavam pesadas demais para que eu as mantivesse abertas. Fechei os olhos e esperei que a morte viesse. Ren abriu espaço e se sentou ao meu lado. Sustentando minha cabeça em seus braços, ele me puxou para seu colo. Sorri.

Melhor ainda. Não posso mais abrir os olhos para vê-lo, mas posso sentir seu contato. Meu anjo guerreiro pode me carregar no colo até o céu.

Ele me apertou ainda mais junto ao seu corpo e sussurrou em meu ouvido algo que eu não consegui entender. E a escuridão tomou conta de mim.

A luz atingiu minhas pálpebras, obrigando-me a abri-las dolorosamente. A garganta ainda queimava e minha língua parecia grossa e felpuda.

– Isso é muito doloroso para ser o céu. Devo estar no inferno.

Uma voz irritantemente feliz me corrigiu:

– Não. Você não está no inferno, Kelsey.

Quando tentei me mover, meus músculos doloridos e contraídos protestaram.

– Eu me sinto como se tivesse perdido uma luta de boxe.

– Você fez muito mais do que isso.

Ele se agachou ao meu lado e me ajudou a sentar com cuidado. Examinou meu rosto, meu pescoço, meus braços e então se sentou atrás de mim para que eu apoiasse as costas nele e levou uma garrafa de água aos meus lábios.

– Beba – ordenou.

Ren segurou a garrafa para mim e a inclinou lentamente para trás, mas eu não conseguia engolir rápido o bastante e um pouco da água escorreu de minha boca até o queixo, e dali para o peito.

– Obrigada. Agora eu tenho uma camiseta molhada.

Senti seu sorriso em minha nuca.

– Talvez tenha sido essa a minha intenção.

Bufei e levei a mão ao rosto. Apertei a bochecha e o braço. A pele formigava e parecia dormente ao mesmo tempo.

– Parece que injetaram uma dose maciça de anestésico no meu corpo e que estou começando a recuperar as sensações. Pode me dar a garrafa? Acho que agora consigo segurá-la sozinha.

Ren soltou a garrafa de água e deslizou os braços pela minha cintura, me puxando para trás e me apoiando totalmente em seu peito. Seu rosto roçou o meu e ele murmurou baixinho:

– Como está se sentindo?

– Viva, eu acho, embora algumas aspirinas pudessem me ajudar.

Ele riu e pegou minha mochila.

– Aqui – disse ele, entregando-me dois comprimidos. – Estamos na entrada das cavernas. Ainda temos que atravessá-las e passar pelas árvores, e então subir de volta a Hampi.

– Quanto tempo fiquei apagada? – perguntei, grogue.

– Dois dias.

– Dois dias! O que aconteceu? A última coisa de que me lembro é de Fanindra me picando e eu morrendo.

– Você não morreu. Foi mordida por um *kappa*. Estava acabando com você quando cheguei. Ele deve tê-la seguido até lá. Ainda bem que a maior parte daquelas criaturas detestáveis foi liquidada pelas árvores.

– O que me encontrou estava arranhado e ensanguentado, mas não parecia se importar com isso.

– É, a maioria dos que me seguiram estava dilacerada pelas árvores. Nada parecia detê-los em sua perseguição.

– Nenhum deles o seguiu até aqui?

– Deixaram de me perseguir quando cheguei perto da caverna. Devem ter medo dela.

– É compreensível. Você... me carregou o caminho todo? Como golpeou as árvores e me segurou ao mesmo tempo?

Ele suspirou.

– Eu a pendurei no ombro e bati nas árvores até sairmos do meio delas. Então guardei a *gada*, pendurei a mochila nas costas e andei até aqui com você no colo.

Bebi um grande gole de água e ouvi Ren deixar escapar um profundo suspiro.

– Já passei por muitas situações difíceis em minha vida – disse ele baixinho. – Já estive em batalhas sangrentas. Vi amigos serem mortos ao meu lado. Testemunhei coisas terríveis sendo feitas com homens e com animais, mas nunca tive medo.

Ele fez uma pausa, retomou o fôlego e prosseguiu:

– Já me senti perturbado. E também inquieto e tenso. Já estive em perigo mortal, mas nunca experimentei esse medo que faz suar frio, o tipo que corrói um homem vivo, que o lança de joelhos e o faz implorar. Na verdade, sempre senti orgulho de estar acima disso. Pensava que tinha

sofrido e visto tanto que nada mais poderia me assustar. Que nada poderia me fazer chegar a esse ponto.

Ele roçou um breve beijo em meu pescoço.

– Eu estava errado. Quando a encontrei e vi aquela... aquela coisa tentando matá-la, fiquei enfurecido. Eu a destruí sem hesitar.

– Os *kappa* eram aterrorizantes.

– Eu não tive medo dos *kappa*. Tive medo... de perder você. Senti um pavor corrosivo, angustiante e infinito. Era insuportável. A parte mais torturante foi perceber que eu não queria mais viver se você se fosse e saber que não havia nada que eu pudesse fazer. Eu estaria preso para sempre nesta existência miserável sem você.

Ouvi cada palavra que ele dizia. Elas me perfuravam e eu sabia que teria me sentido da mesma forma se nossas posições fossem trocadas. Mas eu disse a mim mesma que essa declaração sofrida era apenas um reflexo da tensão e da pressão por que passáramos. A pequenina planta do amor em meu coração tentava se agarrar a cada frágil pensamento, absorvendo suas palavras como doces gotas de orvalho matinal. Mas castiguei meu coração e atirei as ternas expressões de carinho para longe, determinada a não me deixar afetar por elas.

– Está tudo bem. Eu estou aqui. Não precisa ter medo. Ainda estou aqui para ajudá-lo a quebrar a maldição – declarei, tentando manter a voz calma.

Ele apertou minha cintura e sussurrou:

– Quebrar a maldição não me importava mais. Eu pensei que você estivesse morrendo.

Engoli em seco e tentei soar despreocupada:

– Bem, não morri. Está vendo? Sobrevivi para mais um dia de brigas com você. E agora? Não acharia bom que eu tivesse mesmo ido?

Seus braços se retesaram e ele me repreendeu:

– Nunca mais diga isso, Kells.

Após um segundo de hesitação, falei:

– Bem, obrigada. Obrigada por me salvar.

Ele me agarrou e eu me permiti por um minuto, apenas um minuto, me recostar nele e aproveitar aquela sensação.

Afinal, eu quase tinha morrido. Merecia algum tipo de recompensa por sobreviver, não merecia?

Passado o meu minuto, dei um passo à frente, me desvencilhando. Ele me soltou, relutante, e eu me virei, ficando de frente para ele, com um sorriso nervoso. Testei minhas pernas, que pareceram fortes o bastante para que eu caminhasse.

Quando pensei que estava morrendo, eu quis dizer a Ren que o amava, mas, agora que sabia que sobrevivera, essa era a última coisa que eu queria fazer. A firme determinação de mantê-lo a distância voltou, mas a tentação de me permitir descansar em seus braços era tão forte, tão poderosamente forte, que me virei de costas para ele, endireitei os ombros e peguei a mochila.

- Vamos, Tigre. Sinto-me forte como um cavalo – menti.
- Acho que você devia pegar leve e descansar um pouco mais, Kells.
- Não. Estou dormindo já faz dois dias. Estou pronta para caminhar dezenas de quilômetros.
- Pelo menos coma alguma coisa primeiro.
- Pegue uma barra de cereais para mim que eu como no caminho.
- Mas, Kells...

Meus olhos cruzaram brevemente com o azul-cobalto dos seus e eu disse:

- Preciso sair daqui.

Então me virei e comecei a recolher nossas coisas. Ele ficou ali sentado, imóvel, observando-me com atenção, seu olhar me queimando pelas costas. Eu estava desesperada para sair dali. Quanto mais tempo ficávamos juntos, mais vacilava minha determinação. Eu estava quase a ponto de lhe pedir que ficasse ali comigo para sempre, vivendo em meio às árvores de agulhas e aos *kappa*. Se eu não tivesse seu lado tigre de volta logo, me perderia para sempre para o homem.

Por fim, ele disse devagar, quase com tristeza:

– Claro. Como quiser, Kelsey.

Depois se levantou, espreguiçou-se e apagou o fogo.

Fui até onde Fanindra estava, espiralada no formato de bracelete, e fiquei olhando para ela.

– Ela salvou sua vida, sabia? Aquelas picadas curaram você – explicou Ren.

Ergui a mão e toquei meu pescoço onde o *kappa* havia mordido. A pele estava lisa, sem qualquer arranhão ou cicatriz. Agachei-me.

– Acho que você me salvou de novo, Fanindra. Obrigada.

Apanhei-a e a coloquei no braço, peguei a mochila, dei alguns passos e me virei.

– Você vem, Super-Homem?

– Bem atrás de você.

Entramos na caverna negra. Ren estendeu-me a mão. Eu a ignorei e comecei a caminhar pelo túnel. Ele me deteve e tornou a estender a mão, olhando para ela incisivamente. Suspirei e segurei dois dedos dele nos meus. Sorri, envergonhada, mais uma vez óbvia demais em minha tentativa de evitar o contato físico. Ele grunhiu, contrariado, pegou meu cotovelo e puxou meu corpo para junto dele, passando o braço pelos meus ombros.

Atravessamos os túneis rapidamente. Os outros Rens e Kelseys gemiam e acenavam ainda mais agressivamente do que antes. Fechei os olhos e deixei que Ren me conduzisse. Arquejava quando as figuras se aproximavam e tentavam nos tocar com suas mãos fantasmagóricas.

– Eles só podem se corporificar se prestarmos atenção neles – sussurrou Ren.

Andamos o mais rápido possível. Formas malignas e outras familiares exigiam nossa atenção. O Sr. Kadam, Kishan, meus pais, minha família adotiva, até o Sr. Maurizio, todos gritavam, imploravam, exigiam e nos coagiam.

Chegamos ao outro lado do túnel bem mais depressa que da primeira vez. Ren ainda manteve minha mão no calor da sua depois que saímos, e eu tentei delicada e discretamente libertá-la. Ele olhou para mim e depois para nossas mãos entrelaçadas. Então sorriu com malícia. Comecei a puxar com mais força, mas ele a apertou ainda mais. Por fim, tive quase que arrancar a mão para que ele a soltasse.

Chega de sutileza.

Ele me dirigiu um sorriso pretensioso enquanto eu o olhava, furiosa.

Não demorou muito para que nos víssemos de novo na floresta de árvores de agulhas e Ren seguiu corajosamente para elas. Dando golpes com a *gada*, ele avançava devagar, criando um caminho pelo qual eu podia seguir em segurança. Os galhos o fustigavam com violência e transformaram sua camisa em farrapos. Ele a atirou para um lado e eu me vi fitando, fascinada, primeiro os músculos ondulantes de seus braços e costas, depois os cortes em sua pele à medida que se curavam diante dos meus olhos. Logo ele estava encharcado de suor e... e eu não pude mais olhar. Mantive os olhos voltados para os meus pés e o segui em silêncio.

Ele caminhava na direção das árvores. Usando a *gada*, margeamos a floresta espinhenta sem maiores incidentes.

Logo subíamos as pedras que levavam à caverna, retornando à estátua de Ugra Narasimha, em Hampi. Quando alcançamos o longo túnel, por diversas vezes Ren começou a dizer alguma coisa, mas se deteve. Fiquei curiosa, mas não o bastante para começar uma conversa.

Peguei a lanterna e me afastei de Ren o máximo que a caverna permitia, acabando colada na parede oposta. Ele me olhou, mas me permitiu manter a distância. Por fim, o túnel se estreitou e tivemos que andar lado a lado outra vez. Todas as vezes que eu olhava de relance para Ren, via que ele estava me observando.

Quando chegamos ao fim do túnel e vimos os degraus de pedra que levavam à superfície, Ren se deteve.

– Kelsey, tenho um último pedido a você antes de subirmos.

– E o que seria? Quer falar sobre os sentidos dos tigres ou talvez sobre tipos de macaco?

– Não. Quero que você me dê um beijo.

– O quê? – perguntei ríspidamente. – Um beijo? Para quê? Você não acha que já me beijou o suficiente nesta viagem?

– Satisfaça um capricho meu, Kells. Este é o fim da linha para mim. Estamos deixando o lugar onde posso ser humano o tempo todo e tenho apenas uma vida de tigre à minha espera. Portanto, sim, eu quero beijar você mais uma vez.

Hesitei.

– Se alcançarmos o propósito desta viagem, você poderá sair por aí beijando todas as garotas que quiser. Então, para que se dar ao trabalho comigo agora?

Ele passou a mão pelos cabelos, frustrado.

– Porque sim! Não quero sair por aí beijando todas as garotas! Quero beijar *você*!

– Está bem! Se é para você se calar! – Eu me inclinei e dei um beijinho na sua bochecha. – Pronto!

– Não. Isso não basta. Na boca, minha *prema*.

Eu me inclinei e dei-lhe um selinho.

– Podemos ir agora?

Subi os dois primeiros degraus, mas ele segurou o meu cotovelo e me fez girar, virando-me de tal modo que tombei para a frente, caindo em seus braços. Ele me segurou com firmeza pela cintura. Seu sorriso pretensioso de repente se transformou em uma expressão sóbria.

– Um beijo. *De verdade*. Um do qual eu possa me lembrar.

Eu estava prestes a dizer algo sarcástico, provavelmente sobre ele não ter permissão, quando ele imobilizou minha boca com a sua. Estava determinada a permanecer rígida e indiferente, mas ele se mostrou muito paciente. Foi mordiscando os cantos da minha boca, depositando beijos

vagarosos e suaves em meus lábios impassíveis. Era tão difícil não corresponder a ele.

Lutei com bravura, mas às vezes o corpo trai a mente. De forma lenta e metódica, ele venceu minha resistência. E, sentindo que estava ganhando, começou a me seduzir com mais habilidade ainda. Apertou-me de encontro ao seu corpo e deslizou a mão até o meu pescoço, passando a massageá-lo, instigando minha pele com a ponta dos dedos.

Senti a pequenina planta do amor se esticar, crescer e desdobrar suas folhas dentro de mim. Nesse momento, me rendi e me decidi. Depois eu poderia podá-la. E racionalizei que, quando ele partisse o meu coração, pelo menos teria sido beijada à perfeição.

Pelo menos vou ter algo de bom para recordar em minha vida de solteirona rodeada de gatos. Ou de cães. Acho que já atingi minha cota de gatos. Gemi baixinho. É. Cães com certeza.

Então me abri para o beijo e correspondi com entusiasmo. Reunindo todas as minhas emoções secretas e os meus sentimentos de ternura, enrosquei meus braços em seu pescoço e deslizei as mãos para seus cabelos. Puxei o corpo dele ainda mais para perto do meu e o abracei com todo o ardor e o afeto que eu não me permitia expressar verbalmente.

Ele fez uma pausa, desconcertado por um breve instante, e então ajustou sua abordagem, chegando a um frenesi apaixonado. Eu surpreendi a mim mesma respondendo à altura de seu vigor. Corri as mãos por seus braços e ombros poderosos e em seguida pelo peito. Meus sentidos estavam tumultuados. Eu me sentia arrebatada. Ávida. Agarrei-me à sua camisa. Nada era perto o bastante para mim. Seu cheiro era delicioso.

O esperado era que, depois de vários dias sendo perseguido por criaturas estranhas e atravessando a pé um reino misterioso, ele cheirasse mal. Na verdade, eu queria que ele cheirasse mal. Afinal, como esperar que uma garota esteja fresca como uma flor após perambular pela selva e ser caçada por macacos? É impossível.

Eu queria desesperadamente que ele tivesse *algum* defeito. *Alguma* fraqueza. *Alguma... imperfeição.* Mas o cheiro de Ren era incrível –

cachoeiras, um dia suave de verão e sândalo, tudo embrulhado em um homem lindo e sensual.

Como uma garota poderia se defender de uma investida perfeita executada por alguém perfeito? Eu desisti e deixei que ele assumisse o controle dos meus sentidos. Meu sangue queimava, meu coração retumbava, a necessidade que eu tinha dele se intensificou e eu perdi a noção do tempo em seus braços. A única coisa de que tinha consciência era Ren. Seus lábios. Seu corpo. Sua alma. Eu queria tudo dele.

Por fim, ele pôs as mãos nos meus ombros e delicadamente nos separou. Fiquei surpresa que Ren tivesse a força de vontade de parar, porque eu não estava nem perto de ser capaz disso. Abri os olhos, atordoada. Estávamos ambos ofegantes.

– Isso foi... esclarecedor – arquejou ele. – Obrigado, Kelsey.

Eu pisquei. A paixão que havia embotado minha mente se dissipou em um instante e me concentrei em um único sentimento: irritação.

– Obrigado? Obrigado? – Subi os degraus, furiosa, batendo os pés, e então me virei para olhá-lo, de cima. – Não! Obrigada *a você*, Ren! – Minhas mãos cortavam o ar. – Agora que você conseguiu o que queria, me deixe em paz!

Subi correndo para pôr alguma distância entre nós.

Esclarecedor? Do que ele estava falando? Estava me testando? Dando uma nota para minha habilidade de beijar? Que audácia!

Eu estava feliz por sentir raiva. Assim, podia empurrar todas as outras emoções para o fundo da mente e me concentrar na fúria, na indignação.

Ele subiu os degraus de dois em dois.

– Isso não é tudo o que eu quero, Kelsey.

– Eu não ligo mais para o que você quer!

Ele me lançou um olhar sagaz e convencido. Então emergiu da abertura e, quando pousou o pé na terra, transformou-se instantaneamente em tigre.

Eu ri, debochada.

– Rá! – Tropecei em uma pedra, mas logo recuperei o equilíbrio. – Muito apropriado! – gritei, zangada, e cambaleei cegamente pela passagem sombria.

Depois de calcular para onde ir, saí andando, ainda irada.

– Venha, Fanindra. Vamos procurar o Sr. Kadam.



Seis horas

O dia amanhecia. Passei intempestivamente pelos edifícios de Hampi e deixei que o ímpeto de minha fúria me levasse de volta a meio caminho do acampamento do Sr. Kadam.

Ren seguia atrás de mim, em algum lugar, silencioso. Eu não podia ouvi-lo, mas sabia que estava lá. Eu tinha consciência de sua presença. Tinha uma conexão intangível com ele, o homem. Era quase como se ele estivesse andando ao meu lado. *Quase como se estivesse me tocando.*

Devo ter começado a pegar o caminho errado, pois ele tomou a dianteira, deixando claro que seguia em uma direção diferente.

– Exibido – murmurei. – Vou pelo caminho errado, se quiser.

No entanto, eu o segui.

Um pouco depois, avistei o Jeep estacionado na colina e vi o Sr. Kadam acenando para nós.

Andei até o acampamento e ele me abraçou.

– Srta. Kelsey! Vocês voltaram. Conte-me o que aconteceu.

Suspirei, tirei a mochila e me sentei no para-choque traseiro do Jeep.

– Bom, preciso lhe dizer que esses últimos dias estão entre os piores da minha vida. Enfrentamos macacos, *kappa*, cadáveres podres, picadas de

cobras, árvores cobertas de agulhas e...

Ele ergueu a mão.

– O que quer dizer com esses últimos dias? Vocês saíram daqui na noite passada.

Confusa, eu disse:

– Não. Ficamos fora pelo menos... – contei nos dedos – ...pelo menos quatro ou cinco dias.

– Desculpe, Srta. Kelsey, mas a senhorita e Ren se despediram de mim na noite passada. Na verdade, eu ia dizer que vocês deveriam descansar um pouco e tentar de novo amanhã à noite. Acha mesmo que ficaram fora quase uma semana?

– Para falar a verdade, fiquei inconsciente por dois desses dias. Pelo menos foi o que o tigre aqui me disse.

Lancei um olhar furioso a Ren, que me olhava com uma expressão inocente de tigre enquanto ouvia nossa conversa.

Ren parecia doce e atento, como um gatinho inofensivo. Na verdade, ele era tão inofensivo quanto um *kappa*. Eu, por outro lado, parecia um porco-espinho. Estava enfezada. Tinha todos os espinhos eriçados para impedir que minha barriga desprotegida fosse devorada pelo predador que me espreitava.

– Dois dias? Nossa. Por que não voltamos para o hotel e descansamos? Podemos tentar conseguir o fruto amanhã à noite de novo.

– Mas, Sr. Kadam – falei, abrindo o zíper da mochila –, não precisamos voltar. Conseguimos pegar o primeiro presente de Durga, o Fruto Dourado.

Puxei minha colcha e a desdobrei, revelando o objeto ali aninhado.

Ele o tirou delicadamente de seu casulo.

– Incrível! – exclamou.

– É uma manga. – Com um sorriso insolente, acrescentei: – Faz todo o sentido. Afinal, a manga é muito importante para a cultura e o comércio da Índia.

Ren bufou e se deitou de lado na grama.

– Faz mesmo sentido, Srta. Kelsey. – O Sr. Kadam ficou admirando o fruto por mais um momento e então tornou a embrulhá-lo na colcha. Ele juntou as mãos. – Isso é muito empolgante! Então vamos desfazer o acampamento e ir para casa. Ou talvez seja melhor irmos para um hotel para que possa descansar, Srta. Kelsey.

– Ah, está tudo bem. Não me importo de pegar a estrada. Podemos dormir no hotel hoje à noite. Quantos dias vamos levar para chegar em casa?

– Vamos precisar pernoitar mais duas vezes em hotéis em nossa viagem para casa.

Um pouco preocupada, olhei para Ren.

– É... Eu estava pensando que desta vez, se o senhor não se importar, podíamos ficar em um hotel maior. Sabe, algo que tenha mais gente. Com elevadores e quartos com chave. Ou, ainda melhor, um belo hotel bem alto em uma cidade grande. Bem, bem, *bem* longe da selva.

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

– Vou ver o que posso fazer.

Recompensei o Sr. Kadam com um sorriso agradecido.

– Ótimo! Podemos ir agora? Mal posso esperar para tomar um banho.
– Abri a porta do lado do carona, virei-me e sibilei num sussurro para Ren:
– Em meu belo quarto de hotel, num andar bem alto, inacessível a tigres.

Ele apenas me olhou outra vez com sua cara inocente e seus olhos azuis. Sorri perversamente para ele e pulei para o interior do Jeep, fechando a porta com força. Meu tigre se dirigiu tranquilo para a traseira, onde o Sr. Kadam guardava seus últimos suprimentos, e saltou para o banco de trás. Ele se inclinou para a frente e, antes que eu pudesse empurrá-lo, me deu uma grande e babada lambida no rosto.

– Ren! – vociferei. – Isso é *nojento*!

Usei minha camiseta para limpar a saliva de tigre do nariz e da bochecha, e me virei para gritar com ele um pouco mais. Ren já estava deitado no banco traseiro, com a boca aberta, como se estivesse rindo. Antes

que eu pudesse reagir, o Sr. Kadam, que estava feliz como eu jamais o vira, entrou no Jeep e começamos a esburacada jornada de volta a uma estrada civilizada.

O Sr. Kadam queria me fazer perguntas. Eu sabia que ele estava ávido por informações, mas ainda estava furiosa com Ren, então menti. Perguntei-lhe se poderia esperar um pouco para que eu pudesse dormir. Dei um imenso bocejo, para efeito dramático, e ele logo concordou em me deixar ter um pouco de paz, o que fez com que eu me sentisse culpada. Eu gostava muito do Sr. Kadam e detestava mentir. Desculpei minha atitude atribuindo mentalmente a Ren a culpa por esse comportamento atípico.

Dormi um pouco e, quando acordei, o Sr. Kadam me entregou um refrigerante, um sanduíche e uma banana. Pensei em várias e boas piadas de macaco com que podia importunar Ren, mas fiquei calada em respeito ao Sr. Kadam. Devorei meu sanduíche e acabei com o refrigerante em um longo gole.

O Sr. Kadam riu e me entregou outro.

– Está pronta para me contar o que aconteceu, Srta. Kelsey?

– Acho que sim.

Levei quase duas horas para lhe contar sobre o túnel, a floresta de agulhas, a caverna, os *kappa* e Kishkindha. Fiquei muito tempo falando da árvore dourada e dos macacos de pedra que ganharam vida. Terminei com o ataque do *kappa* e as picadas de Fanindra.

Não mencionei nem uma só vez que Ren ficara na forma humana o tempo todo. Na verdade, apaguei a presença dele em Kishkindha por completo. Sempre que o Sr. Kadam me perguntava como isso ou aquilo fora feito, eu respondia vagamente, ou dizia que por sorte tínhamos Fanindra ou que por sorte tínhamos a *gada*. Isso pareceu satisfazer a maior parte de suas perguntas.

Quando ele pediu mais detalhes sobre o ataque dos *kappa*, eu dei de ombros e repeti o mantra: “Por sorte eu tinha Fanindra.” Não queria responder a nenhuma pergunta estranha sobre Ren. Eu sabia que ele provavelmente contaria seu lado da história quando voltasse à forma

humana, mas não me importava. Mantive minha versão da viagem objetiva, distante e, o mais importante, *sem Ren*.

O Sr. Kadam disse que logo iríamos parar em um hotel, mas que ele gostaria primeiro de encontrar um bom lugar para deixar Ren.

– É claro – concordei, e dirigi um sorriso doce e falso ao tigre atento no banco de trás.

– Espero que nosso hotel não seja longe demais para ele – preocupou-se o Sr. Kadam.

Dei uns tapinhas no braço do Sr. Kadam, tranquilizando-o.

– Ah, não se preocupe com ele. Ren é muito bom em conseguir o que quer. Ou melhor... em cuidar de suas necessidades. Tenho certeza de que ele vai achar sua longa noite sozinho na selva extremamente *esclarecedora*.

O Sr. Kadam me dirigiu um olhar intrigado, mas acabou assentindo e parou perto de uma área de selva.

Ren saltou do Jeep, foi até o meu lado do carro e me fitou com olhos azuis gélidos. Eu simplesmente me virei de lado para não ter que encará-lo. Quando o Sr. Kadam tornou a entrar no Jeep, espiei pela minha janela, mas Ren já havia desaparecido. Lembrei a mim mesma que ele merecia aquilo e me recostei no assento com os braços dobrados sobre o peito.

– Kelsey, você está bem? – perguntou o Sr. Kadam com a voz suave. – Está parecendo muito... tensa desde que voltou.

– O senhor não faz ideia – murmurei entre dentes.

– O que foi?

Suspirei e sorri para ele debilmente.

– Nada. Estou bem. Apenas esgotada da viagem. Só isso.

– Tem mais uma coisa que eu queria lhe perguntar. Você teve algum sonho estranho quando estava em Kishkindha?

– Que tipo de sonho?

Ele olhou para mim, preocupado.

– Talvez um sonho sobre seu amuleto?

– Ah! Esqueci completamente de contar! Quando colhi o fruto, desmaiei e tive uma visão. Nela estavam o senhor, eu e um sujeito maligno.

O Sr. Kadam ficou visivelmente apreensivo. Ele pigarreou.

– Então a visão foi real... para todos nós. Era o que eu temia. O homem que você viu era Lokesh. É o feiticeiro do mal que lançou a maldição sobre Ren e Kishan.

Minha boca se escancarou com o susto.

– Ele ainda está vivo?

– Pelo jeito, sim. Também parece que ele tem pelo menos uma parte do amuleto. No entanto, suspeito que tenha *todas* as outras partes.

– Quantas são?

– Supõe-se que sejam cinco ao todo, mas ninguém tem certeza. O pai de Ren tinha uma parte e a mãe trouxe outra para a família, pois era filha única de um poderoso chefe militar que também possuía uma. Foi assim que tanto Ren quanto Kishan acabaram com um pedaço do amuleto.

– Mas o que isso tem a ver comigo?

– É essa a questão, Kelsey. Você está ajudando Ren a quebrar a maldição. O amuleto conecta nós três e receio que Lokesh saiba sobre nós. Sobre você, em particular. Eu torcia para que alguma coisa tivesse lhe acontecido, que ele não estivesse mais vivo depois de todos esses anos. Faz séculos que venho procurando por ele. Agora que nos viu, temo que venha atrás de você e do amuleto.

– O senhor acha mesmo que ele é tão cruel?

– Sei que é. – O Sr. Kadam fez uma pausa e então sugeriu com delicadeza: – Talvez seja hora de você voltar para casa.

– O quê? – perguntei, em pânico.

Voltar para casa? Que casa? Para quem? Eu não tinha vida em meu país. Não havia nem mesmo pensado no que aconteceria depois que quebrássemos a maldição. Acho que simplesmente imaginei que houvesse tanto a fazer que eu ficaria por ali por mais alguns anos.

Desalentada, perguntei:

– O senhor quer que eu volte para casa agora?

Ele viu minha expressão e afagou minha mão.

– Claro que não! Eu não quis dizer que queria que você nos deixasse. Não se preocupe. Vamos encontrar uma solução. Por ora, estou apenas especulando. Não tenho nenhum plano imediato de mandá-la para casa. E, naturalmente, se um dia você partir, poderá voltar sempre que quiser. Nossa casa é sua. Só precisamos agir com extrema cautela agora que Lokesh voltou ao cenário.

Senti meu pânico diminuir, mas somente em parte. *Pode ser que o Sr. Kadam esteja certo. Talvez eu devesse voltar para casa. Seria muito mais fácil esquecer o Sr. Super-Herói se eu estivesse do outro lado do planeta. Afinal, ele é o único rapaz com quem tive contato em semanas, sem contar Kishan. De qualquer modo, seria mais saudável para mim sair e conhecer outros caras. Talvez, se eu fizesse isso, percebesse que toda essa ligação emocional que tenho com ele não é assim tão forte.*

Minha mente pode estar me pregando peças. É só porque fiquei isolada, só isso. Quando tudo o que se tem é Tarzan e alguns macacos, Tarzan parece muito bom, não é?

Vou esquecê-lo, vou para casa e vou namorar um nerd simpático e normal, que nunca vai me deixar.

Prossegui nessa linha de raciocínio, listando minhas razões para ficar longe de Ren. Decidi que continuaria a evitá-lo. O único problema era minha mente fraca e rebelde que ficava voltando à questão de quanto eu me sentia segura nos braços dele. E ao que ele dissera quando achou que eu estivesse morrendo. E ao formigamento quente que permanecia em meus lábios depois que ele me beijava. Mesmo que eu ignorasse a beleza de seu rosto, o que era uma tarefa quase hercúlea, havia muitas outras qualidades fascinantes nas quais minha mente podia se demorar e esses pensamentos me mantiveram ocupada pelo restante da viagem.

O Sr. Kadam parou na entrada de um fabuloso hotel cinco estrelas. Eu me senti uma desleixada em minhas roupas rasgadas e ensanguentadas, com as quais eu estava havia uma semana. O Sr. Kadam parecia não se importar e

se mostrava feliz como nunca quando entregou as chaves para um manobrista e me acompanhou, entrando no hotel. Eu fiquei com a mochila, mas nossas duas outras malas foram levadas para os quartos por empregados do hotel.

O Sr. Kadam preencheu os formulários necessários e falou baixinho em híndi com a recepcionista. Então gesticulou para que eu o seguisse.

Quando passamos por ela, eu me inclinei e perguntei:

– Só por curiosidade, vocês não permitem animais de estimação, não é?

Ela pareceu confusa e olhou para o Sr. Kadam, mas sacudiu a cabeça negativamente.

– Ótimo. Só para ter certeza.

Sorri para ela. O Sr. Kadam inclinou a cabeça, intrigado, mas não disse nada.

Ele deve estar pensando que estou com um parafuso frouxo. Dei um risinho e o segui até o elevador. Saímos diretamente em nosso quarto, a suíte da cobertura.

Os empregados se foram e as portas do elevador se fecharam. O Sr. Kadam me disse que ocuparia o quarto da esquerda e que eu ficaria com a suíte à direita. E deixou-me sozinha, me aconselhando a descansar e informando que a comida seria servida dali a pouco.

Entrei em minha linda suíte com cama *king size* e ri, atordoada. Havia uma imensa banheira no meio do banheiro. Tirei rapidamente os tênis sujos e decidi tomar um banho de chuveiro primeiro e só então ficar de molho na banheira. Ensaboei o cabelo quatro vezes e em seguida apliquei condicionador e deixei o líquido sedoso fazer efeito enquanto esfregava a minha pele. Enterrei as unhas no sabonete e lavei-as bem para tirar a sujeira, prestando especial atenção aos pés. Meus pobres pés doloridos, cheios de calos e bolhas. *Talvez o Sr. Kadam possa me arranjar uma pedicure mais tarde.*

Quando me senti totalmente limpa, enrolei uma toalha no cabelo e vesti um roupão. Enchendo a banheira com água quente, despejei a espuma

de banho e liguei o sistema de hidromassagem. O aroma de peras suculentas e amoras recém-colhidas tomou conta do banheiro e me fez lembrar do Oregon.

A sensação de afundar naquela banheira era a melhor de todas. *Bem, a segunda melhor.* Fiquei irritada quando a lembrança dos beijos de Ren surgiu e logo me liberei dela, ou pelo menos tentei. Quanto mais eu relaxava na banheira, mais a minha mente parecia se demorar naquelas cenas. Era como uma música que não me saísse da cabeça e que, independentemente do que eu fizesse, continuava a voltar.

Cheguei até a me pegar sorrindo... *Argh! O que é isso?* Estremeci, zangada, tentando me livrar dos devaneios. Então, com relutância, saí da banheira. Depois de me secar e vestir um short e uma camiseta limpos, sentei-me para escovar os cabelos. Levei um tempão para conseguir tirar todos os nós. O ato de escovar era calmante. Fazia com que eu me lembrasse de minha mãe.

Mais tarde, me aventurei até a sala de estar e encontrei o Sr. Kadam lendo um jornal.

- Olá, Srta. Kelsey. Está se sentindo renovada?
- Estou me sentindo muito melhor.
- Ótimo. Tomei a liberdade de pedir o seu jantar. Está ali em cima.

Levantei a tampa do prato e encontrei peru recheado com farofa de milho, molho de frutas vermelhas, ervilhas e purê de batata.

- Uau! Como o senhor conseguiu que fizessem isso?

Ele deu de ombros.

– Pensei que você fosse gostar de alguma coisa bem americana para variar e isso é o mais americano que há. Tem até torta de maçã de sobremesa.

Peguei meu prato e o copo de água com limão e gelo e me sentei perto dele para comer, com as pernas dobradas debaixo do corpo.

- O senhor já comeu?

– Sim, há uma hora mais ou menos. Não se preocupe comigo. Aproveite seu jantar.

Comecei a comer e, antes mesmo da torta de maçã, já me sentia farta. Passei um pedaço de pão no molho em meu prato e disse:

– Sr. Kadam? Queria lhe dizer uma coisa. Eu me sinto culpada por não ter contado antes, mas acho que o senhor precisa saber. – Respirei fundo e continuei: – Ren ficou na forma humana o tempo todo em que permanecemos em Kishkindha.

Ele colocou de lado o jornal.

– Isso é interessante. Mas por que você não me contou antes?

Dei de ombros e respondi, evasiva:

– Não sei. Tivemos algumas... divergências nesses últimos dias.

Seus olhos faiscaram quando ele riu, compreendendo.

– Agora tudo faz sentido. Eu me perguntava por que você estava agindo de maneira diferente perto dele. Ren pode ser... difícil quando quer.

– Teimoso, o senhor quer dizer. E exigente. E... – Olhei pela janela para as luzes noturnas da cidade e murmurei: – Muitas outras coisas.

Ele se inclinou para a frente e tomou uma de minhas mãos nas dele.

– Entendo. Não se preocupe, Srta. Kelsey. Estou surpreso que tenham realizado tanto em tão pouco tempo. Já é bastante difícil empreender uma jornada perigosa, ainda mais com alguém que você está começando a conhecer e em quem não sabe se pode confiar. Mesmo os melhores companheiros podem ter desentendimentos quando sofrem uma pressão como a que vocês dois sofreram. Tenho certeza de que se trata apenas de um contratempo momentâneo em sua amizade.

Nossa amizade não era exatamente a questão. Ainda assim, as palavras do Sr. Kadam me confortaram. Quem sabe agora que estávamos fora daquela situação pudéssemos conversar sobre o assunto e usar o bom senso. Talvez eu pudesse ser mais tolerante. Afinal, Ren estava apenas começando a voltar a se comunicar com as pessoas. Se eu pudesse ao menos explicar para

ele como o mundo funcionava, tinha certeza de que entenderia e seria capaz de nos ver como amigos.

– É extraordinário que ele tenha conseguido manter a forma humana durante todo o tempo em que estiveram lá – prosseguiu o Sr. Kadam. – Talvez tenha algo a ver com o tempo parar.

– O senhor acha mesmo que o tempo parou em Kishkindha?

– Talvez o tempo apenas passe de forma diferente naquele lugar, mas o que eu sei é que vocês ficaram fora menos de um dia.

Assenti, concordando com sua avaliação. Sentindo-me melhor com a conversa e feliz por ter contado a verdade ao Sr. Kadam, avisei que ia ler um pouco e depois dormiria bastante. Ele me pediu que colocasse toda a roupa na sacola da lavanderia para que ela fosse lavada durante a noite.

Voltando para a suíte, comecei a reunir minhas coisas. Coloquei as roupas e também os tênis na sacola. Além disso, com cuidado, abri minha colcha, tirei o Fruto Dourado e o enrolei em uma toalha pequena. Apanhei a colcha imunda e a enfiei na sacola da lavanderia também.

Depois de colocar a sacola diante da porta, pulei na cama imensa, me deliciando nos lençóis macios. Afundei nos travesseiros de pena de ganso e logo mergulhei em um sono profundo e relaxante.

Na manhã seguinte, sorri ao acordar e estiquei pernas e braços até onde podia, e ainda assim eles não alcançaram as extremidades da cama. Escovei novamente o cabelo e o preendi em um rabo de cavalo frouxo.

O Sr. Kadam estava tomando seu café da manhã: fritada de batata, torrada e omelete. Juntei-me a ele, beberiquei meu suco de laranja e tagarelei sobre como era empolgante voltar para casa.

Nossa roupa foi devolvida lavada, passada e dobrada, como se fosse nova. Peguei algumas peças na pilha, para vestir, e transferi todo o restante para a bolsa. Quando cheguei à colcha, me detive por um momento para aspirar o aroma de limão do sabão utilizado e a inspecionei cuidadosamente à procura de danos. Embora estivesse velha e desbotada, estava resistindo muito bem. Disse um obrigada silencioso à minha avó.

Coloquei a colcha dobrada no fundo da mochila e guardei a *gada* na lateral, na posição vertical. Na noite anterior, eu havia apanhado a *gada* para limpar e ficara surpresa ao encontrá-la reluzente e imaculada, como se nunca tivesse sido usada. Em seguida, posicionei Fanindra em cima da colcha e coloquei o Fruto Dourado bem no meio de suas dobras. Então fechei o zíper, deixando apenas uma pequena abertura para que Fanindra pudesse respirar. Eu não sabia se ela respirava de fato, mas isso me deixava mais tranquila.

Logo chegou a hora de partir. Eu me sentia alegre, renovada e perfeitamente satisfeita até pararmos no acostamento da estrada – então o vi, e ele não era um tigre. Ren estava à nossa espera, usando sua habitual roupa branca e ostentando um grande sorriso. O Sr. Kadam foi até ele e o abraçou. Eu podia ouvir suas vozes, mas não conseguia entender o que diziam. Mas escutei o Sr. Kadam rir bem alto ao dar tapinhas nas costas de Ren. Estava evidentemente muito feliz por alguma razão.

Então Ren se transformou em tigre e saltou para o carro. Ele se enroscou para tirar um cochilo no banco de trás enquanto eu claramente o ignorava e escolhia um livro para me manter ocupada durante a longa viagem.

O Sr. Kadam explicou que precisaríamos parar em outro hotel no caminho e que viajaríamos o dia todo. Eu lhe disse que não havia problema para mim. Tinha muitos livros para ler, pois o Sr. Kadam havia comprado alguns romances na livraria do hotel, assim como um guia de viagem sobre a Índia.

Cochilei intermitentemente entre os capítulos. Terminei o primeiro romance no começo da tarde e estava chegando ao fim do segundo quando entramos numa cidade. O carro estava silencioso. O Sr. Kadam parecia animado, mas não partilhava essa alegria, e Ren dormiu o dia todo.

Depois que o sol se pôs, o Sr. Kadam anunciou que estávamos perto de nosso destino. Ele indicou que me deixaria lá primeiro e mais tarde jantaríamos no restaurante do hotel para comemorar.

Em meu novo quarto de hotel, fiquei triste por ter na bolsa apenas jeans e camisetas. Depois de revolver os mesmos três itens pela terceira vez, ouvi uma batida na porta e fui até lá de roupão e chinelos. Uma camareira me entregou uma sacola de roupa e uma caixa. Tentei falar com ela, mas a mulher não entendia inglês. Ela só ficava dizendo “Kadam”.

Peguei as duas coisas, agradei, abri o fecho da sacola e encontrei um vestido esplêndido ali dentro. O corpete justo de veludo preto tinha o decote em coração e as manguinhas curtas e a saia eram feitas de tafetá perolado cor de ameixa. O corte justo do vestido me deixava com mais curvas do que eu tinha de fato. Ele se estreitava até os quadris e se ajustava sobre a saia cor de ameixa na altura dos joelhos. Um cinto, feito do mesmo material macio da saia, era amarrado do lado e preso com um broche cintilante que realçava minha cintura.

O vestido tinha um belo corte, era forrado e provavelmente caro. Quando eu me movimentava na luz, o tecido tremeluzia, refletindo várias tonalidades de púrpura. Eu nunca usara nada tão bonito, a não ser o lindo vestido indiano azul que eu tinha na casa. Abri a caixa e encontrei um par de sandálias pretas altas de tiras com fivelas de diamante e uma presilha de cabelo com um lírio combinando. Um vestido como aquele exigia maquiagem, então fui até o banheiro e terminei de me arrumar. Prendi a presilha com o lírio no cabelo, logo acima da orelha esquerda, e penteei os fios ondulados com os dedos. Por fim me calcei e fiquei esperando o Sr. Kadam.

Não demorou para que ele batesse à minha porta e me olhasse com admiração paternal.

– Srta. Kelsey, está linda!

Rodopiei a saia para ele.

– O *vestido* é lindo. Se estou bem, é graças ao senhor, que escolheu algo fabuloso. Obrigada. O senhor deve ter percebido que, para variar, eu queria me sentir uma dama e não uma garota em um acampamento.

Ele assentiu. Seus olhos pareciam pensativos, mas sorriu, estendeu o braço e me acompanhou até o elevador do hotel. Descemos rindo, enquanto

eu lhe descrevia a cena de Ren correndo com uns 20 macacos presos ao pelo.

Entramos em um restaurante à luz de velas com toalhas de mesa e guardanapos de linho branco. A *hostess* nos conduziu a uma área com janelas que iam do chão ao teto e cuja vista dava para as luzes da cidade abaixo. Somente uma das mesas dessa área do restaurante estava ocupada. Um homem jantava sozinho. Ele estava de costas para nós, apreciando as luzes.

O Sr. Kadam fez um reverência e disse:

– Srta. Kelsey, vou deixá-la com sua companhia para o jantar. Boa refeição.

Em seguida deixou o restaurante.

– Sr. Kadam, espere. Não estou entendendo.

Companhia para o jantar? Do que ele está falando?

Nesse momento, uma voz grave e muito familiar disse atrás de mim:

– Oi, Kells.

Fiquei imobilizada e meu coração despencou até o estômago, causando um alvoroço ali. Alguns segundos se passaram. Ou foram alguns minutos? Eu não saberia dizer.

Ouvi um suspiro de frustração.

– Você continua sem falar comigo? Vire-se, por favor.

Uma mão quente segurou meu cotovelo, me forçando delicadamente a virar. Ergui os olhos e arquejei de leve. Ele estava maravilhoso! Tão lindo que dava vontade de chorar.

– Ren.

Ele sorriu.

– Quem mais?

Vestia um elegante terno preto e tinha cortado o cabelo. Os fios pretos e lustrosos estavam jogados para trás em camadas desalinhadas, com um leve cacheado na nuca. A camisa branca que ele usava estava desabotoada no colarinho, realçando a pele de bronze dourada e o brilhante sorriso branco,

tornando-o letal para qualquer mulher que cruzasse o seu caminho. Gemi por dentro.

Ele parece... parece uma mistura de James Bond, Antonio Banderas e Brad Pitt.

Decidi que a coisa mais segura a fazer era olhar para seus sapatos. Sapatos eram chatos, certo? Não tinham nenhum atrativo. *Ah. Muito melhor.* Seus sapatos eram bonitos, é claro – pretos e bem engraxados, exatamente como eu esperaria. Sorri ironicamente quando percebi que essa era a primeira vez que via Ren usar sapatos.

Ele segurou meu queixo e me fez olhar para o seu rosto. *O idiota.* Então foi sua vez de me avaliar. Ele me olhou de cima a baixo. E não foi um olhar rápido. Foi daqueles que envolvem tudo *lentamente*. O tipo de lentidão que faz o rosto de uma garota ficar quente. Fiquei com raiva de mim mesma por corar e olhei para ele, furiosa.

Nervosa e impaciente, perguntei:

– Já terminou?

– Quase.

Ele agora fitava minhas sandálias altas.

– Então se apresse!

Seus olhos voltaram vagorosamente ao meu rosto e ele sorriu para mim, com aprovação.

– Kelsey, quando um homem está com uma mulher bonita, ele precisa seguir seu próprio ritmo.

Ele passou minha mão pelo seu braço e conduziu-me até uma mesa lindamente iluminada. Então puxou a cadeira para que eu me sentasse.

Fiquei ali de pé me perguntando se podia ir correndo até a saída mais próxima. *Sandálias idiotas. Eu jamais conseguiria.*

Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

– Eu sei o que você está pensando e não vou deixá-la escapar de novo. Você pode se sentar e jantar comigo como uma namorada normal – ele

sorriu diante da palavra utilizada – ou – fez uma pausa, pensativo, e ameaçou: – pode se sentar no meu colo enquanto eu a obrigo a comer.

– Você não ousaria – sibilei. – Você é cavalheiro demais para me forçar a fazer qualquer coisa. Isso é um blefe, Sr. Permissão.

– Até um cavalheiro tem seus limites. De um jeito ou de outro, vamos ter uma conversa civilizada. Estou torcendo para ter que lhe dar comida no meu colo, mas a escolha é sua.

Ele se endireitou e esperou. Desabei rudemente na cadeira e a arrastei até a mesa, fazendo barulho. Ele riu baixinho e se acomodou na cadeira diante da minha. Senti culpa por causa do vestido e rearrumei a saia, para que não amarrotasse.

Olhei-o com raiva quando a garçonete se aproximou. Ela pousou meu cardápio rapidamente na mesa mas se demorou entregando o cardápio a Ren. Parou perto do ombro dele e apontou várias opções enquanto se inclinava sobre seu braço. Depois que ela se foi, revirei os olhos, enojada.

Ren examinou o cardápio devagar e com atenção, parecendo estar se divertindo muito. Eu nem peguei o meu cardápio na mesa. Ele me lançava olhares significativos enquanto eu me mantinha ali em silêncio, tentando evitar o contato visual. Quando ela voltou, falou com ele brevemente e gesticulou em minha direção.

Sorri e, em uma voz melosa, disse:

– Quero o que me fizer sair daqui mais depressa. Como uma salada.

Ren me devolveu um sorriso benevolente e recitou o que parecia um banquete, pedido que a garçonete ficou mais do que feliz em anotar. O tempo todo ela o tocava e ria com ele. O que achei muito, *muito* irritante.

Quando ela se foi, ele se reclinou na cadeira e bebeu água.

Fui a primeira a romper o silêncio, sussurrando:

– Não sei o que está aprontando, mas só lhe restam mais uns dois minutos. Portanto espero que você tenha pedido o *steak tartare*, Tigre, que é de carne crua.

Ele riu, travesso.

– Veremos, Kells. Veremos.

– Está bem. Para mim, tanto faz. Mal posso esperar para ver o que vai acontecer quando um tigre branco sair correndo por este belo restaurante, espalhando o caos. Talvez eles percam uma das estrelas por colocarem a vida dos clientes em perigo. Talvez sua nova amiguinha, a garçonete, fuja correndo e gritando.

Sorri com esse pensamento.

Ren fingiu estar chocado.

– Kelsey! Você está com ciúmes?

Ri com desdém, de uma forma muito pouco feminina, e retruquei:

– Não! É claro que não.

Ele sorriu. Nervosa, eu brincava com o guardanapo de tecido.

– Não posso acreditar que você tenha convencido o Sr. Kadam a tomar parte nisso. É um absurdo.

Ele abriu o guardanapo e piscou para a garçonete quando ela veio nos trazer uma cesta de pães.

Depois que ela se afastou, reclamei:

– Você está piscando para ela? É inacreditável!

Ele riu baixinho e pegou um pãozinho fumegante, passou manteiga e o colocou no meu prato.

– Coma, Kelsey – ordenou ele, e então se debruçou sobre a mesa. – A menos que esteja reconsiderando apreciar a vista no meu colo.

Zangada, parti o pãozinho e engoli alguns pedaços antes de perceber como era delicioso – a massa leve e macia, com pedacinhos de casca de laranja. Eu teria comido outro, mas não daria a ele essa satisfação.

A garçonete retornou logo depois com dois ajudantes e eles foram colocando prato após prato em nossa mesa. De fato, ele havia pedido um banquete. Não havia um só centímetro vazio na mesa. Ele pegou o meu prato e o encheu com uma seleção aromática, de dar água na boca. Depois

de colocá-lo diante de mim, começou a encher o próprio prato. Quando terminou, olhou para mim e arqueou uma sobrancelha.

Debrucei-me e sussurrei, furiosa:

– Eu *não vou* me sentar no seu colo, portanto não alimente esperanças.

Ele ficou esperando até eu dar algumas garfadas. Espetei um pedaço de peixe com crosta de macadâmia e disse:

– Xi. O tempo acabou, não é? O relógio é implacável. Você deve estar suando, hein? Quer dizer, pode se transformar a qualquer segundo.

Ele se limitou a dar uma garfada no carneiro ao curry e em seguida no arroz de açafrão, e ficou ali mastigando como se tivesse todo o tempo do mundo.

Eu o observei com atenção por dois minutos completos e então dobrei o guardanapo.

– O.k., eu desisto. Por que você está todo presunçoso e confiante? Quando vai me contar o que está acontecendo?

Ele limpou a boca com cuidado e bebeu um gole de água.

– O que está acontecendo, minha *prema*, é que a maldição foi suspensa. Fiquei boquiaberta.

– O quê? Se ela foi suspensa, por que você ficou como tigre nos últimos dois dias?

– Bem, para ser exato, a maldição não se extinguiu completamente. Parece que me foi concedida uma suspensão parcial.

– Parcial? Em que sentido?

– Um certo número de horas por dia. Seis horas, para ser exato.

Recitei a profecia em minha mente e lembrei que havia quatro lados no monólito, e quatro vezes seis eram...

– Vinte e quatro.

Ele fez uma pausa.

– Vinte e quatro o quê?

– Bem, seis horas fazem sentido porque são quatro os presentes a serem obtidos para Durga e quatro os lados do monólito. Nós só completamos uma das tarefas, então você ganha apenas seis horas.

Ele sorriu.

– Então acho que tenho que mantê-la por aqui, pelo menos até que as outras tarefas estejam finalizadas.

Bufei.

– Não se anime, Tarzan. Pode ser que *eu* não precise estar *presente* para as outras tarefas. Agora que é humano boa parte do tempo, você e Kishan serão capazes de resolver esse problema sozinhos, tenho certeza.

Ele inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

– Não subestime seu nível de... envolvimento, Kelsey. Mesmo que você não fosse mais necessária para quebrar a maldição, acha que eu simplesmente a deixaria ir? Que a deixaria sair da minha vida sem nem mesmo olhar para trás?

Comecei a brincar nervosamente com minha comida e resolvi não dizer nada. Aquilo era exatamente o que eu estava planejando fazer.

Alguma coisa havia mudado. O Ren magoado e confuso que me fizera sentir culpa por rejeitá-lo em Kishkindha tinha desaparecido. Agora ele parecia extremamente confiante, quase arrogante, e muito seguro de si.

Ele mantinha os olhos no meu rosto enquanto comia. Quando terminou toda a comida que havia em seu prato, tornou a enchê-lo, pegando pelo menos metade de cada travessa na mesa.

Eu me sentia constrangida sob o seu olhar. Ele parecia o gato com o canário ou o aluno com todas as respostas do teste antes mesmo de o professor anunciá-lo para a turma. Estava irritantemente satisfeito consigo mesmo e eu intuía que havia muito mais por trás de sua recente confiança do que apenas ter mais tempo como humano.

Ele aparentava saber todos os meus pensamentos e sentimentos secretos. Sua confiança me incomodava. Eu me sentia encurralada.

– A resposta a essa pergunta é... não vou. Seu lugar é ao meu lado. O que me leva à conversa que eu queria ter com você.

– Qual é o meu lugar, cabe a mim decidir, e, embora eu possa ouvir o que você tem a dizer, isso não significa que irei concordar.

– É justo. – Ren empurrou o prato vazio para o lado. – Temos algumas questões pendentes para resolver.

– Se você está se referindo às outras tarefas que devemos cumprir, já estou ciente disso.

– Não estou falando disso. Estou falando de *nós*.

– Nós?

Coloquei as mãos debaixo da mesa e limpei as palmas suadas no guardanapo.

– Acho que algumas coisas ficaram por dizer e que já é hora de serem discutidas.

– Não estou escondendo nada de você, se é isso que está dizendo.

– Está, sim.

– *Não*. Não estou.

– Você está se recusando a reconhecer o que se passou entre nós?

– Não estou me recusando a nada. Não tente pôr palavras em minha boca.

– Não estou fazendo isso. Só estou tentando convencer uma mulher teimosa a admitir que sente alguma coisa por mim.

– Se eu *sentisse* algo por você, você seria o primeiro a saber.

– Está dizendo que *não* sente nada por mim?

– Não é isso que estou dizendo.

– Então o que você *está* dizendo?

– Eu estou dizendo... não estou dizendo *nada*! – explodi.

Ren sorriu e estreitou os olhos.

Se ele continuasse com esse interrogatório, provavelmente ia conseguir me pegar em uma mentira. Não sou muito boa nisso.

Ele se recostou na cadeira.

– Está bem. Vou tirá-la da berlinda por ora, mas *iremos* falar sobre isso mais tarde. Os tigres são incansáveis uma vez que se propõem a alguma coisa. Você não vai conseguir me evitar para sempre.

– Não crie expectativas – repliquei. – Todo herói tem a sua criptonita e você não me intimida.

Torci o guardanapo no colo enquanto ele observava cada movimento meu com seus olhos escrutinadores. Eu me sentia despida, como se ele pudesse ver dentro do meu coração.

A garçonete voltou e Ren sorriu quando ela lhe estendeu um cardápio menor, provavelmente de sobremesas. Ela se inclinou sobre ele enquanto eu batia o pé, de frustração. Ele a ouvia com atenção. Então os dois riram outra vez.

Ele falou baixinho, gesticulando em minha direção, e ela olhou para mim, deu uma risadinha e recolheu os pratos. Ele pegou a carteira e entregou-lhe um cartão de crédito. A garçonete pôs a mão em seu braço, para fazer outra pergunta, e não pude mais me segurar. Eu o chutei por baixo da mesa. Ele nem piscou ou olhou para mim. Apenas estendeu o braço sobre a mesa, tomou a minha mão na dele e ficou acariciando-a distraidamente com o polegar enquanto respondia à pergunta dela. Era como se meu chute tivesse sido um tapinha de amor. Só serviu para deixá-lo mais feliz.

Quando ela se afastou, encarei-o com os olhos estreitados e disse:

– Como foi que você conseguiu aquele cartão e o que você falou com ela sobre mim?

– O Sr. Kadam me deu o cartão e eu disse a ela que aproveitaríamos a sobremesa... mais tarde.

Eu ri com sarcasmo.

– *Você* vai comer a sobremesa mais tarde *sozinho*, porque eu não vou comer mais nada com você.

Ele se inclinou sobre a mesa à luz das velas e disse:

– Quem falou alguma coisa sobre comer, Kelsey?

Ele só pode estar brincando! Mas parecia totalmente sério. *Ótimo! Lá vem o frio na barriga outra vez.*

– Pare de me olhar assim.

– Assim como?

– Como se estivesse me caçando. Eu não sou um antílope.

Ele riu.

– Ah, mas essa perseguição seria perfeita e você seria uma presa muito succulenta.

– Pare com isso.

– Estou deixando você nervosa?

– Pode-se dizer que sim.

Levantei-me bruscamente enquanto ele assinava o recibo e comecei a me dirigir para a porta. Em um instante ele estava ao meu lado falando no meu ouvido:

– Não vou deixar você escapar, lembra? Agora, comporte-se como uma boa namorada e me deixe acompanhá-la até em casa. É o mínimo que pode fazer, já que não quis conversar comigo.

Ren me pegou pelo cotovelo e começou a me conduzir para a saída do restaurante. Pensar que ele ia me acompanhar até o quarto e que provavelmente tentaria me beijar provocava arrepios em minhas costas. Por uma questão de autopreservação, eu precisava fugir. Cada minuto que passava com ele só me fazia querê-lo mais. Como apenas irritá-lo não estava surtindo efeito, eu ia ter que pegar mais pesado.

Aparentemente, eu não precisava que ele deixasse de gostar de mim, mas que me odiasse. Várias vezes me disseram que eu era o tipo de garota “tudo ou nada”. Se eu queria afastá-lo, teria que fazer isso de maneira tão drástica que não houvesse absolutamente nenhuma chance de ele voltar.

Tentei soltar meu cotovelo de sua mão, mas ele apenas a segurou com mais força.

– Pare de usar sua força de tigre em mim – grunhi para ele.

– Estou machucando você?

– Não, mas eu não sou uma marionete para ser arrastada por aí.

Ele deslizou os dedos pelo meu braço e segurou a minha mão.

– Se você for boazinha, eu serei também.

– Ótimo.

Ele sorriu.

– *Ótimo*.

– *Ótimo!* – sibilei de volta.

Andamos até o elevador e ele apertou o botão do meu andar.

– Meu quarto fica no mesmo andar – explicou Ren.

Franzi a testa e lhe dirigi um sorriso torto e só um pouquinho cruel.

– E como é que você vai fazer de manhã, Tigre? Não devia meter o Sr. Kadam em encrenca por ter um... animal de estimação tão grande.

Ren devolveu meu sarcasmo quando me acompanhava até a porta.

– Está *preocupada* comigo, Kells? Não precisa. Eu vou ficar bem.

– Acho que nem é preciso perguntar como você sabia qual era a minha porta, hein, Faro de Tigre?

Ele me olhou de uma forma que me fez virar geleia por dentro. Voltei-me de costas, mas a consciência de sua presença era forte demais e eu podia senti-lo atrás de mim, muito perto, observando, esperando.

Coloquei a chave na fechadura e ele se aproximou. Minha mão começou a tremer e eu não conseguia girar a chave. Ele pegou minha mão e me fez virá-la delicadamente. Em seguida, apoiou as mãos na porta, de ambos os lados da minha cabeça, e se inclinou para mim, me prendendo contra a porta. Eu tremia como um coelhinho preso nas garras de um lobo. O lobo chegou ainda mais perto. Curvou a cabeça e começou a acariciar meu rosto com o nariz. O problema era que... eu *queria* que o lobo me devorasse.

Comecei a me perder na névoa espessa que me envolvia todas as vezes que Ren punha as mãos em mim.

E a história de pedir permissão?, pensei enquanto sentia todas as minhas defesas caírem por terra.

– Eu sempre sei onde você está, Kelsey. Você cheira a pêssego com creme – sussurrou ele, terno.

Estremeci e pus a mão em seu peito para empurrá-lo, mas acabei agarrando sua camisa, desesperada. Seus beijos foram abrindo uma trilha a partir da orelha, descendo pelo rosto, e então ele foi depositando beijos suaves ao longo do arco do meu pescoço. Eu o puxei para mais perto e virei a cabeça para que ele pudesse me beijar de verdade. Ele sorriu e ignorou o meu convite, passando então à outra orelha. Mordeu o lóbulo de leve, passou para a clavícula e seguiu sua trilha de beijos até o ombro. Depois ergueu a cabeça e trouxe os lábios a um centímetro dos meus, e o único pensamento em minha cabeça era... *mais*.

Com um sorriso arrasador, ele se afastou, relutante, e correu os dedos levemente pelo meu cabelo.

– Esqueci de dizer que você está linda hoje.

Ele tornou a sorrir, se virou e afastou-se pelo corredor.

Minúsculos tremores vibravam pelos meus braços e minhas pernas, como aqueles que se seguem a um terremoto. Eu não conseguia firmar a mão enquanto girava a chave. Abri bruscamente a porta do quarto escuro, entrei e, trêmula, fechei-a. Encostando-me nela, deixei a escuridão me envolver.



Conclusões

Na manhã seguinte, arrumei todas as minhas coisas e fiquei à espera do Sr. Kadam, sentada na espreguiçadeira, batendo nervosamente o pé. A noite anterior havia me convencido de que eu precisava fazer alguma coisa em relação a Ren. A presença dele era irresistível.

Eu sabia que, se passasse mais tempo com ele, Ren me persuadiria a ter um relacionamento sério, e eu não podia de maneira nenhuma permitir isso.

Eu acabaria arrasada. Ah, seria maravilhoso por um tempo. Muito, *muito* maravilhoso. Mas não duraria. Ele era um Adônis e eu não era nenhuma Helena de Troia. Nunca daria certo. Eu tinha que ser realista e reassumir o controle da minha vida. Decidi que, quando chegássemos à casa dele, teríamos uma conversa de mulher para tigre.

Então, se ele não desistisse, eu simplesmente voltaria para minha casa, como o Sr. Kadam sugerira. Talvez a distância ajudasse. Talvez Ren só precisasse de um tempo longe de mim para perceber que um relacionamento entre nós seria um erro. Com essa resolução, preparei-me para vê-lo outra vez quando deixássemos o hotel.

Esperei muito tempo pelo Sr. Kadam. Já estava quase ligando para o seu quarto quando finalmente ouvi uma batida na porta. O Sr. Kadam estava lá, sozinho.

– Está pronta, Srta. Kelsey? Lamento que estejamos começando o dia tão tarde.

– Tudo bem. O Sr. Maravilhoso provavelmente estava aproveitando seu precioso tempo, certo?

– Não, na verdade o atraso foi culpa minha. Eu estava ocupado com... uma papelada.

– Ah. Não se preocupe com isso. Que tipo de papelada?

Ele sorriu.

– Nada importante.

O Sr. Kadam segurou a porta para mim e saímos para o corredor vazio. Eu estava começando a relaxar diante do elevador quando ouvi a porta de um dos quartos se fechar. Ren vinha pelo corredor em nossa direção. Havia comprado roupas novas. Obviamente, estava lindo. Recuei um passo e tentei evitar o contato visual.

Ren usava calça jeans escura, de grife, com lavagem envelhecida. A camisa, de boa qualidade, era de mangas compridas abotoada na frente, azul, com listras brancas finas, e combinava perfeitamente com seus olhos. Ele havia enrolado as mangas e deixado a camisa solta e aberta no colarinho. O corte era esportivo, de modo que se ajustava perfeitamente em seu torso musculoso, o que me fez arquejar involuntariamente, apreciando seu esplendor masculino.

Ele parece um modelo. Como vou poder dispensar isso? O mundo é tão injusto. Sério, é como rejeitar um encontro com Brad Pitt. A garota capaz de fazer isso devia ganhar o prêmio de maior idiota do século.

Novamente corri minha lista de razões para não ficar com Ren. O bom de ver sua figura irresistível e observá-lo andar por aí como uma pessoa normal era que isso firmava minha resolução. Sim. Seria difícil, mas agora estava ainda mais óbvio para mim que não tínhamos nada a ver um com o outro.

Quando ele se juntou a nós à espera do elevador, sacudi a cabeça e murmurei entre dentes:

– O cara é um tigre por 350 anos e sai da maldição com um gosto sofisticado e um senso de moda apurado. Incrível! Como se explica isso?

– O que foi, Srta. Kelsey? – perguntou o Sr. Kadam.

– Nada.

Ren sorriu, convencido.

Ele provavelmente me ouviu. Porcaria de ouvido de tigre.

As portas do elevador se abriram. Entrei e fui para um canto, torcendo para que o Sr. Kadam se pusesse entre nós dois, mas aparentemente o Sr. Kadam não estava recebendo as mensagens silenciosas que eu lhe enviava e permaneceu junto aos botões do elevador. Ren parou ao meu lado, ficando perto demais. Ele me olhou de cima a baixo bem devagar e me dirigiu um sorriso cúmplice. Descemos em silêncio.

Quando as portas se abriram, ele me deteve, tirou a mochila do meu ombro e passou-a para o dele, deixando-me sem nada para carregar. Ele ia à frente, ao lado do Sr. Kadam, enquanto eu seguia mais devagar atrás, mantendo distância entre nós e um olho desconfiado em sua figura alta.

No carro, o Sr. Kadam falou por nós três. Estava muito entusiasmado por Ren poder se manter na forma humana novamente. Devia ser um grande alívio para ele. De certa forma, o Sr. Kadam estava sob o jugo da maldição tanto quanto Ren e Kishan. Ele não podia ter vida própria. Dedicar seu tempo e atenção a servir os irmãos havia se tornado seu único propósito na vida. Era tão escravo dos tigres quanto estes eram da maldição.

Ocorreu-me então que eu corria o risco de me tornar escrava de um tigre também. *Ah! Eu provavelmente gostaria.* Revirei os olhos diante desse pensamento. *Tenho raiva de mim. Como sou fraca!* Odiava a ideia de que tudo que ele precisaria fazer era estalar os dedos. Meu lado independente se inflamou. *Já chega! Acabou! Vou ter uma conversa definitiva com ele quando chegarmos e espero que ainda possamos ser amigos.*

Essa linha de raciocínio basicamente tomou conta dos meus pensamentos durante toda a viagem para casa. Eu começava a devanear e então parava, passava um sermão em mim mesma e repetia meu mantra

obstinado. Tentei ler, mas, de tanto ter que reler o mesmo parágrafo vezes sem conta, desisti e cochilei um pouco.

Finalmente chegamos, já tarde da noite. Dei uma olhada na iluminada casa dos sonhos de Ren e soltei um profundo suspiro. Eu me sentia à vontade ali. Seria muito difícil ir embora quando chegasse a hora e lá no fundo eu tinha a sensação de que esta chegaria muito em breve.

Embora eu houvesse cochilado um pouco durante a viagem, achei que devia tentar descansar. Forcei-me a parar de me angustiar com minha escolha, escovei os dentes e vesti o pijama. Tirei Fanindra da mochila com cuidado. Colocando uma almofadinha na mesa de cabeceira, ajeitei o corpo rijo e enroscado de Fanindra o mais confortavelmente possível, com a cabeça voltada para a vista da piscina. Se eu fosse uma cobra imobilizada, seria para lá que eu gostaria de olhar.

Em seguida, tirei a *gada* e o Fruto Dourado. Envolvendo o fruto em uma toalha macia, coloquei-o, assim como a *gada*, na gaveta da cômoda. Olhando para o fruto, percebi que tinha fome. Queria um lanche, mas estava com muita preguiça de descer. Enfiei o fruto na gaveta. Precisava me lembrar de pedir ao Sr. Kadam que guardasse o Fruto Dourado e a *gada* com o Selo da família de Ren, onde quer que este estivesse. Precisavam ficar em um lugar seguro.

Quando me enfiei na cama, percebi um pratinho de biscoitos e queijo com fatias de maçã na mesa de cabeceira, perto de Fanindra. Eu não o havia notado antes.

Humm. O Sr. Kadam deve ter entrado e deixado o prato quando eu estava no banheiro.

Grata por sua atenção, comi o lanche e apaguei as luzes. O sono não vinha. Minha mente não me deixava descansar. Eu temia encarar Ren no dia seguinte. Tinha medo de não conseguir dizer o que precisava ser dito. Finalmente adormeci por volta das quatro da manhã e dormi até o meio-dia.

Demorei a me levantar. Eu sabia que estava evitando Ren e nossa conversa, mas não me importava. Tomei banho e me vesti devagar. Quando reuni coragem para descer, meu estômago reclamava de fome.

Desci a escada e ouvi alguém na cozinha. Aliviada por achar que se tratava do Sr. Kadam, cheguei à cozinha e, para minha aflição, encontrei Ren, sozinho, tentando fazer um sanduíche. Ele tinha ingredientes espalhados por toda a cozinha. Todos os legumes e verduras da geladeira e quase todos os condimentos encontravam-se em cima da bancada. E lá estava ele de pé, pensativo, tentando calcular se devia usar ketchup ou molho de pimenta no sanduíche de peru com berinjela. Ele havia amarrado um dos aventais do Sr. Kadam na cintura e estava todo sujo de mostarda. Apesar da minha tentativa de ficar quieta, não contive o riso.

Ele sorriu, mas manteve a atenção no sanduíche.

– Ouvi você levantar. Levou bastante tempo para descer. Imaginei que deveria estar com fome e vim fazer um sanduíche para você.

Eu ri com azedume.

– Argh, não um desses. Fico com um de manteiga de amendoim.

– Certo. E qual desses vidros é de manteiga de amendoim?

Apontou para um grupo de frascos. Ele havia colocado os de rótulo em inglês de um lado e mantivera todas as outras coisas perto dele.

Confusa, eu me aproximei.

– Você não sabe ler inglês, sabe?

– Não. Posso ler cerca de 15 outras línguas e falar umas 30, mas não consigo decifrar o que são estes vidros.

Sorri para ele.

– Se tivesse cheirado, provavelmente saberia, Faro de Tigre.

Ren ergueu os olhos, sorriu e pousou os dois frascos na bancada. Depois, veio até mim e me beijou na boca.

– Está vendo? É por isso que você deve estar por perto. Preciso de uma namorada inteligente.

Voltou ao sanduíche e começou a abrir frascos e a cheirá-los.

– Ren! Eu *não sou* sua namorada! – explodi.

Ele se limitou a sorrir para mim como resposta, localizou a manteiga de amendoim e fez o sanduíche de manteiga de amendoim mais exagerado que eu já vira. Dei uma mordida e não consegui abrir a boca.

– Uen, quetaumumcopodeueite?

Ele riu.

– O quê?

– Ueite, ueite!

Imitei alguém bebendo algo.

– Ah, leite! Só um segundo.

Esvaziei metade do copo de leite de uma só vez, para limpar a manteiga grudada da boca. Separando as duas fatias de pão, escolhi a que tinha a menor quantidade de manteiga de amendoim, dobrei-a ao meio e a comi.

Ren se sentou à minha frente com o maior e mais estranho sanduíche do planeta e começou a comer. Arregalei os olhos diante daquilo e ele riu.

Decidi que aquela era uma boa hora para falar, quando ele não podia responder.

– Ren? Tem uma coisa importante que precisamos discutir. Dê uma passada hoje na varanda ao pôr do sol, está bem?

Ele se imobilizou com o sanduíche a meio caminho da boca.

– Um encontro secreto? Na varanda? Ao pôr do sol? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Kelsey, você está tentando me seduzir?

– Dificilmente – murmurei, seca.

Ele riu.

– Bom, sou todo seu. Mas seja gentil comigo esta noite, minha amada. Sou novo nessas histórias de seres humanos.

Exasperada, rejeitei:

– Eu *não sou* sua amada.

Ele ignorou meu comentário e voltou a devorar seu almoço. Também pegou a outra metade do sanduíche de manteiga de amendoim que descartei e a comeu, comentando:

– Ei! Essa coisa é gostosa.

Quando terminei, fui até a ilha da cozinha e comecei a arrumar a bagunça de Ren. Depois de comer, ele se levantou para me ajudar. Trabalhávamos bem juntos. Era quase como se soubéssemos o que o outro ia fazer antes que ele fizesse. Em pouco tempo a cozinha ficou imaculada. Ren tirou o avental e o atirou no cesto de roupa suja. Então, aproximou-se por trás de mim enquanto eu guardava alguns copos e me abraçou pela cintura, me puxando para ele.

Cheirou meu cabelo, beijou meu pescoço e murmurou em meu ouvido:

– Humm, definitivamente pêssegos e creme, mas com um toque picante. Vou me transformar em tigre e tirar um cochilo, assim posso salvar todas as minhas horas para você esta noite.

Fiz uma careta. Ele devia estar esperando uma sessão de amassos, e eu, planejando romper com ele. Ele queria namorar e minha intenção era explicar que não daria certo ficarmos juntos. Não que oficialmente estivéssemos juntos. Ainda assim, parecia um rompimento.

Por que isso precisa ser tão difícil?

Ren me embalou e sussurrou:

– “Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta.” Virei-me em seus braços, chocada.

– Como você se lembra disso? É de *Romeu e Julieta*!

Ele deu de ombros.

– Prestei atenção quando você leu para mim. Eu gostei.

Ele beijou delicadamente minha bochecha.

– Vejo você à noite, *iadala*.

E me deixou ali parada.

Pelo resto da tarde, não consegui me concentrar em coisa alguma. Nada prendia minha atenção por mais que uns poucos minutos. Ensaiei algumas frases na frente do espelho, mas todas me soavam muito pouco convincentes: “Não é você, sou eu”, “Tem muitos outros peixes no mar”, “Eu

preciso me encontrar”, “Nossas diferenças são grandes demais”, “Eu não sou a garota certa para você”, “Existe outra pessoa”. Droga, cheguei até a tentar “Sou alérgica a gatos”.

Nenhuma das desculpas que me ocorreram funcionaria com Ren. Decidi que a melhor coisa a fazer era ser direta e falar a verdade. Essa era eu. Eu enfrentava as situações, resolvia os problemas e seguia com a vida.

O Sr. Kadam esteve fora o dia todo. O Jeep não estava lá. Eu alimentei a esperança de que ele estivesse por ali para me distrair um pouco, quem sabe me dar um conselho, mas ele havia sumido.

O pôr do sol chegou rápido demais e eu subi, nervosa. Entrei no banheiro, desfiz minhas tranças e escovei os cabelos até que eles caíssem pelas minhas costas em ondas suaves. Pus um brilho nos lábios e lápis nos olhos, e então procurei no closet algo melhor para usar do que uma camiseta. Aparentemente, alguém andara acrescentando roupas de grife ao meu armário. Peguei uma blusa de algodão xadrezinho cor de amora, com debruns de seda preta, e uma calça *cigarrete* preta na altura dos tornozelos.

A coisa mais caridosa a fazer seria me apresentar com a aparência mais sem graça possível, o que provavelmente tornaria tudo mais fácil para ele, mas eu não queria que suas lembranças de mim fossem de uma desmazelada vestindo roupas de menino.

Afinal, tenho um pouco de orgulho feminino. Eu ainda quero que ele sofra. Pelo menos um pouco.

Satisfeita com minha aparência, passei por Fanindra, acariciei-lhe a cabeça e pedi que me desejasse sorte. Abri a porta de vidro, deslizando-a, e saí para a varanda. O ar estava morno e cheirava a jasmim e ao aroma amadeirado da selva. Fiquei observando o sol mergulhar no horizonte, deixando o céu rosa e laranja. As luzes da piscina e do chafariz se acenderam lá embaixo quando me recostei no sofazinho acolchoado pendurado e comecei a balançar levemente, desfrutando a brisa suave e de fragrância doce que soprava em minha pele.

Suspirei e disse em voz alta:

– Só falta uma daquelas bebidas tropicais com abacaxi, cereja e um guarda-chuvinha.

Alguma coisa chiou ao meu lado em uma mesinha lateral. Era um copo curvo e gelado contendo uma bebida à base de frutas laranja-avermelhada, com guarda-chuva, cerejas e tudo! Apanhei-a para ver se era de verdade. Tomei um gole, cautelosa, e o suco doce e espumante estava perfeito.

Alguma coisa estranha está acontecendo. Não tem mais ninguém aqui, então como essa bebida surgiu do nada?

Nesse exato momento Ren apareceu e eu me esqueci da bebida misteriosa. Ele estava descalço, de calça preta com cinto fino e camisa de seda verde da cor do mar. Os cabelos estavam úmidos e ele os penteava para trás. Sentou-se ao meu lado no sofazinho e passou o braço pelos meus ombros. Seu cheiro era fantástico. Aquele seu aroma quente de sândalo, que fazia lembrar um dia de verão, se misturava ao jasmim.

O paraíso só pode ter este cheiro.

Ren pôs um pé em uma mesa lateral e começou a nos balançar para a frente e para trás. Ele parecia feliz por simplesmente se sentar, relaxar e desfrutar a brisa e o pôr do sol, e ficamos assim por um tempo, sentados lado a lado confortavelmente. Era bom. Talvez ainda pudéssemos ser amigos assim depois. Eu esperava que sim. Gostava da sua companhia.

Ele estendeu a mão e pegou a minha, entrelaçando os dedos nos meus. Ficou brincando com eles por um tempo, depois levou minha mão aos lábios e os beijou lentamente, um a um.

– Sobre o que você queria falar esta noite, Kelsey?

– É...

Sobre que diabos eu queria falar? Não conseguia lembrar. Ah, sim. Eu me livrei da reação que tivera com sua presença e me preparei.

– Ren, prefiro que você se sente à minha frente para que eu possa vê-lo. Assim me distrairá menos.

Ele riu de mim.

– Está bem, Kells. Como quiser.

Ele puxou uma cadeira, colocando-a diante de mim, e se sentou. Inclinando-se, pegou meu pé e o colocou em seu colo.

Encolhi a perna.

– O que você está fazendo?

– Relaxe. Você parece tensa.

Começou a massagear meu pé. Eu ia protestar, mas Ren me lançou um olhar que me fez calar.

Ele torceu meu pé para um lado e para outro.

– Seus pés estão cheios de bolhas. Precisamos comprar um calçado melhor para você, se vai andar pela selva com essa frequência.

– As botas de *trekking* me fizeram bolhas também. O problema não deve estar nos sapatos. Eu tenho andado calçado mais nas últimas semanas do que em toda a minha vida. Meus pés não estão acostumados a isso.

Ele franziu a testa e delicadamente acompanhou o arco do meu pé com o dedo, o que disparou arrepios pela minha perna. Então envolveu meu pé com as duas mãos e começou a massagear, tomando o cuidado de evitar os pontos sensíveis. Eu estava prestes a reclamar outra vez, mas a sensação era tão gostosa. Além disso, essa podia ser uma boa distração durante uma conversa constrangedora, por isso deixei que ele continuasse. Olhei para o seu rosto e ele me estudava, curioso.

O que deu na minha cabeça? Como pude achar que ele sentado à minha frente facilitaria as coisas? Idiota! Agora preciso olhar diretamente para o arcanjo guerreiro e tentar me manter concentrada. Fechei os olhos por um minuto. *Vamos, Kells. Foco. Foco. Você consegue!*

– Ren, tem mesmo uma coisa que precisamos discutir.

– Muito bem. Vá em frente.

Deixei escapar um suspiro.

– Sabe, eu não posso... corresponder aos seus sentimentos. Ou ao seu... afeto.

Ele riu.

– Do que você está falando?

– Bem, o que quero dizer é que eu...

Ele se inclinou para a frente e falou, a voz baixa, cheia de significado:

– Kelsey, eu *sei* que você corresponde aos meus sentimentos. Não finja mais.

Quando foi que ele deduziu isso? Talvez enquanto você o beijava feito uma pateta, Kells. Eu tinha esperanças de que o tivesse enganado, mas ele podia ver através de mim. Resolvi me fazer de boba e fingir que não sabia do que ele estava falando.

Agitei a mão no ar.

– Está bem! Sim! Admito que me sinto atraída por você. – *Quem não se sentiria?* – Mas não vai dar certo – concluí.

Pronto, falei.

Ren pareceu confuso.

– Por que não?

– Porque me sinto atraída demais por você.

– Não estou entendendo. Como essa atração por mim pode ser um problema? Eu diria que é uma coisa boa.

– Para pessoas *normais*... sim – afirmei.

– Então eu não sou normal?

– Não. Deixe-me explicar dessa forma: assim... um homem faminto comeria feliz um rabanete, certo? Na verdade, um rabanete seria um banquete se fosse tudo o que ele tivesse. Mas, se houvesse um banquete de verdade diante dele, o rabanete jamais seria escolhido.

Ren permaneceu calado por um momento.

– O que está querendo dizer?

– Estou dizendo... que eu sou o rabanete.

– E eu sou o quê? O banquete?

– Não... você é o homem. Só que... eu não quero ser o rabanete. Quem quer? Mas sou realista o bastante para saber o que sou e eu *não sou* um

banquete. Quero dizer, você poderia estar comendo bombas de chocolate, pelo amor de Deus.

– Mas não rabanete.

– Não.

– Mas e se... – Ren fez uma pausa, pensativo – ...eu gostar de rabanete?

– Você não gosta. Só não conhece nada melhor. Eu lamento ter sido tão rude com você. Normalmente não sou assim. Não sei de onde vem todo esse sarcasmo.

Ren arqueou uma sobrancelha.

– Muito bem. Tenho um lado cínico e mau que costuma ficar escondido – admiti. – Mas que aflora quando estou sob grande estresse ou extremamente desesperada.

Ele pôs meu pé no chão, pegou o outro e começou a massageá-lo com os polegares. Não disse nada, então continuei:

– Ser insensível e detestável era a única coisa que eu podia fazer para afastá-lo. Foi como um mecanismo de defesa.

– Então você admite que estava tentando me afastar.

– Sim. É claro.

– E isso porque você é um rabanete.

Frustrada, eu disse:

– *Sim!* Agora que você pode ser um homem de novo, vai encontrar alguém melhor, alguém que o complemente. Não é culpa sua. Você foi um tigre por tanto tempo que não sabe como o mundo funciona.

– Certo. E como o mundo funciona, Kelsey?

Eu podia sentir a frustração em sua voz, mas prossegui:

– Bem, para falar sem rodeios, você poderia estar namorando alguma top model ou uma atriz. Não está prestando atenção à sua volta?

– Ah, sim, de fato eu venho prestando atenção! – gritou ele, furioso. – O que você está dizendo é que eu devia ser um *libertino* rico, superficial e

convencido, que só se importa com dinheiro, poder e em melhorar seu status. Que eu deveria namorar mulheres superficiais, volúveis, ambiciosas e sem cérebro, que se importem mais com minhas conexões do que comigo. E que eu não sou inteligente o bastante, ou atualizado o bastante, para saber *quem* eu quero ou *o que* eu quero na vida! Será que isso resume o seu ponto de vista?

– *Sim* – respondi, com a voz aguda.

– Você acha mesmo isso?

Eu me encolhi.

– Acho.

Ren se inclinou em minha direção.

– Você está errada, Kelsey. Errada em relação a si mesma e errada em relação a mim!

Ele estava furioso. Eu me mexi, desconfortável, enquanto ele prosseguia:

– Eu sei o que eu quero. Não estou sob o efeito de nenhuma ilusão. Durante séculos estudei as pessoas de dentro de uma jaula e isso me deu bastante tempo para estabelecer minhas prioridades. No primeiro instante em que a vi, na primeira vez em que ouvi sua voz, eu soube que você era diferente. Você era especial. Quando colocou a mão na jaula e me tocou, fez com que eu me sentisse vivo de uma maneira que nunca sentira antes.

– Talvez isso seja apenas parte da maldição. Já pensou nisso? Esses podem não ser seus verdadeiros sentimentos. Talvez você tenha pressentido que eu era a pessoa que iria ajudá-lo e, de alguma forma, interpretou mal suas emoções.

– Duvido muito. Nunca senti isso por ninguém, nem antes da maldição.

As coisas não estavam indo pelo caminho que eu queria. Senti uma necessidade desesperada de fugir antes que eu dissesse alguma coisa que arruinasse meus planos. Ren era o lado escuro, o fruto proibido, a minha Dalila – a última tentação. A questão era... eu poderia resistir?

Dei um tapinha amigável em seu joelho e joguei meu trunfo:

– Estou indo embora.

– Você o *quê*?

– Estou voltando para casa, no Oregon. O Sr. Kadam acha que vai ser mais seguro para mim, com Lokesh solto por aí, tentando nos matar e tudo o mais. Além disso, você precisa de tempo para esclarecer... as coisas.

– Se você vai, então vou com você!

Sorri-lhe com ironia.

– Isso anula o propósito da minha ida. Você não acha?

Ele alisou o cabelo para trás, deixou escapar um profundo suspiro, pegou minha mão e olhou intensamente nos meus olhos.

– Kells, quando você vai aceitar o fato de que devemos ficar juntos?

Eu me senti mal, como se estivesse chutando um cachorrinho fiel que só queria ser amado. Olhei para a piscina.

Um momento depois, ele se recostou na cadeira e disse, ameaçador:

– Eu não vou deixar você ir.

Por dentro, eu queria desesperadamente pegar a mão dele e implorar que me perdoasse, que me amasse, mas resisti, deixei as mãos caírem no colo e implorei:

– Ren, por favor. Você tem que me deixar ir. Eu preciso... Eu tenho medo... Olhe, eu não posso estar aqui, perto de você, quando você mudar de ideia.

– Isso não vai acontecer.

– Pode acontecer. Há uma boa chance.

Ele grunhiu, furioso:

– Não há *nenhuma* chance!

– Olhe, meu coração não pode correr esse risco e eu não quero colocar você numa posição embaraçosa. Sinto muito, Ren. Sinto mesmo. Eu quero ser sua amiga, mas compreendo se você não quiser isso. Vou voltar quando precisar de mim, se precisar, para ajudá-lo a encontrar as outras três

oferendas. Eu não abandonaria você ou Kishan assim. Só não posso ficar aqui com você se sentindo obrigado a ficar comigo por piedade, porque precisa de mim. Mas saiba que eu nunca abandonaria sua causa. Sempre estarei à disposição de vocês dois, aconteça o que acontecer.

– Ficar com você por *piedade*? Kelsey, você não pode estar falando sério!

– Estou. Muito, *muito* sério. Vou pedir ao Sr. Kadam que providencie a minha volta nos próximos dias.

Ele não disse mais nada. Ficou ali sentado. Eu podia ver que estava enfurecido, mas achava que, depois de uma ou duas semanas, quando recomeçasse a voltar ao mundo, ele acabaria agradecendo o meu gesto.

Desviei os olhos.

– Estou muito cansada agora. Gostaria de ir dormir. – Levantei-me e segui para o meu quarto. Antes de fechar as portas de correr, perguntei: – Posso fazer um último pedido?

Ele continuou sentado lá, calado, os braços cruzados no peito, com uma expressão tensa e furiosa.

Suspirei. *Mesmo furioso ele é lindo.*

Como permanecia calado, continuei:

– Seria muito mais fácil para mim se eu não o visse. Como homem. Vou tentar evitar a maior parte da casa. Ela é *sua*, afinal, então vou ficar no quarto. Se você vir o Sr. Kadam, por favor, diga que eu gostaria de falar com ele.

Ele não respondeu.

– Até logo, Ren. Cuide-se.

Forcei-me a desviar os olhos, fechei as portas e puxei as cortinas.

Cuide-se? Que despedida ridícula. As lágrimas afloraram aos meus olhos e nublaram minha visão. Estava orgulhosa por ter feito aquilo sem mostrar emoção. Mas agora eu me sentia como se um rolo compressor tivesse passado por cima de mim.

Eu não conseguia respirar. Fui para o banheiro e abri o chuveiro para abafar qualquer ruído. Fechei a porta, o que aprisionou todo o vapor ali dentro, e soluzei. Espasmos de agonia sacudiam o meu corpo. Meus olhos, nariz e boca, todos jorraram simultaneamente quando me permiti sentir o desespero vazio da perda.

Escorreguei para o chão e deslizei ainda mais até estar esparramada com o rosto encostado no mármore frio. Deixei as emoções me dominarem até me sentir completamente esgotada. Meus braços e pernas pareciam sem vida e insensíveis, e os cabelos se encrespavam e grudavam-se às lágrimas no rosto.

Bem mais tarde, levantei-me lentamente, desliguei o chuveiro, lavi o rosto e fui para a cama. Imagens de Ren voltaram a atravessar minha mente e lágrimas silenciosas correram mais uma vez. Cheguei até a pensar em colocar Fanindra no meu travesseiro e abraçá-la, de tão desesperada que eu estava por ser consolada. Chorei até dormir, com a esperança de que na manhã seguinte fosse me sentir melhor.

No dia seguinte, acordei tarde outra vez faminta e entorpecida. Estava emocionalmente esgotada. Não queria correr o risco de descer para pegar alguma coisa para comer. Não queria encontrar Ren. Sentei-me na cama, puxei os joelhos até o peito e me perguntei o que fazer.

Decidi escrever no diário. Despejar os meus pensamentos e emoções embaralhados em suas páginas fez com que eu me sentisse um pouco melhor. Meu estômago roncava.

Eu adoraria uns crepes de frutas vermelhas do Sr. Kadam.

Alguma coisa se moveu na minha visão periférica. Virei-me e vi o café da manhã posto para mim na mesinha. Fui até lá inspecionar. Crepes de frutas vermelhas! Fiquei boquiaberta.

Isso é bom demais para ser verdade.

De repente me lembrei do suco espumante que eu provara na noite passada. Quando quis alguma coisa para beber, ele aparecera.

Decidi testar esses estranhos fenômenos.

– Queria leite achocolatado – falei em voz alta, e um copo alto de leite frio com chocolate se materializou do nada.

Resolvi experimentar pensando.

Queria um par de sapatos novo.

Nada aconteceu.

– Queria um par de sapatos novo – eu disse em voz alta.

Ainda assim, nada aconteceu.

Talvez só funcione com comida. Pensei: *Queria um milk-shake de morango.*

Outro copo grande apareceu, cheio até a borda com um espesso milk-shake de morango, finalizado com creme batido e uma fatia de morango.

O que faz isso acontecer? A gada? Fanindra? Durga? O Fruto? O Fruto! O Fruto Dourado da Índia! O Sr. Kadam tinha dito que, por meio do Fruto Dourado, o povo da Índia seria alimentado. O Fruto Dourado provê alimento! Peguei o fruto na gaveta e o segurei enquanto fazia outro desejo.

– Um... rabanete, por favor.

O fruto tremeluziu e brilhou como um diamante dourado, e um rabanete apareceu em minha mão livre. Examinei-o cuidadosamente e então o arremessei na lixeira.

– Está vendo? Nem *eu* quero um rabanete – murmurei com ironia.

Tive vontade de partilhar imediatamente essa novidade incrível com Ren e corri para a porta. Girei a maçaneta, mas então hesitei. Não queria desfazer todas as coisas que dissera na noite passada. Eu fora sincera sobre continuarmos amigos, no entanto, por ironia, era eu quem não podia ser sua amiga nesse momento. Eu precisava de tempo para esquecê-lo.

Resolvi esperar pela volta do Sr. Kadam. Então contaria a Ren sobre o fruto.

Comecei a comer os crepes e me delicieei com a refeição – ainda mais especial por ser mágica. Quando terminei, me vesti e resolvi ler no quarto. Algum tempo depois, alguém bateu na porta.

– Posso entrar, Srta. Kelsey?

Era o Sr. Kadam.

– Sim. A porta está aberta.

Ele entrou, fechou a porta e se sentou em uma das espreguiçadeiras.

– Sr. Kadam, fique bem aí. Tenho algo para lhe mostrar! – Levantei-me, empolgada, e corri para a cômoda. Pegando o Fruto Dourado, eu o desembrulhei e pousei delicadamente em cima da mesa. – O senhor está com fome?

Ele riu.

– Não. Acabei de comer.

– Bem, peça alguma coisa para comer assim mesmo.

– Por quê?

– Experimente.

– Está bem. – Os olhos dele piscaram. – Queria uma tigela do ensopado da minha mãe.

O fruto fulgurou e uma tigela branca surgiu diante de nós. O aroma picante de ensopado de carneiro com ervas encheu o quarto.

– Como isso é possível?

– Vá em frente, Sr. Kadam. Deseje algo mais. Alguma comida.

– Quero um iogurte de manga.

O fruto cintilou mais uma vez e um pequeno pote de iogurte de manga apareceu.

– Viu? É o fruto que faz isso! Ele *alimenta* a Índia. Entendeu?

Ele pegou o fruto com todo o cuidado.

– Que descoberta impressionante! Já contou para Ren?

Corei, culpada.

– Não, ainda não. Mas o senhor pode contar.

Ele assentiu, atônito, e revirou o fruto nas mãos, olhando-o de todos os ângulos.

– Sr. Kadam? Tem outra coisa que eu queria lhe falar.

Ele deixou o fruto de lado com delicadeza e voltou toda sua atenção para mim.

– Claro, Srta. Kelsey. O que é?

Soltei um profundo suspiro.

– Acho que é hora... de eu voltar para casa.

Ele se recostou na cadeira, juntou os dedos e me olhou, pensativo.

– Por que acha isso?

– Bem, como o senhor disse, tem esse tal Lokesh, e também tem outras... coisas.

– Outras coisas?

– Sim.

– Como, por exemplo...

– Como, por exemplo... bem, não quero me aproveitar de sua hospitalidade para sempre.

Ele dispensou meu argumento.

– Bobagem. Você faz parte da família. Temos uma dívida eterna com você, que jamais poderá ser paga. Esta casa é tão sua quanto nossa.

Sorri para ele, agradecida.

– Obrigada. Mas não é só isso, é também... Ren.

– Ren? Quer me falar sobre isso?

Eu me sentei na borda do sofá e abri a boca para dizer que não queria falar desse assunto, mas acabou transbordando. Antes que me desse conta, eu chorava, e ele estava sentado ao meu lado dando tapinhas na minha mão e me consolando, como se fosse meu avô.

Ele não disse nada. Simplesmente me deixou pôr para fora toda a mágoa, a confusão e os sentimentos novos. Quando terminei, ele me afagou as costas, enquanto eu soluçava, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ele me entregou um lenço de tecido caro e desejou ter uma xícara de chá de camomila para me dar.

Em meio às lágrimas, ri de sua expressão encantada ao me entregar o chá. Então assoei o nariz e me acalmei. Estava horrorizada com o fato de ter lhe confessado tudo. *O que ele deve estar pensando de mim?* De repente outro pensamento atravessou meu desespero: *E se ele contar a Ren?*

Como se lesse meus pensamentos, o Sr. Kadam disse:

- Srta. Kelsey, não se sinta mal por ter me contado.
- Por favor, *por favor*, não conte para Ren – implorei.
- Fique tranquila, não vou trair sua confiança. – Ele deu uma risadinha. – Sou muito bom em guardar segredos, minha querida. Não se desespere. A vida muitas vezes parece sem esperanças e complicada demais para um desfecho feliz. Eu só espero poder lhe oferecer um pouco da paz e da harmonia que você me devolveu.

Ele recostou-se na cadeira, pensativo, afagando a barba curta.

- Talvez seja mesmo hora de você voltar para o Oregon. Está certa quando diz que Ren precisa de tempo para aprender a ser um homem outra vez, embora não exatamente da forma que você acredita. Além disso, tenho muitas pesquisas para fazer antes de sairmos à procura da segunda oferenda de Durga.

Ele fez uma pausa.

- É claro que vou tomar as providências para sua viagem. Nunca se esqueça, porém, de que esta casa é sua e de que pode me ligar quando quiser e eu a trarei de volta imediatamente. Se a senhorita não achar muito atrevimento da minha parte, eu a considero uma filha. – Ele riu. – Ou talvez uma neta seja o mais exato.

Sorri para ele, trêmula, abracei-o e solucei novamente em seu ombro.

- Obrigada. Muito obrigada. Também considero o senhor parte da minha família. Vou sentir muito a sua falta.

Ele retribuiu meu abraço.

- Também sentirei saudade. Agora, chega de lágrimas. Por que não vai nadar e pegar um pouco de ar fresco enquanto eu tomo as providências?

Enxuguei uma lágrima que cintilava no meu olho.

– Boa ideia. Acho que vou fazer isso.

Ele apertou minha mão e saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente ao passar.

Seguindo seu conselho, vesti o maiô e fui para a piscina. Fiquei nadando, tentando pôr energia em outra coisa que não minhas emoções. Quando senti fome, experimentei desejar um sanduíche triplo de presunto, alface e tomate, e um desses surgiu ao lado da piscina.

Isto é muito útil! Não preciso nem estar no mesmo cômodo do fruto! Eu me pergunto qual será o alcance dele.

Comi o sanduíche e me deitei em uma toalha de praia até minha pele ficar quente. Então pulei na piscina e fiquei boiando preguiçosamente por um tempo.

Um homem alto se aproximou e parou ao lado da piscina, diante do sol. Mesmo protegendo os olhos com a mão, eu não conseguia ver seu rosto, mas sabia quem era.

– Ren! Você não pode me deixar em paz? – resmunguei, mal-humorada. – Não quero falar com você agora.

O homem saiu da frente do sol e eu estreitei os olhos para vê-lo.

– Você não quer me ver? Depois de eu ter percorrido toda essa distância? – Ele estalou a língua. – Tsc, tsc, tsc. Alguém precisa lhe ensinar boas maneiras, senhorita.

– Kishan? – arquejei.

Ele sorriu.

– Quem mais, *bilauta*?

Dei um grito, subi em disparada os degraus da piscina e corri para ele, que abriu os braços para mim e riu quando lhe dei um grande abraço molhado.

– Não posso acreditar que esteja aqui! Estou tão feliz!

Ele me olhou de cima a baixo com seus olhos dourados, tão diferentes dos de Ren.

– Bem, se eu soubesse que era esse tipo de recepção que me esperava, teria vindo muito mais cedo.

Eu ri.

– Pare de brincar. Como foi que você chegou aqui? Também ganhou seis horas? Precisa me contar tudo!

Ele ergueu a mão e deu uma risadinha.

– Espere, espere. Em primeiro lugar, quem está brincando? E, em segundo, por que você não se troca e nos sentamos para uma longa conversa?

– Está bem. – Sorri para ele e hesitei. – Mas podemos continuar aqui na piscina?

Ele inclinou a cabeça, confuso, mas sorriu.

– Claro, se quiser. Vou esperar você aqui.

– Certo. Não se mova. Volto já!

Subi correndo a escada dos fundos que levava ao meu quarto, tomei um banho rápido, me vesti e penteei os cabelos. Também pedi duas vacas-pretas, cortesia do Fruto Dourado, e as levei comigo.

Quando voltei à piscina, ele havia carregado duas espreguiçadeiras para a sombra e estava recostado, relaxando com as mãos atrás da cabeça e os olhos fechados. Vestia camiseta preta com calça jeans e seus pés estavam descalços. Afundei na outra cadeira e lhe entreguei um dos copos.

– O que é isso que você trouxe para mim?

– É refrigerante batido com sorvete. Experimente.

Ele tomou um gole e tossiu. Eu ri.

– As bolhas subiram pelo nariz?

– Parece que sim. Mas é gostoso. Muito doce. Acho que me lembra você. É do seu país?

– É.

– Se eu quiser responder às suas perguntas antes que a noite caia, acho melhor começar. – Ele tomou outro gole da bebida e continuou: – Primeiro,

você perguntou se eu também consegui minhas seis horas. A resposta é sim. Sabe, é estranho. Vivi resignado como tigre por séculos, mas, depois que você e Dhiren estiveram lá, passei a me sentir desconfortável em meu pelo negro. Pela primeira vez em muito tempo, eu queria me sentir vivo outra vez, não como um animal, mas como eu mesmo.

– Entendo. Como você descobriu que tinha seis horas? E como chegou aqui?

– Eu tinha começado a usar meus minutos como humano todos os dias e também passara a ir sorrateiramente às vilas próximas para observar as pessoas e ver o que o mundo moderno oferece. – Ele suspirou com tristeza.
– O mundo mudou muito desde que deixei de fazer parte dele.

Assenti e ele prosseguiu.

– Um dia, há cerca de uma semana, eu observava, como homem, as crianças brincando na praça do vilarejo. Sabia que meu tempo estava se esgotando, então voltei para a selva e esperei os tremores que precedem a transformação. Mas eles não vieram.

Ele sorria ao fazer seu relato.

– Esperei uma hora, depois duas, e nada. Eu sabia que alguma coisa havia acontecido. Atravessei a selva e esperei até sentir o impulso do tigre tomar conta de mim novamente. Testei no dia seguinte, e no outro, e o tempo era o mesmo todos os dias. Então concluí que você e Ren haviam tido sucesso, pelo menos parcial. Depois disso, voltei para a vila como homem e pedi a algumas pessoas que me ajudassem a fazer uma ligação para o Sr. Kadam. Alguém finalmente descobriu como falar com ele, que foi me buscar.

– Então foi por isso que o Sr. Kadam esteve ausente nos últimos dias.

Kishan me olhou de cima a baixo, tornou a se reclinar e bebericou sua vaca-preta, parecendo aprovar. Ergueu o copo para mim.

– Preciso confessar que não fazia a menor ideia do que estava perdendo.

Ele sorriu e esticou as longas pernas diante de si, cruzando-as nos tornozelos.

– Bem, estou feliz que tenha vindo – declarei. – Esta é a sua casa e o seu lugar é aqui.

Ele ficou sério e seus olhos se perderam na distância.

– Acho que sim. Durante muito tempo, achei que não havia mais nenhuma centelha de humanidade em mim. Minha alma era sombria. Mas você, minha querida – ele estendeu o braço, pegou a minha mão e a beijou –, me trouxe de volta à luz.

Pousei a mão levemente em seu braço.

– Você apenas sentia a falta de Yesubai. Não acredito que sua alma fosse sombria ou que você tivesse perdido sua humanidade. Só que leva tempo para sarar quando seu coração é partido dessa maneira.

Seus olhos piscaram.

– Talvez você esteja certa. Agora, me conte suas aventuras! O Sr. Kadam me pôs a par dos fatos básicos, mas quero saber dos detalhes.

Contei-lhe sobre as armas de Durga e ele demonstrou grande interesse na *gada* em particular. Riu quando contei a história dos macacos atacando Ren e me olhou horrorizado quando descrevi o *kappa* que quase me matara. Era fácil conversar com ele. Kishan ouvia com interesse e eu não sentia o frio na barriga que experimentava quando estava com Ren.

Ao concluir a história, fitei a piscina enquanto Kishan estudava com atenção o meu rosto.

– Tem mais uma coisa que está me deixando curioso, Kelsey.

Sorri para ele.

– O que mais você quer saber?

– O que exatamente está acontecendo entre você e Ren?

Algo comprimiu o meu peito, mas tentei parecer indiferente.

– O que quer dizer?

– Vocês dois são mais do que companheiros de viagem? Estão juntos?

Respondi rápido:

– Não. Claro que não.

Ele sorriu.

– Ótimo! – Ele pegou minha mão e a beijou. – Então isso significa que você está livre para sair comigo. Nenhuma garota em seu juízo perfeito iria mesmo querer ficar com Ren. Ele é muito... monótono. Frio, no que diz respeito a relacionamentos.

Por um momento, fiquei boquiaberta, chocada, e então senti a raiva varrer o choque e assumir seu lugar.

– Ei! Em primeiro lugar, não vou ficar com nenhum dos dois. Segundo, uma garota precisa ser louca para não querer Ren. Você está errado em relação a ele. Ele não é nem monótono nem frio. Na verdade, ele é atencioso, carinhoso, lindo, confiável, leal, doce e charmoso.

Ele me avaliou, pensativo, por um instante. Eu me remexi, desconfortável sob o seu olhar, sabendo que falara rápido demais e mais do que devia.

– *Entendo* – aventurou-se ele, cauteloso. – Talvez você tenha razão. O Dhiren que conheci certamente mudou nas últimas centenas de anos. No entanto, apesar disso e de você sustentar que não vai ficar com nenhum de nós, eu queria propor sairmos para comemorar hoje à noite. Se não como minha... qual é a palavra adequada?

– A palavra é namorada.

– Namorada. Se não como namorada... então como amiga.

Fiz uma careta.

Kishan continuou pressionando:

– Com certeza você não vai me deixar por aí, sozinho e indefeso, em minha primeira noite no mundo real, não é?

Ele sorriu, tentando me convencer. Eu queria, sim, ser sua amiga, mas não sabia o que dizer em relação ao convite. E, por um breve momento, me perguntei como Ren se sentiria em relação a isso e quais poderiam ser as consequências.

– Onde você quer comemorar? – perguntei.

– O Sr. Kadam disse que tem uma boate numa cidade aqui perto onde se pode jantar e dançar. Pensei que poderíamos dar uma passada lá, quem sabe comer alguma coisa, e você poderia me ensinar a dançar.

Eu ri, nervosa.

– Esta é a primeira vez que venho à Índia e não sei nada sobre a música e a dança daqui.

Kishan pareceu ainda mais animado.

– Ótimo! Então vamos aprender juntos. Não aceito não como resposta.

Ele se levantou para ir, apressado.

– Espere, Kishan! – gritei. – Eu nem sei o que vestir!

– Pergunte a Kadam. Ele sabe tudo! – gritou sobre o ombro.

Assim que ele desapareceu na casa, mergulhei, melancólica, em um estado de depressão. A última coisa que eu queria fazer era tentar me divertir quando me encontrava emocionalmente vazia. No entanto, eu me sentia feliz por Kishan estar de volta e em ótimo astral.

No fim, concluí que, embora não sentisse vontade de comemorar nada, eu não queria frustrar o recém-descoberto entusiasmo de Kishan pela vida. Inclinei-me para recolher os copos vazios de nossas bebidas e descobri que eles haviam desaparecido.

Incrível! O Fruto Dourado não só provê a comida como também cuida da louça!

Eu me levantava para entrar na casa quando pressenti alguma coisa. Um arrepio percorreu meus braços. Olhei ao redor, mas não vi nem ouvi nada. Então senti um zumbido elétrico atravessar meu corpo. Alguma coisa me puxou e me fez erguer os olhos para a sacada. Lá estava Ren de pé, encostado em uma coluna, os braços cruzados sobre o peito, me observando.

Ficamos nos olhando por um minuto, sem dizer nada, mas pude sentir o clima entre nós se modificar, tornando-se denso, opressivo e tangível – como quando o ar muda pouco antes de uma tempestade. Eu podia sentir

seu poder me envolver ao roçar minha pele. Embora não pudesse vê-la, sabia que uma tempestade estava chegando.

O ar opressivo me puxava como uma contracorrente, tentando me sugar de volta para o vácuo de poder que Ren havia criado entre nós. Eu sentia que precisava me arrancar fisicamente dele. Fechei os olhos e ignorei aquela mudança, seguindo em frente.

Quando finalmente me liberei daquilo, uma sensação horrível e dilacerante tomou conta de mim, e eu me vi girando no vazio sozinha. Enquanto me arrastava até o quarto e fechava a porta, podia sentir seus olhos ainda em mim, me queimando e abrindo um buraco abrasador nas minhas costas. Entrei, rígida, no quarto escuro, arrastando os fios rompidos e desconectados atrás de mim.

Fiquei no quarto pelo resto da tarde. O Sr. Kadam foi me ver e expressou sua felicidade ao saber que eu sairia à noite com Kishan. Ele sugeriu que todos fôssemos juntos, para comemorar.

– Então o senhor e Ren querem ir também? – perguntei.

– Não vejo por que não. Vou falar com ele.

– Sr. Kadam, talvez fosse melhor vocês terem uma noite exclusivamente masculina. Eu só vou atrapalhar.

– Bobagem, Srta. Kelsey. Todos temos motivos para comemorar e eu vou cuidar para que Ren se comporte bem.

Ele se virava para sair quando eu disse:

– Espere! O que eu devo usar?

– Pode usar o que quiser. Roupas modernas ou um traje mais tradicional. Por que não usa sua *sharara*?

– Não acha que vou ficar deslocada?

– Não. Muitas mulheres usam essa peça em celebrações. Seria perfeitamente aceitável.

Meu rosto mostrou preocupação e ele acrescentou:

– Se não quer usá-la, pode escolher uma de suas roupas comuns. As duas opções são apropriadas.

Ele saiu e eu dei um gemido. Tentar comemorar sozinha com Kishan já era bastante difícil, mas pelo menos ele não me fazia sentir como se estivesse me afogando em um turbilhão de emoções. Agora Ren estaria lá. Seria um tormento.

Eu me sentia estressada diante da ideia de sair de casa. Queria vestir roupas comuns, mas sabia que os rapazes provavelmente usariam Armani ou algo do tipo, e eu não queria ficar ao lado deles de jeans e tênis. Então optei pela *sharara*.

Peguei a saia pesada e o top no closet, corri a mão sobre os bordados de contas e suspirei. Era tão linda. Demorei um pouco arrumando o cabelo e fazendo a maquiagem. Realçando os olhos com mais rímel e lápis do que costumava usar, também passei um pouco de sombra cinza-púrpura e usei uma prancha para alisar o cabelo. A sensação de alisá-lo em longos movimentos era bastante terapêutica e me ajudou a relaxar.

Quando terminei, meus cabelos castanho-dourados estavam lisos e brilhantes, caindo soltos pelas costas. Deslizei o corpete azul cuidadosamente pela cabeça e peguei a saia pesada. Ajeitei-a na cintura, alinhando as dobras brilhantes, gostando da sensação de peso que ela dava. Ao manusear o intrincado desenho de lágrimas de pérolas, não pude deixar de sorrir.

Estava lamentando que o Fruto Dourado não pudesse criar calçados quando uma batida soou à porta. O Sr. Kadam estava à minha espera.

– Está pronta, Srta. Kelsey?

– Quase. Não tenho sapatos.

– Ah, talvez possa pegar alguma coisa emprestada no closet de Nilima.

Eu o segui até o quarto de Nilima, onde ele abriu o closet e apanhou um par de sandálias douradas. Ficaram um pouco grandes, mas eu as amarrei bem e acabou dando certo. O Sr. Kadam me ofereceu o braço.

– Espere um segundo. Esqueci uma coisa.

Corri de volta ao meu quarto e peguei a echarpe *dupatta*, enrolando-a em torno dos ombros.

Ele sorriu e me ofereceu o braço novamente. Saímos da casa e fomos até a entrada, onde eu esperava ver o Jeep. Em seu lugar, porém, estava estacionado um lustroso Rolls-Royce Phantom prata. O Sr. Kadam abriu a porta para mim e eu mergulhei no luxuoso interior de couro cinza.

– De quem é este carro? – perguntei, passando a mão pelo painel polido.

– É meu. – O Sr. Kadam sorriu, radiante, obviamente cheio de orgulho.
– Os automóveis na Índia, em sua maioria, são muito pequenos e econômicos. Na verdade, apenas um por cento da população tem carro. Quando se compara os automóveis da Índia com os americanos...

Ele citou rapidamente vários outros fatos sobre automóveis antes de virar a chave na ignição enquanto eu sorria e afundava no banco ouvindo com muita atenção.

– Kishan já está descendo e Ren... não quis vir.

– Entendo.

Eu deveria ter ficado feliz, mas me senti desapontada. Sabia que era melhor se não ficássemos nenhum tempo juntos até essa paixão, ou o que quer que fosse, passar, e ele provavelmente estava apenas respeitando meu desejo de não vê-lo, mas ainda havia uma parte de mim que queria estar com ele pelo menos essa última vez.

Engoli meus sentimentos e sorri para o Sr. Kadam.

– Tudo bem. Vamos nos divertir sem ele.

Kishan saiu apressado pela porta. Usava um suéter fino de decote em V cor de vinho sobre a calça cáqui. Seus cabelos tinham sido cortados em camadas irregulares, penteados para lhe dar uma aparência hollywoodiana. O suéter revelava sua estrutura musculosa. Ele estava muito bonito.

Abriu a porta traseira do carro e entrou.

– Desculpem a demora.

E se inclinou entre os bancos dianteiros.

– Ei, Kelsey, você... – Ele se deteve e assoviou. – Uau, Kelsey! Você está incrível! Vou ter que afugentar os outros homens com uma vara!

Fiquei vermelha.

– Até parece. Você não vai nem conseguir chegar perto de mim, com a multidão de mulheres que irá cercá-lo.

Ele sorriu e se recostou no banco.

– Fico feliz que Ren tenha decidido recuar. Assim tenho mais de você para mim.

– Humm...

Virei-me para a frente e afivelei o cinto de segurança.

Paramos diante de um belo restaurante com uma varanda que o circundava em toda sua extensão e Kishan correu para me abrir a porta. Em seguida me ofereceu o braço enquanto me dirigia um sorriso irresistível. Ri e aceitei o braço, determinada a aproveitar a noite.

Fomos conduzidos a uma mesa nos fundos. A garçonete se aproximou e eu tomei a liberdade de escolher refrigerante de cereja para mim e para Kishan. Ele pareceu feliz em me deixar sugerir as opções de comida para ele.

Foi divertido olharmos o cardápio juntos. Ele me perguntou quais eram os meus pratos preferidos e o que ele deveria experimentar. Ele traduzia o que o cardápio dizia e eu dava a minha opinião. O Sr. Kadam pediu um chá de ervas e sentou-se calado bebericando o chá enquanto ouvia nossa conversa. Depois de pedirmos a comida, ficamos observando os casais na pista de dança.

A música era suave e lenta, clássicos atemporais, mas em uma língua diferente. Deixei que a melancolia tomasse conta de mim e me calei. Quando a comida chegou, Kishan começou a comer com satisfação e ficou feliz em terminar o meu prato quando eu já estava satisfeita. Ele parecia fascinado com tudo – as pessoas, a língua, a música e, principalmente, a comida. Fez milhares de perguntas ao Sr. Kadam: “Como eu pago?”, “De onde veio o dinheiro?”, “Quanto se dá ao garçom?”.

Eu ouvia e sorria, mas meus pensamentos estavam distantes. Quando os pratos foram retirados, ficamos bebericando e observando as pessoas à nossa volta.

O Sr. Kadam pigarreou.

– Srta. Kelsey, posso ter o prazer desta dança?

Ele se levantou e estendeu o braço. Seus olhos brilhavam e ele sorria para mim. Olhei para ele com meu sorriso lacrimoso e pensei em como iria sentir a falta desse homem bondoso.

– Claro que sim, meu caro senhor.

Ele afagou minha mão em seu braço e me conduziu para a pista de dança. Ele dançava muito bem. Até então eu só havia dançado com garotos da escola em bailes e em geral eles apenas se movimentavam em círculo até a música acabar. Não era nada interessante nem empolgante. Dançar com o Sr. Kadam era muito mais divertido. Ele me conduziu por toda a pista de dança, me girando em círculos que faziam minha saia se abrir como um leque. Eu ri e me diverti com ele, que me rodopiava e me trazia de volta habilmente a cada vez.

Quando a música acabou, voltamos para a mesa. O Sr. Kadam agiu como se estivesse velho e sem fôlego, mas, na verdade, era eu quem estava ofegante. Kishan batia o pé no chão, impaciente, e assim que voltamos ele se pôs de pé, agarrou minhas mãos e me levou de volta para a pista.

Dessa vez a música era mais rápida. Kishan parecia um bom aprendiz, pois observava com atenção e copiava os movimentos das outras pessoas dançando na pista. Ele tinha um bom ritmo, mas estava exagerando na tentativa de parecer natural. Foi divertido, porém, e eu ri o tempo todo.

A música seguinte era uma canção de amor lenta e eu comecei a voltar para a mesa, mas Kishan pegou a minha mão e disse:

– Espere, Kelsey, quero experimentar esta.

Ele observou por alguns segundos um casal perto de nós. Em seguida, colocou meus braços em torno de seu pescoço e enlaçou minha cintura.

Manteve os olhos nos outros casais por mais alguns segundos apenas e então me olhou com um sorriso travesso.

– Posso ver claramente o benefício deste tipo de dança. – Ele me puxou um pouco mais para perto e murmurou: – Sim. Isso é muito bom.

Suspirei e deixei meus pensamentos vagarem por um momento. Um som de repente vibrou através do meu corpo. Um ronco profundo. Não. Um leve grunhido. Que mal se podia ouvir acima da música. Ergui os olhos para Kishan, me perguntando se também ouvira, mas ele fitava alguma coisa por cima da minha cabeça.

Uma voz baixa porém poderosa disse atrás de mim:

– Creio que esta seja a *minha* dança.

Era Ren. Eu podia sentir sua presença. Seu calor se infiltrou em minhas costas e eu estremei, como folhas à brisa morna da primavera.

Kishan estreitou os olhos e disse:

– Creio que a escolha é da dama.

Kishan baixou os olhos para mim. Eu não queria provocar uma cena, por isso simplesmente assenti e tirei meus braços de seu pescoço. Kishan fuzilou seu substituto com os olhos e, furioso, deixou a pista de dança.

Ren se colocou diante de mim, tomou minhas mãos nas dele e as colocou em torno de seu pescoço, deixando meu rosto dolorosamente perto do seu. Em seguida deslizou as mãos de forma lenta e deliberada por meus braços nus e pelas laterais do meu corpo, até envolverem a cintura. Com os dedos, ele traçou pequenos círculos na parte inferior exposta das minhas costas, apertou minha cintura e me puxou, apertando meu corpo contra o dele.

Ren me conduziu habilmente durante a música lenta. Ele não falava nada, pelo menos não com palavras, mas enviava muitos sinais. Encostou a testa na minha e se inclinou para fazer carinho com o nariz em minha orelha. Enterrou o rosto em meu cabelo e brincou com os dedos em meu braço nu e em minha cintura.

Quando a música terminou, nós dois levamos um minuto para recuperar nossos sentidos e nos lembrar de onde estávamos. Ele traçou a curva do meu lábio inferior com o dedo e então tirou meus braços de seu pescoço e me levou até a varanda.

Pensei que iria parar ali, mas ele continuou, descendo os degraus e me levando a uma área arborizada, com bancos de pedra. A lua fazia sua pele brilhar. Ele vestia camisa branca e calça escura. O branco me fez pensar nele como tigre.

Ele me puxou para a sombra de uma árvore. Fiquei imóvel e calada, temendo dizer algo de que me arrependeria.

Ren segurou meu queixo e ergueu meu rosto para que pudesse me olhar nos olhos.

– Kelsey, tem algo que eu preciso lhe dizer. Quero que você fique calada e ouça.

Fiz que sim com a cabeça, hesitante.

– Primeiro, quero que saiba que ouvi tudo o que você me disse na outra noite e que venho pensando muito seriamente em suas palavras. É importante que você compreenda isso.

Ele mudou de posição, pegou uma mecha de meu cabelo e a prendeu atrás da orelha e depois roçou os dedos pelo meu rosto até os lábios. Sorriu docemente e eu senti que minha plantinha do amor se aquecia nesse sorriso e se voltava para ele como se ali estivessem contidos os raios nutritivos do sol.

– Kelsey – ele correu a mão pelos cabelos e seu sorriso doce se transformou em um sorriso torto –, o fato é que... estou apaixonado por você... já faz algum tempo.

Respirei fundo.

Ele pegou minha mão e brincou com os dedos.

– Não quero que você vá embora. – Começou a beijar meus dedos enquanto me olhava nos olhos. Era hipnótico. Ele tirou alguma coisa do bolso. – Quero lhe dar uma coisa. – Estendeu uma corrente de ouro com

talismãs de sininhos tilintantes. – É uma tornoeleira. São muito populares aqui e escolhi esta para que nunca mais tenhamos que procurar um sino.

Ele se abaixou, segurou minha panturrilha por trás, deslizou a palma até meu tornozelo e prendeu o fecho. Eu oscilei e mal consegui me manter de pé. Ele deslizou levemente os dedos quentes pelos sinos antes de se levantar. Pondo as mãos em meus ombros, ele os apertou e me puxou para ele.

– Kells... *por favor*. – Ele me beijou na têmpora, na testa, na bochecha. Entre um beijo e outro, implorava docemente: – Por favor. Por favor. Por favor. Diga que vai ficar comigo. – Quando sua boca roçou a minha, ele disse: – Preciso de você. – E então esmagou os lábios contra os meus.

Senti minha determinação desmoronar. Eu o queria, queria muito. Também precisava dele. E quase cedi. Quase lhe disse que não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que estar com ele. Que não pensava que seria capaz de deixá-lo. Que, para mim, ele era mais importante do que tudo. Que eu abriria mão de qualquer coisa para ficar com ele.

Então ele me apertou mais e falou suavemente em meu ouvido:

– Por favor, não me abandone, *priya*. Não poderei viver sem você.

Meus olhos se encheram de lágrimas e as gotas brilhantes desceram pelas minhas faces. Toquei o seu rosto.

– Você não vê, Ren? É exatamente por isso que tenho que ir. Você precisa saber que pode viver sem mim. Que existe mais na vida do que eu. Precisa conhecer este mundo que se abriu para você e saber que tem escolhas. Eu me recuso a ser a sua jaula.

Era doloroso, mas eu precisava continuar. Respirei fundo.

– Eu poderia capturá-lo e mantê-lo preso, por puro egoísmo, a fim de satisfazer meus próprios desejos. Independentemente de você querer isso ou não, seria errado. Eu o ajudei para que você pudesse ser livre. Livre para ver e fazer todas as coisas que perdeu durante todos esses anos. – Minha mão deslizou de seu rosto para o pescoço. – Devo colocar uma coleira em você? Acorrentá-lo para que passe a vida ligado a mim por obrigação? – Sacudi a

cabeça. Agora eu chorava copiosamente. – Sinto muito, Ren, mas não vou fazer isso com você. Não posso. Porque... eu também amo você.

Beijei-o rapidamente uma última vez. Então segurei a saia e voltei correndo para o restaurante. O Sr. Kadam e Kishan me viram entrar, olharam meu rosto e na mesma hora se levantaram para sair. Para minha sorte, os dois se mantiveram calados no caminho para casa, enquanto eu chorava baixinho e enxugava com as costas da mão as lágrimas que não paravam de fluir. Quando chegamos, um Kishan sério apertou meu ombro, saiu e entrou em casa. Respirei fundo e disse ao Sr. Kadam que gostaria de ir para casa pela manhã.

Ele assentiu em silêncio e eu corri para o quarto, fechei a porta e me joguei na cama. Então me desmanchei em uma poça abatida de choro desesperado. Por fim, o sono me venceu.

Na manhã seguinte, me levantei cedo, lavi o rosto e tranchei os cabelos, amarrando a ponta com uma fita vermelha. Vesti jeans, camiseta e meus tênis, e guardei minhas coisas em uma bolsa grande. Estendendo a mão para tocar a *sharara*, concluí que ela guardava lembranças demais para que eu a levasse comigo, então a deixei no closet. Escrevi um bilhete para o Sr. Kadam, dizendo-lhe onde estavam a *gada* e o Fruto Dourado e pedindo-lhe que os guardasse no cofre da família e que desse a *sharara* para Nilima.

Decidi levar Fanindra comigo. Agora eu a considerava uma amiga. Coloquei-a com cuidado em cima da minha colcha e apanhei a delicada tornozeleira que Ren me dera. Os sininhos tilintaram quando passei o dedo por eles. Eu pretendia deixá-la na cômoda, mas mudei de ideia no último minuto. Provavelmente era uma atitude egoísta, mas eu a queria. Queria ter alguma coisa dele, uma lembrança. Deixei-a cair em minha bolsa e fechei o zíper.

A casa estava quieta. Em silêncio, desci a escada e passei pela sala do pavão, onde encontrei o Sr. Kadam sentado à minha espera. Ele pegou minha bolsa e me acompanhou até o carro. Após dar a partida, circundou o caminho de pedra lentamente. Virei-me para dar uma última olhada

naquele lindo lugar que eu via como lar. Enquanto seguíamos pela estrada margeada por árvores, fiquei olhando a casa até as árvores bloquearem minha visão.

Nesse momento, um rugido ensurdecedor e de partir o coração sacudiu as árvores. Virei-me no assento e fitei a estrada deserta à minha frente.

EPÍLOGO



Sombra

O homem impecavelmente vestido encontrava-se diante da janela do escritório em seu apartamento de cobertura. Olhou as luzes da cidade lá embaixo e cerrou os punhos.

Vivia em uma cidade de 29 milhões de habitantes, a cidade de maior densidade populacional do mundo, mas as gerações iam e vinham, como ondas batendo na praia, e ele permanecia sozinho, uma sentinela firme e inabalável, deixando as ondas da humanidade passarem por ele.

Como se encontra uma pessoa pequenina em uma cidade de milhões? E o que dizer de um mundo de bilhões?

Passados todos esses séculos, os outros pedaços do Amuleto de Damon haviam ressurgido – e, com eles, uma garota. Há muito, muito tempo ele não sentia essa onda de energia.

Uma campainha suave anunciou o retorno de seu assistente, que entrou e se curvou. Em seguida, endireitou-se e disse apenas três palavras, aquelas que seu patrão vinha ansiando ouvir desde o momento em que tivera o vislumbre de um velho inimigo e de uma garota misteriosa.

– Nós a encontramos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a meu grupo inicial de leitores. Minha família – Kathy, Bill, Wendy, Jerry, Heidi, Linda, Shara, Tonnie, Megan, Jared e Suki. E aos amigos – Rachelle, Cindy, Josh, Nancy e Linda.

Agradecimentos especiais à minha editora na Índia, Sudha Seshadri. Seu entusiasmo e sua orientação em relação à língua e à cultura indianas foram de valor inestimável. Se persistem quaisquer discrepâncias, culturais ou linguísticas, estas são inteiramente de minha responsabilidade, e eu peço desculpas por algum equívoco.

Serei sempre grata ao meu marido, que passou por incontáveis edições do texto. Seu entusiasmo me fez continuar escrevendo.

Obrigada a minha amiga Linda, que me deu excelentes feedbacks a cada capítulo.

Obrigada à minha irmã Linda, que é minha confidente, cabeleireira, *personal chef*, governanta e confeitadeira. Sem ela, não haveria *cookies* de manteiga de amendoim com gotas de chocolate. Ela manteve minha casa em funcionamento para que eu pudesse escrever este primeiro livro.

Também gostaria de expressar minha gratidão a Tina Anderson, gerente das Polk County Fairgrounds, e a meus editores – Rhadamanthus, Gail Cato, Mary Hern e, especialmente, Cindy Loh. Vivas para meu agente, Alex Glass, que gentilmente me ajudou a superar a síndrome pós-traumática das cartas de rejeição, assim como pacientemente me explicou todas as partes comerciais da indústria editorial, e obrigada por toda a ajuda de sua equipe na Trident Media.

Obrigada a todos da Booksurge, que pôs minha edição independente no mercado. Gostaria de afirmar minha eterna gratidão a Judi Powers e a todas as pessoas na Sterling que formaram o Time do Tigre com um nível de entusiasmo tão grande e inteiramente inesperado. Eu me sinto extremamente humilde e grata por sua disposição em dar uma oportunidade a meus tigres e a esta nova autora.

Obrigada a Raffi Kryszek, que foi o primeiro no mundo convencional dos livros e filmes a abraçar minha história. Assim como eu, é um fã de Star Trek, com um sorriso largo que nunca deixa seu rosto, cuja energia para a minha série, e os tigres em geral, compara-se e talvez até supere a minha. E obrigada à sua sobrinha de 11 anos que lhe deu o livro em primeiro lugar.

Abraços extraespeciais para minhas sobrinhas e sobrinhos que me emprestaram seus nomes – Michael, Matthew, Sarah, Rebecca, Sammy, Joshua, M. Cathleen, D. Andrew e Madison. Prometo que incluo os outros mais tarde.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DA
SÉRIE



o resgate do tigre

PRÓLOGO



De volta para casa

Agarrei-me ao assento de couro e senti o coração disparar enquanto o avião particular ganhava o céu, afastando-se da Índia. Tinha certeza de que, se soltasse o cinto de segurança, atravessaria o piso e mergulharia em queda livre em direção às selvas lá embaixo. Somente assim eu me sentiria inteira novamente. Eu havia deixado meu coração na Índia; podia sentir sua ausência em meu peito. Tudo o que restava de mim era uma casca vazia, entorpecida e sem sentido.

A pior parte era que... *eu* fizera isso a mim mesma.

Como eu pudera me apaixonar? E por alguém tão... complicado? Os últimos meses haviam voado. Não sei como, de um trabalho no circo eu partira em uma viagem para a Índia com um tigre – que vinha a ser um príncipe indiano – e travara batalhas contra criaturas imortais, tentando juntar os pedaços de uma profecia perdida. Agora minha aventura havia chegado ao fim e eu estava sozinha.

Era difícil acreditar que apenas alguns minutos antes eu tinha dito adeus ao Sr. Kadam. Ele não falara muita coisa. Havia se limitado a dar tapinhas em minhas costas enquanto eu o abraçava com força, sem querer soltá-lo. Por fim, o Sr. Kadam se libertara dos meus braços, murmurara algumas palavras na tentativa de me tranquilizar e me entregara aos cuidados de sua tatatatataraneta, Nilima.

Felizmente, no avião, Nilima me deixou sozinha. Eu não queria a companhia de ninguém. Ela me serviu o almoço, mas eu não conseguia nem pensar em comer. Sabia que estava delicioso, mas tinha a sensação de estar andando perto de areia movediça. A qualquer segundo, poderia ser sugada para um abismo de desespero. A última coisa que queria era comer. Sentia-me desgastada e inútil, como o embrulho amassado de um presente de Natal.

Nilima retirou a refeição e tentou me seduzir com minha bebida favorita – água bem gelada com limão –, mas eu a deixei na mesa. Fiquei olhando para o vidro sabe-se lá por quanto tempo, observando a água se condensar no exterior do copo, formando gotículas que escorriam lentamente e empoçavam em torno da base.

Tentei dormir, me esquecer de tudo pelo menos por algumas horas, mas aquela tranquilidade estava fora do meu alcance. Pensamentos sobre meu tigre branco e a maldição secular que o aprisionava disparavam em minha mente enquanto eu examinava o espaço ao redor. Eu fitava o assento vazio do Sr. Kadam à minha frente, olhava pela janela ou observava uma luz piscando na parede. De vez em quando me voltava para minha mão, traçando com o dedo o lugar onde a pintura de hena feita por Phet encontrava-se invisível.

Nilima voltou com um MP3 player com milhares de músicas. Várias eram de artistas indianos, mas a maior parte era de americanos. Rolei a tela em busca das canções de amor mais tristes, pus os fones nos ouvidos e apertei o PLAY.

Abri o zíper da mochila para pegar a colcha de minha avó, só então lembrando que havia embrulhado Fanindra com ela. Puxando as pontas da

colcha, espiei a serpente dourada, um presente da deusa Durga, e a coloquei ao meu lado no braço da poltrona. A joia encantada estava enroscada, descansando – ou pelo menos era o que eu supunha. Esfregando-lhe a cabeça dourada e lisa, sussurrei:

– Você é tudo o que eu tenho agora.

Estendendo a colcha sobre minhas pernas, recostei-me na poltrona reclinada, olhei para o teto do avião e fiquei ouvindo uma canção chamada “One Last Cry”. Mantendo o volume baixo, coloquei Fanindra no colo e acariciei os anéis reluzentes de seu corpo. O brilho verde dos olhos preciosos da cobra iluminava suavemente a cabine do avião e me consolava, enquanto a música preenchia o vazio em minha alma.



Estudos

Várias horas letárgicas mais tarde, o avião finalmente aterrissou no aeroporto de Portland, no Oregon. Quando meus pés tocaram o asfalto da pista, corri o olhar do terminal para o céu cinza e nublado. Fechei os olhos e deixei a brisa fria soprar minha pele. Ela trazia o cheiro da mata. Um chuvisco suave cobriu meus braços nus. Era bom estar em casa.

Respirando fundo, senti o Oregon me trazer de volta à realidade. Eu fazia parte daquela terra e ela fazia parte de mim. Meu lugar era ali – onde eu crescera e passara toda a minha vida. Minhas raízes estavam ali. Meus pais e minha avó estavam enterrados ali. O Oregon me recebeu como a um filho amado, acolheu-me em seus braços frios, acalmou minha mente e me prometeu paz através de seus pinheiros sussurrantes.

Nilima desceu os degraus logo depois de mim e esperou em silêncio enquanto eu absorvia o ambiente familiar. Ouvi o zumbido de um motor veloz e um conversível azul-cobalto surgiu na esquina. O elegante carro esportivo era da mesma cor dos olhos *dele*.

O Sr. Kadam deve ter providenciado o carro. Revirei os olhos lembrando seu gosto por coisas caras. Ele pensava em cada mínimo detalhe – e sempre

com estilo. *Pelo menos o carro é alugado*, pensei.

Guardei minha bagagem no porta-malas e li na traseira: Porsche Boxster RS 60 Spyder. Balancei a cabeça e murmurei:

– Meu Deus, Sr. Kadam. Eu me contentaria em pegar o ônibus para Salem.

– O quê? – perguntou Nilima, educadamente.

– Nada. Só estou feliz por chegar em casa.

Fechei o porta-malas e afundei no assento de couro em dois tons de azul e cinza. Partimos em silêncio. Nilima sabia exatamente aonde estava indo, portanto não me dei ao trabalho de lhe ensinar o caminho. Eu apenas recostei a cabeça e fiquei observando pela janela o céu e a paisagem verde passarem.

Adolescentes passavam por nós, assobiando de seus carros, admirando ou a beleza exótica de Nilima, com seus longos cabelos escuros voando ao vento, ou o belo automóvel em que estávamos. Não sabia bem qual dos dois inspirava os assovios, só que não eram para mim. Eu usava minhas roupas de sempre: camiseta, calça jeans e tênis. Fios de cabelo castanho-dourado se emaranhavam em minha trança e açoitavam meus olhos castanho-avermelhados e meu rosto riscado pelas lágrimas. Homens mais velhos também passavam por nós devagar. Eles não assobiavam, mas certamente admiravam a visão. Nilima os ignorava e eu pensava: *Devo estar tão horrível por fora quanto me sinto por dentro*.

Quando chegamos ao centro de Salem, passamos pela ponte Marion Street, que teria nos levado ao outro lado do rio Willamette e à Rodovia 22, na direção das fazendas de Monmouth e Dallas. Avisei a Nilima que ela havia perdido a saída, mas ela se limitou a dar de ombros e disse que estávamos tomando um atalho.

– Tudo bem – retruquei com sarcasmo. – O que são mais alguns minutos em uma viagem de dias?

Nilima jogou seu lindo cabelo para trás, sorriu para mim e continuou dirigindo, movendo-se em meio ao tráfego que seguia para South Salem. Eu

nunca fora para aqueles lados antes. Era definitivamente o caminho mais longo para Dallas.

Nilima seguiu em direção a um grande morro coberto pela mata. Subimos lentamente pela linda estrada sinuosa, margeada por árvores ao longo de vários quilômetros. Vi ruas de terra seguindo em meio às árvores e casas que pontilhavam a floresta aqui e ali, mas a área era em grande parte intocada. Fiquei surpresa pelo fato de a cidade ainda não a ter anexado e começado a construir ali. Era um lugar encantador.

Reduzindo a velocidade, Nilima tomou uma estrada particular, subindo ainda mais a colina. Embora passássemos por caminhos secundários, eu não via construções. No fim da estrada, paramos diante de uma casa geminada aninhada no meio da floresta de pinheiros.

Cada lado do prédio era a imagem espelhada do outro, com dois andares, garagem e um pequeno pátio compartilhado. Ambos tinham uma ampla janela na sacada que dava para as árvores. O revestimento de madeira era pintado de castanho e um tom escuro de verde-turquesa, e o telhado era coberto com telhas verde-acinzentadas. Lembrava, de certa forma, um chalé de esqui.

Nilima entrou suavemente na garagem e desligou o carro.

– Chegamos em casa – anunciou ela.

– Em casa? Como assim? Não vamos para a casa dos meus pais adotivos? – perguntei, ainda mais confusa do que já estava.

Nilima sorriu, compreensiva.

– Não. Esta é a sua casa – disse ela delicadamente.

– Minha casa? Do que você está falando? Eu moro em Dallas. Quem mora aqui?

– Você. Venha, vamos entrar, que eu explico.

Passamos por uma área de serviço e entramos na cozinha, que era pequena, com cortinas amarelas, eletrodomésticos de aço inoxidável novinhos em folha e paredes decoradas com motivos verde-limão. Nilima pegou duas garrafas de refrigerante diet na geladeira.

Larguei minha mochila no chão e disse:

– O.k., Nilima, agora me diga o que está acontecendo.

Ela ignorou meu pedido. Em vez disso, me ofereceu o refrigerante, que recusei, e então sugeriu que a seguisse.

Suspirando, tirei os tênis para não sujar o carpete felpudo da casa e a segui até a pequena e charmosa sala de estar. Ali nos sentamos em um belo sofá de couro marrom. Uma estante alta, cheia de clássicos encadernados com capa dura que provavelmente custavam uma fortuna, me acenava convidativa do canto, enquanto uma janela ensolarada e uma televisão grande de tela plana sobre um rack de madeira polida também competiam pela minha atenção.

Nilima começou a folhear os papéis deixados sobre uma mesa de centro.

– Kelsey – começou ela –, esta casa é sua. É parte do pagamento pelo seu trabalho neste verão na Índia.

– Eu não estava trabalhando, Nilima.

– O que você fez foi o trabalho mais vital de todos. Você realizou muito mais do que qualquer um de nós sequer tinha esperança de conseguir. Temos uma grande dívida com você e essa é uma pequena forma de recompensar seus esforços. Você superou obstáculos terríveis e quase perdeu a vida. Somos todos muito gratos.

Constrangida, brinquei:

– Bem, agora que você colocou a coisa dessa maneira... Ei, espere! Você disse que esta casa é *parte* do meu pagamento? Está dizendo que tem mais?

Com um gesto afirmativo da cabeça, Nilima disse:

– Tem.

– Não. Eu não posso aceitar este presente. Uma casa já é um exagero... E ainda tem outras coisas? É bem mais do que combinamos. Eu só queria algum dinheiro para pagar os livros da faculdade. Ele não devia fazer isso.

– Kelsey, ele insistiu.

– Bem, então vai ter que *desinsistir*. Isso é um exagero, Nilima. É *sério*.

Ela suspirou ao olhar para meu rosto, que exibia uma determinação férrea.

– Ele quer que você fique com a casa, Kelsey. Isso vai deixá-lo feliz.

– Mas não é nada prático! Estou no meio do nada. Agora que voltei para casa, pretendo me matricular na faculdade e não há linhas de ônibus que passem por aqui.

Nilima me dirigiu um olhar perplexo.

– O que quer dizer com pegar o ônibus? Se quiser mesmo ir de ônibus, poderá dirigir até o terminal.

– Dirigir até o terminal? Isso não faz o menor sentido.

– Bem, o que *você* está falando é que não faz o menor sentido. Por que você não quer ir de carro para a faculdade?

– De carro? Que carro?

– O que está na garagem, é claro.

– O que está na... *Ah, não*. Você só pode estar brincando!

– Não. Não estou brincando. O Porsche é seu.

– *Ah, não. Não é não!* Você sabe quanto custa aquele carro? De jeito nenhum!

Peguei meu celular e procurei o número do Sr. Kadam. No instante em que ia pressionar o botão de chamada, ocorreu-me algo que me deteve imediatamente.

– Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

– Bom... – disse Nilima, hesitante. – Ele também tomou a liberdade de matricular você na Universidade Western Oregon. O curso e o material didático já foram pagos. Seus livros estão no balcão, ao lado de sua lista de disciplinas, um moletom da Western Oregon e um mapa do campus.

– Ele me matriculou na Western Oregon? – perguntei, incrédula. – Eu estava planejando ir para a faculdade comunitária local e trabalhar... não entrar para a Western Oregon.

– Ele deve ter achado que você iria preferir uma universidade maior. Suas aulas começam na próxima semana. Quanto a trabalhar, você pode, se quiser, mas não será necessário. Ele também abriu uma conta bancária para você. O cartão está no balcão. Não se esqueça de assiná-lo no verso.

Engoli em seco.

– E... hã... exatamente quanto dinheiro tem nessa conta?

Nilima deu de ombros.

– Não faço a menor ideia, mas tenho certeza de que é o suficiente para seus gastos pessoais. Naturalmente, nenhuma das suas contas de consumo será enviada para cá. Tudo irá direto para um contador. A casa e o carro já estão quitados, assim como todas as suas despesas na universidade.

Ela deslizou uma maço de papéis na minha direção e então recostou-se e bebericou seu refrigerante.

Fiquei ali sentada, imóvel, por um minuto e então me lembrei de minha decisão de ligar para o Sr. Kadam. Abri o telefone e procurei o número.

Nilima me interrompeu.

– Tem certeza de que quer devolver tudo, Kelsey? Estou certa de que ele faz questão de que você fique com essas coisas.

– O Sr. Kadam deveria saber que eu não preciso de sua caridade. Vou explicar que a faculdade comunitária é mais do que adequada e que realmente não me importo de morar no dormitório e andar de ônibus.

Nilima se inclinou para a frente.

– Mas, Kelsey, não foi o Sr. Kadam quem providenciou tudo isso.

– O quê? Se não foi o Sr. Kadam, então quem... *Ah!* – Fechei o telefone imediatamente. Não havia a menor chance de eu ligar para *ele*, qualquer que fosse o motivo. – Então *ele* faz questão disso, não é?

As sobrancelhas arqueadas de Nilima se juntaram, expressando sua confusão.

– É, eu diria que sim.

Deixá-lo havia quase dilacerado meu coração. Ele estava a mais de 11 mil quilômetros de distância, na Índia, e ainda assim arranjava um jeito de ter algum poder sobre mim.

– Muito bem – resmunguei. – Ele sempre consegue o que quer mesmo. Não tem sentido eu tentar devolver. Ele vai pensar em algum outro presente exorbitante, que só vai servir para complicar nosso relacionamento ainda mais.

Um carro buzinou lá fora, na entrada.

– Minha carona de volta ao aeroporto chegou – disse Nilima, levantando-se. – Ah! Eu quase esqueci. Isto aqui também é para você. – Ela colocou um celular novo na minha mão, substituindo o aparelho velho, e me abraçou rapidamente antes de se dirigir à porta da frente.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e A cilada,
de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

*O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e
Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Bob Nelson

*O guia do mochileiro das galáxias, O restaurante no fim do universo, A vida, o
universo e tudo mais, Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente
inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br